

**Usos e consumos da mídia por jovens imigrantes
brasileiros em Portugal: um estudo exploratório**

Maria das Dores Marques dos Santos

Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação

Novembro de 2013

Declaro que esta tese é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

A candidata,

Lisboa, Novembro de 2013

Declaro que esta Tese se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a designar.

A orientadora,

Lisboa, Novembro de 2013

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de
Doutor em Ciências da Comunicação, especialização em Estudos dos Media e
Jornalismo, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Cristina Ponte.

Apoio financeiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e do Fundo Social Europeu
no âmbito do III Quadro Comunitário de Apoio: SFRH/BD/63591/2009.

Dedicatória

Dedico esta obra aos meus filhos, Cauê e Carolina, que desde o primeiro momento me deram apoio e que nunca deixaram de estar ao meu lado mesmo a um oceano de distância. Por esses quatro anos de ausência que vocês tiveram que enfrentar sem mim e que eu precisei enfrentar sem vocês. Somente nós três sabemos o que foi preciso superar e o quanto perdemos de vida juntos nesses mais de 1.500 dias de saudade.

À minha orientadora, professora Cristina Ponte, admirável ser humano e excepcional acadêmica. Eu não teria conseguido sem seu apoio e aconselhamento.

Agradecimentos

À memória de meu pai, Alfredo, que tanta saudade ainda deixa no meu peito e que tanta falta faz em minha vida. Gostaria de poder dizer a ele, imigrante em minha terra, que foi o seu país natal que me acolheu para este título e o quanto aprendi a amar o seu Portugal.

À minha mãe, Elenir, que quando parti, há quatro anos, ficou em dúvida se ainda voltaria a me ver porque achava que seu tempo era escasso, mas ele não escasseou. Obrigada por tudo que me ensinou na vida e por ter sempre acreditado em mim.

À memória de meus irmãos, João e Daniel, que foram embora cedo demais e que deixaram mais triste ainda a nossa família.

Às minhas irmãs, Lene e Rejane.

Aos meus sobrinhos, Lucas, Bruna, Pedro e Vítor, continuação de uma história que ficou mais viva e mais bonita a cada sorriso de vocês.

Às minhas segundas mães dona Edith (em memória) e Sulica, que sempre me deram aconchego, carinho e conselhos na hora certa.

A Romana e Ciro, amigos de vida eterna e que mais uma vez a vida separou em três continentes diferentes: América, Europa e África. Pelos sempre bons momentos das tardes alegres em que apenas brindávamos à vida.

Ao Zé, o mais angolano de todos os portugueses que conheci. Pelo carinho, pelo respeito e pela paciência. Entrou para a minha história e nela ficará guardado num lugar muito especial.

Aos meus queridos brasileiros que em meu país me aguardam: Érick, Mariana, P.A., Herzem, Márcia David, Joana, Gio e Lu Macário.

À minha prima, Luzia, cuja presença é me faz tão bem.

A Andréa e Celso, amigos brasileiros de exílio. Muitas noites e dias seriam insuportáveis se vocês não estivessem por perto. Obrigada pelo acalanto e pelo apoio inesgotável.

Aos portugueses:

Dona Maria, pela força do caráter e pelo carinho que me dedicou.

À Beta, amiga que irei carregar dentro do peito eternamente.

Ao Tó, pelos memoráveis momentos de gargalhadas regadas à boêmia.

À especial Carla e à sua especial família. Surgida no final de minha estada, mas que conseguiu fazer de um simples sorriso uma amizade descomunal.

À Suzana, Fernando e Jorge e aos infantes Beatriz, Afonso, Clara e Cristina foi um prazer estar com vocês.

À cabo-verdiana Benvinda e família, meio que mãe, meio que irmã, mas que soube dizer as palavras certas no momento exato e que me deu colo sempre que precisei.

À Mia e família, uma estupenda angolana que provou que amizade ultrapassa barreiras culturais e que a solidariedade não possui nação.

Ao Lorrán, amigo que sempre querei ter ao meu lado.

À Maria da Paz e ao Jair, que estiveram ao meu lado num dos momentos mais difíceis que já vivi.

Aos meus colegas de doutoramento com os quais sempre pude contar: Inês, Daniel Meirinho, Daniel Cardoso, Kárita, Raquel, Maria José Brites e Ana Jorge.

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, na figura de seu Magnífico Reitor Paulo Roberto Pinto Santos e do seu ex-reitor, Abel Rebouças São José.

A todos vocês, obrigada.

Usos e consumos da mídia por jovens imigrantes brasileiros em Portugal: um estudo exploratório

Maria Marques

Resumo

O presente trabalho é um estudo exploratório e está academicamente ligado ao campo dos Estudos da Recepção. Iremos analisar os usos e consumos midiáticos de um reduzido grupo jovens imigrantes brasileiros em Portugal. Para a pesquisa empírica foram ouvidos sete jovens com idades entre 15 e 21 anos e cinco de suas mães, para contextualização do seu ambiente familiar. Buscou-se, para a entrevista indivíduos não associados a quaisquer instituições migrante, e foram definidas variáveis de nível de escolaridade, origem geográfica, tempo de permanência em Portugal, religião e experiência migratória anterior de família.

O que se pretendeu foi traçar um diagnóstico para estudos futuros e apontar caminhos que norteiem investigações robustas sobre o tema.

O grupo de entrevistados promoveu sugestivas discussões sobre a forma como lidar com a realidade do país de acolhimento, incluindo a integração social, os relacionamentos com os membros da sociedade majoritária e as opções culturais e midiáticas.

O objetivo principal foi identificar os usos e consumos midiáticos de jovens imigrantes brasileiros em Portugal, analisar as formas que tais usos e consumos contribuem para a aproximação ou o afastamento da sociedade de acolhimento e perceber se de alguma forma o processo de imigração alterou, ou não, os hábitos culturais e os usos e consumos midiáticos do grupo entrevistado.

Procurou-se, ainda, traçar o perfil social e econômico dos entrevistados a partir do país de origem e as alterações decorrentes do processo migratório, elencando o que se auferiu de benefícios materiais e imateriais no país de acolhimento.

Inúmeros estudos, apresentados no decorrer desse trabalho, demonstram utilizações diferentes da mídia em populações migrantes em várias partes do mundo. Os jovens brasileiros, no entanto, ainda não foram alvo de um estudo verdadeiramente aprofundados sobre o tema.

Sendo a maior comunidade imigrante de Portugal, os brasileiros são prechos em significados que os colocam como o grupo melhor aceito pela sociedade de acolhimento. Ao mesmo tempo, são alvo de representações sociais construídas a partir de eventos midiáticos relativos à prostituição e à marginalidade.

Os estudos sobre essa comunidade sempre tiveram como foco os brasileiros adultos sendo necessário ampliar os horizontes analisando também os jovens.

Os resultados obtidos apontam para uma manutenção de hábitos culturais e de consumos midiáticos e para a não absorção da cultura portuguesa, sem maiores interferências das variáveis observadas.

O presente trabalho não pretende suprir lacunas deixadas pelos analistas da juventude, da imigração e da comunicação, mas sim estimular a realização de novos estudos em torno desta comunidade e desta faixa etária, que podem buscar a entender de forma esclarecedora esta população migrante que continua a ser a mais representativa de Portugal.

PALAVRAS-CHAVE: Jovens, imigração brasileira, mídia, integração e cultura.

Abstract

The work we here present is a exploratory study academically related to the Reception theory field. We will analyse the uses and consumption of media from a small group of young Brazilian immigrants nowadays living in Portugal. For the empirical research, a few mothers and seven young people between 15 and 21 years old were heard. We decided to interview only individuals that have no association with migrants institutions. Furthermore, we defined variables of educational levels, geographic birth, residence length in Portugal, religion and previous migratory experience.

What we intended to do was tracing an available diagnosis for future studies and indicating paths that might help larger investigations about the theme. The group we interviewed had promoted suggestive discussions about how they deal with the reality the host country introduces to them, which includes social integration, relationships with majority society members and cultural options as well as media options.

The main objective was identifying the uses and consumption of media from a small group of young Brazilian immigrants nowadays living in Portugal. Besides of it, we intended to analyse how such uses and consumption contribute to the immigrants approximation or estrangement in the host society. Thereby, we wanted to check if the immigration process has altered or not the cultural habits and the uses and consumption of media from the interviewed group.

We tried yet to trace the social and economic profile of the interviewed people when they were still at the origin country, and the palpable changes that have affected them since the migratory process begun, listing the material and immaterial benefits they have acquired since they arrived in the host country.

Numerous studies presented while this work was in construction have demonstrated different uses of media by migrant populations everywhere around the world. Young Brazilian people, however, have never been target of a truly deep study about the theme.

As the biggest immigrant community of Portugal, Brazilian people inherit a lot of cultural meanings that make them the best-accepted foreigner group at the host society and, at the same time, make them a very frequent target of social representations built from mediatic events related to prostitution and marginality. Studies about this community have always focused in adult Brazilians, and we believe it is necessary to broaden the horizons and analyse the young Brazilian people as well.

The results show the young Brazilian people stand up to their Brazilian cultural habits and mediatic consumption as well as they would rather not absorb most of the Portuguese culture. The variables we exposed before do not have a major interference in the process of choosing the consumption of Brazilian media or in the process of keep practicing Brazilian cultural habits, as long as we could observe.

The work we here presents has no intention of filling gaps that might appear in some youth, immigration or communication researchers previous academic work. What we really intend is to stimulate new studies about this community and this specific age group, studies that could improve the comprehension of this specific migrant population, the most representative one in Portugal.

KEYWORDS: Young people, Brazilian immigration, media, integration and culture

Índice Geral

Introdução	1
Estrutura da tese	10
Notas à Introdução	13
 I Parte	 14
 Capítulo I – Migrações: o movimento humano a reconfigurar o mundo	 15
Introdução	15
O processo migratório em Portugal: imigrantes ou emigrantes?	16
O mundo como destino	19
Próxima paragem, Portugal	24
Imigração brasileira: mais de um século em Portugal	29
Brasil, anos 80: crise económica, desemprego e migração	32
Rumo à Europa: a primeira e segunda “vagas” de brasileiros em Portugal	36
Dos números à Lei: a segunda “vaga” da imigração brasileira e a Regulamentação Extraordinária de 2003	42
Notas ao Capítulo I	48
 Capítulo II - Imigração na mídia portuguesa: quatro décadas de investigações.....	 50
Introdução	50
Investigando a mídia: relatos académicos da imigração.....	51
Portugal: a agenda social, económica e política orientando os discursos midiáticos sobre a imigração	53

A forma e o conteúdo: a academia dissecar os discursos da mídia sobre a imigração.....	64
Prostituição e violência: os brasileiros no noticiário sobre a imigração em Portugal	70
A mídia, a construção de estereótipos e a audiência infanto-juvenil: caminhos para culturas híbridas ou cisão a partir dos estigmas representados?	78
Avanços e retrocessos dos discursos midiáticos sobre a imigração em Portugal e o consumo comunicacional dos jovens imigrantes brasileiros: a busca pelo entendimento.....	81
Notas ao Capítulo II.....	84
 Capítulo III - Recepção e identidade: os sujeitos da audiência	85
Introdução	85
Recepção: uma espessa teia de significações	86
Crianças e jovens migrantes e os usos da mídia.....	95
Imigração infanto-juvenil brasileira: invisibilidade acadêmica.....	96
Memória: os ecos do passado reorganizados no presente	99
Identidade: a construção complexa de uma vida inteira.....	103
Identidade, imigração e estigma: o multiculturalismo no centro da questão	106
Notas ao Capítulo III	115
 II Parte	116
 Capítulo IV - Os caminhos metodológicos.....	117
Introdução	117
Os caminhos	118
A entrevista semiestruturada como método de recolha de informações	121

Grupo entrevistado	127
Questões éticas	132
Crianças e jovens: ética em pesquisa.....	134

Capítulo V - Portugal e a geração de qualidade de vida para os migrantes 137

Introdução	137
Adeus Brasil, olá Portugal: duas gerações de famílias emigrantes brasileiras	138
Melhor qualidade de vida: mães e filhos em busca de novos horizontes econômicos e educacionais	143
Educação: o elogio ao ensino português	148
Mais e melhor: a aquisição de bens materiais reflete os avanços econômicos dos migrantes brasileiros	152
A construção de novas relações em Portugal	155
O passado que deixa saudades: voltar ou não voltar para o Brasil?	170
Notas ao Capítulo V.....	176

Capítulo VI - Usos e consumos da mídia por jovens migrantes brasileiros em Portugal 177

Introdução	177
Televisão: o Brasil na sala de estar dos migrantes em Portugal	179
Telenovelas	182
Telejornalismo	186
Internet	194
Consumos culturais e percepção das outras mídias portuguesas	200
Rádio e preferências musicais	201
Jornais, livros e revistas.....	203

Telemóveis.....	206
Consumos culturais	208
Percepção da mídia portuguesa	211
Considerações finais ao VI Capítulo	215
Notas ao Capítulo VI	218

Conclusão: Jovens imigrantes brasileiros em portugal: usos e consumos da mídia..219

Referências Bibliográficas 227

Anexos 239

Anexo I - Acordo Cultural Brasil e Portugal	240
Anexo II - Guião de Entrevistas	242
Anexo III – Transcrição das Entrevistas	250

Índice de Quadros

Quadro I

Emigração total Portuguesa: 1993 – 2003 18

Quadro II

Destinos da Emigração portuguesa 1886 -1950 20

Quadro III

Destino da Emigração Portuguesa 1950 – 1974 20

Quadro IV

Brasileiros no mundo 31

Quadro V

Emigrantes Brasileiros por 10 mil habitantes 31

Quadro VI

Frequência no Noticiário sobre Emigração Brasileira na Imprensa Segundo Temas 1985-1993 35

Quadro VII

Profissões da População Brasileira ativa em 199144

Quadro VIII

Profissões da População brasileira ativa em 2001 44

Quadro IX

Principais dificuldades dos brasileiros imigrantes 47

Quadro X

Variáveis do grupo participante.....131

Quadro XI

Origem dos entrevistados por localização geográfica131

Quadro XII

Grupo pesquisado 141

Quadro XIII

Famílias por origem geográfica 142

Quadro XIV

Momentos de chegada de Pais/Mães e de Filhos a Portugal148

Índice de Gráficos

Gráfico I

Evolução da imigração em Portugal a partir da década de 1980 27

Gráfico II

Maiores comunidades imigrantes de Portugal 29

Gráfico III

Evolução da comunidade bras. legalmente estabelecida em Portugal-1980/2012.....42

Índice de Figuras

Figura I

Charge de <i>O Comércio do Porto</i>	40
--	----

Figura II

Charge de Aroeira – O des-descodebrimento.....	162
--	-----

Introdução

Imigração, mídia e identidades. Um olhar sobre o imigrante, a construção de representações sobre o outro e a agenda mediática. A diáspora que dá contornos sociais a um mundo hipoteticamente sem fronteiras, por ser globalizado econômica e politicamente, resultando, como afirma Anderson (2002, pp: 11-12), numa dispersão de pessoas pelo planeta "arrancando raízes (...), abandonando as velhas certezas de lugar, nacionalidade, papel social e classe". Juntos, ou separadamente, os temas têm, em nível mundial, absorvido energia intelectual de cientistas concentrados em diferentes áreas do conhecimento, a exemplo da sociologia, da comunicação, da psicologia e da antropologia.

Os estudos sobre as migrações internacionais têm gerado inúmeras análises e resultados científicos nas mais diversas áreas do conhecimento desde questões alimentares (BRAGA 2010), de saúde (CHALLINOR 2012), antropológicas (MACHADO 2009) e psicológicas (DAURE, I; REVEYRAND-COULON, O. 2009). No campo das Ciências Sociais, notadamente na nossa área de estudo, a Comunicação, são vastas as pesquisas levadas a termo em Portugal, no Brasil e em nível internacional, como veremos no Capítulo II da presente tese.

Nesse entrelaçamento entre migração e jornalismo destacamos, em Portugal, os trabalhos realizados por Ferin Cunha (1997, 2002, 2004, 2006). É necessário destacar, ainda, as pesquisas levadas a cabo pelo Observatório da Imigração, unidade informal do Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, ACIDI, que têm contribuído para uma maior percepção da problemática. É importante ressaltar que os estudos acadêmicos que investigam a imigração na Europa e suas imbricações com a agenda da mídia têm aguçado o interesse de pesquisadores sociais de diferentes nacionalidades. Apenas para ficar no continente europeu podemos citar, em Espanha, os trabalhos desenvolvidos por Aierb, Diaz, Martinez, Mazkaran e Pérez (2002) e por Lorite Garcia (2003). Em Itália, Carlo Marletti deu sua contribuição ao estudo, mostrando que há uniformidade de tratamento do tema nos meios de comunicação.

"Hoje, mais do que "massificar", os media criam "loucuras solitárias", como tinha intuído David Riesman. As consequências perversas dos média são a dissolução das identidades sociais, a

perda de memória histórica, a difusão dos alarmismos e dos medos colectivos relativamente aos estrangeiros”. (MARLETTI, 2001, apud CÁDIMA; FIGUEIREDO, 2003, p, 28).

Se o século XX trouxe maior percepção sobre a questão, as migrações não são resultado de um mundo globalizado: o mundo, tal como conhecemos hoje, é o resultado dos processos migratórios. Tal perspectiva é defendida por centros mundiais de investigações sobre as migrações, como o *International Migration Institute* (IMI) da Universidade de Oxford, na Inglaterra. Para o Instituto, as migrações internacionais são um dos processos mais transformadores do mundo, possuindo “papel essencial nos processos de mutação social, económica e política à escala mundial”, e que tanto modelam essas as mutações, quanto são por elas modeladas (IMI, 2006, p: 3).

Obviamente, e como em quase tudo, a globalização deu contornos muito mais espetaculares ao processo, não só por questões económicas, mas também pela “emergência de conectividade cultural e social ao nível mundial, (idem, p: 4), que possibilitou novos conhecimentos e novos desejos, inclusive o de migrar. Burrell e Anderson (2008) identificaram, numa pesquisa com ganenses radicados em Londres, que houve mudanças na escolha dos destinos de imigração, pelos nacionais de Gana, nas últimas décadas. Segundo os autores até os anos de 1970 a principal opção desses imigrantes era o Reino Unido, mas oportunidades “oriundas de outros países, a exemplo da Alemanha”, ampliaram os destinos dessa população. Para os autores, a internet permitiu um controle inédito sobre “informação, imagens e pessoas”, contrastando com a limitação antes oferecida pelas tecnologias tradicionais de comunicação, como a televisão e a rádio.

Mas não pretendemos, neste estudo, nos ater às questões relativas ao complexo processo de um mundo global, porque, à exceção dos migrantes forçados por outrem, como os escravos, o que via de regra move os migrantes hoje é o que os moveu desde sempre. Se em tempos remotos procuravam melhores espaços climáticos e fartura de alimentos, fugiam das guerras e da possível escravidão em decorrência da derrota nos embates, hoje procuram áreas economicamente mais estáveis em busca de trabalho, emprego e renda e continuam a fugir da violência que assola algumas cidades - a guerra urbana - que os transforma em prisioneiros dentro

de suas próprias casas. Assim, migrar é, para muitos, uma opção que pode proporcionar melhor qualidade de vida, e este é um processo de decisão interno ao ser humano. Se, atualmente, a globalização aponta os caminhos ao abrir o leque de oportunidades, os pés que trafegam pelas estradas das migrações são movidos por uma força essencial à humanidade: o instinto de preservação. Se antes fugiam da morte física, hoje os migrantes fogem da morte econômica, que pode se traduzir em miséria e indigência.

O “forasteiro”, o “Outro”, o “estranho”, o “deslocalizado”: as palavras que dão nome aos que vêm de fora abundam a literatura e as representações da sociedade. Teoricamente emigrar é um movimento de indivíduos “de carácter temporário ou permanente, entre dois espaços geográficos” (JACKSON, 1991, p:7; ROCHA-TRINDADE, 1995, p: 32; PENA PIRES, 2003, p:57-58 *in* Pereira, 2007). Desta forma, imigração implica em deslocamento, o corte das raízes o abandono do local de origem, e o local ou lugar, mais do que coordenadas geográficas, é uma paisagem que guarda, ao mesmo tempo, o físico e o cultural.

O conceito de lugar está hoje bem distante da definição aristotélica, que o definia como o espaço que circunda o corpo. Na Geografia Humana, surgida na década de 1970, o conceito de lugar se tornou um dos principais pontos de discussão. Leite (1998) esclarece que os seguidores dessa corrente observaram que é no lugar que se concentra boa parte da experiência humana, no sentido de que é nele que o indivíduo vê despertado o sentimento de pertença: “(...) lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas a tipos de experiência e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança” (RELPH, 1979, *in* LEITE, 1998).

Perruzzo e Volpato (2009) voltam-se ao pensamento de Ortiz (1999) e ampliam as definições sobre o conceito, esclarecendo que o lugar também se configura como “um espaço com características peculiares, que evoca sentimentos de familiaridade e vizinhança, congrega certa identidade e história, hábitos e linguagem comuns” (p:145).

Esse deslocamento, esta fuga do local em direção ao global - cultural e geográfico - apresenta volumes expressivos. No Brasil, o Instituto das Migrações e dos Direitos Humanos¹ calcula que uma em cada seis pessoas é migrante, perfazendo um

contingente de 214 milhões de migrantes internacionais e aproximadamente 750 milhões de migrantes internos.

A nós interessam os estudos que unem as migrações à Comunicação, os pontos de interseção entre os deslocados e a mídia. Partimos do pressuposto de que, antes de mais nada, a migração é fruto de um desejo que tem por base a informação, a comunicação que chegam através de inúmeras fontes: amigos, parentes, imprensa, televisão, internet, jornalismo, publicidade cinema...

A extensa rede de Comunicação que a todos atinge é, no entanto, absorvida de maneira única, individual. As histórias de vida, as experiências culturais e sociais são as variáveis que ajudam a definir a forma como essas informações são absorvidas por cada indivíduo. Migrar ou não migrar é, ao analisarmos assim, o resultado da junção da interpretação pessoal das informações recebidas com a conjectura de vida do indivíduo. Migrar, ou não migrar, guarda, assim, profunda relação com o jeito único que cada um recebe as informações. E receber informações é estudo exclusivo da Comunicação, área científica sobre a qual nos debruçamos a fim de produzir a presente investigação.

Pretendemos, com o trabalho que ora desenvolvemos, analisar os usos e consumos mediáticos de jovens e jovens adultos, de nacionalidade brasileira, deslocados em Portugal. Estudos apontam que o consumo da mídia por adolescentes tem objetivos diversos, servindo para o conhecimento e hábitos da cultura de acolhimento (no caso da mídia nacional), como de manutenção, ou conhecimento, da cultura de origem (no caso da mídia étnica), (Elias & Lemish, 2011).

A presente tese é um estudo exploratório academicamente ligado ao campo dos Estudos da Recepção. No entanto, assim como Carvalheiro (2009, p, 19) não se pretende centrar esta pesquisa na mídia, mas sim nos “sujeitos da audiência”. Nos propomos analisar os usos e consumos mediáticos de jovens com idades que variam de 15 a 21 anos, de nacionalidade brasileira, imigrantes em Portugal.

No caso de brasileiros em Portugal, a proximidade histórica e cultural dos dois países, além do domínio da língua portuguesa, podem ser fatores positivos de integração. Agregado a isso, o distanciamento temporal de um passado colonial,

diferentemente do que ocorre com os imigrantes oriundos das ex-colônias africanas, possibilitaria uma relação menos rivalizada e com menores estereótipos coloniais.

Apesar desses fatores positivos, a representação social dos brasileiros nos mídia portugueses não foi favorável à esta comunidade imigrante, atualmente a maior do país, nas últimas duas décadas. Tal exposição negativa tem gerado diferentes estereótipos em relação à essa nacionalidade, muitas vezes relacionada à prostituição e à criminalidade pelos meios de comunicação portugueses.

Elias e Lemish (2011) afirmam que a migração é “um dos processos mais dinâmicos da vida de um indivíduo e que pode levar a transformações pessoais, sociais e culturais”. Ferin Cunha (2006) constatou, num estudo sobre audiências, imigração e gênero que as imigrantes brasileiras pesquisadas alteraram seu comportamento e a forma de se relacionar em sociedade e no trabalho de maneira a não se encaixar nos estereótipos existentes em Portugal a respeito das mulheres de seu país de origem. Se tais alterações são vividas também por suas mães, como esses jovens se posicionam nas suas relações com seus pares, com demais imigrantes e com jovens e adultos portugueses? Trazidos ao país pelas mãos de parentes adultos, esses jovens têm que, desde muito cedo, viver uma das mais conflituosas e profundas experiências humanas: a migração. São rapazes e moças que não tinham outra opção a não ser imigrar, tendo sido deslocados desde muito cedo, alguns ainda na infância, entrando num universo completamente distinto da realidade em que viviam no Brasil.

Apesar de pesquisas que têm como tema jovens migrantes, a exemplo da de Carvalheiro (2008), Kulcsár (2006) e Pinto (2009) - este último se concentrando mais nas questões da etnia do que no tema imigração - há um vácuo no que toca os adolescentes e jovens adultos da maior comunidade imigrante em Portugal: a brasileira.

Na revisão bibliográfica que fizemos não encontramos quaisquer pesquisas, no campo da Comunicação Social, que tenham exclusivamente os jovens imigrantes brasileiros como objeto de estudo.

Dessa forma, decidimos, num percurso que envolveu dificuldades de identificar indivíduos disponíveis para a pesquisa, como discorrido no V capítulo deste trabalho,

produzir um estudo exploratório que possa apresentar dados para futuras pesquisas junto à este grupo particular de imigrantes, e, através delas, buscar garantir um processo de integração mais pleno no país de acolhimento.

A imigração brasileira para Portugal, iniciada em maior escala na década de 1980, viveu dois momentos diferentes. O primeiro grande grupo de imigrantes que aqui chegou era composto por homens e mulheres com alta qualificação acadêmica que saíam do Brasil devido à crise econômica que o país atravessava e à violência que começava a se expandir por todos os grandes centros urbanos do país. Era o que se convencionou chamar de “fuga de cérebros”, termo, cunhado nos anos de 1920 quando da imigração de cientistas e intelectuais, oriundos da Europa para os Estados Unidos.

Num segundo momento, os brasileiros que chegavam a Portugal com o objetivo de aqui viver eram, em sua maioria, de origem humilde, com baixas qualificações acadêmicas e oriundos de pequenas cidades do país. Eram os imigrantes econômicos que vinham em busca de novas oportunidades de trabalho e de melhor qualidade de vida.

Com a chegada desses grupos começou a funcionar em Portugal uma rede de assistência familiar, onde os parentes que aqui estavam estimulavam a vinda dos que ficaram no Brasil. Desta forma a comunidade brasileira em terras lusitanas não parou de crescer, notadamente na primeira década dos anos 2000, quando passou a ser numericamente a maior em terras lusitanas, superando, em muito, comunidades quantitativamente consolidadas, como a angolana e a cabo-verdiana.

Muitos desses imigrantes brasileiros vieram, primeiramente, sozinhos, para depois trazer suas famílias o que incluía filhos e filhas. São esses jovens que saíram do seu país ainda muito cedo, e de acordo com os indivíduos por nós entrevistados, com até oito anos de idade, que tiveram que se readaptar à nova sociedade numa fase em que o conhecimento dos costumes da sua sociedade de origem ainda estava sendo construído.

Estudos, exemplo do desenvolvido pelas já citadas Elias & Lemish, demonstraram que os usos e consumo dos mídia por imigrantes jovens têm, entre

outros fatores, o objetivo de conhecer melhor a nova sociedade e também servem como ferramenta de aprendizagem da língua do país de acolhimento.

Como no caso dos brasileiros o idioma não é obstáculo, resta saber de que forma a utilização da mídia serviria para a integração, ou não, na sociedade portuguesa e, também, de que forma mantinham as memórias do país de origem através dos veículos de comunicação de bandeira brasileira que emitem sua programação em Portugal.

Outras pesquisas² comprovaram que a construção das representações através da mídia tem forte apelo na sociedade. Rosário Farmhouse, Alta Comissária para a Imigração e Diálogo Intercultural, vai ao ponto de afirmar que “a partir da percepção gerada pela mídia – positiva ou negativa –, o efeito de aceitação ou rejeição dos imigrantes pela opinião pública é automático” (FERIN CUNHA *et al*, 2007, p: 11). Relatórios produzidos pelo *European Monitoring Centre on Racism and Xenophobia*, EUMC, expressam essa influência com menor determinismo, mas sem deixar de a assinalar.

(...) Os *Media* têm um impacto considerável na modulação da percepção e na geração de atitudes da população majoritária perante os imigrantes e as minorias étnicas. Estas observações tendem a acentuar a função de reforço cultural que os *Media* podem exercer na sociedade, ora acentuando as diferenças culturais e étnicas em detrimento da integração e da diversidade, ora veiculando imagens, valores e modelos de uma sociedade mais inclusiva, (idem, p:24).

No entanto, qual o impacto dessa mesma mídia no tocante aos deslocalizados? A análise dos usos e consumos mediáticos desses jovens se constitui numa das chaves na tentativa de desvendar tal processo. E ao falarmos de usos e consumos mediáticos entendemos, assim como Carvalheiro, que eles não podem ser “encarados no sentido restrito, mas também como prática” e é preciso compreender “como e com quem são consumidos” (2008, p: 57). O consumo mediático é uma atividade existente na vida social de cada um, está nas ruas, nos meios de transporte em todos os ambientes, mas

quando se encontra restrita ao universo familiar é consumida solitária ou em conjunto com outros indivíduos, sejam, ou não, membros da família?

Diante de tal cenário, desenvolvemos as seguintes hipóteses:

1 - Tendo Portugal se tornado tardiamente um país de imigração, formando os brasileiros a maior comunidade imigrante do país e considerando-se fatores positivos como a proximidade linguística e cultural, a adaptação dos jovens à sociedade local é feita sem maiores dificuldades. Isto justifica-se pelo fato da nacionalidade brasileira continuar a ser uma das melhores referenciadas pela sociedade portuguesa (LAGES *et al* 2006), e, diante disso, as representações e estereótipos difundidos pela mídia não interferem de forma premente nas relações sociais entre esses migrantes e a sociedade majoritária.

2 – A utilização da mídia brasileira e étnica com viés associativista não é privilegiada por esse grupo de indivíduos e suas famílias, preferindo, tais cidadãos o contato com a cultura brasileira através de outros meios como telenovelas e a música e optando pela mídia portuguesa no tocante à busca por informações.

Objetivos:

Principal: Identificar os usos e consumos midiáticos de jovens imigrantes brasileiros em Portugal e analisar as formas como tais usos e consumos contribuem para a aproximação ou o afastamento da sociedade de acolhimento.

Secundários:

1 – Traçar o perfil social das famílias envolvidas no estudo.

2 – Identificar se as trajetórias de vida, assim como em outros estudos desenvolvidos (FERIN CUNHA, 2008) interferem nas preferências midiáticas de cada família.

3 – Perceber se os indivíduos objeto desse estudo constituíram formas de hibridismo em relação à sociedade de acolhimento no tocante às opções mediáticas.

Metodologicamente foi definido um recorte etário entre os 15 e 22 anos, rapazes e moças em plena adolescência e no início da fase adulta.

Esses jovens seriam ouvidos através de entrevistas semiestruturadas. Inicialmente nos preparamos para formar, com os indivíduos ouvidos, uma amostra de conveniência teoricamente sustentada que compreendia cerca de 30 jovens e suas famílias. Essa amostra teoricamente sustentada assentava-se em indicadores como gênero, idade, religião, origem geográfica, experiência migratória, grau de escolaridade e tempo de permanência em Portugal, onde selecionaríamos membros de acordo com o perfil apresentado em estudos como o de Malheiros (2007).

Os pais dos jovens seriam, paralelamente, entrevistados também de forma semiestruturada, a fim de se traçar um perfil social do grupo. Além disso, esta etapa permitiria debruçar sobre o repasse aos filhos das memórias que possuem sobre o Brasil.

No entanto, como explicaremos no IV capítulo, não foi possível construir tal grupo devido a sucessivas desmarcações e cancelamentos por parte de possíveis jovens a entrevistar. Como não queríamos um grupo de jovens e suas famílias associado a nenhuma instituição migrante brasileira, a fim de não comprometer as respostas, como relatado por Ferin (2008), optamos por um grupo menor, mas diversificado em termos dos indicadores acima indicados.

Estrutura da tese

O presente trabalho se divide em duas partes. Os três primeiros capítulos compõem a primeira parte, apresentando o histórico da imigração em Portugal e os

fundamentos teóricos, bem como às pesquisas relacionadas com o tema imigração. São três capítulos destinados à revisão de conceitos.

Na segunda parte teremos a apresentação da metodologia e a análise do trabalho empírico. O estudo encerra-se com a conclusão.

O primeiro capítulo é dedicado a recuperar os processos históricos de migração entre Brasil e Portugal, e revê os dados a partir do século XIX, existentes tanto aqui quanto do outro lado do Atlântico.

O crescimento do processo migratório para Portugal é analisado a partir dos tratados internacionais, a exemplo do Acordo de Shengen, e também com a entrada do país na Comunidade Econômica Europeia.

Por outro lado, o contexto da crise econômica brasileira e do recrudescimento da violência naquele país nos anos de 1980, anteriormente citadas nesta introdução, é apresentado sob o viés da análise de cientistas sociais brasileiros e portugueses e da imprensa brasileira.

A relação entre a imigração brasileira em Portugal e a imprensa começa a ser demonstrada a partir da década de 1990, com dois casos que marcaram a mídia portuguesa, e no primeiro caso a ser citado, as relações diplomáticas entre Brasil e Portugal. Este primeiro caso envolve cirurgiões-dentistas brasileiros e entidades classistas em Portugal. A mídia dos dois países dispara críticas contra os profissionais brasileiros, publicadas dos veículos portugueses, e contra o Governo de Portugal, estampadas na imprensa brasileira.

O segundo capítulo mostra, à luz da academia, os esforços empreendidos por pesquisadores no que tange à imigração em Portugal e em consonância com representações desta imigração, em geral, na mídia portuguesa. Em particular veremos os mesmos esforços especificamente sobre a imigração brasileira.

Remontamos quatro décadas de investigação científica sobre a imigração em Portugal, que se inicia a partir dos anos de 1970, mas que ganham maior volume no final do século XX e na primeira década do século XXI. As análises demonstraram as inter-relações entre a mídia e os impactos que determinadas informações podem suscitar numa dada sociedade.

Na mídia o tema da imigração esteve, na maioria das ocasiões, associado à agenda jornalística e poderia ser abordado por diferentes ângulos, sejam institucionais, políticos, econômicos ou sociais.

Dois episódios relacionados à imigração ganhariam destaque na imprensa portuguesa no início dos anos 2000 e, em um deles, na mídia internacional. O caso da “Mães de Bragança” ultrapassa as fronteiras portuguesas e ganha contornos internacionais, construindo na imprensa e na sociedade lusitanas representações negativas associadas à prostituição sobre as brasileiras imigrantes que aqui viviam. Este estereótipo até hoje encontra ecos, mesmo que em menor escala, tanto na sociedade portuguesa, quanto no dia-a-dia e nas atitudes das brasileiras, como apontaria Ferin (2006), os estudos apresentados no segundo capítulo desta tese.

Outra “notícia” que permaneceu por dias como um grande evento jornalístico, para depois ser desmentida pelos fatos, foi o denominado “Arrastão de Carcavelos”. Ainda que tenha, segundo a mídia, “envolvido” grupos rivais de afrodescendentes, a citação do Brasil se fez presente nas manchetes dos jornais: “Arrastão à Brasileira”, dizia uma; e nas reportagens televisivas, onde uma repórter ao entrevistar um cidadão brasileiro fez questão de mencionar que aquele tipo de evento era “comum no Brasil”.

No terceiro capítulo abordaremos os temas Recepção, Identidade, Memória e Multiculturalismo e a junção destes com a imigração, traçando um breve panorama sobre as questões jornalísticas emergentes nos países europeus a exemplo de França e Alemanha e os discursos políticos direcionados aos deslocalizados.

Revemos os autores portugueses que se debruçaram sobre a imigração tendo como objeto de estudo os adolescentes. Visitamos, ainda, o panorama europeu no que tange os discursos sobre o multiculturalismo e apresentamos momentos de tensão retórica entre governos e imigrantes.

Com base nessa revisão de literatura introduzimos neste ponto as questões mas apuradas para a nossa pesquisa empírica, encerrando a primeira parte da tese.

Na segunda parte da tese iniciamos com o quarto capítulo onde apresentamos a metodologia utilizada, baseada em entrevistas semiestruturadas, com um guião de

questões que nos permitiu mobilidade no momento de inquirir os indivíduos objeto da presente pesquisa.

Inicialmente tínhamos pensado buscar indivíduos associados ou indicados por entidades brasileiras com sede em Portugal, a exemplo da Casa do Brasil de Lisboa ou da Associação Mais Brasil, no Porto, que tinham sido contatadas. Contudo, ao aprofundarmos os estudos percebemos que poderíamos estar em contato com perfis mais elaborados devido à história associativa, ou serem membros de elite, como preferiu Ferin Cunha (2008, p: 85), “entendendo-se como tal os membros com maior escolaridade, consciência política, participação em actividades comunitárias e reivindicativa”.

Não buscar membros em associações, cujos nomes seriam fornecidos pelas próprias instituições, não excluiria a possibilidade de nos confrontarmos, durante as entrevistas com indivíduos associados às instituições migrantes. Mas isso não ocorreu, mesmo porque grande parte da comunidade brasileira migrante em Portugal não é membro nem participa de tais associações. No caso de nosso grupo, apenas uma das entrevistadas teria recorrido uma única vez a uma dessas instituições.

Ao tomar essa decisão acreditamos que obtivemos respostas menos comprometidas com os pontos destacados por Ferin Cunha, sobre a realidade vivida pelos brasileiros imigrantes em Portugal.

A recolha de dados foi feita através de indivíduos contatados diretamente pela pesquisadora e as entrevistas também foram realizadas pela doutoranda, não havendo quaisquer influências externas de pessoas não comprometidas com essa tese. Apenas a orientadora e a pesquisadora participaram das decisões.

No quinto capítulo apresentamos a primeira parte da análise das entrevistas centradas nas famílias. Neste tópico as mães ouvidas tiveram especial participação, visto que nosso objetivo era traçar, através delas, a transferência de memórias, de hábitos e de costumes, bem como verificar o perfil sócio cultural originário de cada família.

Por fim, o sexto capítulo é dedicado à análise das entrevistas com os jovens, com atenção aos usos e consumos midiáticos, incluindo rádio, televisão, revistas, jornais, telefones móveis e atividades culturais como cinema, teatro, shows e eventos.

A conclusão encerra este trabalho seguida da bibliografia e dos anexos que incluem a transcrição das entrevistas realizadas.

A presente tese foi escrita sob as regras do Acordo Ortográfico, e por decisão conjunta da orientadora e da doutoranda obedeceu a gramática da Língua Portuguesa adotada no Brasil. As citações existentes foram transcritas na íntegra respeitando a grafia do documento original.

Notas:

¹ <http://www.migrante.org.br>

² Em Portugal temos o Centro de Estudos das *Migrações* e Relações Interculturais, financiado pela FCT; no Brasil, o CEMI, Centro de Estudos das Migrações Internacionais, da Unicamp; International Migration Institute, da Universidade de Oxford. <http://www.migrante.org.br>

I Parte

Capítulo I

Migrações: o movimento humano a reconfigurar o mundo

“Não se pode compreender a história da humanidade sem o estudo das migrações e dos contactos culturais”. (Maria Isabel João, 2010, p: 14)

1.1– Introdução

As migrações não se inserem apenas como movimentações geográficas de reflexos sociais, políticos e econômicos, suas variáveis têm gerado impactos tais que não poderiam deixar de ser objeto de estudos acadêmicos em grande parte do mundo ocidental. Centros, unidades núcleos e institutos de investigações sobre o tema surgiram em vários países a exemplo do Brasil, Portugal e Inglaterra, cujos exemplos citamos na nota existente na introdução dessa tese.

Neste capítulo iremos percorrer o processo migratório de e para Portugal remontando, historicamente, a partir do século XIX, início do século XX. Iremos rever os momentos de ampla movimentação nas fronteiras, tanto em relação à emigração portuguesa, quanto da atração de imigrantes para Portugal já a partir da segunda metade do século XX. O final do século XX e início do século XXI consolidam o país como atrativo para os migrantes internacionais, devido às conjunções políticas e econômicas advindas dos tratados e acordos que culminaram com entrada do país na Comunidade Económica Europeia.

A força da imigração brasileira também é apresentada nesse capítulo. Iniciada com maior força na década de 1980 ela se tornaria, nos anos 2000, a maior comunidade imigrante de Portugal.

O volume de indivíduos do outro Atlântico que vinha buscar nova oportunidade de vida em terras lusitanas era considerável, assim como suas repercussões midiáticas.

Alguns casos marcantes que tiveram ampla repercussão, tanto na mídia portuguesa, quando na brasileira, são, também, foco de discussão nesse capítulo. Um desses casos foi a discussão sobre o exercício profissional de cirurgiões-dentistas brasileiros em Portugal.

Veremos, ainda, a transição do perfil dos imigrantes brasileiros em Portugal. Dos jovens universitários chegados em meados dos anos de 1980, aos migrantes laborais que atravessaram as fronteiras portuguesas a partir da década de 1990.

1.2 - O processo migratório em Portugal: imigrantes ou emigrantes?

Olhai, olhai, vão em manadas
Os emigrantes...

Uivos de dó pelas estradas,
Junto dos cais, nas amuradas
Das naus distantes...

(...)

Lá vão levados, mar sem fundo,
Longe das noivas e dos pais!
Terras, Jesus! nos fins do mundo...
Voltarão? Quando, mar profundo?
Jamais! Jamais!

(Guerra Junqueiro, *Finis Patriae*, 1890)

Portugal sempre cantou, ou chorou, em verso e prosa o embarque dos seus cidadãos para terras longínquas. Da epopeia dos descobrimentos à emigração, os portugueses conheceram, deram a conhecer e se espalharam pelo mundo. Contam-se aos milhões os que atualmente vivem fora do país. Mesmo assim, na primeira metade da década de 1990, quando da publicação do Decreto-Lei número 59, de 03 de Março de 1993, definido como a segunda Lei de imigração (Pena Pires, 2010: 84) e “reflexo necessário da aplicação das convenções internacionais das quais Portugal é signatário” (Decreto-Lei 59/93, 1993: 01), o Governo Português se assumia formalmente como um país de imigração. Antes mesmo de, ao longo dos seus 117 artigos, discorrer sobre a

matéria – a entrada, permanência e expulsão de estrangeiros - o texto do Ministério da Administração Interna trazia uma breve contextualização, cujas primeiras palavras informavam que a “iniciativa apresentada vem dar resposta às novas exigências que a Portugal se colocam como **país de imigração** situado num espaço comunitário” (grifo nosso). Com a Lei, o país se adequava formalmente ao Acordo de Shengen³, do qual era um dos signatários.

A afirmação constante no Decreto, de acordo com os dados por nós analisados para esta tese, não refletia, nem reflete, integralmente a realidade vivida por Portugal. Inegavelmente o país, agora membro da Comunidade Europeia, se tornou ainda mais atrativo para indivíduos de outras partes do planeta que para cá aportavam em busca de uma melhor qualidade de vida. Mas o Portugal país de emigração nunca deixou de existir. Diante da nova realidade da imigração, o correto, seria afirmar que se vivia sob dois prismas, ou uma experiência mista: a da nova vaga de imigração e a da continuidade da emigração, sendo a última uma característica marcante do país desde sempre. Tal afirmação encontra substantiva corroboração no pensamento de Baganha (2007).

Nos primeiros anos deste século devem ter saído de Portugal, temporária ou permanentemente, 80 a 100 mil emigrantes por ano e devem ter entrado de 20 a 40 mil imigrantes por ano, sendo que a média de entradas legais se cifrou em 12 mil por ano. Ou seja, o que melhor caracteriza os actuais processos migratórios em Portugal é a existência em simultâneo de fluxos de entrada e de saída de migrantes com perfis económicos semelhantes, que se vão incorporar economicamente em Portugal ou nos diversos países de destino essencialmente nos mesmos segmentos do mercado de trabalho (BAGANHA, 2007, p: 1)

Durante a década em que o Decreto foi publicado o movimento nos postos de fronteira qualificados para a entrada e saída de cidadãos foi intenso. De acordo com Relatório 2009 do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras – SEF, a população de imigrantes em Portugal aumentaria em quase 100 mil indivíduos no período que compreende os anos de 1990 e 2000, passando de 107.767 para 207.587 cidadãos de outros Estados residentes legalmente em terras lusas⁴. Em contrapartida, o número de cidadãos portugueses que sairia do país no início da década de 1990 para se

estabelecer em outras nações chegaria, anualmente, a cerca de 40 mil nos anos seguintes, apesar do processo registar redução, as saídas anuais nunca cairiam abaixo de 20 mil (Pena Pires, 2010: 90):

Quadro I

Emigração total Portuguesa: 1993 – 2003

1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
39,322	33,171	29,104	22,559	36,935	22,196	28,080	21,333	20,589	27,358	27,008

Fonte: INE – Instituto Nacional de Estatística

O volume de emigrações produzia estimativas que alcançavam a casa dos milhões. O Instituto de Apoio à Emigração e às Comunidades Portuguesas, IAACP, informava que no início da década de 1990 o número de portugueses que vivia em situação de emigração era equivalente a 40% dos residentes no país, tomando por base os Censos de 1991, que indicavam que Portugal possuía 9.867.147 habitantes, refletimos um contingente de aproximadamente 4 milhões de indivíduos.

Atualmente existem cerca de 3,5 milhões de emigrantes portugueses espalhados pelo mundo, representando algo em torno de 35% da população do país. Os dados são do Observatório da Emigração. Este número, de acordo com Pena Pires (idem, 92), se somado aos descendentes nascidos no estrangeiro, alcançaria os 5 milhões de indivíduos, praticamente metade da população portuguesa residente que, pelo Censos 2001, era de 10.561.614. O fluxo emigratório português não deu mostras de retração no século XXI; de 2005 a 2009 - levando-se em consideração as partidas para apenas três destinos: Espanha, Reino Unido e Angola – emigraram, em médias anuais, 37 mil portugueses (idem).

A contagem dos emigrantes portugueses remonta ao ano de 1855⁵, mantendo continuidade desde então (Costa Leite, 1987). Apesar de trabalhar, inicialmente, com dados “pobres” (idem), são um mapeamento ao menos parcial da disseminação dos lusitanos pelo mundo. Alguns fatores, como a emigração clandestina, colaboraram

para reduzir a confiabilidade estatística da época. Os percentuais dessa emigração são volumosos, mas díspares: Baganha (1994) aponta que 25% dos emigrantes que saíram do país entre os anos de 1900 e 1988 eram “ilegais”; Costa Leite, por seu turno, refere como um terço, “ou mais”, a proporção dos indivíduos que emigraram ilegalmente de Portugal do final do século XIX até meados do século XX.

Embora este tema da emigração portuguesa não seja o nosso objetivo. pela sua relevância inquestionável no panorama internacional e na experiência local de país de acolhimento, não poderíamos nos abster de levá-la em consideração, ainda que sumária, neste capítulo.

1.2.1 - O mundo como destino

Os números demonstram que o português, como a maioria dos imigrantes, busca principalmente oportunidades ocupacionais, e, por isso, a depender da época, opta por destinos preferenciais no que tange a escolha do país de acolhimento. Essa escolha se deve a diversos fatores, da maior possibilidade de encontrar ocupação à existência de redes familiares ou sociais que facilitem a inserção no Estado de destino.

Mesmo assim, os rumos da migração são diversos, o que faz com que os portugueses estejam inseridos, atualmente, nas Américas, na Ásia, na África, na Oceânia e em outros países da própria Europa.

Calcula-se que de 1900 a 1988 três milhões e meio de portugueses tenham deixado o país - considerável parte clandestinamente, como vimos - com o objetivo de permanecer definitivamente ou por longo período em outras terras. Nos Quadro II observamos a evolução da migração portuguesa entre 1886 e 1950.

Quadro II
Destinos da Emigração portuguesa 1886 -1950

Brasil	1.246.00
Estados Unidos	192.600
Europa	102.000
África	48.800
Argentina	35.400
Outros países da América	31.100
Oceânia	22.700
Outros países não especificados	8.100
Ásia	400
Total:	1.687.100

Fontes: Censos da População e Anuários Demográficos, in Pena Pires, 2010

De 1950 a 1974 ocorre uma alteração de destinos preferenciais pelos emigrantes portugueses, que passaram de transoceânico para se fixarem na própria Europa, como apresentado no Quadro III.

Quadro III
Destino da Emigração Portuguesa 1950 – 1974

França	906.700
Brasil	316.200
Alemanha	183.900
Estados Unidos	126.700
Outros países da América	115.500
Canadá	101.200
Outros países da Europa	31.800
África	26.700
Oceânia	3.200
Ásia	200
Total:	1.812.100

Fontes: Censos da População e Anuários Demográficos, in Pena Pires, 2010

O volume da emigração portuguesa nos séculos XIX e XX não poderia deixar de produzir reflexos na sociedade, o que levou os governantes a tomar medidas de ajuste. Um bom exemplo ocorre em meados dos anos 1800. Os emigrantes, em geral homens jovens, saíam, ou buscavam sair, do país antes mesmo de cumprir o serviço militar obrigatório, instituído na reforma de 1855. A massa emigratória fez o Governo perceber “a impossibilidade de preencher por inteiro os contingentes votados pelo

parlamento” (Costa Leite, 1991, p: 466), e criar regras para o cumprimento do serviço militar. Desta forma, os homens precisavam, antes de sair do país, de comprovar que haviam servido às forças armadas, e esta prova era exigida no momento da requisição do passaporte. Não se tratava claramente de uma restrição à emigração, mas a garantia de que os deveres internos seriam, antes de mais nada, cumpridos.

Os mais jovens, rapazes acima dos 14 anos, não estavam isentos. Para eles era cobrada uma fiança, ou a “apresentação de fiador idóneo para garantir o cumprimento de futuros deveres militares” (idem). Os valores da fiança eram, no ano de 1882, 6,66 vezes superiores ao preço da passagem transatlântica, ou 240\$000 (240 mil réis), enquanto a passagem custava 36\$000 (36 mil réis) e o passaporte tinha um custo de 2\$600 (2 mil e 600 réis).

Tais dados fizeram estudiosos, como Costa Leite, afiançarem que:

A emigração transatlântica era sem dúvida um empreendimento caro; e, como a maior parte da emigração portuguesa - sobretudo a do continente - era livre de contrato e portanto não subsidiada, pode dizer-se que a generalidade dos emigrantes dispunha de algum capital ou crédito; os emigrantes não eram a camada mais miserável e desprotegida da população. (COSTA LEITE, 1991, p: 468).

É bem possível que uma parcela dos emigrantes pertencesse à camada da população melhor posicionada economicamente, mas os números de clandestinos, de indivíduos indocumentados ou com documentos falsos, além da arregimentação de trabalhadores por fazendeiros e industriais do outro lado do Atlântico - que custeavam as passagens -, não permite afirmar que a generalidade dos portugueses migrantes tinha posses. Até mesmo porque foram registados casos, relatados pelo próprio Costa Leite, de indivíduos que viajavam sem pagar a passagem, ficando em dívida com o comandante da embarcação:

Os emigrantes deviam apresentar um contrato de trabalho em devida forma ou fazer prova de que tinham pago a viagem. Esta exigência pretendia evitar incidentes como os ocorridos nos anos 50: a «transferência» de trabalhadores de um contratador para outro; e a «venda» no

porto de chegada de emigrantes que deviam ao comandante da embarcação o preço da passagem. Os abusos derivados de dívidas aos comandantes e de contratos irregulares causaram indignação nas comunidades portuguesas - especialmente no Brasil - e, pelo seu reflexo na dignidade nacional, provocaram a intervenção de autoridades diplomáticas e consulares; fizeram-se ajustamentos legislativos e aumentou a vigilância quer em Portugal quer nos portos de chegada. (Idem, p: 466).

Além disso, no século XIX e ainda nos primeiros anos do século XX, era a urgência de uma melhor qualidade de vida que ditava as regras. Em geral saía do país quem não via outros horizontes, já que emigrar era uma aventura arriscada, que poderia custar a vida dos cidadãos e que não era estimulada pelos governantes. Apesar disso, os portugueses continuavam a deixar sua terra. À época, o principal destino era o Brasil. Embarcados em veleiros, dormindo em porões, com total insalubridade e comida escassa e de má qualidade, o contágio de doenças não era raro. Havia, ainda, o risco de mortes tanto durante a travessia do Oceano Atlântico, quanto em terra firme. Leite (idem, p: 743) relata uma das tragédias, ocorrida na barca portuguesa Santa Clara. Saindo do Porto em Agosto de 1857, e tendo como destino a cidade de Santos, no litoral de São Paulo, a embarcação levava 174 passageiros. A viagem durou 62 dias, e logo no seu início foram registados casos de “sarampo, febres gástricas e disenterias”, resultando na morte de 18 passageiros, sendo 16 crianças e dois adultos. Esses casos passaram a ser utilizados como desestímulo à emigração por parte das autoridades, um dos métodos usuais do governo era determinar a leitura de listas nas igrejas “com os nomes de emigrantes falecidos, como aviso dos riscos de emigração; também os jornais publicavam listas semelhantes e, evidentemente, davam notícias sobre as epidemias”, (idem, p: 465).

O trecho que relata a tragédia da barca Santa Clara faz parte de documento publicado na obra *“Negócios Externos, 1874, Emigração Portuguesa”*, e que foi transcrito por Costa Leite em seu *“Emigração Portuguesa: a Lei e os números”*. Na integralidade, tal documento traz como informação adicional um dado que serve para ilustrar como e porque se dava grande parte da migração de portugueses para o Brasil e, ao mesmo tempo, é testemunho histórico de que não eram apenas os mais abastados que migravam. Diz o texto que os 174 emigrantes a bordo da Santa Clara

teriam sido “contratados (...) por António Joaquim de Andrade Villares para o serviço de Campos Júnior & Irmão, da cidade de Campinas, na província de S. Paulo”.

A citação demonstra a tendência: foi prioritariamente o trabalho que arrastou homens (em maioria) e mulheres de Portugal para o desconhecido. Esta tendência de busca ocupacional se verificou nos séculos seguintes, e a necessidade dos portugueses de garantir a qualquer custo a subsistência através de uma ocupação remunerada fez Baganha (1994) definir a emigração portuguesa como “um movimento internacional de trabalho”. Os portugueses saem, e saíram, do seu país em busca de colocação profissional ou de melhores condições de trabalho e remuneração.

Foi exatamente essa busca que proporcionou a viragem na escolha de destinos e levou os portugueses a emigrarem em maior número para os países da Europa, como vimos nos quadros apresentados anteriormente. Baganha (1994) relata que a os emigrantes lusos, nos anos de 1960, substituem “numericamente os italianos e os espanhóis no mercado de trabalho francês”. Na França se destinavam aos serviços não especializados nos sectores domésticos, da construção civil e da agricultura, e foi na indústria que encontrariam maior oportunidade de trabalho na Alemanha, (Branco, 1986: 70-71).

Ao traçar um paralelo entre as remessas dos migrantes e as exportações portuguesas, Eugênia Mata (1994) apresentou dados impressionantes: os valores estiveram, do final dos anos 1800 até a década de 1980, quase sempre próximos da metade do volume das exportações, chegando ao máximo de 57% às vésperas da Primeira Guerra Mundial e ao mínimo de 13% do valor das exportações na década de 1950. O que fez Baganha afirmar:

É também inegável que a emigração foi durante este século o bem mais valioso que a sociedade portuguesa produziu para exportação, uma vez que nenhum outro bem ou serviço, por si só, teve ou tem tal peso nas exportações nacionais, (BAGANHA, 1994, p: 964)

1.3 – Próxima paragem, Portugal

“Portugal já não é um país de emigrante, mas uma pátria de comunidades”. (Pinto, 2005, p: 208)

Historicamente acostumados a se relacionar com o “Outro em seu território de origem: as terras descobertas, as colónias, os territórios ultramarinos, o Império Colonial” (FERIN CUNHA, 2003, p: 01), os portugueses tiveram que se adaptar a uma nova realidade. Ao longo das últimas décadas do século XX O país se transformou em destino de milhares de imigrantes oriundos de diversos continentes, da América do Sul à África, da própria Europa à Ásia.

No entanto, se o século passado pode ser considerado um marco na história da imigração do país, é necessário salientar que a atratividade de Portugal vem de tempos mais longínquos. A historiadora Míriam Halpern Pereira (1990), relembra que nos séculos XIV e XV “as imigrações de grupos sociais específicos”, exemplificando o caso dos mercadores e artesãos, já eram “uma constante da história portuguesa”:

(...) desde os flamengos que se instalaram nos Açores às colónias alemã, holandesa e inglesa instaladas em Lisboa e Porto. E provavelmente também haverá que inserir nesta categoria a colónia espanhola, cuja importância tem passado tão despercebida (...) a imigração de mão-de-obra galega que tem sido secundarizada. Contudo, desde os séculos XVII-XVIII que ela é importante em trabalhos sazonais (vindima do Douro) e de forma mais estável nos centros urbanos. (PEREIRA, M. 1990:738).

Mesmo com a presença de imigrantes no país desde a Idade Moderna, foi no século XX que a tendência à imigração se consolidou em Portugal. Até 1960 o país era essencialmente emigrante. Nesta década a situação começa a ganhar novos contornos com a entrada, em Portugal, de trabalhadores vindos de Cabo Verde. Mesmo assim, até 1974 os indivíduos originários de outras nações não chegariam a 30 mil cidadãos. É uma mão-de-obra que desembarca no país para fazer frente à necessidade de trabalhadores que se formou no vácuo na emigração portuguesa:

Os fluxos modernos de imigração que começam de maneira permanente nos anos 60, introduzem uma característica: trata-se de uma mão-de-obra recrutada em grande parte das antigas colónias, que vai comaltar o vazio deixado pelos emigrantes que se espalham nos países industrializados da Europa. É uma mão-de-obra de substituição e não complementar. (PINTO, 2005: 215)

Na década seguinte, Portugal, um país com 8,6 milhões de habitantes à época, viveu um movimento único: a chegada de um contingente que alcançava quase 10% da sua população. Amaro (1985), citando dados do extinto IARN⁶, Instituto de Apoio ao Retorno dos Nacionais, informa que com a independência das ex-colónias africanas “calcula-se que no período de 1974-76 terão chegado a Portugal entre 500.000 e 700.000” indivíduos provenientes das também chamadas províncias ultramarinas. Pena Pires (2010), referencia-se a um universo de 500 mil “repatriados”.

Os chamados “retornados” não poderiam ser classificados como imigrantes em Portugal. Eram cidadãos portugueses que tinham emigrado em busca de novas oportunidades, outros estavam a serviço do Estado nas colónias e um terceiro grupo era formado por indivíduos nascidos em território africano, mas com ascendência e cidadania portuguesa, eram, na realidade refugiados da guerra no Ultramar.

À luz da lógica este terceiro grupo não deveria ser chamado de retornado, visto que jamais partiu de Portugal, mas genericamente todos os que chegaram ao país após o período de guerra ultramarina receberam a denominação. Mesmo os milhares que buscaram abrigo em outros países – a maioria no Brasil – eram identificados como retornados não só em Portugal, mas também na nação de destino.

Para acomodar e dar apoio ao imenso número de pessoas foram criados mecanismos governamentais. Além do já citado IARN, o Governo português instituiu a Secretaria de Estado dos Retornados, anexa ao Ministério dos Assuntos Sociais (Outubro de 1975) e, com a extinção desta última, o “Comissariado para Desalojados” (Setembro de 1976), que a substituiu.

A grande maioria dos chamados retornados possuía qualificações profissionais e escolares médias ou elevadas. Grande parte se fixou nas camadas média e média alta

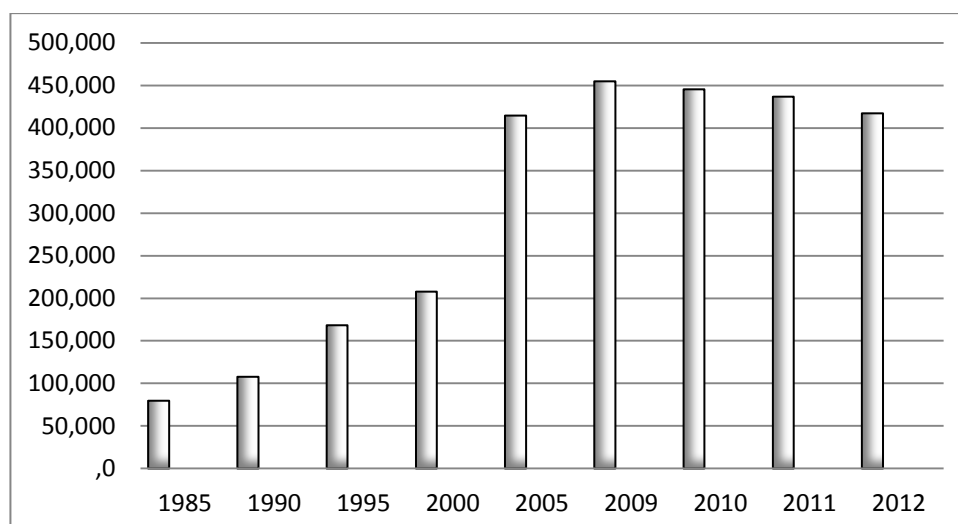
da população em Portugal. Em 1981, o Recenseamento da População apontava que residiam no país 505.087 (ilhas incluídas) indivíduos que a 31 de Dezembro de 1973 viviam nas ex-colónias (Amaro, 1985).

Se os retornados eram indivíduos com qualificação formal alta, o mesmo não se verificaria nos imigrantes que buscaram Portugal como destino na década seguinte. Os anos de 1980 assistiram a uma profunda alteração no quadro de qualificação dos imigrantes. A partir dessa década começou a aportar no país uma mão-de-obra não qualificada que iria, principalmente, ocupar vagas funcionais existentes nos sectores da construção civil e nos serviços domésticos. Mesmo assim, o percentual de migrantes ainda não alcançava números substanciais, até o final da década não chegaria a um por cento da população, (BARRETO; PRETO, 1996, p: 73, *in* CARVALHO, 2009, p: 10) .

Mesmo com pequenos percentuais foi a partir dos anos de 1980 que a massa de imigrantes não parou de crescer. Se no início daquela década residiam em Portugal 50.750 cidadãos oriundos de outros países, em 1990 este número dobrou, ultrapassando a barreira dos 100 mil. Em 2000, eram mais de 200 mil indivíduos. Sete anos depois, em 2007, chegavam, de acordo com o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras a 435.736 indivíduos, e em 2009, os dados, mesmo que provisórios, apontavam um aumento de mais de 14 mil novos imigrantes em situação legal no país: eram 454.191, ou acima de 4% da população portuguesa. Calcula-se que atualmente Portugal tenha uma população imigrante na ordem de 6% (Pena Pires, 2010). De acordo com o Relatório Anual do SEF referente a 2010, ocorreu um decréscimo da população imigrante na ordem de 1,97%., com a queda a dever-se ao aumento da atribuição da nacionalidade portuguesa e crise econômica. O Gráfico I demonstra a evolução deste crescimento:

Gráfico I

Evolução da imigração em Portugal a partir da década de 1980



Fonte: SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, Relatório Anual 2012.

Mesmo representando “um caso de convergência tardia ao padrão global”, (Carvalho, 2009: 10), o final do século reafirmava que o país estava longe de ser a sociedade “não plural” definida por Hermínio Martins em 1971, pela sua “homogeneidade cultural, política, étnica, linguística e religiosa” (idem). O Portugal moderno, com economia aberta ao capital estrangeiro e emprego farto e que ampliava a facilidade de acesso a serviços como educação e saúde se viu em poucos anos envolvido por novas culturas, etnias e distintos idiomas, passando a ser destino preferencial de milhares de imigrantes. Até meados da década de 1990, quem voltava seus olhos para o país eram notadamente os indivíduos oriundos das ex-colónias e que tinham o português como língua oficial. A partir desse momento Portugal se torna atrativo também para povos de outras nações, com destaque para os chamados europeus do Leste, com destaque para os ucranianos moldavos e romenos. O fluxo desses imigrantes começa a se intensificar a partir da segunda metade dos anos de 1990, mas é a partir do início do século XXI que se registra o maior número de entradas, (Pena Pires, 2010, p: 57)

A integração europeia e o Acordo de Schengen, do qual Portugal é signatário desde 25 de Junho de 1992, vêm se somar aos demais fatores que contribuíram para um fluxo maior de imigração. O Acordo era uma chancela de trânsito irrestrito e sem burocracia: permitia a livre circulação de pessoas nos países europeus sem

necessidade de vistos ou autorizações. Essa chancela não era restrita aos membros da sociedade majoritária, mas a todos os que ocupavam o espaço europeu coberto pelo tratado. Schengen versava sobre a livre circulação das pessoas, e não sobre a origem dos indivíduos, e ir e vir por praticamente toda a Europa era um inegável atrativo para os que buscavam colocação profissional no Velho Continente.

Com todo esse desenvolvimento económico, social e político Portugal não iria fugir à tendência verificada junto aos países que registavam ascensão em todos os níveis e viu emergir uma nova realidade, de onde, de acordo com Ferin (2002), surgiram “(...) processos sociais, integrados nos movimentos de globalização, como sejam a terciarização da economia e da sociedade, a imigração e os novos fenómenos de exclusão”.

Para Portugal, diferente de muitos países, o processo de modernização e o imenso fluxo migratório chegaram ao mesmo tempo. Se no Brasil, por exemplo, a massa imigratória do início do século passado encontrou um país ainda por construir e se transformou num dos motores para o surgimento e ampliação de riquezas em inúmeras regiões, em Portugal foram as riquezas e oportunidades advindas da integração europeia que transformaram o país no objeto de desejo de milhares de não nacionais em busca de melhor qualidade de vida.

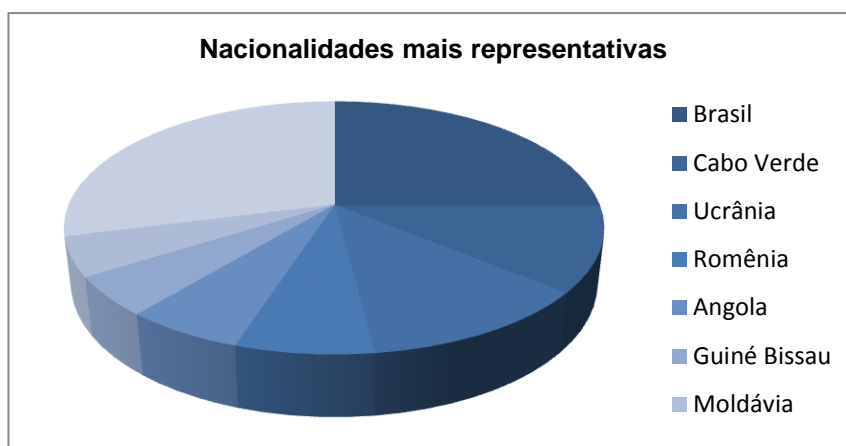
Assim, os portugueses tiveram que conviver, nesse período, com duas situações distintas: ao mesmo tempo em que viam a economia se acelerar e as possibilidades de ascensão social se tornarem reais, tinham, também como realidade, o fenómeno da volumosa imigração. A maioria dos estrangeiros que em Portugal chegava se guiava por um norte comum aos migrantes e que poderemos chamar de objetividade económica. Vindos de países onde não encontraram as oportunidades pretendidas, tentaram a inserção num mercado de trabalho que consideravam promissor. Buscavam alguma ascensão social num país emergente, económica e socialmente, e do qual boa parcela tinha domínio do idioma.

Era um fenómeno de dimensões consideráveis. Se até 1974 Portugal contava com menos de 30 mil imigrantes, a população estrangeira, como vimos, iria duplicar, triplicar, quadruplicar até alcançar os quase 500 mil indivíduos de outras nacionalidades que vivem atualmente em solo português. A maioria desses imigrantes

está concentrada em Lisboa, onde, segundo o Relatório do SEF, vivem 196.798 indivíduos em situação legal. Ainda de acordo com o SEF, 71% da população estrangeira seria oriunda de apenas sete países: Brasil, Ucrânia, Cabo Verde, Roménia, Angola, Guiné-Bissau e Moldávia. O gráfico II elenca as nacionalidades que se destacam pelo número de migrantes a vivendo em Portugal no ano de 2009:

Gráfico II

Maiores comunidades imigrantes de Portugal



Fonte: Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo, SEF – 2009

1.4 - Imigração brasileira: mais de um século em Portugal

“(...) Somos muitos Severinos
Iguais em tudo e na sina:
A de abrandar estas pedras
Suando-se muito em cima,

A de tentar despertar
Terra sempre mais extinta,
A de querer arrancar
alguns roçado da cinza.
Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história da minha vida

passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra.
(João Cabral de Melo Neto, *Morte e Vida
Severina*, 1955)

Inversamente a Portugal, o Brasil era um país de imigração. Este perfil começa a se alterar timidamente a partir dos mesmos anos de 1960, devido às conjunções políticas, até ganhar impacto nos anos de 1980 e 1990, devido à crise económica e consequente crescimento do desemprego. Essa tendência se mantém até hoje: mesmo com a estabilidade económica o fluxo de saída de cidadãos brasileiros continua a ser maior do que a entrada de cidadãos estrangeiros com vista à fixação de residência, dando ao país uma face emigratória.

De acordo com dados oficiais do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, 3.040.993 de brasileiros viviam, em situação legal ou “irregular”, fora do país em 2009, o que significa, aproximadamente, um aumento de 150% se comparados aos dados de 1996, quando o mesmo ministério informava a existência de 1.342.189 brasileiros estabelecidos em outros países. Os destinos preferidos de mais da metade destes indivíduos são os Estados Unidos. Portugal ocupa o quarto lugar na escolha dos brasileiros que decidem viver em outros países, perdendo para o fronteiriço Paraguai e o longínquo Japão. No continente europeu ocupa o segundo lugar, perdendo para o Reino Unido, que em 2009 contava com 180 mil imigrantes brasileiros, de acordo com os dados do Ministério das Relações Exteriores. O Quadro IV demonstra os continentes para onde os brasileiros se destinam preferencialmente:

Quadro IV:
Brasileiros no mundo

Continentes/ grandes áreas	Total
América do Norte	1.325.100
América do Sul	513.800
América Central	5.037
Europa	816.257
África	36.852
Ásia	289.557
Oriente Médio	31.890
Oceânia	22.500
Total	3.040.993

Fonte: MRE – Brasileiros no Mundo – Estimativas. 2009.

A presença de brasileiros em solo português remontará a mais de um século, embora a informação tenha “imprecisões, descontinuidades e variações de critérios” (Pires, 2010: 22). No Censo de 1941, do INE, os números da migração durante os 50 anos anteriores, de 1890 a 1940 revelavam que os imigrantes vinham, principalmente, da Europa: espanhóis, franceses, ingleses, alemães, italianos e belgas. Durante esse meio século, um único grupo de não europeus se destacou: os brasileiros formavam a segunda maior comunidade estrangeira de Portugal, a seguir aos espanhóis.

Quadro V **Emigrantes Brasileiros por 10 mil habitantes**

1890	12,3
1900	14
1911	20,4
1920	8,2
1930	12,6
1940	6,2

Fonte: Instituto Nacional de Estatística

Braga afirma que nos “anos 1960, entre os 30.000 estrangeiros residentes, 22% eram brasileiros que tinham chegado nas décadas de 1940 e 1950” (2010, p: 01).

Duas décadas depois, em 1980, a situação já estava completamente alterada. Com a atracção dos imigrantes cabo-verdianos, nos anos de 1960, o advento dos

retornados e a leva de migração africana na década de 1970, os brasileiros já não possuíam mais a colocação de outrora. Numericamente foram ultrapassados pelos cidadãos das PALOP em muitos milhares de indivíduos. Naquele ano contava-se em solo português 9.962 brasileiros a residir em Portugal, menos de metade dos angolanos, 50% a menos do que os cabo-verdianos e abaixo, ainda, dos franceses.

1.4.1 - Brasil, anos 80: crise económica, desemprego e migração

“Estamos fugindo da nossa década perdida pelos portões de embarque dos aeroportos internacionais”, (Sales, 1995:89). Este pensamento revela como a Academia analisava o impacto dos anos de 1980 para o Brasil. A década, a despeito das crises vividas pelos brasileiros, notadamente a econômica, foi promissora no setor político brasileiro: depois de mais de vinte anos vivendo sob um regime militar e impossibilitados de eleger diretamente seus presidentes da República, os brasileiros retomaram seus direitos políticos, instituíram um regime democrático e promulgaram uma nova e, em termos sociais, avançada Constituição.

Economicamente, no entanto, o país entrou pelos anos 80 e seguiu até meados da década seguinte, numa crise inflacionária histórica com a desvalorização constante da moeda. Os planos econômicos que visavam dar estabilidade financeira ao país se sucediam, e sucessivamente fracassavam, gerando desemprego em alta escala nos mais diversos sectores da sociedade e marcando aqueles anos, que ficaram conhecidos como “a década perdida”. Os índices e números do período são implacáveis, em apenas treze anos, de 1980 a 1993 os brasileiros tiveram que conviver com quatro diferentes moedas. De acordo com os arquivos da Revista Veja⁷, no período foram criados onze índices para medir a inflação, implantados nove planos de estabilização, além de “16 políticas salariais diferentes, 21 propostas de pagamento da dívida externa e 54 mudanças na política de preços”.

O desconforto do brasileiro frente à crise se agravava com o crescimento da violência nos grandes centros urbanos. Os principais jornais e revistas do país não deixaram de perceber o movimento de saída nos aeroportos. Foram inúmeras as

matérias jornalísticas que destacavam a decisão dos brasileiros, mesmo os de classe média, de emigrar. Cientistas sociais também se debruçaram sobre este novo movimento registado no país. Forjaz (in Soares, 1997:12), afirma que “os determinantes macrossociais (...) específicos da década de 80” foram “molas propulsoras fundamentais da migração da classe média”.

“No Brasil, a década de 80 foi marcada por uma forte recessão econômica, altos índices de violência e instabilidade política e social, remetendo o país, com maior ênfase, a exportar mão-de-obra para outros países. Ao final da década, já no governo Collor, muitos sentiram que aquele momento era o crucial, a gota d’água que faltava para arrumar as malas e ir embora”, (SOARES, 1997:34).

Do outro lado do Atlântico, cientistas europeus corroboravam este pensamento:

“No final desta década dá-se o início da reinversão da corrente migratória portuguesa para o Brasil: brasileiros das classes médias, desiludidos com os diferentes planos económicos e o confisco das poupanças no chamado plano Collor de Mello, procuram em Portugal novas oportunidades”, (FERIN CUNHA, 2003, p:02)

Mas autores como Patarra seguiram por outros caminhos e descartaram as definições conjunturais: o movimento migratório brasileiro não se fixava em uma fase específica da história do país, mas estava inserido num momento mais amplo da história mundial contemporânea e “caracterizava a questão social como inerente à nova etapa da globalização e afirmava que, portanto, esta tinha ‘vindo para ficar’”. (PATARRA, 2005:03)

No entanto, ao analisarmos as citações acima é possível retirar um sumo revelador sobre a imigração brasileira para além da discussão a respeito da relação desta imigração com fatores como a globalização ou a crise económica: na década de 1980 e no início dos anos de 1990 era, principalmente, a classe média do Brasil que arrumava as bagagens rumo a outras nações: “(...) os migrantes não eram os mais

pobres - em sua maioria, os movimentos estavam atingindo os jovens adultos de camadas médias urbanas”, (idem, p. 05)

Por seu turno, Pinto, ao analisar os imigrantes brasileiros em Portugal, sentenciaria:

Os brasileiros dividem-se em dois grupos: nas áreas da educação, científica, sanitária e técnica e um segundo grupo não especializado. Juntamente com os britânicos, os brasileiros com formação especializada constituem o grupo mais numeroso nos trabalhadores independentes (PINTO, 2009, p:220)

A rotina da imigração brasileira, que manteve a continuidade nas décadas seguintes, também sustentou no período o interesse constante da imprensa, e os ecos desta atenção era ouvidos na Academia:

Na mídia, há reportagens, quase diariamente, sobre brasileiros que migraram e vivem em outros países (...). O tema também foi tratado em telenovela recentemente transmitida em "horário nobre". Esses dois exemplos, entre outras evidências, ilustram a crescente visibilidade do tema; a consolidação de fluxos migratórios; os procedimentos adotados para a entrada nos Estados Unidos - agora via México -; os riscos que os migrantes correm; a violência e a corrupção dos atravessadores; a mescla destes com o narcotráfico; o tratamento desigual para os "migrantes documentados" e os chamados "migrantes irregulares. (PATARRA, 2005, p:02).

Teresa Sales (1994) fez um levantamento, entre os anos de 1985 e 1993, das notícias veiculadas na mídia sobre a imigração brasileira nos Estados Unidos, nos jornais brasileiros *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo*, *O Globo*, *Veja*, *Jornal do Brasil*, *IstoÉ*, *Jornal da Tarde* e *Gazeta Mercantil* e nos americanos *The Boston Globe*, *The New York Times* e *Bussines Week*. O resultado do levantamento, relativamente baixo em número, pode ser conferido no Quadro VI:

Quadro VI

Frequência no Noticiário sobre Emigração Brasileira

na Imprensa Segundo Temas 1985 – 1993

TEMAS	Frequência Números	
	Absolutos	Percentual
Clandestinidade e aspectos legais da migração	35	29,9
Criminalidade	24	20,5
Discriminação, questão étnica e imagem negativa do Brasil	19	16,2
Trabalho e Mercado de Trabalho	14	12,0
Negócios e imagem positiva do Brasil	8	6,8
Remessas de dólares ao Brasil, agência de remessas	5	4,3
Lazer e turismo	5	4,3
Crescimento das migrações do Brasil, diáspora	5	4,3
Igrejas	2	1,7
TOTAL	117	100

Fonte: Sales, 1994, p: 108

Se o enfoque sobre a imigração brasileira nos Estados Unidos da América era negativo - mais de 35% das notícias -, o mesmo não aconteceria, como veremos, com as notícias veiculadas sobre o Portugal recém entrado na Comunidade Econômica Europeia. Diante dessas informações os pesquisadores não tardaram a detetar um novo fator relacional que impulsionava os brasileiros para fora do seu país: as notícias veiculadas na imprensa. Os dados não seriam decisórios, mas estruturantes, como definido por Pinho (2001), que concebeu sua tese de mestrado considerando que “os processos de comunicação (interpessoal e mediada) são fatores que contribuem para a estruturação dos processos de decisão subjacentes às práticas migratórias que envolvem um qualquer processo de decisão”(p. 59), corroborando o nosso pensamento, já exposto.

1.4.2 - Rumo à Europa: a primeira e segunda “vagas” de brasileiros em Portugal

Analisando as produções jornalísticas sobre Portugal, veiculadas na Revista Veja nos finais dos anos de 1980 até meados da década de 1990, Pinho concluiu que tiveram importantes implicações no momento dos brasileiros escolherem Portugal como país de destino. O período inicial, que coincide com a entrada de Portugal na Comunidade Econômica Europeia, marca inúmeras reportagens positivas sobre o país no semanário, o que contrastava com a realidade dos brasileiros, que viviam em plena crise econômica como visto anteriormente. Os investimentos da Comunidade Europeia no país irmão poderiam ser vistas como uma vitrine de bons presságios para quem estava saturado das notícias sobre recessão e violência em sua própria terra.

No dia 1.º de janeiro começou a funcionar um dinheiroduto da CE ligando Bruxelas, capital comunitária, a Lisboa. É o Fundo de Coesão, ao qual têm direito Portugal, Espanha, Grécia e Irlanda, países mais pobres da Comunidade Europeia. Esse fundo despejará em terras portuguesas 35 bilhões de dólares até ao ano 2000, num fluxo ininterrupto de mais de 8 000 dólares por minuto, (Veja, 21/4/93), (PINHO, apud MALHEIROS, 2009, p: 69)

Mais do que simples informações, alguns dos recortes retirados da revista que ilustram o trabalho da autora possuem ares de convocação à uma camada da sociedade brasileira que poderia se estabelecer profissionalmente e investir em Portugal:

Até 1992 todos os mercados estão abertos a Portugal, avisou Cavaco, lembrando a data (...). Cada dia que passa é um passo perdido, acrescentou Cavaco. Se o empresário brasileiro não for ocupar esse espaço nos próximos dois anos, quando for fazê-lo já estará tomado por outros porque em nosso país não temos nenhum sentimento de xenofobia. (Veja, 15/6/88; retomado o discurso em 19/10/88, (Idem, p: 72)

Investir em Portugal é colocar dinheiro em um país estável política e economicamente, diz Luís Mira Amaral (...). Nosso país é, além de tudo, um excelente atalho para os 320 milhões de consumidores da Comunidade Econômica Europeia. (Veja, 9/1/91), (Idem, p: 72)

(Cavaco Silva) Eu tenho dito que os profissionais liberais são bem vindos em Portugal, mas têm de pensar que existem leis aqui e que têm de satisfazer a determinados requisitos. (Veja, 19/10/88), (idem, p: 72).

A resposta do outro lado do Atlântico não tardou a ser ouvida no saguão do Aeroporto da Portela, em Lisboa. Uma reportagem publicada por *Veja* na edição de 16 de Março de 1988, também apresentada pela autora em seu trabalho, dava conta que mais de 12 mil cidadãos brasileiros “desembarcavam de mala e cuia em Portugal”. Este contingente foi classificado como a “primeira vaga” de imigrantes brasileiros em terras lusitanas, eram profissionais com qualificações profissionais elevadas: dentistas, médicos, publicitários e informáticos, entre outros. Em 1991 existiam em Portugal, 12.678 imigrantes brasileiros em situação legal no país, destes 29,6%, algo em torno de 3 mil e 300 indivíduos, possuíam curso superior, incluindo os pós-graduados.

À luz da Teoria do Mercado de Trabalho Segmentado (PORTES, 1981, 1999, apud PEIXOTO, 2008), esses indivíduos engrossavam as fileiras das “migrações profissionais” em contraponto com as chamadas “migrações laborais”, que caracterizaram a “segunda leva” da imigração brasileira em Portugal, a partir do final dos anos de 1990. De acordo com a teoria o mercado de trabalho é dividido em “dois segmentos principais”: o primário e o secundário, Enquanto o primeiro possibilita a ascensão na carreira, melhores remunerações e ampla proteção social, o segundo tem como pressuposto exatamente o contrário: baixos salários e insegurança, seja contratual ou social, (p: 21).

O fenômeno migratório de profissionais melhores qualificados – graduados e pós-graduados - também é conhecido como *brain drain*, ou fuga de cérebros. O termo, cunhado nos anos de 1920, quando da imigração de cientistas e intelectuais, oriundos da Europa, para os Estados Unidos é ainda largamente utilizado nos dias atuais no que refere ao deslocamento de profissionais de nível superior dos seus países para outras nações onde existam melhores possibilidades de integração e ascensão profissional.

Os bons ventos da mudança que sopravam em Portugal no limiar do século XX não movimentaram apenas os cérebros brasileiros. A um oceano de distância as empresas da antiga colônia portuguesa se preparavam para investir no país. O mercado em expansão e a estabilidade econômica do país, que em 1993 possuía uma inflação anual de 5,927, eram ingredientes saborosos para empresários que viviam, a

milhares de quilômetros, a realidade de um mercado em retração e com uma inflação que no mesmo ano alcançava exatos 2.477,148 pontos percentuais.

Diante deste quadro, empresas de grande porte do mercado brasileiro não tardaram a implantar unidades em terras lusas. Assim como Schengen era um atrativo para a imigração que via Portugal como a porta de entrada para a Europa, a livre circulação de mercadorias prevista nos artigos 28º e 29º⁸ do Tratado Sobre o Funcionamento da União Europeia abria aos empresários brasileiros um mercado potencial, um continente inteiro de consumidores. Uma das maiores empresas aeroespaciais do mundo, a Embraer, Empresa Brasileira de Aeronáutica, possui duas unidades no país, uma em Évora e outra em Alverca, assim como aqui se estabeleceram a Odebrecht, sob o nome Bento Pedroso Construções - BPC, que em 2007 foi considerada a maior construtora de Portugal pela Revista; o Banco do Brasil, o Banco Rural Europa, a rede de perfumaria e cosmética O Boticário, que possui atualmente 50 lojas espalhadas pelo país e uma loja *online*; as redes Record e Globo de Televisão, a rede de joalherias H. Stern e a fabricante de autocarros Marcopolo. Um dos símbolos do desenvolvimento brasileiro, a Companhia Siderúrgica Nacional, criada por Getúlio Vargas e privatizada por Itamar Franco também se instalou no país, e, atendendo pelo nome de Cimpor, produz cimento em Portugal.

Essa movimentação brasileira em Portugal não tardaria a ganhar as páginas dos jornais lusitanos. No que tange à vinda das empresas os números dos investimentos eram apresentados ao país pela pena dos jornalistas, a exemplo do texto abaixo, publicado pelo Diário de Notícias em Setembro de 1993:

Estima-se que os brasileiros já investiram mais de 155 milhões de contos (mais de 1 bilhão de dólares) e que tenham gerado, com os seus empreendimentos, mais de 8.200 postos de trabalho (até o ano de 1993). (Diário de Notícias, *in* Soares, 1997, p:36).

Se no século XXI, como veremos no Capítulo II, a imigração brasileira teria presença impactante na mídia portuguesa, estampada com alguma frequência nas páginas policiais, as décadas de 1980 e 1990 também dariam seu contributo para a construção das representações dos brasileiros na sociedade de acolhimento. No período, os imigrantes oriundos do Brasil, como vimos possuíam qualificações

acadêmicas e profissionais, e nestes setores estavam acima da média das demais comunidades migrantes estabelecidas em Portugal. Como também será exposto no próximo capítulo, o noticiário sobre a imigração à época desenvolvia um movimento pendular, ora produzindo um discurso em que o “Outro” surgia como vítima, ora surgia como construtor da violência. Era um período em que a comunidade portuguesa se habituou a receber, via imprensa, informações sobre os migrantes que estavam inseridos na camada menos favorecida dessa população, com limitações profissionais e acadêmicas que fragilizavam sua experiência no país de acolhimento.

Com os brasileiros se deu o contrário nesse primeiro momento de contato com a sociedade majoritária. As qualificações, e não a falta delas, também fragilizaram a imagem de pelo menos um grupo profissional, o dos cirurgiões-dentistas, e levaram essa categoria a pular dos consultórios para as páginas dos jornais.

A questão envolveu duas instituições de classe, a Associação Profissional de Médicos Dentista de Portugal, APMD e a ABOP, Associação Brasileira de Odontologia Secção Portugal. A primeira, que regulamentava a profissão em Portugal, questionava o trabalho que estaria sendo desenvolvido por dentistas brasileiros que viveriam em situação “ilegal” no país e sem autorização para exercer o ofício em terras lusas. A segunda defendia a atuação dos brasileiros e cobrava pelo cumprimento do Artigo XIV do Acordo Cultural Brasil-Portugal⁹, assinado em setembro de 1966. A situação chegou à mídia, primeiro em Portugal, depois no Brasil, e levou os dois países a um impasse diplomático¹⁰. Na mídia lusitana os cirurgiões dentistas brasileiros foram tratados de forma jocosa, como mostra a Figura I:

Figura I
Charge de *O Comércio do Porto*



Edição de 08 de Outubro de 1981, *in* Machado, 2003¹¹.

De acordo com Machado, 2003, a questão dos cirurgiões-dentistas em Portugal iria atingir de certa forma toda a comunidade brasileira no país. Em sua tese de doutoramento ele afirma que “criou-se um clima antibrasileiro que ressaltava a malandragem e a má-fé dos novos migrantes” (p: 207). Ao analisar a charge acima, o antropólogo brasileiro sentenciaria:

(...) os dentistas são vistos como representantes de todos os brasileiros, tanto que a charge não se refere aos dentistas brasileiros, mas aos brasileiros; ao mesmo tempo que a figura impõe uma imagem mulata ao brasileiro, em contraste com a face branca acentuada do português”, (idem, p: 209)

Ainda durante a década de 1990 outro confronto¹² marcou as relações entre os brasileiros imigrantes e os portugueses. Desta vez o que estava em causa eram questões religiosas. Em Portugal, o avanço da Igreja Universal do Reino de Deus, IURD - uma vertente evangélica fundada em 1977 no Brasil por Edir Macedo - gerou protesto e manifestações violentas. A igreja havia chegado em Portugal nos anos de 1980, mas foi na década seguinte que sua atuação, também criticada por parte da imprensa brasileira, chamou a atenção da mídia portuguesa. Para Machado (idem, p: 210) o legado desse confronto foi ressaltar, mais uma vez, estereótipos brasileiros, nesse caso associando a imagem da malandragem aos métodos da IURD.

As manifestações mais graves contra a igreja ocorreram em novembro de 1995, em Matosinhos. Foram dois dias de turbulência, no primeiro, fiéis foram agredidos, no segundo, a sala que servia de espaço ao culto foi totalmente destruída. A jornalista portuguesa, Manuela Teixeira, de *O Público*, relatou que neste dia os “os confrontos não foram para além dos insultos e das cuspidelas contra os aderentes a uma confissão que continua a causar polémica tanto no nosso país como no Brasil” e que “ovos, água e tomates foram lançados contra os fiéis”. A jornalista relata ainda que das janelas dos prédios vizinhos eram lançadas “cargas de água”¹³. Apenas um cinegrafista brasileiro a serviço da Rede Record de Televisão foi preso. De acordo com a jornalista o motivo da detenção seria a suspeita do técnico de imagem que estaria registrando “deliberadamente os trabalhos dos jornalistas, sobretudo os profissionais das televisões nacionais”.

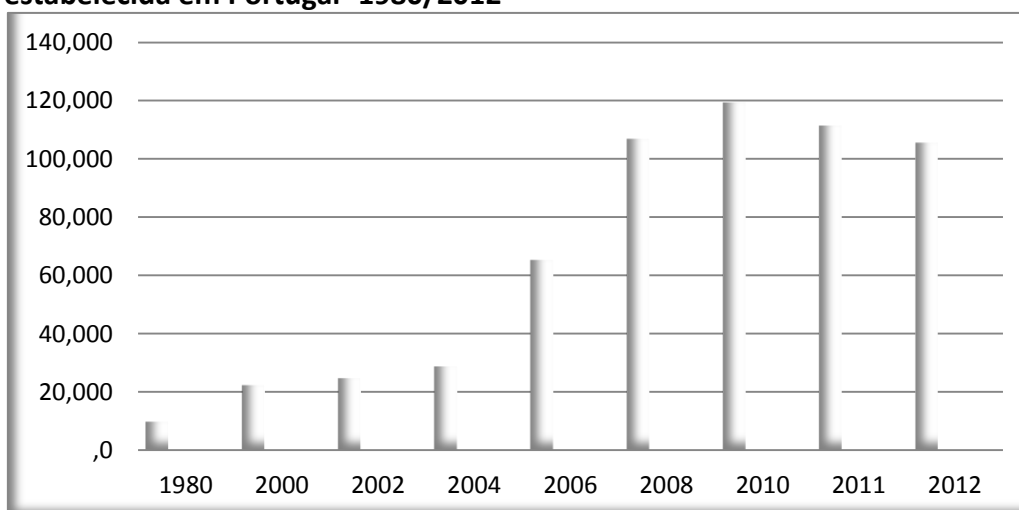
Além dos conflitos envolvendo dentistas e religiosos, outro grupo de imigrantes brasileiros chama, ainda que sem maiores estardalhaços, a atenção dos portugueses: as profissionais do sexo. Será apenas em meados da década seguinte que a presença delas no país irá provocar uma maior agitação tanto na mídia, quanto na sociedade, como veremos no próximo capítulo.

Desta forma, foi somente após a imagem dos nacionais do outro lado do Atlântico estar envolvida por esses eventos que tem início, em Portugal, o desembarque de um novo contingente de brasileiros.

1.5 - Dos números à Lei: a segunda “vaga” da imigração brasileira e a Regulamentação Extraordinária de 2003

A chamada segunda “vaga” é registrada a partir dos anos de 1998/1999. Trata-se de um contingente muito mais volumoso do que o fluxo registrado no final da década de 1980, início da década de 1990, e que foi se ampliando de tal forma a ponto de se estabelecer como a maior comunidade migrante de Portugal. No Gráfico III é possível observar o crescimento dos brasileiros com autorização legal para viver em Portugal nas últimas três décadas.

Gráfico III
Evolução da Comunidade Brasileira legalmente estabelecida em Portugal -1980/2012



Fonte: SEF – Relatórios de Atividade 2000 a 2012

Bógus (*in* Malheiros, 2007) afirma que este fluxo, entre os outros que se dirigiam para Portugal, foi o “que apresentou maiores mudanças quanto às características dos migrantes e à diversificação de suas áreas de origem no Brasil”(p: 48). Apesar disso, Baganha (2007, p: 2) afirma que a comunidade brasileira em Portugal, juntamente com a de imigrantes da Comunidade Europeia, possui uma “elevada percentagem de trabalhadores por conta própria”, ocupando, ainda “profissões científicas e técnicas e de diretores e quadros superiores administrativos” estando, portanto, no “topo da estrutura sócio profissional portuguesa”.

Mesmo assim há de se assinalar diferença que marca os dois fluxos. Se a primeira “vaga”, constituída em grande parte por profissionais qualificados, era, como vimos, profissional, a segunda iria se colocar entre as fileiras da migração laboral. Pesquisa realizada pela Casa do Brasil de Lisboa no ano de 2003 (*in* Malheiros, 2007) e que entrevistou 400 migrantes brasileiros com mais de 15 anos, residentes nos distritos de Lisboa e Setúbal, deixa claro a origem socialmente mais humilde dos novos deslocalizados. Esta

Oriundos, em maioria, das áreas urbanas e rurais de pequenas cidades localizadas nas mais diversas regiões do país, como Pernambuco e Bahia, no Nordeste; Goiás, no Centro-Oeste; Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e Espírito Santo, no Sudeste, e Paraná, no Sul do Brasil, esses brasileiros eram jovens com menos de 31 anos e possuíam “média e baixa qualificação” acadêmica. De acordo com dados não publicados dos Censos de 2001 (Malheiros, *idem*, p: 93), 16% possuíam ensino superior completo – contra os mais de 26% registrados em 1991 - e a maior parte, 48,9% tinha apenas o ensino básico. Esses cidadãos também não possuíam e nenhuma qualificação profissional e iriam ocupar postos de trabalho no comércio - principalmente na área de restauração - nos serviços domésticos e na construção civil, e, de acordo com Bógus, percebendo pelo ofício “salários inferiores aos auferidos pelos trabalhadores portugueses”, (p: 48). Os quadros VII e VIII abaixo demonstram transmutação da ocupação dos espaços profissionais por imigrantes brasileiros em Portugal no intervalo de 10 anos, entre os anos 1991 e 2001.

Quadro VII
Profissões da População Brasileira ativa em 1991

Profissão	%
Profissões intelectuais e científicas	22,5
Profissões técnicas intermédias	17,1
Quadros diretores de empresas públicas e privadas e membros legislativos	16,3
Empregados administrativos	9,5
Trabalhadores da produção industrial e artesões	9,4
Trabalhadores não qualificados da agricultura, indústria, comércio e serviços	9,2
Trabalhadores de instalações industriais e máquinas fixas, condutores e montadores	7,8
Trabalhadores da agricultura e da pesca	4,0
Forças Armadas	1,7
Não se aplica	0,4
Não se aplica	2,2
Total	100

Fonte INE – Censos 1991, dados não publicados, *in* Malheiros, 2007.

Quadro VIII
Profissões da População brasileira ativa em 2001

Profissão	%
Operários, artífices e trabalhadores similares	22,5
Pessoal dos serviços e vendedores	19,2
Trabalhadores não qualificados	19,0
Técnicos profissionais de nível intermédio	10,3
Especialistas das profissões intelectuais e científicas	9,8
Quadros sup. da Adm. Pública, dirigentes e quadros sup. de empresas	5,7
Pessoal administrativo e similares	5,4
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	5,0
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas	1,0
Forças Armadas	0,1
Não se aplica	2,1
Total	100

Fonte INE – Censos 2001, dados não publicados, *in* Malheiros, 2007.

Apesar dos quadros mostrarem alguma diferença de nomenclatura em relação a determinadas ocupações, a exemplo da categoria denominada em 1991 ***Trabalhadores da produção industrial e artesões***, que em 2001 ganha nova nomenclatura, passando a ***Operários, artífices e trabalhadores similares***, as profissões elencadas são, em síntese, as mesmas. Alguns índices chamam atenção pela discrepância percentual ocorrida ao longo dos 10 anos que separam os dois inquéritos e por confirmarem a tendência da nova imigração brasileira em Portugal. Este é o caso da queda acentuada na ocupação de postos na área intelectual e científica, que em 1991 era o setor que mais abrigava profissionalmente os imigrantes brasileiros, com 22,5% dos indivíduos. Em 2001, a categoria caiu do primeiro para a quinta posição, e, à época, apenas 9,8% dos migrantes oriundos do Brasil ocupavam postos no setor.

Os quadros diretivos de empresas públicas e privadas também passaram a contar com um percentual menor de brasileiros ao longo da década avaliada. A presença desses nacionais no setor passou de 16,3% para 5,7%. Inversamente os trabalhadores da indústria e artesões, que em 1991 ocupavam a quinta posição no ranking de profissões, com 9,4%, passaram ao primeiro lugar, com 22,5% dos brasileiros empregados nesse setor em 2001. Os trabalhadores não qualificados, que em 1991 formavam um contingente de apenas 9,2 %, ficaram, em 2001, na terceira posição com 19 pontos percentuais.

Esta característica dupla da imigração brasileira não é um fato isolado nem da referida nacionalidade nem dentro de uma perspectiva do fenômeno da imigração mundial. Baganha (idem) expõe que a migração em Portugal pode ser definida como bipolar, tal qual acontece em outros países, a exemplo do Japão, da Inglaterra e dos Estados Unidos, que recebem intensos fluxos migratórios. Esta bipolaridade é caracterizada por duas correntes distintas:

A primeira corrente é composta por mão-de-obra altamente qualificada, ligada à gestão, às novas tecnologias e ao saber, atraída para estes núcleos centrais do sistema económico por razões de estratégia económica e de investigação científica e tecnológica. A segunda corrente é formada por mão de obra que independentemente da sua qualificação é atraída para estas cidades pelas oportunidades económicas geradas parcialmente pela primeira corrente, para atividades que essencialmente não requerem qualquer tipo de qualificação específica, tais como 'catering', limpezas, serviços pessoais e domésticos, e toda uma

panóplia de pequenos negócios nomeadamente restaurantes étnicos, reparações domésticas e atividades ligadas ao lazer, (BAGANHA, 2007, p: 3).

O volumoso número de imigrantes brasileiros em Portugal, parte deles indocumentada e trabalhando sem contrato, e as boas relações diplomáticas entre os dois países produziu, pela primeira vez, de acordo com Padilla (*in* Malheiros, 2007) um instrumento legal de regularização extraordinária destinado a nacionalidades específicas, e não de “caráter universal” (p: 219). O ***Acordo entre a República Portuguesa e a República Federativa do Brasil sobre a Contratação Recíproca de Nacionais*** foi firmado em Julho de 2003 de forma bilateral, destinado a atender os interesses dos imigrantes dos dois países fixados nos Estados signatários.

Não seria possível assinar um acordo binacional desta natureza sem considerar o contexto global das relações Portugal-Brasil, sobretudo no que diz respeito a imigração. Neste sentido, os Brasileiros foram reconhecidos como a maior comunidade imigrante em Portugal, inclusivamente pelas autoridades do SEF. Por outro lado, esta relação transatlântica tem uma longa história, na qual a emigração e a presença portuguesa no Brasil ocupam um lugar de destaque, tendo este país, ao longo do tempo, dado tratamento especial aos Portugueses, facilitando a sua integração (Padilla, 2004), (Padilla, *in* Malheiros, 2007, P: 223).

Em Portugal, apesar das pesadas multas aplicadas, cerca de 30 mil brasileiros se registraram junto ao SEF, mas pouco mais da metade, algo em torno de 16 mil (*idem*, p: 218) conseguiram se legalizar. Desta forma, Acordo não foi suficiente para solucionar a questão da comunidade brasileira e o número de indocumentados continua significativo (*idem*, p: 213) a ponto de nem o Brasil, nem Portugal, terem a mais tênue noção do volume total deste grupo de indivíduos em terras lusas. A ausência de um contrato de trabalho registrado (*idem*), uma das exigências do Governo Português para, seria um dos obstáculos seria a legalização.

Esta perspetiva de não possuir documentos legais no país de acolhimento não é restrita a Portugal, e está entre as principais dificuldades encontradas pelos imigrantes brasileiros de acordo com pesquisa realizada pelo CSEM – Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios. A investigação ocorreu nos anos de 2007 e 2008 entre grupos de

imigrantes e ex-imigrantes no Japão, EUA (Boston), Portugal, Espanha, Itália e Inglaterra. Os indivíduos foram inqueridos ao buscar em organizações de ajuda aos migrantes e convidados a dar uma nota, que variava de zero a cinco, para cada uma das 10 dificuldades apontadas. O resultado é a média obtida das pontuações dadas pelos imigrantes ouvidos, como demonstra, a seguir, o Quadro IX:

Quadro IX
Principais dificuldades dos brasileiros imigrantes

Dificuldade relatada	Pontuação
Saudade	3,91
Documentação (falta de)	3,80
Falta de Orientação sobre os próprios direitos	3,65
Exploração trabalhista	3,25
Discriminação étnica	3,10
Insegurança quanto ao próprio futuro	3,05
Trabalho excessivo	3,05
Tristeza	3,03
Problemas financeiros	3,01
Problemas de moradia	3,00
Idioma	2,98
Dificuldade de adaptação	2,91

Fonte: CSEM

A despeito das leis, das dificuldades, da falta de documentos e da ausência de contratos de trabalho, o número de brasileiros em Portugal, como vimos, continuou a crescer. Os dados do Censos de 2011 deverão demonstrar o quanto a atual comunidade se difere, ou não, daquela que em Portugal estava há uma década. Quem são os atuais brasileiros que compõem o grupo de migrantes em terras lusas? Porque persistem no país apesar da crise econômica? Recém-chegados ou residentes de longa data? A letra fria das estatísticas aponta um crescimento, mas será ele real? Ou as novas autorizações são apenas reflexo daqueles que muito recentemente conseguiram, de direito, autorização para residir num país em que, de fato, há muito estão a viver? Esta última pergunta nos leva a outra: quanto tempo, em média, um imigrante brasileiro demora para conseguir a sua legalização em Portugal?

Diferentemente das estatísticas, as investigações acadêmicas permitem o relato humano. Dar voz aos imigrantes é o que inúmeros pesquisadores têm feito em escala mundial nas últimas décadas. E é através dessas vozes que conseguimos hoje entender algo sobre o complexo fenômeno da imigração, que podemos compreender o Outro a partir de sua imbricação com diferentes instituições de uma dada sociedade. E uma destas instituições, a mídia, é alvo da análise que faremos no capítulo a seguir.

Notas ao Capítulo I:

³ O **Acordo de Schengen** representa a queda das fronteiras e a livre circulação de pessoas dentro dos países europeus signatários. Trinta nações fazem parte do Espaço Schengen. Portugal assinou o acordo em 25 de Junho de 1991.

⁴ Em todo este trabalho iremos nos referir apenas aos dados referente à população imigrante legalmente estabelecida em Portugal, visto não haver dados confiáveis sobre o número de imigrantes que vivem no país sem autorização formal para tanto.

⁵ Existem, também, estatísticas produzidas pelos países de destino, a exemplo dos Estados Unidos da América e do Brasil.

⁶ Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais, criado em 31 de março de 1975 através do Decreto-Lei nº 169/75. Entre outras coisas o IARN auxiliou na evacuação e transporte de milhares de pessoas oriundas das ex-colônias e que tinham Portugal como destino.

⁷ Disponível em: http://veja.abril.com.br/arquivo_veja/inflacao-economia-planos-pacotes-real.shtml.

⁸ *Artigo 28.*

1. A União compreende uma união aduaneira que abrange a totalidade do comércio de mercadorias e implica a proibição, entre os Estados-Membros, de direitos aduaneiros de importação e de exportação e de quaisquer encargos de efeito equivalente, bem como a adopção de uma pauta aduaneira comum nas suas relações com países terceiros.

2. O disposto no artigo 30.º e no Capítulo 3 do presente título é aplicável tanto aos produtos originários dos Estados-Membros, como aos produtos provenientes de países terceiros que se encontrem em livre prática nos Estados-Membros.

Artigo 29.

Consideram-se em livre prática num Estado-Membro os produtos provenientes de países terceiros em relação aos quais se tenham cumprido as formalidades de importação e cobrado os direitos aduaneiros ou encargos de efeito equivalente exigíveis nesse Estado-Membro, e que não tenham beneficiado de drawback total ou parcial desses direitos ou encargos.

⁹ A íntegra do acordo poderá ser consultada nos anexos da presente tese.

¹⁰ Para maiores informações sobre a polémica consultar SOARES, C.A. (1997), **A emigração de cirurgiões-dentistas brasileiros para Portugal**. Campinas, SP: (s.n.).

¹¹ A ilustração foi cedida ao professor Igor Renó Machado pela Associação Brasileira de Odontologia Secção Portugal e constava de um dossiê de reportagens sobre dentistas brasileiros montado pela ABOP. A autora não encontrou elementos sobre a referida associação, que seria vinculada a Associação Brasileira de Odontologia, ABO, órgão de classe dos cirurgiões-dentistas brasileiros. A charge consta da tese de doutoramento de Machado, elencada na bibliografia do presente trabalho.

¹² A palavra confronto justifica-se, visto ter ocorrido embates físicos entre opositores e adeptos da Igreja Universal do Reino de Deus. Para mais detalhes sobre a presença da IURD em Portugal e as manifestações ocorridas consultar MACHADO, I. (2009), **Cárcere público : processos de exotização entre brasileiros no Porto**. Lisboa: ICS

¹³ Disponível em: <http://quexting.di.fc.ul.pt/teste/publico95/ED951113.txt>

Capítulo II

Imigração na mídia portuguesa: quatro décadas de investigações

2.1 – Introdução

A junção dos temas mídia e imigração ganhou espaço nos meios acadêmicos portugueses há mais de quarenta anos. Desde a década de 1970 que cientistas sociais de Portugal se preocupam em analisar a postura jornalística frente aos deslocalizados em terras lusitanas.

Neste capítulo iremos mostrar os esforços acadêmicos feitos no sentido de entender de que forma os imigrantes foram retratados pela mídia nacional e os eventos relacionados à migração que marcaram a imprensa portuguesa e - em um caso específico, chamado de as “Mães de Bragança” - a mídia internacional”.

A forma e o conteúdo midiáticos são vistos e revistos pelos acadêmicos em inúmeras pesquisas que estão sob o prisma da imigração. A discussão remonta quase 100 anos e foi inaugurada nos Estados Unidos no início do século passado. Assim, ao lado da academia portuguesa, cientistas de várias outras nacionalidades e de diferentes continentes apresentam suas contribuições para o tema. Alguns desses pesquisadores estarão presentes nesse segundo capítulo.

Como veremos nas páginas a seguir, foi aferido pelos estudiosos que a política e a economia também ditam o tom dos discursos relativos à imigração, notadamente no caso português, espaço geográfico de nossa análise. São leis, acordos e decretos que ora abrigam com mais “complacência” os migrantes, ora limitam suas movimentações no território da sociedade de acolhimento.

Os investimentos externos feitos em Portugal durante os anos de 1990, início dos anos 2000, e que deram origem às inúmeras obras de porte, foram um atrativo a mais para braços estrangeiros dispostos ao trabalho.

Da mesma forma como os governos, a mídia se movimentava pela dualidade dos discursos que por vezes vitimizavam os imigrantes e, por outras, os criminalizavam.

Mesmo com cidadania portuguesa, os descendentes dos migrantes, ou a segunda geração como é referida tanto na academia quanto na imprensa, também são vistos, na mídia, como o “Outro”. Tomando a parte pelo todo, eles, muitas vezes, sofreram generalizações que os associaram etnicamente - segundo a bibliografia revista para o presente capítulo - a grupos que não raras vezes povoaram as páginas policiais dos jornais portugueses. As gangues juvenis, por exemplo, não eram, de acordo com os textos jornalísticos, formadas por indivíduos em particular: elas tinham cor e origem geográfica.

Até mesmo quando se tratou de um grande erro jornalístico, como no caso do “Arrastão de Carcavelos”, “foram esses jovens” que a imprensa acusou de incitar a violência num tranquilo feriado na primavera. Com retoques de espetáculo violento, esses rapazes e moças foram mostrados como uma “horda agressiva” a um país não acostumado a imagens de furtos sequenciais orquestrados por “bandos de adolescentes delinquentes”.

Uma “horda agressiva” e “bandos de delinquentes” que só existiram nas manchetes jornalísticas.

2.2 – Investigando a mídia: relatos acadêmicos da imigração

“O homem marginal, tal como é aqui concebido, é um indivíduo a quem o destino condenou a viver em duas sociedades e em duas culturas, não só diferentes, mas antagônicas. (...) O homem marginal é um tipo de personalidade que aparece no tempo e no lugar onde, do conflito de raças e culturas, surgem novas sociedades, novos povos e culturas. O destino que o condena a viver, ao mesmo tempo, em dois mundos, é o mesmo que o compele a assumir, em relação aos mundos em que vive, o papel de cosmopolita e estrangeiro. (...) O homem marginal é produto incidente de um processo de aculturação, que ocorre

inevitavelmente quando povos de diferentes culturas e raças se reúnem para viver em comum”.
(PARK, apud STONEQUIST, 1948, p: 28;31)

O sociólogo Robert Park (1864-1944), foi um dos fundadores e destacado representante da Escola de Chicago, que, nos estudos sociológicos, combinava conceitos teóricos com pesquisas empíricas etnográficas. O pesquisador teve uma vigorosa produção acadêmica a partir de 1903, com o mérito de ter sido o primeiro cientista social a, segundo as palavras de Carvalheiro (2008), “abordar simultaneamente a comunicação e os grupos migrantes”. Tais estudos foram inaugurados com a obra *The Immigrant Press and Its Control New York*, publicada originalmente em 1922. Em 1928, Park publicou no *American Journal of Sociology*, uma de suas maiores referências científicas: *Human Migration and the Marginal Man*, que inspirou inúmeros estudos de excelência¹⁴.

Pioneiro na análise dos contatos culturais, Park dividiu a história dos indivíduos em situação de imigração em quatro passos dentro de um ciclo de relações de “raça”: contato, competição, acomodação e, por fim, assimilação. Era uma busca de compreensão sobre os movimentos que levam à integração das comunidades estrangeiras nos países de acolhimento. Foi investigando a imprensa produzida pelos e para os imigrantes nos Estados Unidos que o pesquisador inaugurou, via mídia, os estudos deste processo de integração. E integrar, no sentido analisado por Park, não significava homogeneização (Carvalheiro, 2008), e sim à integração tal qual como referida por Nelly Elias e Dafna Lemish (2008, 2010): um processo em que o migrante procura adaptar-se social e culturalmente à nova sociedade enquanto busca a manutenção da “afinidade nacional” em relação ao país de origem. As autoras, num musculoso estudo que pesquisa a influência da mídia no processo de integração de famílias e jovens de origem russa, imigrantes em Israel, concluíram que:

(...) tanto pais quanto filhos não estão apenas envolvidos em uma integração “exterior”, ou seja, adaptação cultural e social à sociedade que os acolhe, mas também em uma integração “interior” – em que se empenham para preservar a unidade familiar interna e compartilhar a herança cultural fragmentada pela imigração. (ELIAS & LEMISH, 2008, p:21)

O papel da mídia do país de acolhimento pode ser definido como paradoxal neste processo de integração. Ao passo que oferece os meios necessários para que os indivíduos em situação de imigração percebam com mais clareza a sociedade em que decidiram se inserir, a mídia acaba por promover a noção da diferença, da percepção estereotipada do outro:

(...) já foi comprovado que os imigrantes que mais consomem *media* pela língua de acolhimento tendem a se adaptar à sociedade com mais facilidade (Becker, 1998; Johnson, 1996; Lee e Tse, 1994; Stilling, 1997). De outro lado, os *media* do país de acolhimento também moldam e alastram estereótipos negativos dos imigrantes, e essa exposição provoca sentimentos de alienação em relação à sociedade que os hospeda e promove a sua segregação social (ELIAS e KESHISHIAN, 2000; LEMISH, 2000). (Idem).

Para Carvalheiro (2008), estes estereótipos, ou representações como o autor prefere definir, sobre os migrantes presentes na mídia são responsáveis pela forma como a sociedade de acolhimento, transmutada em audiência, percebe “a existência de diferenças associadas a grupos sociais e lhes dão significado”, (p: 54).

Fonte inesgotável de descobertas científicas, a junção migração-comunicação tem produzido inúmeros estudos ao longo destes últimos 90 anos. As variáveis dos diferentes grupos de imigrantes, sejam culturais, de género ou etária, e a inquestionável amplitude e diversificação verificada na mídia ao longo do tempo - com a introdução de novas tecnologias e produtos comunicacionais - parecem ser a matéria-prima do fio condutor que leva à produção das mais distintas pesquisas académicas a sobre o tema, associado, notadamente às audiências regidas sob os Estudos da Recepção – objeto de nosso próximo capítulo -, e às análises do tratamento dado pela mídia ao tema imigração em Portugal, foco do presente capítulo.

2.3 - Portugal: a agenda social, económica e política orientando os discursos midiáticos sobre a imigração

“(…) convém constatar que as temáticas subjacentes ao fenómeno da Imigração e Minorias Étnicas entraram nas rotinas dos Media em Portugal constituindo um sinal claro de uma ordem socioeconómica globalizada, onde a par e passo com as questões de justiça de trabalho e redistribuição económica, adquirem crescente visibilidade as questões culturais vinculadas à identidade, etnicidade e pluriculturalidade”. (FERIN CUNHA et al, 2004, p: 93)

Na mídia o tema imigração passou a ocupar com maior frequência a atenção da imprensa portuguesa no início dos anos de 1990 de acordo com Ferin, (1997). Malheiros, (1996), se antecipa e situa que foi em meados da década de 1980 que o assunto começou a ser visto com atenção mais detalhada por “políticos, jornalistas e investigadores portugueses”. Essa frequência mediática imposta pela imigração ganhou substancial impulso a partir dos anos 2000. No entanto, já na década de 1970 o tema fazia parte da agenda mediática como veremos a seguir.

Ao longo destes mais de 40 anos o tema imigração foi tratado na mídia, sob o prisma jornalístico, de maneiras distintas e sempre estariam relacionados às agendas institucionais, políticas, econômicas ou sociais.

Ferin Cunha e Santos (2006) descrevem que os discursos mediáticos portugueses sobre as imigrações podem ser classificados de três formas: qualificação, policial ou político, circunscrevendo, ainda, o período em que cada um desses discursos foi frequentemente mais utilizado: em 1970 “o foco da análise discursiva esteve nos critérios de qualificação (geográficos, culturais, económicos, jurídicos ou físicos) do Outro”. Na década de 1980 o tema foi mais visto sob o enquadramento policial “ao enfatizar práticas discursivas que ressaltavam a clandestinidade e a criminalidade que permeava as migrações”. Nos anos de 1990 e no início dos anos 2000, o tema passou a ser mais rotineiramente tratado sob o prisma da politização devido às “revisões das políticas” voltadas para os imigrantes. No campo científico o interesse pelo assunto produziu estudos em diversos países: a inter-relação entre comunicação, fluxos migratórios e migrantes começou a ser alvo frequente de atenção académica nesses tempos de globalização.

Conteúdo e forma da repercussão mediática sobre o tema imigração têm sincronia fina com os acontecimentos políticos, econômicos e sociais, ou, nas palavras de Ferin (Cádima; Figueiredo, 2003, p: 126, 127) “os *mídia*, de uma forma geral, são instituições integradas nos contextos políticos, sociais e econômicos do nosso país”. Não se trata, especificamente, de uma vertente exclusiva à imigração. Essa tendência da mídia em se guiar por assuntos específicos, dando maior ou menor ênfase a determinados temas deu origem à Teoria do Agendamento, ou Agenda Setting, desenvolvida por McCombs e Shaw nos anos de 1970¹⁵.

A teoria tem fundamentos nos estudos de Walter Lippmann (1922) para quem os indivíduos se posicionam não aos fatos reais - já que lidam com uma realidade nem sempre conhecida de forma direta, e que é, na maioria das vezes, repassada por outrem - mas às imagens construídas, às representações. Em outras palavras, não reagimos à realidade pura e simples, mas sim ao imaginário que dela possuímos. Nesse processo, a Comunicação tem colaboração decisiva, criando o que o autor chamou de pseudo-ambientes:

Lippmann define as representações emanadas da comunicação como sendo pseudo-ambientes que se interpunham entre o homem e seu ambiente (verdadeiro). Mais que essa constatação, interessava a Lippmann as repercussões da existência social do pseudo-ambiente, pois, conforme este autor, elas “operavam, não no pseudo-ambiente onde o comportamento é estimulado, mas no verdadeiro ambiente”, (RUBIM, 2000, p: 29)

Posterior a Lippmann, Bernard Cohen, na década de 1960, cunhou a frase que pode ser considerada o pilar da teoria do agendamento: "Na maior parte do tempo, a imprensa pode não ter êxito em dizer aos leitores o que pensar, mas é espantosamente exitosa em dizer aos leitores *sobre o que pensar*"¹⁶. McCombs e Shaw conceberam a teoria a partir de uma investigação sobre a campanha presidencial dos Estados Unidos em 1968. Entre outros objetivos, os autores pretendiam analisar se os temas mais importantes para os eleitores eram, também, os que tinham maior projeção nas coberturas jornalísticas. Ou seja, empiricamente pretendiam testar se haveria relação entre o grau de importância dado a determinado fato pelo público e a

quantidade de exposições mediáticas deste mesmo fato. Ao concluir o estudo, os pesquisadores sentenciaram:

O mundo político é reproduzido de modo imperfeito pelos diversos órgãos de informação. Contudo, as provas deste estudo, de que os eleitores tendem a partilhar a definição composta dos *media* acerca do que é importante, sugerem fortemente a sua função de agendamento (McCombs e Shaw, 1972, apud Traquina, 2000, p.57).

Desta forma, e como dissemos anteriormente, os acontecimentos que marcaram a noticiabilidade do tema imigração foram sendo apresentados à sociedade portuguesa de acordo com os contextos políticos, sociais e económicos do período. Isabel Ferin relatou, durante seminário ocorrido em Lisboa no ano de 2003 - e citado abaixo - que durante a década de 1990 até o ano de 2003 analisou, isoladamente ou junto com sua equipa, o discurso telejornalístico sobre a imigração. Na maior parte do período as análises, segundo a autora, se debruçaram sobre amostras, a exceção dos anos de 1999-2000, quando trabalhou “com os dados recolhidos ao longo de todo esse período”, (Cádima e Figueiredo, 2003, p: 127).

O resultado desse esforço pode ser em parte conferido no artigo *A Imigração e as Minorias na imprensa e na televisão*, (Ferin, 2003). Nele a autora identificou “três grandes períodos” de discursos jornalísticos referentes à imigração e às minorias étnicas, bem como “três grandes contextos políticos, económicos e mediáticos”, classificando cada um desses períodos. O objetivo era sintetizar “as tendências temáticas discursivas”.

A década de análise também coincide com o período de exponencial aumento da imigração no país, a ponto de permitir que alguns autores se referissem, a partir de então, a Portugal como uma nação não mais de emigração, e sim de imigração. Ponto com o qual, como vimos no primeiro capítulo deste estudo, discordamos. A Portugal se dirigiu - e ainda se dirige, mesmo que em menores proporções – um intenso fluxo de imigrantes, transformando-se em país de acolhimento para inúmeras nacionalidades, mas seu fluxo emigratório nunca deixou de existir, vivendo hoje o país numa situação mista de emigração e imigração que atinge níveis consideráveis.

Nos estudos de Ferin os períodos identificados circunscreveram os anos de 1992 a 1995, designado como “*Entre o Império e a Europa*”; de 1995 a 1998, intitulado “*Na Europa com Quadros de Apoio*”; e de 1999 a 2003, que definiu-se chamar de “*Na rota da Globalização*”.

“*Entre o Império e a Europa*” é a fase em que se observa na mídia portuguesa a dualidade de posições, que a pesquisadora optou por chamar de “tensão”, sintetizada em discursos que aludiam ao passado colonial do país – já que, com efeito, as migrações que se dirigiam a Portugal à época eram, em sua maioria, oriunda das ex-colônias portuguesas - e um novo discurso que buscava “aproximação às políticas europeias”, visto que o país aderiu à Comunidade Econômica Europeia, hoje União Europeia, poucos anos antes, em 1986.

Este momento particular se caracteriza pela necessidade de deixar para trás o antigo “discurso de origem colonial, em que o *Outro* – imigrantes africanos e oriundos de ex-colônias - estava integrado no *Nós*, e ao nascimento de um novo discurso, fundado na necessidade de assumir o discurso institucional europeu sobre o *Outro*”, (Ferin, 2003, p:3). O fato é que o “outro”, integrado ao passado colonial português, não estava inserido na história dos demais países membros, o que dava o tom diferenciado aos discursos das demais nações europeias, enquanto em Portugal este discurso ainda sobrevivia associado ao passado, à história nacional, antiga e recente, e aos séculos de colonização. Naquele momento tal discurso já não mais poderia se integrar à realidade portuguesa, o país precisava, agora, ecoar as palavras europeias a respeito da imigração.

Como relatamos no capítulo anterior, em junho de 1991 Portugal torna-se signatário do Acordo de Schengen, que passa a permitir, sem restrições, a circulação de cidadãos europeus dentro dos países aderentes. Os passaportes estavam dispensados, apesar de ser necessária a apresentação de algum documento de identificação, mas, em síntese, o acordo representava a queda das fronteiras para os que viviam na Europa. Schengen, como também visto no primeiro capítulo, significava mais do que a liberdade de circulação entre os países da Europa: Portugal teria que se adequar à posição europeia a respeito da entrada de estrangeiros com vistas a se fixarem no país.

Esta adequação criou regulamentações distintas, ancoradas nos momentos políticos e econômicos atravessados pelo país. Em outubro de 1992, o Decreto-Lei 212 criava medidas de “discriminação positiva em relação aos nacionais de países de língua oficial portuguesa” (Baganha, 2005), para, em março de 1993, restringir a entrada de novos imigrantes, como previa o Decreto-Lei 59. O objetivo era chegar a imigração zero:

Como foi então afirmado pelo ministro da Administração Interna, o objetivo político era “limitar, de forma criteriosa e prudente, a fixação de novos imigrantes”. Este limite era tendencialmente de zero, como mais tarde o Ministro veio a clarificar: “não receber mais imigrantes sem integrar as comunidades que já existem no país” (citação de Dias Loureiro, no *Público*, 13 de novembro de 1993), (BAGANHA, M.I., 2005, p: 4)

Assim se por um lado as disposições legais discriminavam positivamente os imigrantes oriundos das ex-colônias, por outro criava mecanismos para chegar a um nível de imigração zero. Esta aparente ambiguidade das leis e dos discursos oficiais acabariam por estabelecer a agenda mediática lusitana sobre imigração no continente europeu, em geral, e em Portugal, em particular.

A respeito desse período Willy Filho (2008) informa que os “protagonistas” que receberam maior destaque na imprensa foram os indivíduos oriundos dos PALOP. Citando Ferin como referência, ele esclarece que “tanto a televisão como a imprensa generalista” tinham como temas preponderantes a criminalidade e as questões habitacionais relativas aos imigrantes. Este grupo de migrantes chegava, pelas mãos da mídia, aos lares portugueses de duas formas maioritárias e bem definidas pelo autor: “supostamente viveriam quotidianos condicionados, por um lado, pela marginalidade e pela violência das «gangs juvenis», e por outro, por situações de miséria, de clandestinidade e de precariedade de alojamento”, (Filho, 2008, p: 43).

Apesar de a mídia relacionar as gangues a grupos de imigrantes, na realidade, de acordo com Ferin, elas eram formadas em sua maioria por jovens de nacionalidade portuguesa, mas a origem, o tom da pele os associava “nos discursos públicos, à imigração”. Nas palavras da autora, o noticiário se colocava dentro de uma perspectiva

em que opunha o “bem contra o mal, criando heróis e vilões, apelando às emoções e aos sentimentos” (Cádima e Figueiredo, 2003, p: 127, Ferin, 2003, p: 6). Dentro desse contexto o lado emocional era despertado através do medo e da insegurança que a violência aticava, mas também em uma segunda via de produções jornalísticas sobre a imigração: os deslocados eram expostos como vítimas em situações de racismo.

Assim, o “Outro”, nesta fase e nas seguintes, não estava inserido, no tratamento dos mídia, como uma componente geral da sociedade portuguesa. Era sempre o Outro, e desta forma seria tratado. Suas histórias eram descoladas das histórias vividas pela comunidade geral, a origem geográfica de seu nascimento funcionava como marca para um tratamento não igualitário pela imprensa. A miséria tinha relação com a origem, a violência tinha relação com a origem, o preconceito a que eram submetidos tinha relação com a origem. A origem, por fim, era a linha mestra que estava a ser seguida pelos veículos de comunicação ao tratar do tema imigração. Era prioritariamente por ela que todos os demais aspetos da notícia se desenrolavam.

Tal posicionamento não é exclusivo da mídia portuguesa. Willy Filho (2008), ao citar Lorite (2004), relata o tratamento dado pela imprensa espanhola à imigração no início do século XXI:

Os diferentes meios de comunicação social de Espanha, além de supostamente compartilharem uma tendência crescente em dar visibilidade ao fenómeno da imigração e às problemáticas das minorias étnicas, apresentam também algumas coincidências em termos de tratamento, como por exemplo: falta de critério ético ao trabalhar com imagens de arquivo, muitas vezes tecnicamente mal construídas ou contextualizadas de forma inadequada; recorrência em identificar o local de origem do imigrante, principalmente em peças negativas; (...) utilização de determinadas expressões relacionadas com a condição migratória («legal», «ilegal», «irregular», «indocumentado», «sem papéis», etc.), que alimentariam certos estereótipos; uso recorrente de um léxico que evocaria conflito («máfia», «expulsão», «criminalidade», «atentado», etc.); falta de novidade no tratamento visual do imigrante, normalmente registado como cidadão de segunda categoria, a desempenhar papéis secundários (FILHO, 2008, p: 39).

Carvalheiro (2008), por seu turno, busca em Barats (2001) a síntese da relação da mídia francesa com os imigrantes e seus descendentes naquele país no final dos anos de 1990 início dos anos 2000:

A análise de Barats mostra como, através dos processos discursivos e das representações sociais, a sociedade e os *media* franceses traíram na prática a ideologia “republicana” e cidadã proclamada pelo Estado (cujas estatísticas, por exemplo, omitem a ascendência) e construíram uma concepção étnica de nação. (...) Tendo por base as diferenças fenotípicas, esta caracterização etniciza os descendentes (...), sublinha sempre as origens, as raízes e a ascendência (...) e fixa as identidades em torno das origens ou da cor da pele. (CARVALHEIRO, 2008, p: 127)

O segundo período elencado por Ferin, “*Na Europa com Quadros de Apoio*”, acontece paralelamente à “assunção oficial da política europeia sobre a imigração” (2003, p:1), e vai de 1995 a 1998. Apesar de Portugal estar mais próximo das políticas de imigração do continente, necessita cuidar dos seus interesses internos e, como relata a autora, exceções são abertas para permitir que o país em expansão econômica consiga suprir a carência de mão-de-obra de um mercado de trabalho em crescimento. A construção civil era um setor em euforia e as obras - públicas ou privadas - pequenas, médias, grandes ou gigantescas se sucediam em ritmo extraordinário. São desse período construções superlativas como o Parque das Nações, a Ponte Vasco da Gama (a maior em extensão da Europa), a Gare do Oriente e a Barragem de Alqueva, no Alentejo, que é o maior lago artificial da Comunidade Europeia. Anteriormente, em 1991, é fundada a maior unidade de produção automobilística do país, o Parque Industrial Autoeuropa, em Palmela. E, posteriormente, em 2000, o Aeroporto do Funchal (Aeroporto Internacional da Madeira) é ampliado, e numa obra de engenharia digna no novo milênio, parte da pista construída sobre o mar.

Os recursos, à exceção da Autoeuropa, construída pela iniciativa privada, vinham dos fundos estruturais europeus, notadamente do FEDER, Fundo Europeu de Desenvolvimento Social, que em 20 anos – de 1986 a 2006 – representou, para Portugal, investimentos da ordem de 30 mil milhões de euros, beneficiando todas as regiões do país.

Para obras de tamanha proporção seriam necessários milhares de braços. Grande parte deles viria do exterior e muitos desses atuariam de forma clandestina. A dualidade do discurso mediático permanece neste momento, até mesmo porque esta dualidade está presente no cotidiano do país. Se por um lado o governo busca a integração e inaugura um “segundo processo de regularização extraordinária” (Ferin, 2003), por outro este quadro regulador não estaria de acordo com a atual realidade do país (Baganha, 2005), o que levava à existência de trabalhadores clandestinos e à tolerância do governo para com os seus empregadores. Portugal não pretendia “obstacularizar os interesses geoestratégicos” do país (idem, p:06) e criava situações de exceção no Decreto-Lei 244/98 - que legislava sobre a entrada, permanência, saída e afastamento de estrangeiros. Em seu artigo 88º, o diploma permitia, em nome do “interesse nacional”, a concessão da autorização de residência por dois anos, renováveis por períodos idênticos, aos que não preenchessem os requisitos existentes no referido Decreto-Lei.

Todas estas questões refletiram-se na mídia, um setor que também passava por transformações:

No panorama mediático assinalam-se as tendências de concentração das empresas media (fusões e compra por grupos com interesses em áreas complementares e afins, como as telecomunicações) e a migração para a nova economia, a hegemonia da SIC frente à RTP e a TVI, entretanto abandonada pelo grupo ligado à Igreja, bem como a exploração nestes canais de novas estratégias e novos formatos. Todos estes fatores contribuem para uma conjuntura política, económica e social que condiciona a perceção pública do país, num momento de grande expansão do consumo interno, emprego pleno e crédito fácil. Nos media, os discursos conciliadores refletem esta agenda confiante no "progresso". (FERIN CUNHA, 2003, p:3 e 4)

O discurso é “assumido institucionalmente e politicamente pelo Estado e pelo governo socialista, encontrando-se presente sob diversas formas no espaço público, na imprensa e na televisão” (idem, p:03). É neste período que a autora identifica o surgimento de um discurso mais elaborado que reafirma a identidade europeia do país e se aproxima da “política oficial” da Europa. A dualidade persiste, na imprensa e na sociedade, o Outro, num movimento pendular, continua a ser visto e descrito de forma

oscilatória: ou é vítima ou está relacionado a ações ilegais ou criminosas. Os indivíduos - portugueses ou imigrantes - de origem africana e pele negra continuam a figurar com maior destaque nos conteúdos relativos à criminalidade.

Na Rota da Globalização, terceiro e último período definido por Ferin, tem início em 1999 e termina em 2003. A etapa marca o aumento e a diversificação da imigração (Filho, 2008). Os novos fluxos chegam ao país atraídos pelo crescimento econômico e social de Portugal e graças ao facilitador representado pelo Acordo de Schengen. Estes novos fluxos são, principalmente, compostos por indivíduos oriundos dos chamados países do Leste, como vimos no primeiro capítulo desta tese. Este também é o período em que a imigração brasileira se consolida em terras lusas (idem). A comunidade de além-mar, que na década seguinte se transformaria no maior grupo de estrangeiros radicado em Portugal, possuía, em 1999, 20.851 imigrantes em situação legal, chegando, em 2003, aos 26.561 cidadãos com visto de residência atribuídos pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.

Mas o crescimento verificado no país nos anos anteriores começa a dar sinais de retração. Ferin chega a afirmar que ocorre um “esgotamento do modelo econômico” adotado por Portugal após sua adesão à União Europeia, e é esse esgotamento – juntamente com a adoção das políticas dos demais estados europeus – que promove uma nova transformação do discurso relacionado aos deslocalizados a viver em Portugal. Se no período anterior os partidos de direita levantavam bandeiras sobre a necessidade de um maior controlo relativo à imigração, legal ou ilegal, bem como à restrição à entrada de migrantes, o discurso a partir de 1999, torna-se institucional e mais do que palavras passa-se à ação: os estrangeiros que chegavam às fronteiras enfrentavam uma rigorosa análise - Portugal não queria novos migrantes econômicos a engrossar as fileiras dos ilegais que viviam no país.

Os diplomas que regiam a imigração também passaram por mudanças. O Decreto-Lei 4/2001 altera Decreto-Lei n.º 244/98, e passa a exigir, a todos que pretendem obter autorização de residência, a apresentação de um contrato registrado no Ministério do Trabalho. Os vistos passam a ter duração de um e não mais de dois anos, renováveis por no máximo cinco anos. Para este período, Baganha declara que houve uma “drástica mudança na política migratória nacional” (idem, p:7), e que, ao

que tudo indicava, o Governo tinha a visão de que a necessidade de trabalhadores estrangeiros era temporária, devidos a questões de conjuntura, “e não estruturais”, e que a concessão de vistos, retirando da ilegalidade os imigrantes, “não necessitava de ser vista como um primeiro passo num processo de integração, mas apenas como um recurso temporário à falta de mão de obra existente” (idem). A Lei, também, cria “a Comissão Interministerial de Acompanhamento da Política de Imigração, que tem como função determinar quais as necessidades de mão de obra por setores”, (FERIN CUNHA, idem, p: 4)

Some-se a isso, um fato histórico que iria marcar as novas relações de admissão de estrangeiros (imigrantes ou não) em boa parte dos países ocidentais: os atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos. Todas estas alterações políticas e económicas, locais e mundiais, transformaram os discursos da mídia portuguesas, e a imprensa de referência passou a “tratar as questões da imigração na perspetiva da agenda política nacional e europeia” (idem, p: 5). Dentro dessa agenda, a mídia se fixou, de acordo com Ferin, em “três pontos complementares”, designadamente a respeito do controlo dos fluxos e à restrição da entrada, da garantia da oferta de trabalhadores sem qualificações e com salários baixos e, por último, da tentativa de ampliar as taxas de natalidade numa Europa de população envelhecida.

Houve, no período, uma diversidade na produção das peças: a televisão se encarregaria de apresentar a questão da imigração sob o prisma da clandestinidade e segurança, os jornais abordariam temas como trabalho, questões sociais e máfias.

No que respeita aos grupos étnicos, tanto a imprensa de referência como a televisão generalista tendem a identificar, ou pelo menos a associar alguns destes grupos com a imigração, consolidando na perceção pública, a ideia de senso comum, que os portugueses pobres, de ascendência negra, são imigrantes, estendendo-se esta perceção aos ciganos. Esta construção faz-se através das inúmeras peças jornalísticas que focam temáticas relacionadas com crime, droga e violência, (FERIN CUNHA, 2003, p:5)

2.4 – A forma e o conteúdo: a academia dissecar os discursos da mídia sobre a imigração

Diante da presença marcante e constante do tema na mídia portuguesa a academia não tardou a produzir análises aprofundadas sobre a relação estabelecida pelos meios de comunicação no tocante à imigração. Destacamos as pesquisas solicitadas pelo Observatório da Imigração, unidade informal do Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, ACIDI, que têm contribuído para uma maior percepção da problemática¹⁷. Investigadores nacionais têm buscado dar à luz às questões relacionadas ao entrelaçamento da mídia com as migrações, a exemplo dos estudos de Ferin Cunha (1997, 2002, 2004, 2006,) Cádima e Figueiredo (2003), Carvalheiro (2008) e Filho (2008). Internacionalmente também se sucederam inúmeras pesquisas que iremos elencar no próximo capítulo, quando, como citamos anteriormente, abordaremos os Estudos da Recepção.

Carvalheiro (2008), cujo estudo veremos com maior profundidade no próximo capítulo, apesar de também estar referenciado nesta etapa, cita Guibentif (1991), como o primeiro autor a publicar em Portugal um texto sobre os “media e a imigração”. *A opinião pública face aos estrangeiros* “analisa artigos da «imprensa de referência» da década de 1980” (p: 224). Apesar do período não representar uma forte produção mediática sobre a imigração, Guibentif deteta representações a respeito dos cabo-verdianos residentes na capital portuguesa que estão, entre outras, associadas aos “bairros degradados e nunca a do segmento da classe média, que também existe em Lisboa”, (CARVALHEIRO, 2008, p: 225).

Tal qual verificado nas observações anteriores e nos estudos a seguir apresentados, já na década de 1980 a atitude da mídia frente a imigração era de dualidade, alternando produções de teor negativo, relacionado à violência e criminalidade, com outras de caráter “positivo” onde apresentam os imigrantes como vítimas, em geral de racismo.

A diferença no estudo de Guibentif, se comparado com as análises feitas nas décadas de 1990 e 2000 - que veremos mais adiante - encontra-se amparada no fato de que a associação entre imigração e criminalidade é apresentada pela imprensa como “preconceitos e medos infundados por parte dos portugueses”, (idem). No entanto, como relata Carvalheiro, os cabo-verdianos são descritos de forma

“fortemente negativa”, ligados à “pouca integração, clandestinidade, degradação, falta de higiene, miséria, trabalho duro e precário”, (idem). A questão da dificuldade de integração, entre outras características desfavoráveis atribuídas aos deslocalizados e às minorias, faz parte, de acordo com Teun van Dijk, de um discurso racista em que são ressaltados “os pontos negativos sobre os Outros”:

(...) no nível dos *significados globais* ou *tópicos*, percebemos que a conversa e texto racistas tipicamente favorecem os pontos negativos sobre os Outros, tais como os problemas de imigração e integração, crime, violência, preguiça ou atraso (...), bem como os pontos positivos sobre Eles, tendem a ser ignorados, não levados em conta ou mitigados, sobretudo, pelas elites: como eles contribuem para a economia ou para a diversidade cultural, o fato de eles trabalharem arduamente, entre outros aspetos. (VAN DIJK, 2008, p: 18)

A etnicização da imigração na imprensa portuguesa, artigo de Sônia Pires, publicado em 2002, analisa o discurso presente na imprensa portuguesa sobre africanos e ciganos. As peças pesquisadas foram selecionadas dos jornais *Expresso*, *Público* e *Correio da Manhã* a partir de textos que apresentavam ciganos e africanos “enquanto categoria social”, excluindo-se “textos dedicados a individualidades (...) e ao tema da ilegalidade”, (p: 252). Em nossa pesquisa, interessa verificar as questões relativas à imigração, e desta forma, não utilizaremos aqui as informações que dizem respeito à etnia cigana.

As publicações remontam quatro anos: 1993, 1994, 1995 e 1996. A autora fez a recolha de todas as matérias publicadas durante este período e que se enquadravam nos critérios acima descritos. A única exceção foi o jornal *Público* que durante o ano de 1996 teve recolha incompleta. Desse trabalho resultaram 118 peças relativas ao grupo designado “africanos” e o conteúdo retirado destas produções jornalísticas pela pesquisadora é revelador de como a mídia portuguesa retratava os imigrantes há pouco mais de 15 anos.

Pires definiu fracionar as matérias coletadas em “três grandes temas: condições materiais de vida, criminalidade e relações inter e intracomunitárias”, (p: 252), e, mais uma vez, fracionou cada grande tema em subtemas relacionados. Assim, por exemplo,

no grande tema “condições materiais de vida” foram listados subtemas como saúde e habitação.

O discurso negativo, em relação aos cabo-verdianos, detetado por Guibentif na década anterior, também é observado pela autora, mas as amostras extraídas pela cientista possuem conteúdo bem mais enfático. Dentro do tema “condições materiais de vida”, Pires se deparou em sua pesquisa com expressões como “autênticas ilhas étnicas, degradados e guetos”, e declara: “a imagem fixada é claramente a imagem de pobreza, exclusão, marginalidade e exploração laboral”, (p: 253). Na investigação, a autora deteta que citações aos imigrantes africanos pertencentes à classe média, estabelecidos na sociedade portuguesa, não fazem parte do relato jornalístico.

Esta constatação nos leva, mais uma vez, a recorrer à análise de van Dijk, inserida na obra anteriormente citada. O autor lista, e aqui reproduzimos, algumas características dos “discursos racistas” ante à imigração e às minorias: “ênfase dos pontos negativos sobre Eles em manchetes e nas primeiras páginas dos jornais, repetição de pontos negativos nas histórias cotidianas e a expressão de estereótipos na descrição dos membros dos membros do grupo étnico”, (2008, p: 19). De acordo com a análise do discurso dos meios de comunicação portugueses feita pelos pesquisadores que apresentamos no presente capítulo, podemos afiançar que tais características foram invariavelmente revisitadas pela mídia lusitana ao longo dos últimos 30 anos.

“Estas pessoas, principalmente as de origem africana, estão habituadas a viver em guerra e os seus costumes são muito peculiares” (Correio da manhã, 08 de setembro de 1995, apud PIRES, p: 255). A frase, atribuída pelo tabloide a um representante da polícia portuguesa, é um dos destaques disponibilizados na análise feita por Sônia Pires dentro do “grande tema” criminalidade. A origem como geradora da violência e do crime, no pensamento policial, coabitava com o discursos dos jornalistas que, segundo a autora, associavam a criminalidade “às condições de vida” dos imigrantes e – mais uma vez repetindo os achados de Guibentif – destacavam “a falta de integração entre africanos e ou imigrantes e seus descendentes”, (p: 255). Em diferentes edições do mesmo jornal, outras construções gramaticais - que clarificam parcela do pensamento mediático à época - servem, à pesquisadora, como ilustrações

da relação “direta entre imigração e criminalidade”: “Doze procuram soluções para imigração e crime” (Correio da Manhã, 29/11/93) e “Oeiras coordena programa sobre imigração e segurança” (Correio da Manhã, 20/10/95)”, (idem).

A origem e a cor da pele eram informações também presentes no noticiário. Nas notícias relativas às gangues, a autora informa que a imprensa explorava “veementemente a origem nacional dos membros dos grupos criminosos”, destacando novamente uma frase do Correio da Manhã, relativa à edição de 11/09/94: “Nasceram em Portugal e por isso são cidadãos nacionais, com estatutos e direitos. Pena é que esqueçam os deveres”, (idem).

A apresentação continuada de informações retiradas do Correio da Manhã deve-se ao fato deste jornal ter dedicado “37 das 54 matérias publicadas à temática crime”, (idem) sendo o impresso pesquisado que mais destaque deu ao tema. Em oposição, o Expresso foi o que menos recorreu aos assuntos sobre criminalidade/imigração, enquanto o Público, de acordo com a autora, esteve “em posição intermédia” e tentou esclarecer a questão “indo buscar a causa do problema no confronto habitual “eu”/“outro” de que se revestem as questões étnicas”.

Nas questões intra e inter-raciais o destaque é dado aos imigrantes de nacionalidade cabo-verdiana. A violência nas relações familiares e o conflito entre vizinhos são uma constante (p: 257). O preconceito, vivido pelos deslocalizados também é apresentado, assim como não faltam referências folclóricas à vida nos bairros “o que indica simpatia e cumplicidade por parte do jornalista perante as formas de convívio entre indivíduos de mesma nacionalidade, dando uma tonalidade positiva à imagem do africano”, (idem).

Nas suas conclusões a autora afirma que há “um claro processo de «etnicização» e/ou racialização não só do tema da criminalidade mas também do tema relações inter e intracomunitárias”(p: 260), e que mesmo sendo Portugal um país de imigração relativamente recente, a imprensa nacional “têm dado um tratamento temático jornalístico que, em muito, se aproxima de outros países com maior tradição e experiência na imigração” (p: 259). Ao recorrer a outro estudo de Van Dijk (Discurso, Elite e Racismo, 1993), Pires reflete em seu trabalho a análise do autor holandês, que

detetou que a mídia se limita a alguns temas e estereótipos ao tratar das minorias, quais sejam:

- A) Imigração, com ênfase especial nos problemas, ilegalidade, fraudes;
- B) Crime, com ênfase especial na “etnicização” e “racialização” dos crimes, como tráfico de drogas, prostituição, violências, rixas;
- C) Diferenças culturais, e especialmente o desvio cultural, como hábitos originais (...) e todos os problemas sociais de relações étnicas que são explicados em termos de propriedades culturais assumidas das maiorias; ~
- D) Relações étnicas, tais como tensões étnicas, discriminação, ataques raciais e outras formas de racismo, definidas, usualmente como acidentes lamentáveis, geralmente atribuídos à presença ou comportamento das minorias. (VAN DIJK, 1993, p:248, apud PIRES, p: 260).

Outra investigação que emerge no panorama português por sua profundidade qualitativa e quantitativa foi publicada pelo Observatório da Imigração em 2003. Os autores, Rui Cádima e Alexandra Figueiredo, pesquisaram qual o tratamento que a imprensa escrita portuguesa oferecia aos temas relativos à imigração e às minorias étnicas. Durante quinze meses, de janeiro de 2001 a março de 2002, foram recolhidas e analisadas 4 mil notícias publicadas em jornais e revistas nacionais e regionais de Portugal.

Entendiam, os autores, que determinadas coberturas jornalísticas poderiam “condicionar a percepção do outro”, e assim “empobrecer a diversidade multiétnica e conduzir à intolerância”. Era preciso, empiricamente, verificar quais os conteúdos da imprensa lusitana e qual a sua agenda sobre a questão. O início do século XXI foi marcado pela presença intensa no noticiário do tema imigração, e os pesquisadores afiançam que esta agenda da mídia oscilava entre diagnósticos a respeito dos deslocalizados e denúncias sobre sua situação (funcional, política e laboral) em Portugal. Parcela dessas notícias, constataram os acadêmicos, respondiam às motivações de agendas institucionalizadas, ligadas, notadamente, às forças de controlo à imigração e de segurança pública, no caso o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, SEF, e a Polícia de Segurança Pública, PSP.

Prova disso, que à parte, e com maior ênfase, eram destacadas as manchetes policiais, com notícias sobre crimes e, notadamente, prostituição. O debate sobre a imigração irregular, que tinha ocupado as manchetes na década de 1990, cedeu completamente o lugar, na agenda mediática no princípio dos anos 2000, aos temas relacionados aos delitos. Os resultados do estudo foram apresentados em seminário organizado pelo já citado Observatório da Imigração.

Historicamente a pesquisa se situava num momento em que o processo migratório em Portugal vivia algumas alterações, como a preponderância do fluxo migratório originário do leste da Europa, e eram esses os imigrantes mais referenciados pelas notícias pesquisadas por Cádima e Figueiredo. Ciganos e africanos também tiveram ampla exposição no noticiário cujo tema era relacionado a delitos. Os autores encerram suas conclusões com dois questionamentos:

“Por um lado, sendo o papel dos media determinante na formação da opinião pública e influenciando a agenda política, não lhes caberia a função de levantarem novas questões associadas à problemática da imigração e minorias étnicas, em vez do reforçar da estereotipização da diferença? Por outro lado, deveria ou não existir uma deontologia jornalística no tratamento destas questões, no sentido de promover a integração ou de, pelo menos, não acentuar as diferenças entre ‘minorias’ e ‘maioria?’”, (CÁDIMA & FIGUEIREDO, 2003, p: 59).

Mas o fluxo das migrações voltaria a se alterar, e a partir de 2003 os brasileiros iriam ganhar destaque numérico, devido aos fatores relatados no primeiro capítulo deste trabalho, e mediático: é nesse ano que um fato de interesse jornalístico e de viés negativo à comunidade oriunda do outro lado do Atlântico agita as redações e ultrapassa as fronteiras mediáticas portuguesas: As mães de Bragança. O grupo, formado por esposas inconformadas com a frequência de seus maridos aos prostíbulos da região, se organiza para denunciar e lutar contra a existência desses espaços e contra presença das prostitutas, cuja nacionalidade dominante era a brasileira.

2.4.1 - Prostituição e violência: os brasileiros no noticiário sobre a imigração em Portugal

Ator 1 – O Brasil é um dos destinos turísticos mais procurados do mundo. (...) Estamos a concorrer com operadoras turísticas de todo o mundo num país com milhões de habitantes geralmente pobres e analfabetos.

Ator 2 – Bem aí já não posso falar, nunca vim cá. Mas pelo que eu já ouvi dizer o Brasil é só prostitutas e futebolistas (risos).

(Extraído do programa *Mini Malucos do Riso*, exibido pela SIC em 06 de janeiro de 2008.)¹⁸

O trecho acima foi interpretado por atores mirins em um programa dedicado à audiência infanto-juvenil. Desrespeitoso com o Brasil e os brasileiros, generalista em relação à população daquele país e particularmente grosseiro com as mulheres brasileiras, o que se assistiu no programa era reflexo da imagem construída na imprensa e na sociedade portuguesas sobre os imigrantes que vinham da antiga ex-colônia.

Parte desta imagem começou a ser delineada em outubro de 2003, quando a edição europeia da revista Time Magazine publica matéria de capa assinada pelos jornalistas Amanda Ripley, Martha de la Cal e Peter Stewart. “*When the Meninas Came to Town*” (Quando as meninas chegaram à cidade) vem expor para além das fronteiras de Portugal um movimento que começou a se desenvolver meses antes, e que ficou conhecido como Mães de Bragança: em maio, quatro esposas de Bragança, na região de Trás-os-Montes, fizeram um manifesto contra a prostituição brasileira que atuava no local e tentaram convencer as autoridades a entrar em guerra contra as chamadas casas de alterne. Viam seus casamentos ameaçados pelas “forasteiras” que faziam lotar os espaços de diversão noturna, e dita masculina, da cidade encravada nas montanhas do nordeste de Portugal.

Inevitavelmente os holofotes e flashes da mídia portuguesa se voltaram para a cidade, que, à época, possuía menos de 30 mil habitantes. Em Portugal, a matéria publicada pela Time Magazine veio apenas coroar a repercussão que o assunto tinha

causado internamente. Internacionalmente, colocou Bragança na rota do tráfico internacional de seres humanos com vistas à prostituição.

Contratadas em seus países por empresários da noite, essas mulheres chegavam a Portugal fazendo escala, muitas vezes, em Paris, com o objetivo de burlar a fiscalização portuguesa. Uma vez no espaço europeu, poderiam seguir sem maiores problemas ao seu destino, via de regra acompanhadas por seu contratador. A matéria relata mulheres enganadas e escravizadas e outras conscientes dos objetivos da sua contratação. No entanto, o que iria se discutir notadamente na imprensa portuguesa não seria o tráfico, mas as meninas originárias de além-mar. Se os noticiários à época eram comedidos em dar voz aos imigrantes, buscando outras fontes de informação a exemplo das organizações sociais, do Estado e de instituições públicas, notadamente às ligadas à segurança, como a polícia (Cádima, 2003, p: 56), não tiveram pudor em expor o rosto das “meninas” envolvidas. Por outro lado tiveram o cuidado de usar artifícios técnicos de edição para proteger a imagem dos “empresários” portugueses, colocando efeitos especiais sobre seus rostos de maneira a impedir sua identificação¹⁹.

O episódio resultou no encerramento de quatro bares de alterne, na condenação de seis pessoas por negócios com a prostituição, no repatriamento de algumas prostitutas (outras fugiram para a vizinha Espanha com o objetivo de continuar a trabalhar) e colocou uma nódoa na imagem da mulher brasileira em Portugal.

No mesmo ano em que os bares de alterne eram encerrados e as alternadeiras brasileiras expostas internacionalmente, Isabel Ferin coordenava novo estudo para o Observatório da Imigração: *Mídia, Imigração e Minorias Étnicas* (FERIN CUNHA et al, 2004). O trabalho, posterior ao de Cádima e Figueiredo, tinha, como afirmou a autora, o objetivo de “confirmar ou Infirmar” a pesquisa realizada anteriormente, sob o patrocínio do mesmo Observatório da Imigração. Diferencialmente, no entanto, a investigação se debruçou não apenas sobre a imprensa, mas também sob a televisão. O levantamento de imprensa foi feito durante o ano de 2003 (1 de janeiro a 31 de dezembro), e o da televisão somente a partir de 1 de abril, seguindo até 31 de dezembro do mesmo ano. A pesquisa incidiu sobre oito jornais e quatro canais de televisão²⁰.

Em ambos os estudos não era pretendido analisar a imprensa produzida para e pelos imigrantes. Os focos eram os noticiários veiculados na mídia e que atendiam à sociedade como um todo. Nas palavras de Feliciano Barreiras Duarte, então Secretário de Estado Adjunto do Ministro da Presidência, o que se pretendia era determinar de que forma as percepções sobre a imigração chegavam, conduzidas pela mídia, à “população de acolhimento” (2004, p: 22).

Além de ampliar a investigação incluindo emissoras de TV, o estudo trouxe, metodologicamente, uma inovação em relação ao trabalho produzido anteriormente: a tecnologia. A “análise textual assistida por computador” foi a primeira etapa para se realizar a análise do discurso e, na segunda etapa, houve “investigação mais aprofundada de alguns textos, segundo a base tradicional de análise do discurso”, (idem, p: 109).

Foram analisadas 1.538 peças jornalísticas veiculadas nos jornais e 224 emitidas pelas emissoras de televisão em horário *prime-time*, ou seja, entre às 20 e às 22 horas, e organizadas duas bases de dados SPSS (base estatística de dados) uma para a televisão, outra para a imprensa, cada uma com 25 variáveis (gênero, nacionalidade, situação jurídica, narrativa dominante etc..) e “agrupadas em três categorias: Forma, Conteúdo e Discurso” (p: 30).

Dentre alguns achados que a pesquisa revela, ressaltamos o fato das nacionalidades citadas serem em sua maior parte, com 226 peças, ou 22,3%, relativas a cidadãos brasileiros. O aspecto neutro das notícias, 829 peças, 53,9%, prevaleceu sobre as de caráter negativo, 483 peças ou 31,4%. A maioria, 49,7% ou 764 peças, abordava assuntos classificados pelos pesquisadores como “outro”, sem especificidade precisa que permitisse categorizá-los, mas dos temas passíveis de categorização o policial consumiu 426 peças, ou 27,7%.

No tocante à televisão ficou evidenciado na pesquisa que é incomum serem reproduzidas matérias sob a temática imigração na abertura dos telejornais (p: 75). É notadamente para este espaço, considerado nobre, que estão destinadas as matérias de maior interesse público e de maior saliência temática. Nela, na abertura, estão inseridos os mais marcantes e os mais relevantes fatos do dia.

Tal qual se deu na imprensa, os brasileiros foram, também, a nacionalidade mais referida na totalidade das peças televisivas, com 26% ou 57 peças. A TVI foi a emissora que mais produziu material jornalístico sobre a imigração: foram 92 matérias, ou 41,1% do total de 224 peças analisadas. O crime ficou à frente na totalidade das peças (64/28,6%), e em todos os canais o tema dominante foi negativo, com 59,4% ou 133 matérias. Em relação ao gênero não houve predominância: 46,5%, 101 do total, eram mistas.

Na agenda da imprensa o tema prostituição foi o que recebeu maior quantidade de peças em números absolutos: 136. Percentualmente, 8,8%, ficando empatada com o tema legalização, que foi alvo de 135 peças. Nas televisões o tema prostituição também ocupou o primeiro lugar em número de peças 48, ou 21,4% do total, mas, nesse veículo, especificamente, ficou bem à frente do tema Legalização, que ocupava o segundo lugar com 33 peças, representando 14,7%. Estes números evidenciam que a repercussão de dados fatos na sociedade encontram resposta na mídia, e que a repercussão dos fatos na mídia encontra, por muitas vezes, abrigo nas audiências.

Os media são instituições e como tal inserem-se na Sociedade. A contextualização temporal de uma investigação sobre os Meios de Comunicação (...) torna-se necessária dado que só a apreensão dos acontecimentos e factos ocorridos nesse período permitirão compreender determinadas saliências temáticas. Por outro lado, estas saliências interagem com outras temáticas políticas e sociais, configurando inter-relações entre as designadas agendas pública, política e dos media, (FERIN CUNHA, 2004, p:20)

Apesar dos dados do estudo ressaltarem temáticas negativas e salientarem questões como o crime (p: 93), a pesquisa evidencia que os imigrantes ganharam direito a voz, através de suas associações e que o interesse pela “identidade e cultura do Outro” vem ocorrendo de forma progressiva na imprensa, diferentemente do que havia sido registrado em investigações anteriores. Este último fator positivo seria possível graças à especialização dos jornalistas, que teriam gerado matérias “de maior

profundidade”. A televisão, por seu turno, não obteve a mesma avaliação, reservando 45% das matérias às produções sobre crime:

(...) o tratamento conferido ao *issue* Imigração e Minorias Étnicas, não difere do tratamento conferido a outros, como por exemplo, o Caso Casa Pia, a Guerra do Iraque ou ainda os Fogos de verão. Todavia, dada a sensibilidade social que envolve o *issue* em análise neste Projeto, a incidência na temática Crime e em temáticas que lhe estão associadas confere aos imigrantes e às minorias uma visibilidade e uma percepção pública que tende a reforçar sentimentos de rejeição e xenofobia. (Idem, p: 96)

A evolução do tema na imprensa continuou a ser acompanhado pela academia, e em 2006 Ferin e Santos apresentam novo trabalho: *Media, imigração e minorias étnicas II* analisa a imprensa e a televisão portuguesas no ano de 2004, a partir da recolha dos oito jornais selecionados para o primeiro estudo. As emissoras de televisão passaram de quatro para três, SIC, TVI e RTP1 (*horário prime-time*). Ao todo foram investigadas 2.110 peças, 1.791 retiradas dos jornais e 319 oriundas da televisão.

Mais uma vez a temática crime se manteve preferencial nas peças analisadas, com o diferencial de que os imigrantes aparecem muitas vezes como vítimas, havendo uma associação maior à exclusão social do que à questão policial, o que pode ser considerado um avanço na abordagem jornalística do tema, aprofundando as questões em vez de fixar apenas no acontecimento gerador da notícia e, alterando, como se referem as autoras tanto “o discurso” como “o contexto”.

Nessas peças o tom predominante era o de neutralidade. A temática integração passou a ter peso maior com um “aumento significativo de peças” (p: 102), chegando a ter percentuais mais altos “na imprensa de referência (...) ultrapassando o tema trabalho”, (p: 102). Positivamente a mídia, também, se referia à imigração em Portugal, como fator de contribuição para o aumento da taxa de natalidade e o consequente rejuvenescimento da população.

A redução do número de peças sobre prostituição fez prevalecer a figura masculina nos noticiários. Para as autoras, por ser a nacionalidade com maior número de imigrantes em Portugal, os brasileiros continuavam liderando, enquanto

comunidade isolada, o noticiário sobre a imigração, mas “o maior número de registos se refere a notícias que envolvem diversas comunidades”, (p: 105), e novas comunidades, como a chinesa, ganharam também visibilidade na mídia no ano de 2004. Os meios não mantinham linearidade na escolha das vozes apresentadas no noticiário. Na televisão os imigrantes assumiram posição de maior destaque e dividiam espaço com a população, “especialistas e empresários”, enquanto nos jornais as instituições continuaram a ser a fonte preferencial dos jornalistas.

As alterações positivas na relação dos jornalistas com a temática imigração não deixaram de ser detetadas. Roberto Carneiro, à época coordenador do Observatório da Imigração, ressaltou em nota ao estudo que “as estratégias de autorregulação” pelos órgãos de comunicação teriam sido um dos pontos cruciais para que as mudanças se verificassem (p: 07). As autoras também ressaltaram estas alterações:

Existem, pois, alguns sinais positivos nos media portugueses relativamente à forma como as questões da imigração e das minorias são entendidas pelos próprios profissionais da comunicação e por eles decodificadas antes de serem colocadas à disposição da opinião pública, (FERIN CUNHA; SANTOS, 2006, p: 108).

Diante da exposição brasileira na mídia, Willy Filho (2008) buscou, em sua tese de mestrado, entender como esses imigrantes eram representados, sob o viés jornalístico, nas emissoras TV portuguesas. Para isso desenvolveu uma análise diferenciada, se centrando na construção técnica visual, sonora e escrita. Trabalhou com todos os elementos discursivos das peças, incluindo o momento da captação das imagens (dia ou noite), e não apenas no discurso propriamente dito.

Imagem do imigrante brasileiro no jornalismo televisivo português 2004-2006, publicado posteriormente pelo Observatório da Imigração, traz uma visão incomum para as pesquisas feitas até então sobre migrantes e mídia. O tema trabalhado é enquadrado nas emissões jornalísticas das televisões portuguesas SIC e TVI. O período de coleta do material durou dois anos e meio, de janeiro de 2004 a junho de 2006. Após a observação de 160 peças telejornalísticas o estudo se fundamentou profundamente em 19 peças. O autor esclarece:

“A análise incidiu em quatro unidades de registro sobre a representação do imigrante brasileiro no telejornalismo português: homem, mulher, família e cidadão brasileiro. No trabalho empírico, onde se utilizou metodologias de análise da Imagem, as peças foram transcritas e categorizadas em função de três textos estruturais – o visual, o sonoro e o escrito – de forma a identificar os seus elementos construtivos. Esta metodologia *formal* e *textual* tornou possível a visualização de certas tendências de representação dos cidadãos brasileiros imigrados em Portugal. (FILHO, 2008, p: 12)

Na questão de gênero o estudo demonstrou que existe uma menor visibilidade da imagem do homem brasileiro em relação à da mulher brasileira, com as peças a eles dirigidas tendo produção inferior a dois minutos e incidindo sobre temas “como crime e trabalho”. Estas matérias protagonizadas pelos homens não possuem, esteticamente, maior elaboração em nível técnico e praticamente estão circunscritas às entrevistas feitas com os personagens. São produções que, de acordo com o autor, “aparentam obedecer às estéticas e aos enquadramentos mais recorrentes dentro das rotinas produtivas do jornalismo televisivo português” (p:141).

Filho também percebeu, ao longo dos mais de dois anos pesquisados, que houve uma positiva mudança aos temas abordados a respeito do homem brasileiro. Segundo o autor até 2005 os temas recorrentes eram sobre a criminalidade, mas a partir deste ano ocorreu um aumento das peças sobre trabalho e a entrada de outras temáticas consideradas mais «positivas», acompanhados de uma estabilização e mudança no tratamento das notícias sobre crime. Assim como constatado por Ferin, Filho percebeu que esses imigrantes ganharam imagem e a voz, um direito negado nas matérias anteriores que versavam sobre crime. O estudo indica que os cidadãos brasileiros começaram a protagonizar, também, o papel de vítima devido à situação de imigrante, muitas vezes indocumentado.

Essa polarização entre vítima/criminoso, se repete na mídia portuguesa no tocante à imigração, já que, como vimos anteriormente, os imigrantes de origem africana foram tratados da mesma forma nas décadas anteriores: em momentos apareciam como vítimas (trabalho e condições de moradia precários), e em outros como criminosos (assaltos e gangues juvenis).

Muito possivelmente sob o reflexo negativo do episódio das Mães de Bragança, a mulher brasileira só começou a aparecer em peças com caráter positivo mais tardiamente. Apenas em 2006 o autor identificou a existência de material sem teor relacionado à criminalidade. Eram peças que saíam do noticiário policial e possuíam um viés mais sociológico, vitimizando as protagonistas (novamente a dualidade de representações) que seriam exploradas de acordo com produções que se debruçavam sobre “tráfico humano, exploração dos padrões, condições de alojamento e permanência no país”, entre outras.

Anteriormente a esse período as brasileiras protagonizariam matérias sobre criminalidade, estando referenciadas em temas “como prostituição e clandestinidade”. Willy Filho sugere que o número de sucessão de tomadas dessas peças mostra uma maior elaboração em sua produção e que os cenários são preferencialmente noturnos, contrastando com os dos homens, que notadamente eram produzidas durante o dia. As peças relativas à mulher tinham mais de dois minutos de duração.

Estas notícias onde predominam imagens e representações de mulheres brasileiras imigrantes, ao explorar certas condutas criminalizadas – como a prostituição, o tráfico e o trabalho ilegal – nem sempre associam estas atividades a redes de tráfico humano. Este contexto acaba por centralizar ainda mais a questão da Prostituição, que termina atuando como o principal elemento polarizador da representação das nacionais do Brasil. Esta “mono-tematização” será muito provavelmente ainda uma herança da superexposição do caso das Mães de Bragança e das sucessivas rusgas a casas de alterne do Norte e do interior de Portugal, em 2003. (Idem, p: 142).

As famílias brasileiras tiveram um maior espaço nos noticiários, com as matérias possuindo em média mais de três minutos de produção. Eram imagens colhidas em ambientes diurnos, externas ou internas, e de caráter mais positivo, girando em torno de temas como reagrupamento familiar e trabalho.

O autor conclui seu trabalho afirmando que se não é possível identificar “modelos de representação” a pesquisa permitiu concluir que existem “tendências representativas” sobre o imigrante brasileiro e que estas se inserem “num quadro de

construções técnicas, estéticas e ideológicas, suficientemente convencionadas”, (Idem, p: 150).

2.5 – A mídia, a construção de estereótipos e a audiência infanto-juvenil: caminhos para culturas híbridas ou cisão a partir dos estigmas representados?

A notícia jornalística - que nada mais é do que informação mediada de forma profissional - independente do tema que aborde, é, sobretudo, mercadoria. Muniz Sodré (2009) relembra que a narração dos fatos tornou-se produto no decorrer do século XIX, deixando de ser material de “opinião e literário” para se tornar comercial e, por isso, possuir valor de troca. Tal transmutação exigia a profissionalização do setor e a constituição de processos que tornassem tal produto interessante aos consumidores. A produção dos fatos sociais necessitava de visibilidade. Uma das estratégias para garantir tal visibilidade foi construir preceitos de noticiabilidade, definir os fatos através de valores pré-estabelecidos. Esses valores-notícia são hoje resumidos genericamente em oito fatores: “novidade, imprevisibilidade, peso social, proximidade, hierarquia dos envolvidos, magnitude, impacto e perspectivas de desdobramento dos fatos noticiados” (SODRÉ, 2009, p: 75).

Dentro desse pressuposto da notícia como mercadoria e do valor atribuído à informação através dos fatores citados, qualquer empresa jornalística não poderia deixar de se render ao acontecimento que ficou conhecido em Portugal como o “Arrastão na Praia de Carcavelos” ocorrido em 10 de junho de 2005.

Ao selecionar determinados aspectos dos acontecimentos num enquadramento que foi seguido por todos os veículos, a mídia portuguesa trabalhou com critérios duvidosos, reforçando as características étnicas dos envolvidos (afrodescendentes) e onde algumas manchetes associavam o evento de forma negativa ao Brasil: “Arrastão à brasileira” (Diário de Notícias, 11 de junho de 2005).

Mas, independentemente do enquadramento dado, mais do que um evento mediático, o que se cometeu foi um equívoco sem precedentes. Numa sucessão de

erros a mídia portuguesa publicou e veiculou o que no jargão jornalístico brasileiro chama-se de “barriga”: uma falsa notícia, produzida, entre outros motivos, devido a falhas de “checagem” da informação. No entanto, os ingredientes do “arrastão” cedidos à reportagem que primeiro chegou ao local, possuíam tantos valores-notícia (Carvalho, 2008), que o prato não poderia deixar de ser servido. Sobre tudo em um feriado - 10 de Junho, Dia de Portugal - período em que rotineiramente as notícias são mais escassas e “mornas”. O que se seguiu à primeira equipa de reportagem foi uma adesão absoluta dos demais veículos, este sim, um legítimo arrastão comunicacional que deu forma prática ao conceito teórico do Mimetismo Mediático, cunhado por Ramonet:

“O mimetismo é aquela febre que se apodera repentinamente da mídia (confundindo todos os suportes), impelindo-a na mais absoluta urgência, a precipitar-se para cobrir um acontecimento (seja qual for) sob pretexto de que os outros meios de comunicação – e principalmente a mídia de referência – lhe atribuem uma grande importância. Esta imitação delirante, levada ao extremo, provoca um efeito bola-de-neve (...). Assim os diferentes meios de comunicação se auto-estimulam, superexcitam uns aos outros, multiplicam cada vez mais as ofertas e se deixam arrastar para a superinformação numa espécie de espiral vertiginosa, inebriante, até a náusea”. (RAMONET, 1999:09)

O reflexo do “arrastão” foi sentido no cômputo geral das notícias referentes à 2005-2006. A quarta e última análise realizada sobre o patrocínio do Observatório da Imigração, e a terceira coordenada por Isabel Ferin, (2007), registou 247 peças em que o evento é citado, sendo que 187 dessas peças, ou 75,7% foram publicadas no mês em que o “fato” foi noticiado, em junho de 2005. Informações sobre o “evento” foram continuadas até seis meses depois, e em dezembro de 2005 a imprensa ainda se referia ao assunto.

A análise incidiu sobre o mesmo grupo de oito jornais pesquisados nas obras anteriores, mas desta vez inclui também as revistas das referidas publicações. Os dois anos produziram 4.750 peças relativas à imigração na imprensa e 558 peças nas emissoras RTP1, SIC e TVI.

Como nos anos anteriores, o crime foi o tema mais referenciado na imprensa, com 1.139 peças, e os brasileiros a nacionalidade mais citada, com 643 matérias, o que, segundo a autora, novamente corresponde à realidade portuguesa onde a comunidade brasileira “é a mais numerosa”. No entanto, Ferin afirma que esta comunidade é “sobrevalorizada no que diz respeito à associação com crime, já que neste tema atinge uma presença na ordem dos 22,9%”. Mesmo com um percentual tão alto de presença, os brasileiros foram uma das nacionalidades menos ouvidas pela imprensa: apenas 37 indivíduos, ou 1,1% do total, foram entrevistados pelos jornalistas. Neste quesito os brasileiros ficaram atrás dos romenos (130 entrevistados, ou 3,9%), dos cabo-verdianos (88, ou 2,5%) e dos guineenses (50 entrevistados, 1,5% do total). Mesmo assim, a autora registou um aumento do número de “vozes” das minorias e de membros das comunidades imigrantes, as fontes policiais continuam sendo preferencialmente procuradas quando os jornalistas abordam temas relacionados aos deslocalizados.

No tema crime foi mantida, nesses dois anos, a postura de identificar a nacionalidade ou etnia dos envolvidos quase sempre, atingindo, esta identificação, 93,4%, em nada modificando, portanto, com a postura adotada nas décadas de 1980 e 1990 e, talvez, demonstrando, que a autorregulamentação percebida no trabalho anterior não se transformaria numa prática contínua.

Assim como na imprensa, a televisão produziu mais peças sobre criminalidade, que continuou, isoladamente, a ser o tema da maior parte das notícias, mas a autora regista que houve redução na abordagem da temática nesses dois anos se comparado aos anos anteriores. Os brasileiros, também na TV, são a nacionalidade mais referenciada, com 107 peças que representam 19,2% do total.

2.6 – Avanços e retrocessos dos discursos midiáticos sobre a imigração em Portugal e o consumo comunicacional dos jovens imigrantes brasileiros: a busca pelo entendimento

Os trabalhos ora apresentados têm o mérito substancial de cobrir, durante três décadas, 1980, 1990 e 2000, o discurso construído pela mídia sobre a imigração em Portugal. Serviram de diagnóstico não apenas no universo acadêmico, mas também em nível das instituições voltadas à atenção dos migrantes. Um diagnóstico que permitiu expor as posições tomadas pelos meios de comunicação portugueses em seminários, encontros e congressos.

Através desses trabalhos podemos observar os avanços e retrocessos dos discursos midiáticos, já que os jornalistas foram, ao longo dos anos - devido à especialização ou as estratégias que respondiam às pressões institucionais de defesa ao multiculturalismo – revisando as narrativas, acompanhando, em parte, as tendências discursivas políticas onde a representação do “Outro” é cercada de sutilezas, buscando uma “retórica positiva” que versa sobre tolerância e orgulho de se “viver numa nação multicultural”, (Van Dijk, 2008, p: 19).

Tais estudos se lançaram sobre questões em que se estruturavam nacionalidades, gênero e etnias em interseção com temas como segurança pública e criminalidade, trabalho, legalização versus ilegalidade, entre outros, acompanhando a oferta mediática com vistas à análise, cumprindo o papel proposto por cada um dos cientistas envolvidos. Crianças e jovens raramente foram objeto de explanação, pela imprensa, a não ser em momentos pontuais, e quando foram o que se apresentou na maioria das vezes foi brutal, como no caso do suposto “arrastão” ou temas que relacionavam a chamada 2ª geração às gangues juvenis

A partir dessas investigações novas demandas começaram a surgir na agenda acadêmica sobre a imigração. Questões como saúde, segurança social, trabalho, gênero, habitação, educação e até mesmo sobre as transformações alimentares (Braga, 2010), entre outros objetos, foram pesquisados por diferentes acadêmicos portugueses. No tocante à comunicação precisava-se ir além da performance mediática e avançar sobre os usos e consumos dos imigrantes, perfazendo novo percurso acadêmico com vistas à recepção – que analisaremos no próximo capítulo - e não mais ao diagnóstico analítico da imagem do imigrante repercutida nos meios de comunicação.

Hall (1997) se referiu à mídia como sistemas de representação e, diante do exposto no presente capítulo, nos interessa saber de que forma essas representações são absorvidas, ou não, pelas crianças e jovens brasileiros radicados em Portugal. Em nosso trabalho pretendemos, a partir dos usos e consumos da infância e adolescência migrante, entender se há negociações de significado, resistência ou situações de hibridismo. A mídia é espaço de integração e aprendizagem, ou de estigmatização para esses indivíduos?

Carvalho ressalta, em sua obra sobre as segundas gerações de portugueses, em França, e de cabo-verdianos, em Portugal, que “as audiências podem incorporar suas representações nos *media* nacionais na formação de etnicidades territoriais urbanas cuja marca fundamental é o estigma” (p: 58). No entanto, e tomando por base estudos (Lages *et al*, 2006) que indicam que “85% dos portugueses atribuem características positivas aos brasileiros” e os consideram mais simpáticos do que os representantes das demais comunidades de imigrantes, qual o posicionamento dos pequenos e jovens brasileiros deslocados em Portugal diante de um noticiário fortemente negativo em relação aos seus conterrâneos e, em contradição, perante uma atitude de melhor aceitação por parte da sociedade majoritária? Qual o seu posicionamento junto ao grupo de origem e aos demais imigrantes? Pois como ressalta Carvalho: “Ignorar a articulação dos *media* com a comunicação face-a-face resulta num mediacentrismo fatal para a compreensão das identidades étnicas, dado o papel que os círculos de interação têm na definição das pertencas”, (CARVALHEIRO, 2008, p: 57).

Desta forma, dentro da nossa agenda de trabalho estão previstas as análises sobre as interações sociais dos indivíduos pesquisados e a busca do entendimento de como, individualmente, negociam, ou não, sentidos entre o apreendido na mídia e o vivido em suas relações. No caso do nosso estudo, onde a análise incide sobre jovens – período em que a identidade é fortemente estabelecida - e na presença de representações midiáticas negativas quais as interações que surgem desse possível confronto?

Ferin, (2006), constatou, num estudo sobre audiências, imigração e gênero; que as imigrantes brasileiras pesquisadas alteraram seu comportamento e a forma de se

relacionar em sociedade e no trabalho de maneira a não se encaixar nos estereótipos existentes em Portugal a respeito das mulheres de seu país de origem. Se tais alterações são vividas também por suas mães, como essas crianças e jovens se posicionam nas suas relações com seus pares, com demais imigrantes e com as crianças, jovens e adultos portugueses?

No entanto, qual o impacto dessa mesma mídia no tocante aos deslocados? A análise dos usos e consumos mediáticos desses jovens se constitui numa das chaves na tentativa de desvendar tal processo. E ao falarmos de usos e consumos mediáticos entendemos, assim como Carvalheiro, que eles não podem ser “encarados no sentido restrito, mas também como prática” e é preciso compreender “como e com quem são consumidos” (2008, p: 57). Em outras palavras o consumo mediático é uma atividade existente na vida social, restrita ao universo familiar, solitária ou a junção de cada uma dessas variáveis? Conhecer e analisar este processo é a tarefa que nos propomos a realizar.

Notas ao Capítulo II:

¹⁴ Um desses estudos, *O Homem Marginal*, de Everett Stonequist (1937), define quatro tipos de indivíduos em situação marginal: o migrante estrangeiro, o migrante de segunda geração, o judeu emancipado do gueto e o mestiço. A condição de “homem marginal” surge em consequência do abandono do grupo social e/ou cultura de origens e pode ter como motivos, além da migração, influências externas como o casamento ou mesmo a educação que, associados à não adequação à nova cultura, levam os indivíduos a viver a margem de dois mundos, não pertencendo nem ao grupo e cultura de origem, nem aos de acolhimento.

¹⁵ McCOMBS, Maxwell E., HAW, Donald L. *The agenda setting function of mass media, in Public Opinion Quarterly*, Vol. 36, N. 2, Summer 1972, Ps. 176-187.

¹⁶ COHEN, Bernard (1963). *The Press and Foreign Policy*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

¹⁷ Regulamentado através do Decreto-Lei número 167 publicado em 3 de maio de 2007, o ACIDI foi criado a partir da fusão de organismos como o ACIME, Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.

¹⁸ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=vw3o8GMKFg8&feature=related>

¹⁹ Ver http://www.youtube.com/watch?v=2aKo_dZUfZ8, que, em matéria telejornalística relembra o caso de Bragança cinco anos depois, apresentando imagens de arquivo da retirada de brasileiras das casas noturnas.

²⁰ Os jornais foram: Público, Diário de Notícias, Jornal de Notícias, Expresso, Independente, Correio da Manhã, A Capital e o 24 Horas. As emissoras de TV são a RTP1, RTP2, SIC e TVI.

Capítulo III

Recepção e identidade: os sujeitos da audiência

3.1 – Introdução

Os primeiros estudos sobre a Comunicação surgiram no final do século XIX. Nesse capítulo iremos apresentar os principais estudos que nortearam as pesquisas sobre a comunicação e suas principais escolas, tendo em mente o foco da nossa investigação, ligada, como já esclarecemos os estudos da recepção.

Mostraremos também o que a academia tem produzido de mais recente em relação às pesquisas que envolvem os usos e consumos midiáticos por crianças e jovens e a praticamente invisibilidade acadêmica em relação aos estudos sobre a juventude migrante brasileira em Portugal.

Dedicaremos parte desse capítulo à questão da memória. Como em nosso estudo iremos analisar os consumos midiáticos de jovens imigrantes brasileiros é

importante aferir de que forma mantêm viva a memória do país de origem e como ela é construída. Se os usos e consumos da mídia interferem nessa construção ou se a memória do país natal se relaciona exclusivamente aos relatos de parentes e amigos.

Alguns dos jovens entrevistados chegaram a Portugal com menos de 10 anos de idade, e saber como organizam suas memórias sobre a vida no Brasil já que a construção social de cada um depende de variáveis e equações cotidianas que acabam por ditar a forma como eles enxergam a sociedade e o mundo em que vivem.

A crise do multiculturalismo europeu, detectada por Bertossi (2012) também estará presente nas páginas seguintes, apresentando discursos de líderes de Estado e suas repercussões midiáticas, colocando em xeque o diálogo que o multiculturalismo deveria promover e impedindo a construção de esforços em busca da integração dos deslocalizados.

3.2 - Recepção: uma espessa teia de significações

A busca por significados e significação está na essência do ser humano desde os tempos mais remotos. Esta é uma característica que independe dos níveis sociais, culturais ou econômicos em que os indivíduos estão inseridos. Do mais humilde lavrador ao mais renomado cientista todos procuram, a seu modo e com o domínio tecnológico e intelectual que possuem, dar sentido aos eventos e informações que os cercam, num processo que se resume em uma palavra: compreensão. Carvalheiro (2008) afiança que, apesar de a comunicação implicar na “construção social de significados”, isto não representa a estruturação de consensos dentro de dadas sociedades: “os grupos podem dispor de ritualizações diversas ou empreender disputas simbólicas” (p:27). Entendemos que tais ritualizações estão interrelacionadas a variáveis como gênero, etnia, formação cultural e idade.

Antes mesmo de buscar entender o processo receptivo os estudos sobre a Comunicação se assentaram sobre os efeitos, como bem demonstra Ferin (2003). Estudar os efeitos da comunicação de massa sobre o público foi, desde há muito, uma

das grandes preocupações de pesquisadores. Prova disso que foram eles, os efeitos, que motivaram as primeiras pesquisas em comunicação ainda no século XIX (idem).

A preocupação com os efeitos das mensagens massificadas está presente nos estudos clássicos dos finais do século XIX, sobre a opinião e a sociedade de massa, desenvolvidos por Gabriel Tarde e Gustave LeBon. Num outro contexto, em Inglaterra, Mathew Arnold e T.S. Elliot irão explicitar preocupações semelhantes sobre os efeitos desta massificação sobre a cultura e a organização da sociedade. Duas décadas mais tarde, a questão dos efeitos dos *Media*, e das indústrias culturais, que lhes estão associadas, farão parte integrante das teses da Escola de Frankfurt, ao mesmo tempo que, nos Estados Unidos, a *Communication Research* formula, com base em estudos empíricos – sobre mensagens políticas e de bens de uso quotidiano – diversas propostas sobre o seu impacto nas mudanças sociais e nos comportamentos individuais, (FERIN, 2003, p: 150)

Desta forma, investigações que buscam entender como os efeitos das mensagens agem sobre os indivíduos remontam mais de um século de pesquisa académica. Escosteguy e Jacks (2005) afirmam que o processo inicial de pesquisa em comunicação foi motivado pelo surgimento de novos meios e da consequente preocupação com os impactos que seus usos trariam ao consumidor/receptor. As investigações estavam, no entanto, muito mais associadas ao receptor como consumidor de bens de consumo do que ao receptor consumidor/produzidor de bens culturais e sociais. Baseando-se no pensamento de Wolf (1994), as autoras afirmam que o estudo dos efeitos é eixo primordial das investigações voltadas à comunicação e que essas investigações têm-se desenvolvido em um movimento que é classificado como pendular:

Toda a história da pesquisa em comunicação tem sido determinada de várias maneiras pela oscilação entre uma atitude que detecta nos meios uma fonte de perigosa influência social e a atitude que questiona/mitiga/relativiza este poder reconstruindo a complexidade das relações em que os meios atuam. (WOLF, 1994:9, apud ESCOSTEGUY e JACKS, 2005:25)

Ao longo do século XX, com continuidade no século XXI, conjuntos de estudos buscam entender de que forma as mensagens são, ou não são, absorvidas pela audiência, procurando entender a intrincada e, ao mesmo tempo, espessa e tênue teia que permite ao receptor de maneira individual - mas com reflexos coletivos já que a recepção é um processo que se assenta em moldes socialmente construídos - tomar para si, rejeitar ou até mesmo afastar-se de determinadas mensagens, recodificando-as e adaptando-as aos signos que mais facilmente se conectam ao seu entendimento, construindo representações sobre eventos, fatos, grupos e tendências entre outros. É um processo interno do indivíduo que muitas vezes organiza - a fim de facilitar a compreensão do novo ou do distante - transportes de nomenclaturas ou de imagens da sua realidade e experiência pessoal ou social e possibilitando, desta forma, a aproximação de conceitos, construção de metáforas e comparações. Essa conduta está presente mesmo no momento em que a audiência cria significados para a mídia (ALASUUTARI, 1999: 87, apud ÁLVARES, 2011).

No ensaio “Cultural Images of the Media”, Alasuutari examina o modo como os utilizadores dos media conferem significação aos media recorrendo, para tal, a metáforas provenientes de outras esferas de vida contemporânea. Este autor classifica as metáforas invocadas para compreender os media sob três vertentes: a primeira metáfora traduz-se numa imagem de “janela”, suscitando discussões sobre o grau de verosimilhança entre os produtos mediáticos e a realidade exterior; a segunda metáfora é a da ágora, isto é, os media como fórum público de discussão de ideias; a terceira metáfora prende-se com imagens associadas a relacionamentos afetivos ou personalizados com os media, mediante as quais os utilizadores equiparam os *media* à função de “amigos”, “narcóticos” ou “estimulantes”. (ALASUUTARI, 1999, p: 87). (...) A metáfora dos media como janela para o mundo entrelaça-se com a valorização de géneros “realistas”, como o telejornal, em detrimento do género ficcional, segundo uma lógica que privilegia a função representativa dos *media*. Nesta perspectiva, os *media* cumprem a função de elo de ligação com o mundo exterior, agindo como uma extensão mcluhaniana de nós mesmos. (ALASUUTARI, 1999, apud ÁLVARES, p:106, 107)

Isabel Ferin identifica que o estudo das audiências “é um campo autónomo de investigação dentro dos estudos sobre os *media* e comunicação”, e a recepção, “parte do modelo de análise da audiência”, sendo: “Percebida (...) como uma aglomeração de

interacções e negociações dos sujeitos sociais, mediadas por diversas fontes, e em diversos cenários, dando origem à apropriações complexas que vão da reprodução à contestação, (FERIN CUNHA, 2006:08)

Assim como Escosteguy e Jacks, Ferin detecta o ciclo de idas e vindas das pesquisas sobre a recepção, a oscilação que ora analisa de forma “pessimista” a interferência dos meios sobre os indivíduos e sociedades, ora acena para uma “visão mais optimista”, onde os receptores são vistos de forma autónoma, interagindo com os meios e deles tirando o proveito que o entrelaçamento das histórias de cada um - ou de dado grupo – com as informações recebidas pelos media permite, produzindo sentidos não necessariamente idênticos aos emitidos pelos meios.

Esse movimento pendular ou oscilatório das pesquisas e teorias acabou por dividir esses estudos em duas vertentes genéricas que podem ser definidas simplesmente como as teorias que advogam serem fortes os efeitos exercidos pelos *media* nos indivíduos e as teorias dos efeitos fracos. Nessa última o receptor é percebido como “mais selectivo e activo” (idem), ao contrário da primeira, que o vê de forma mais passiva, capaz de absorver com facilidade às mensagens recepcionadas. Assim, no mesmo diapasão em que se muda a percepção sobre o impacto que possuem os efeitos, muda-se a percepção sobre de que forma este impacto age sobre os receptores e até mesmo sobre a possível fragilidade, resistência ou negociação que estes receptores têm diante das mensagens que recebem. Assim, do receptor passivo, que aceita sem maiores questionamentos o que lhe é oferecido, as pesquisas renovam o olhar sobre os indivíduos da audiência e passam a percebê-los a como sujeitos ou grupos que definem suas escolhas e seus usos sobre os meios.

Tal perspectiva que identifica a autonomia dos sujeitos passa a ser considerada a partir da teoria dos usos e gratificações, ou funcionalista, cujos estudos são desenvolvidos a partir do início da década de 1940 (Berelson-Bradshaw, 1940) e após a Segunda Guerra Mundial (Lasswell, 1948) e se mantém com vigor metodológico redobrado até os anos de 1970/1980. Escosteguy e Jacks (2005) apontam Herta Herzog como uma das pesquisadoras que realizaram pioneiramente os estudos sobre os usos e as gratificações. Em sua investigação ela buscou entender as motivações que atraíam

os ouvintes ao rádio, chegando à conclusão de que o veículo servia, entre outras, como conselheiro da audiência.

Ao desvendar o sujeito como parte ativa do processo comunicacional Herzog propõe uma revisão do caminho pelo qual seguem os estudos: não se pretende mais buscar “o que os meios fazem com o indivíduo”, mas “o que os indivíduos fazem com os meios”.

Por esta corrente teórica é o indivíduo que define os meios e os conteúdos dos quais fará uso, uma escolha que se assenta nos “objetivos e satisfação” sejam eles pessoais ou compartilhados.

Ao se expor a um conteúdo da mídia, o receptor busca satisfazer uma necessidade latente. Esse impulso de satisfação de uma necessidade qualquer gerada em seu contexto é aqui chamada de motivação. É através das experiências dos meios que os membros da audiência relacionam quais dos meios/conteúdos, melhor satisfazem suas necessidades, expondo-se consequentemente, em preferência a estes. Uma motivação correspondida nos meios abre espaço para o estabelecimento de padrões de consumo, que nada mais é do que o consumo regular de conteúdos de características similares, (FERREIRA, 2011, p:04)

No mesmo estudo a autora concluiu que esta escolha definida de acordo com os interesses de grupos ou indivíduos, aos quais, como vimos, chamou de “motivação”, é determinante tanto em relação aos períodos “de exposição e consumo dos meios de comunicação, quanto em relação ao impacto que este consumo gera nos indivíduos, podendo a influência dos efeitos ser ampliada ou minimizada. Em outras palavras, a audiência, individual ou socialmente, consome dos *media* aquilo que mais lhe interessa e que vem ao encontro de suas necessidades e crenças, ao mesmo tempo em que negocia as percepções que tem sobre os produtos mediáticos que consome.

No desenvolvimento das pesquisas sobre os efeitos foram surgindo novas teorias ou tradições de pesquisa como a dos estudos culturais, originária da década de 1960 e resultado das investigações levadas a termo por Hoggart, Thompson e Williams. Anos mais tarde Hall viria contribuir significativamente para tal perspectiva teórica, que, de acordo com Escosteguy e Jacks possui ramificações em nível mundial,

ramificações que “assumiram seus próprios pressupostos, conforme a tradição cultural e teórica onde se insere regionalmente”(ESCOSTEGUY E JACKS, 2005, p:38).

De acordo com a teoria dos estudos culturais as mensagens emitidas pelos meios de comunicação “são tomadas como discursos estruturados, os quais são relevantes para a audiência, de acordo com as suas práticas sociais e culturais” (Idem, p: 39). Esta nova visão dos produtos dos media surge a partir dos principais pressupostos dos estudos culturais, ressaltados pelas autoras, e que foram elencados por Bill Schwarz, tais como o reconhecimento das formas culturais populares como cultura de fato, e não uma cultura inferior como até então eram entendidas pela camada que o autor define de “alta cultura”.

O grupo do CCCS amplia o conceito de cultura para que sejam incluídos dois temas adicionais. Primeiro: a cultura não é uma entidade monolítica ou homogênea, mas, ao contrário, manifesta-se de maneira diferenciada em qualquer formação social ou época histórica. Segundo: a cultura não significa simplesmente sabedoria recebida ou experiência passiva, mas um grande número de intervenções ativas — expressas mais notavelmente através do discurso e da representação — que podem tanto mudar a história quanto transmitir o passado. Por acentuar a natureza diferenciada da cultura, a perspectiva dos estudos culturais britânicos pode relacionar a produção, distribuição e recepção culturais a práticas econômicas que estão, por sua vez, intimamente relacionadas à constituição do sentido cultural”. (AGGER,1992, p: 89, apud ESCOSTEGUY, 2006, p: 04).

O enfoque dos estudos culturais sobre o receptor e não sobre a mensagem surge a partir da análise de Hall, na década de 1970. O autor definiu “três estratégias básicas de leitura e recepção”:

(...) dominante, quando o sentido da mensagem é decodificado segundo as referências de sua construção; oposicional, quando o receptor entende a proposta dominante da mensagem mas a interpreta seguindo uma estrutura de referência alternativa, isto é, outra visão de mundo, e negociada, quando o sentido da mensagem entra em “negociação” com as condições particulares dos receptores, contendo tanto um misto de lógicas contraditórias que contém os valores dominantes e os argumentos de refutação. (HALL apud ESCOSTEGUY e JACKS, 2005. p:40)

Essa leitura da mensagem por parte do receptor, ou a postura que ele assume diante dos conteúdos dos meios, está irremediavelmente associada a inúmeros fatores pessoais e sociais inerentes aos indivíduos ou grupos de indivíduos. São variáveis que interferem na apreensão do conteúdo. Na década de 1980, David Morley definiu algumas dessas variáveis, estando entre elas alguns fatores identitários como a origem étnica e o gênero. As histórias pessoal e social e o estatuto socioeconómico também são representativos na leitura dos conteúdos mediáticos.

Mas, independentemente da leitura feita no momento da recepção, ou das variáveis que interferem na decodificação das mensagens emitidas pelos meios, Escosteguy e Jacks expõem que os efeitos “incidem diretamente na conduta dos indivíduos sempre definidos em sua relação com opiniões e atitudes” (2005, p:45). Esta postura não está associada, como se expôs no passado, a uma atitude de completa passividade diante das mensagens recebidas, mas estão inseridas num processo de negociação, aonde aceitar ou rejeitar, como vimos, está diretamente relacionado à história dos indivíduos em suas mais variáveis vertentes identitárias, e mesmo ao rejeitar uma mensagem os receptores nada mais fazem que se posicionar diante do conteúdo recebido. É esta influência a que se referem Escosteguy e Jacks.

Outros investigadores optam por se pautar em estudos que asseguram que os medias são capazes de orientar a opinião pública, demonstrando que existe uma tendência em transformar em “realidade construída socialmente” a realidade “reportada pela mídia”. Apesar de ter a hipótese questionada metodológica e teoricamente, George Gerbner (1994), através da teoria do cultivo, sustenta que a televisão, dentre os *medias*, levam à construção de concepções compartilhadas, tendo forte “influência nos processos de socialização dos indivíduos e grupos através da construção de imagens e representações da realidade social”.

No estudo *Imaginários em confronto: as brasileiras e a televisão em Portugal*, Ferin Cunha (2006) testa algumas dessas perspectivas investigando a percepção que imigrantes brasileiras possuíam sobre as notícias - não apresentadas às pesquisadas - que receberam a nomenclatura “mulheres brasileiras prostituídas”. Em suas conclusões a pesquisadora afirma que as entrevistadas: “(...) assumem que estas

temáticas interferiram directamente nas suas vidas, levando-as à alteração de comportamentos que poderiam ser conotados, pelos portugueses, como estereótipos pejorativos das mulheres brasileiras” (FERIN CUNHA, 2006, p:185).

Tal postura admitida pelo grupo pesquisado tinha inicialmente, segundo a investigadora, o objetivo de “minimizar reacções discriminatórias no trabalho e na sociedade”, mas o processo de revisão das atitudes não se limitou a este primeiro momento de busca de aceitação, assim:

(...) as mesmas estratégias, associadas às trajetórias de vida e imigração, permitiram a reorganização e a reparametrização dos imaginários das entrevistadas. Este último fenómeno, perceptível em alguns indicadores, parece ter dado origem a um processo de incorporação dos imaginários portugueses, levando as entrevistadas a censurar nas recém-chegadas compatriotas as mesmas atitudes e comportamentos que foram obrigadas a alterar. (Idem)

Em outra investigação sobre a imigração brasileira e os telejornais portugueses, conduzida por Willy Filho (2008) - apresentada em parte no capítulo anterior -, buscou-se identificar a forma como eram retratadas, pelos telejornais portugueses, as imagens dos imigrantes brasileiros. O autor chegou à conclusão de que apesar de não “poder afirmar a existência de modelos de representação do imigrante brasileiro no telejornalismo português”, existem “tendências representativas num quadro de construções técnicas, estéticas e ideológicas, suficientemente convencionadas”.

Esse contínuo que tende a reabastecer a audiência, difundindo de igual modo determinados momentos ou personagens sociais, como as tendências representativas detectadas por Filho nas reportagens televisivas sobre a imigração brasileira em Portugal, podem encontrar eco em alguns pressupostos da já citada teoria do cultivo. Por ela se analisa que as mensagens televisivas possuem mensagens homogêneas, que, sistematicamente difundidas, possuem o efeito de produzir tendências ao cultivo de visões e crenças comuns.

A concepção da televisão como elo de união, como força unificadora da sociedade, capaz de criar fortes conceitos, incluindo o conceito de nação e o de uma comunidade nacional imaginada²¹ também motivou os estudos de Alexander Dhoest (2009). Tendo por base o conceito de comunidade imaginada, cunhado por Benedict

Anderson (1983), o autor o utiliza como norte em seu artigo sobre a recepção de programas ficcionais de televisão entre imigrantes e nativos em Flandres, região norte da Bélgica. Ancorado pelo questionamento sobre a constituição das audiências (seriam elas também “comunidades imaginadas”, uma nação de espectadores?), Dhoest se cerca do conceito de Anderson, que aponta para a mídia como um dos elementos responsáveis pela constituição de tais comunidades, que seriam, de acordo com Hall (1992), unificadas e homogêneas do ponto de vista étnico.

A vasta gama de hipóteses e teorias divide os estudos de recepção em três gerações distintas. Como vimos na página 05 do presente capítulo, Stuart Hall, inaugura na década de 1970 a primeira dessas gerações, através do seu *Encoding and Decoding in the Television Discourse* (1974).

A segunda geração é atribuída a David Morley. Com o seu *The Nationwide Audience* (1980) o investigador confirma, através da pesquisa realizada junto a um dado grupo de indivíduos, que os espectadores do programa de televisão *Nationwide* possuem diferentes posturas frente à uma mesma mensagem. Esta geração de estudos inaugura o que se definiu como etnografia da audiência, ao estudar grupos específicos, notadamente na questão de gênero.

No final da década de 1980 Ien Ang e Lawrence Grossberg revêm o conceito. Nesta fase, identificada como sendo a terceira geração dos estudos da recepção, há um processo crítico em relação à fase anterior, centrada nas pesquisas de cunho etnográfico. Seus estudos se caracterizam “pela tendência em se circunscrever a momentos particulares da recepção no quotidiano que são extremamente flexíveis e transitórios” (FERIN, 2006, p, 10).

Se são prenhes em significação para os indivíduos e grupos, a mídia, também assume, como indicam os estudos, funções, consideradas “centrais”, (Escosteguy e Jacks, 2005), como a busca por informações e lazer: “a procura de informação, diversão e a manutenção da identidade pessoal. Nesse caso muitas vezes em sentido compensatório, ou seja, para obter através dos meios o que não alcançam por outras vias”.

Mas de que forma essas funções – divertir, informar e auxiliar na manutenção da personalidade – são exercidas pelos media? Quais os conteúdos que dão conta de vastos afazeres? E, de que forma eles, os conteúdos, são tratados pelos emissores e, na outra ponta, decodificados e apreendidos pelos receptores ?

O advento da televisão promoveu a redução da informação transformando “acontecimentos em videoclips”. Pelo menos é como “alguns autores” (Filho, 2008) classificam os telejornais atuais. Para Machado (2000 apud FILHO, 2008) os telejornais não informam de forma complexa, mas promovem “atos de enunciação” (idem, p: 102). Em outras palavras, o jornalismo televisivo sintetiza ao máximo os acontecimentos, tirando de cada um deles o sumo necessário à compreensão, ao despertar do interesse da audiência e à facilitação da assimilação da mensagem veiculada. Como vimos no capítulo anterior, a construção deste tipo de produção jornalística se vale basicamente dos chamados valores-notícia, construindo o que Filho convencionou chamar, como citamos no início do atual parágrafo, de videoclipe:

Esta estética do «videoclipe», que valorizaria a «troca compulsiva» de imagens, de notícias, de cenas, de sequências, de planos e de personagens, resultaria numa superfluidade de informações que, de acordo com Noriega (1997), pode comprometer a recepção da própria mensagem informativa, que «aparece nos meios de massa como mercadoria de entretenimento, desprovida de qualquer utilidade pessoal ou social» (FILHO, 2008, p: 68).

3.3 - Crianças e jovens migrantes e os usos da mídia

A imbricação entre mídia e imigração, como já apresentado no capítulo anterior, desperta interesse constante na comunidade acadêmica nacional e internacional. No entanto, parte grandiosa desses estudos está focada nos usos da mídia pelos adultos. Por suas vez as pesquisas que tenham como objeto a intercessão entre *media*, crianças e jovens não chegaram a gerar análises científicas tão volumosas ao longo dos últimos anos.

Na investigação levada a termo por Elias e Lemish (2008) as autoras empreenderam uma ampla pesquisa que detectou as vertentes dos estudos voltados

às crianças e jovens migrantes na última década do século XX e na primeira década do século XXI, (Blosser, 1988; Christopoulou, N.; S. de Leeuw, 2004; De Block, L.; D. Buckingham; S. Banaji, 2005; Durham, M.G., 2004; Lemish, D., 2007; Lemish, D., K. Drotner, T. Liebes, E. Maigret; G. Stald, 1998; Mayer, V., 2003, e Niznik, M., 2003).

Elias e Lemish, aprofundaram que nessas pesquisas os focos se centraram em prioritariamente em apenas um veículo de comunicação “(geralmente a televisão) e apenas de forma parcial, já que se limitam a examinar alguns programas em particular”(idem, p: 21). Ao se confrontarem com uma limitada produção científica exprimiram seu pensamento de forma pragmática:

Tamanho descuido é especialmente surpreendente quando se constata que imigrantes jovens estão profundamente envolvidos em mudanças pessoais e sociais e devem lidar com complexas tensões intergeracionais. Além disso, entre os poucos estudos que lidam com o papel dos *mass media* na vida de crianças imigrantes, existe uma ausência quase completa de atenção ao papel dos pais como formadores das preferências midiáticas dos filhos e o papel da mídia na unidade familiar imigrante como um todo. (ELIAS & LEMISH, 2008, p: 21)

Este relacionar comunicação, imigração, infância e adolescência vem, gradativamente despertando a atenção dos pesquisadores e gerando novos estudos. Como já citamos, em Portugal, Carvalheiro (2008) analisou a integração de jovens portugueses imigrantes em França e jovens cabo-verdianos imigrantes em Portugal, analisando os discursos existentes nos *media* e na sociedade dos dois países referente aos grupos pesquisados. No Brasil, Kulcsár (2006), se debruçou sobre a alfabetização visual de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos através da produção de fotografias sobre o contexto da imigração.

Dentre as pesquisas referidas por Elias e Lemish é necessário destacar o projeto de pesquisa-ação desenvolvido pelo CHICAM, *Children in Communication about Migration*, na Inglaterra, que está sob a coordenação do Centro para o Estudo de Crianças, Jovens e Mídia do Instituto de Educação da Universidade de Londres. O projeto tem como objetivo usar meios de produção e de troca como uma ferramenta de pesquisa através do qual as crianças refugiadas e migrantes poderiam representar

as suas experiências de relacionamento com os colegas, família, escola e comunicação intercultural, através da nova mídia.

3.4 - Imigração infanto-juvenil brasileira: invisibilidade acadêmica

Em Portugal o peso da imigração infanto-juvenil é substancial. De acordo com os dados do último relatório do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, SEF, relativo ao ano de 2010, de um total de 445.262 migrantes que viviam legalmente em solo português, 72.710 indivíduos possuíam idades que variavam entre zero a 19 anos. Numa outra perspectiva, os menores de 14 anos, ou seja, relativo aos períodos da infância e pré-adolescência, representam 10,21 da população imigrante residente no país.

Somados, eles representam mais de 16 por cento dos imigrantes, e a despeito deste vigoroso contingente a produção acadêmica tem sido tímida em investigações que tenham por recorte este grupo específico. Além do já citado Carvalheiro (2008), Sônia Pires (2009) e Maria da Conceição Pinto (2009), bem como Teresa Seabra *et al* (2011) tratam da questão da adolescência migrante em Portugal. Dois desses autores se debruçam sobre grupos específicos: Pires, analisa comparativamente os jovens de origem cabo-verdiana e os de origem hindu-indiana, e Carvalheiro traça paralelos entre os imigrantes cabo-verdianos em Portugal e os portugueses em França, as demais obras não se fixam na origem dos pesquisados, mas sim na faixa etária. O mesmo ocorre com a publicação *Caminhos para a Integração. Condições de Vida, Aspirações e Identidades de Jovens Descendentes de Famílias Imigrantes na Europa* (AA.VV., 2005), resultado do esforço realizado pelo Colóquio internacional para Integração de Descendentes, ocorrido em 2003, em Lisboa.

No tocante à nacionalidade, e com um pequeno aumento em relação aos dados de 2009, quando representavam 25 por cento da população estrangeira em Portugal, os brasileiros continuavam, em 2010, a ser a maior comunidade imigrante do país, perfazendo 119.363 indivíduos, ou 26,81 por cento do total de realocizados vivendo legalmente em terras lusas.

Esta representatividade da comunidade brasileira no país aguçou os sentidos da academia e gerou inúmeros estudos tanto em Portugal como no Brasil (MALHEIROS, 2007; PADILLA, 2007; PINHO, 2007; MACHADO, 2009).

Numa pesquisa que envolveu oito famílias brasileiras, participantes de entrevistas semiestruturadas, Isabel Ferin procura entender alguns aspetos da imigração brasileira em Portugal em investigação associada às Teorias das Migrações e aos Usos e Consumos dos Media e das tecnologias digitais. O trabalho empírico foi realizado em 2009 e a pesquisadora faz em seu artigo breve histórico da imigração brasileira em terras lusas: origem geográfica e social, os períodos do deslocamento e os motivos que levaram os indivíduos a deixar seu país de origem. Detecta, como também relatamos no primeiro capítulo do presente trabalho, que muitos desses motivos estão ligados aos problemas internos brasileiros, como violência e crises econômicas. A autora guarda, ainda, a preocupação de elencar as principais ocupações dos brasileiros em Portugal- comércio, restauração e construção civil -, e mesmo os que possuem mais alta escolaridade raramente se ocupam em postos concernentes às suas habilitações literárias.

Em seu texto Ferin Cunha refere-se à manutenção de estereótipos coloniais em relação aos imigrantes brasileiros (FERIN CUNHA E SANTOS, 2004; FERIN CUNHA, 2004, PADILLA, 2005), notadamente em relação à mulher, mas mesmo assim são eles que mais recebem “respostas tendencialmente favoráveis à integração por parte dos (...) portugueses”, (LAGE e POLICARPO, 2003, apud FERIN CUNHA, 2009, p: 03). O artigo identifica, ainda, que “a comunidade brasileira encontra-se em fase de enraizamento” (FERIN CUNHA, 2011, p: 03) e que quarenta por cento dos imigrantes não pensam em voltar ao seu país de origem²². Os indicativos de tal informação são baseados nos índices de reagrupamento familiar, de casamentos, mistos ou não, e nas solicitações de aquisição de nacionalidade por naturalização (SEF, 2009).

O artigo é composto de uma análise de um conjunto de 65 entrevistas selecionadas dentre as produzidas para o Projeto Inclusão e Participação Digital (2009-2011), e obtidas a partir da metodologia de “bola de neve”. No tocante ao nosso estudo este artigo tem o mérito, de diferentemente das pesquisas que têm sido levadas a cabo sobre a imigração brasileira entre os estudiosos em Portugal, de não se

fixar apenas em um grupo etário, mas nos membros de “duas gerações da mesma família”, com idades que variam, de 15 a 35, no grupo mais novo, e de 39 aos 56 anos, referente aos com maior idade.

O grupo mais novo, é, no entanto, analisado como um todo, incluindo adolescentes, jovens adultos e adultos. Não diferenciando adolescentes e adultos – por não ser este o objetivo da autora - nas conclusões sobre esta parcela dos entrevistados. A análise dá importante contribuição no sentido de se compreender os consumos mediáticos dos brasileiros jovens (15 a 35 anos), que segundo Ferin não ouvem rádio com assiduidade, mas que utilizam com frequência tanto a televisão como os computadores, incluindo a internet. No tocante à frequência em que consomem produtos literários a autora concluiu que:

Os hábitos de leitura estão muito vinculados à detenção dos diversos capitais, económico, social, cultural e simbólico. Os filhos das famílias com perceptível maior acumulo de capital demonstram maior intimidade com a leitura, bem como estratégias familiares que visam incentivar, tais como sugestões de obras apropriadas às idades, de clássicos da literatura e da participação dos progenitores no acto de leitura, (FERIN, 2011, p:20).

No entanto, nenhuma pesquisa foi desenvolvida tendo especificamente por objeto de estudo as crianças e os jovens brasileiros que vivem em Portugal. De segunda geração ou trazidos ao país pelas mãos dos parentes adultos, estes indivíduos aparentemente não têm sido alvo de interesse acadêmico. Não se sabe como vivem, pensam, ou quais as aspirações possuem em relação ao país de acolhimento ou mesmo sobre seu país de origem e de que maneiras buscam se integrar à realidade e à sociedade portuguesa. Há um silêncio e um desconhecimento sobre essa população infanto-juvenil brasileira a residir em Portugal.

O cruzamento deste grupo específico com as veiculações mediáticas também, como de resto, não observa nenhuma busca de conhecimento por parte dos acadêmicos, sejam portugueses, brasileiros ou de demais nacionalidades. Se, como afirmou Ferin em seu estudo sobre televisão e as mulheres brasileiras, há uma alteração comportamental das imigrantes de maneira a se afastar dos estereótipos

construídos sobre elas na sociedade portuguesa, de que forma se posicionam os jovens brasileiros diante destes mesmos e demais estereótipos existentes.

3.5 – Memória: os ecos do passado reorganizados no presente

Num estudo que se propõe analisar os consumos mediáticos de dado grupo - neste caso imigrantes juvenis brasileiros – e de que forma estes consumos interferem na adaptação ou na não adaptação à sociedade de acolhimento, ou mesmo como são utilizados para os manter informados sobre o país de origem, lícito é não se limitar às relações destes indivíduos com a mídia. As relações sociais e de parentesco devem, também, se fazer presentes nesta equação, visto que essas relações cotidianas fazem parte da construção social de cada um e interferem na forma como os indivíduos enxergam o mundo.

Como vimos na introdução a este capítulo, nosso estudo não se prende à investigação dos usos e consumos mediáticos pelos jovens, mas também aos de seus pais e investigar de que forma estes passam ou não as memórias que possuem a respeito do Brasil e de suas histórias de vida naquele país.

Uma de nossas inquietações é perceber se as relações entre pais imigrantes brasileiros e seus filhos incluem relatos das memórias vividas no país de origem, e se esta troca de informação pode, como bem analisado por Choron-Baix, (2002, apud Daure; Reveyrand-Coulon, 2009), representar um legado para os descendentes de maneira a repassar “valores que eles consideram importantes e que eles gostariam de perpetuar”. Por seu turno, a filósofa e historiadora brasileira Marilena Chauí na obra *Convite à Filosofia* (2000) lembra que “para Proust, como para alguns filósofos, a memória é a garantia de nossa própria identidade, o podermos dizer ‘eu’ reunindo tudo o que fomos e fizemos a tudo que somos e fazemos”.

A memória é um campo de estudos que abarca inúmeras áreas do conhecimento, como a psicologia, as ciências sociais e até mesmo a informática. O filósofo francês Henry Bergson (1959) afirmava não existir “percepção que não esteja impregnada de lembranças”. Chauí esclarece que Bergson fazia distinção entre dois

tipos de memória: a memória-hábito, que nada mais é do que “um automatismo psíquico que adquirimos pela repetição contínua de alguma coisa”, e a memória pura que é “a memória propriamente dita” e que guarda os fatos sem necessidade de repetição devido ao seu “significado especial afetivo, valorativo ou de conhecimento”. Por seu turno, a filósofa elencou como sendo seis os grandes tipos de memória:

1. A memória perceptiva ou reconhecimento, que nos permite reconhecer coisas, pessoas, lugares, etc. e que é indispensável para nossa vida cotidiana;
2. A memória-hábito, que adquirimos por atenção deliberada ou voluntária e pela repetição de gestos ou palavras, até gravá-los e poderem ser repetidos sem que neles tenhamos que pensar;
3. A memória-fluxo-de-duração-pessoal, que nos faz guardar a lembrança de coisas, fatos, pessoas, lugares cujo significado é importante para nós, seja do ponto de vista afetivo, seja do ponto de vista de nossos conhecimentos;
4. A memória social ou histórica, que é fixada por uma sociedade através de mitos fundadores e de relatos, registros, documentos, monumentos, datas e nomes de pessoas, fatos e lugares que possuem significado para a vida coletiva. Excetuando-se os mitos, que são fabulações, essa memória é objetiva, pois existem em objetos (textos, monumentos, instrumentos, ornamentos, etc.) e fora de nós;
5. A memória biológica da espécie, gravada no código genético das diferentes espécies de vida e que permitem a repetição da espécie;
6. A memória artificial das máquinas, baseada na estrutura simplificada do cérebro humano.

As quatro primeiras fazem parte da vida de nossa consciência individual e coletiva; a quinta é inconsciente e puramente física; a última é uma técnica. (CHAUÍ, 2000, p: 162)

Os estudos sobre a memória coletiva deram notabilidade ao sociólogo francês: Maurice Halbwachs, pertencente à da escola durkheimiana. Para Halbwachs a memória nada mais é do que um produto social e que as lembranças de dados fatos não representam os fatos verdadeiramente em si, pois são constituídas de outros elementos do passado e até mesmo do presente, em outras palavras ao lidar com dados do agora formamos uma equação que possibilita uma revisão ou adequação dos fatos do nosso passado:

A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada, (HALBWACHS, 2004: pp: 75-76)

Assim, a memória individual dos sujeitos está impregnada de referências externas, de vivências intimamente ligadas à memória coletiva. Apesar disso, mesmo que construída coletivamente esta memória dos grupos não seriam idênticas nos indivíduos, de acordo com o pensamento do antropólogo Joel Candau (2001).

Se, como vimos, a memória contribui no processo de formação do eu, e contribui para a o sentimento de pertença em dado grupo, como e de que forma num contexto de imigração o relato das memórias sobre o país de origem garantem um certo equilíbrio social aos jovens deslocalizados? Qual a relevância, o peso, dessas lembranças, transmitidas pelos pais, na vivência social no país de acolhimento? As professoras Ivy Daure e Odile Reveyrand-Coulon, da Universidade de Bordeaux, empreenderam, na França, pesquisa neste sentido. Publicados em 2009, os resultados da investigação apontam algumas respostas nesta relação memória/imigração/identidade. O estudo foi realizado junto a nove famílias imigrantes vindas de três países: Brasil, Itália e Portugal. O objetivo era verificar o processo de “transmissão cultural na construção das identidades do imigrante e de seus descendentes”.

As autoras defendem, a partir dos resultados obtidos, que os filhos de imigrantes nascidos no país de acolhimento têm mais facilidade de se integrar na sociedade em que vivem, e de circularem também mais livremente entre a cultura do país de origem e a do país de acolhimento se os pais “falarem da história migratória e das suas histórias pessoais no país de origem”. Por outro lado, a troca ou não de referências pode gerar, dependendo do caso, sentimentos díspares que vão do pertencimento ao isolamento:

É possível que as referências culturais específicas a cada geração venham a constituir elemento favorável à troca de experiências, o que pode fazer com que o sentimento de duplo pertencimento se torne a característica familiar que reforça as relações. Todavia, a impossibilidade de circulação das experiências de cada geração pode significar o isolamento de

cada uma, como se a passagem de uma cultura a outra não fosse viável. (DAURE; REVEYRAND-COULON, 2009, p: 420)

A socialização das memórias pelos pais imigrantes aos seus filhos, além de favorecer positivamente as relações intrapessoais e fornecer às crianças e jovens balizamento cultural e emocional sobre o país de origem podem, ainda, colaborar na afirmação da identidade (MACHADO PAIS, 1999):

Essa dimensão identitária – quem somos? – emerge do terreno de memórias históricas compartilhadas. Por isso, o sentimento de identidade – entendida no sentido de imagem de si, para si e para os outros - aparece associado à consciência histórica, forma de nos sentirmos em outros que nos são próximos, outros que antecipam a nossa existência que, por sua vez, antecipará a de outros. Ao assegurar um sentimento de continuidade no tempo e na memória (e na memória do tempo), a *consciência histórica* contribui, deste modo, para a afirmação da identidade – individual e colectiva. (PAIS, 1999, p: 1)

3.5 - Identidade: a construção complexa de uma vida inteira

A noção de identidade carrega em si multiplicidades e definições extensas. A impossibilidade de firmar definitivamente o quê efetivamente é identidade levou Stuart Hall a concluir que trata-se de um conceito "demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido" (HALL, 2003, p.8). A identidade não é uma só, mas múltiplas: individual, de grupo ou coletiva, política, étnica e artística, entre outras. O conceito é alvo de análise em diversas áreas científicas como a história, sociologia, comunicação, filosofia e antropologia.

Na pesquisa que desenvolvemos não se pretende extenuar a noção do conceito, mas não poderíamos deixar de estar atentas à importância dele, acreditando, como Bauman (2002, *apud* CUNHA, 2007), que “a identidade tornou-se um prisma através do qual os outros aspectos da vida contemporânea são compreendidos e examinados”. Desta forma, num estudo como o nosso, em que estão alinhados elementos como memória, *media*, grupos étnicos, imigração e adolescência não

deixaríamos, por incorrer em omissão, de apresentá-lo mesmo que de forma econômica e exclusivamente inserido no contexto de nossa pesquisa. Afinal, a identidade é uma construção cotidiana e está, também, representada nos discursos das relações sociais e mediáticas. Em seu estudo sobre os jovens imigrantes cabo-verdianos em Portugal, e os jovens imigrantes portugueses em França, Carvalheiro mostra com maestria como a dimensão identitária é complexa:

A preocupação com as identidades e a sua nomeação sempre terá existido, mas o que será indistintamente moderno é o discurso acerca da identidade (Calhou, 1994). Nas primeiras décadas do século XX, os sociólogos que analisaram a vida nas grandes metrópoles salientavam os relacionamentos “variados e complexos” (Simel, 1976, p. 14), onde cada indivíduo se torna “membro de grupos bastante divergentes, cada um dos quais funciona somente com referência a um segmento da sua personalidade” (Wirth, 1976, p. 105). Ou seja, as mudanças que foram pluralizando os papéis sociais complexificaram também o reconhecimento dos sujeitos. Ao contrário das sociedades tradicionais, foi-se tornando crescentemente difícil conceber uma dimensão identitária englobante, capaz de acomodar coerentemente todas as outras dimensões sob a sua égide (HALL, 1993, CALHOU, 1994), (CARVALHEIRO, 2008, p: 35)

Elias e Lemish afiançaram que “a imigração e o estabelecimento em uma nova sociedade podem ser alguns dos processos mais dinâmicos e complexos na vida de um indivíduo” (2009, p: 01). Para as autoras as “mudanças pessoais e culturais são entrelaçadas em processos contínuos de descobertas, agitações e crises”. A complexidade do processo pode ser ainda agravada, no caso das crianças e jovens, por ser a infância e a adolescência o período em que se tem início a formação da identidade, um processo que não se estanca em apenas uma ou duas dezenas de anos, mas que pode se estender por toda uma vida. No entanto, é no período da juventude que este processo se dá de forma mais intensa.

Durham (2004), recorda que Stuart Hall (1996), “baseando-se em Foucault, observa que a identidade deve ser conceituada como a relação entre sujeitos e práticas discursivas mais amplas”. O pesquisador, que empreendeu estudos sobre *media* e sexualidade na diáspora, afiança, com base no pensamento de vários autores, (ARNETT, 1995; BROWN, DYKERS, STEELE, & WHITE, 1994; CURRIE, 1999;

STRASBURGER, 1995), que a mídia e “a cultura popular oferecem discursos sociais que desempenham um papel fundamental na construção da identidade”.

A amplitude de possibilidades que a investigação sobre a identidade permitiu que Reis (2008) examinasse o conceito e a partir da nacionalidade como referência de informação identitária o autor pode afirmar que:

A nacionalidade continua a prover o ponto de referência decisivo para o sentido da identidade pessoal (não havendo, em escala transnacional, nada que equivalha ao sentimento de participação de numa comunidade que a nação favorece), (REIS, 2008, p: 167)

A identidade étnica não é um fato dado. Os antropólogos acreditam ser ela uma construção, inserida num processo histórico e está relacionada com a necessidade de afirmação e da constituição de poder político de dado grupo.

Dizer que a identidade étnica é “construída” é uma outra forma de dizer que ela é resultado de processo histórico, definição que se contrapõe à ideia de “primordial”. Este termo, dos cientistas sociais, designa a crença de que a identificação étnica estaria na “essência” dos grupamentos humanos, constituindo, portanto, um laço afetivo. Em um ensaio sobre separatismo e xenofobia nacionais, Hobsbawm (2000:275) afirma que “nunca, como hoje, foi tão importante rejeitar a tese ‘primordialista’ da etnia, (WEBER, 2006, p: 241)

É preciso estar atento e perceber que muitas vezes os discursos sociais podem impor identidades generalistas aos mais distintos indivíduos, notadamente aos inseridos em um grupo. São discursos que em geral não são pautados no real e que flertam com o grosseiro. Trata-se de transposições de imagens, algo como restabelecer “marcas” novas para um dado grupo, a ponto de Hobsbawm (2000), alertar para a facilidade de se transformar, de se mudar, as identidades étnicas. Ao estudar a identidade e memória entre teuto-brasileiros, Ellen Fensterseifer, dá exemplo de como esta transmutação pode ocorrer, e em muitos casos criar uma nova identidade étnica a dado grupo:

Aqueles que chegaram eram bávaros, renanos, frísios, saxões, ou mesmo austríacos, franceses e dinamarqueses, todos rotulados como “alemães”. (...) nas “picadas” organizadas pelo governo brasileiro foram assentados renanos vizinhos de bávaros ou de austríacos, embora em alguns lugares pudessem ter prevalecido migrantes de uma região específica [...] Essa heterogeneidade resultou numa espécie de “reinvenção das tradições” sob forma de uma negociação que resultou numa “tradição teuto-brasileira”: dialeto de uma região; hábitos alimentares de outra [...]; religião de uma terceira (WOORTMANN apud WEBER, 2006, p: 242)

Weber também dá sua contribuição a título de tornar mais clara a questão da possibilidade de transformação ou recriação das identidades étnicas:

O termo que melhor traduz a ideia de identidade étnica como uma construção é “etnogênese”. O uso moderno do vocábulo é dos anos 1960 e, ao ser empregado para definir uma “nova consciência de identidade” dos negros americanos, situa as transformações no campo das representações, a par das transformações sociais e políticas. Uma visão do grupo étnico como mutável também está em Wallerstein, mas por razões diferentes das apontadas anteriormente. Para o autor, tanto a nação como a raça e o grupo étnico são resultado da economia-mundo capitalista. (Idem)

3.6 – Identidade, imigração e estigma: o multiculturalismo no centro da questão

(...) a etnicidade pode ser detectada nas representações mediáticas quando estas salientam a existência de diferenças e fronteiras culturais e, simultaneamente, sugerem implicações social e politicamente divisoras”. (CARVALHEIRO, 2008, p: 59)

Como a lógica, para ser sã, reclama a presença de si, a produção de juízo, para ser válido, reclama a presença de outrem “. (HANNAH ARENDT, 1972, p: 282)

A reafirmação das identidades étnicas em situação de imigração tem gerado o que Bertossi (2012), ao discorrer sobre a questão da integração na Europa, chamou de crise do multiculturalismo. Ao sentirem-se ameaçados em seus valores os países de acolhimento dão como resposta uma posição de firme reafirmação desses mesmos valores:

(...) a Europa vacila, temos receio de perder nossa identidade, esse pão das nossas sociedades que de tão precioso se nos afigura. E, para demonstrarmos a importância de não perder este pão precioso, encontramos no islão³ um inimigo que tem valor de prova: face ao islão e aos imigrantes temos de ser identitários, mesmo enquanto europeus. (BERTOSSO, 2012, p: 14)

Para fazer frente a tal afirmação, o autor elenca as posições dos líderes máximos das principais democracias europeias: França, Alemanha e Inglaterra, que decretaram o insucesso do multiculturalismo, citando, por exemplo, frase do primeiro-ministro britânico, David Cameron proferida em uma conferência em Munique:

Sob a capa do multiculturalismo oficial, incitámos diferentes culturas a prosseguir por vias independentes uma das outras e independentes da sociedade. (...) **Chegamos mesmo a tolerar** que estas comunidades independentes tivessem comportamentos contrários aos nossos valores. (Idem - grifo nosso)

A declaração do primeiro-ministro britânico proferida em meio a uma cerimônia de projeção mediática relembra o pensamento de Carvalheiro (2008), mostrando que a comunicação também é um processo “coletivo, ritualizado e de criação de sentidos” e que pode garantir a coesão social, através de eventos promovidos pelos *media*. Tais eventos se “constituem em rituais de reunificação das sociedades em redor de valores e objectivos comuns” (DAYAN; KATZ, 1992, apud CARVALHEIRO, 2008, p: 25). Para explicitar ainda mais esta equação, o autor cita Anderson (1991): “os consumos mediáticos, individuais, mas simultâneos (...) actuam como cimento quotidiano das “comunidades” nacionais”. (Idem)

Dessa forma, a transmissão, via *media*, das palavras de David Cameron está inserida na lógica dos “rituais de reunificação” citados no parágrafo anterior. A mensagem do primeiro-ministro quer exprimir uma realidade de tolerância, mas deixa escapar nas entrelinhas o sentimento de intolerância para com o *outro*. A frase de Cameron, se apresenta dentro de um contexto europeu onde parcela dos atores sociais vem desenvolvendo uma crítica ao multiculturalismo e ressaltando os valores de dada sociedade em detrimento dos valores do *outro*. Os *media* não estão ausentes deste processo e incorporam o discurso da sociedade em que vivem, numa prova de que a linguagem também é espaço de dominação e poder, tal qual afirma Bourdieu.

Em uma pesquisa levada a termo pela investigadora Rosa Cabecinhas (2002) foram entrevistados 78 jovens universitários, todos de cor branca e do sexo masculino. O objetivo era analisar “o papel dos *media* na construção dos estereótipos sociais”. A autora realizou a experiência em duas fases: na primeira apresentava aos estudantes “hipotéticas notícias de jornal que deveriam analisar.” Dois dias depois era solicitado a estes mesmos estudantes que relatassem de forma fiel a notícia que tinham lido. As principais recordações do grupo se prendiam ao gênero e à etnia dos sujeitos da notícia.

Os resultados deste estudo apontam para a elevada saliência das categorizações sexual e racial. As percentagens de recordação dos atributos categoriais da pessoa-alvo (protagonista da notícia) foram bastante elevadas: 100% para o sexo e 92,3% para a “raça”. Já as percentagens de recordação dos atributos subordinados do protagonista (nome, idade, profissão e residência) são bastante mais baixas (variando entre os 23.1% e os 60.3%), sendo a profissão o atributo subordinado mais recordado, tal como em Park e Rothbart (1982), (CABECINHAS, 2002, p: 17)

Na mesma linha de raciocínio e dentro da mesma questão: a imigração e integração dos deslocalizados na Europa, o presidente francês, Nikolas Sarkozy, talvez ainda ouvindo ecos dos atentados terroristas de 1995⁴, reafirmou, em entrevista no início de 2011, os valores da sociedade de seu país.

A verdade é que em todas as democracias, houve **demasiada** preocupação com a identidade daquele que chegava e não houve suficiente preocupação com a identidade do país de acolhimento. (...) A comunidade nacional francesa não pretende alterar seu modo de vida, (SARKOZY apud BERTOSSI, 2012, p: 15 - *grifo nosso*)

Poderíamos continuar nesse eixo, citando também o pensamento da chanceler alemã Angela Merkel, mas preferimos, apenas a título de compreensão, e tomando a França tão somente como exemplo, nos concentrar um pouco mais na declaração de Sarkozy e seu discurso de “tolerância” aos valores e identidade do *outro*. Assim fazendo pretendemos entender os contornos dos discursos imigração/integração, versus identidade de origem/identidade de acolhimento tão em voga em inúmeros setores do mundo ocidental nas últimas décadas.

Com mais de 100 anos de história de imigração, a França se tornou, com o objetivo de combater o déficit populacional “o primeiro país europeu de imigração” (CARVALHEIRO, 2008), mas “na França, como na maioria dos outros países, a situação dos estrangeiros nunca foi um modelo de respeito pelos direitos humanos e liberdades civis”.

A sentença, proferida em diversos idiomas há quinze anos pelo informativo eletrônico Le Monde Diplomatique (<http://mondediplo.com/1997/11/imm1>) difere da análise de Sarkozy sobre a comunidade imigrante naquele país.

Em 1974 a França redescobriu o termo integração através do secretário de estado da imigração Paul Dijoud , seria “o novo objectivo da política de imigração, ao fim de várias décadas de assimilação” (Wenden, 2008), num país que notadamente queria fazer “franceses com estrangeiros” (idem, 1995). Mas estes “franceses” de origem externa estavam na maioria segregados nos chamados bairros de lata ou nos subúrbios. As autoridades do país acrescentavam à identidade migrante adjetivos que não chegavam a promover a integração, ao contrário, de tão fortes acabavam por gerar estigmas:

(...) surgem como suspeitos, inclusive no discurso dos presidentes da República e dos ministros, vendo-se acusados de poligamia, no caso dos africanos (por Valéry Giscard d’Estaing), de

causarem nocividades como os “maus cheiros” (por Jacques Chirac), tendo mesmo sido apresentados como “selvagens” e posteriormente como “escumalha” pelos ministros do Interior Jean-Pierre Chevènement e Nicolas Sarkozy; François Mitterrand falou a seu respeito de “limiar de tolerância”, Michel Rocard de “miséria do mundo, (WENDEN, 2008, pp: 37, 38)

Os alvos da reordenação identitária no caso francês não se resumem apenas aos imigrantes que trazem consigo o pendor religioso. Regina Weber (2006), traçou um paralelo sobre as comunidades imigrantes portuguesas no Brasil e em França dando o seguinte veredicto:

No Brasil, o imigrante português está associado à figura do pequeno empreendedor urbano e a própria pesquisa histórica pode comprovar que o saldo dessa emigração, tanto em termos econômicos como em termos de liberdade social, foi positivo (Costa Leite, 2000). Não é essa a situação dos imigrantes portugueses que o cineasta Robert Bozzi filma, em documentário encomendado pelo Partido Comunista Francês, vivendo em barracos na periferia de Paris, em 1970, e expostos aos estigmas que todos os imigrantes pobres sofrem. (WEBER, 2008, pp:241, 242)

Mas Weber tem o olhar focado no Brasil contemporâneo. Os ecos dos primórdios da ocupação do território brasileiro não deixam dúvidas: há mais de cem anos a imigração era vista de forma funcional. O objetivo era encaminhar a população estrangeira para todas as zonas do país para que fosse “absorvida” em todo o território o que evitaria a concentração que de fato ocorreu no sul. Num texto histórico, cujo exemplar repousa cuidadosamente no setor de obras raras da biblioteca da Universidade de Campinas, em São Paulo, o jornalista e escritor Sylvio Romero (1891) discorre sobre a imigração no Brasil à época acreditando que a concentração dos imigrantes em poucas regiões acabaria por aniquilar a “raça portuguesa” naquele país. O ensaísta dá como bom exemplo de pulverização territorial dos deslocados a imigração alemã para os Estados Unidos, que se espalhou por todas as regiões do território estadunidense e que “falam inglês” e são considerados americanos.

É importante frisar que num país já independente da Coroa Portuguesa, o autor não via os portugueses que lá habitavam como imigrantes, ao contrário, no seu ponto

de vista seriam eles os responsáveis pela ordenação da imigração pelo território da ex-colônia.

Esclarece que na região do Amazonas os portugueses criaram poucos núcleos, sendo o restante desabitado ou ocupado pelos índios. Em contrapartida no sul a influência portuguesa já era praticamente inexistente ou não se fazia presente devido à presença da imigração italiana e alemã. O receio era que a língua portuguesa fosse extinta nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O autor esclarecia que o Brasil português estava na região que seguia do Maranhão ao Rio de Janeiro “com o São Francisco ao centro” uma região em que havia maior predomínio de “mestiços” e para onde os novos imigrantes não iam. Seu receio era de que a população do sul fosse diversa da do restante do país e que poderia levar à sua separação. Para evitar a cisão do país o autor argumenta ser necessário utilizar-se de ações publicitárias para controlar o processo imigratório:

Parece-me que os bons cálculos e fortes propagandas podem dirigir as vontades das massas num sentido determinado e prestam na ciência social o mesmo serviço das culturas e *creações* (sic) artificiais na biologia (...).Creio, assim, que seria possível disciplinar e dirigir no Brasil o terrível problema da *immigração* (sic) estrangeira, (grifo nosso), (ROMERO, 1891, p:07).

Independente das reações que tal afirmação pode gerar ao traçar um paralelo entre homens e mulheres com criações artificiais da biologia, Romero estava separado do presidente Sarkozy apenas no sentido temporal. Tal como pensava a maior autoridade francesa o autor tinha por linha de raciocínio e como máxima preocupação a manutenção cultural do povo brasileiro, ou da “raça portuguesa” dominante ainda no país de apenas quatro séculos de existência:

Num caso e n’outro o Brasil futuro será de outra raça que não a nossa, e o papel do povo *portuguez* (sic) aqui terá sido simplesmente o do primeiro desbravador do terreno, terá sido o de uma população provisória que veio limpar o caminho para outros, (Idem, p:06)

Ao estigmatizar a cultura do outro ou atribuir atitudes individuais à comunidade como um todo, incorre-se no erro da generalização. Via de regra são estigmas impostos ao grupo, atitudes do outro que se mostram contrários aos valores da sociedade de acolhimento. Diante de situações como essas são proferidas frases como a o primeiro-ministro inglês, do presidente francês ou do ensaísta brasileiro. Construções verbais que mais estimulam a diferença do que a tolerância e que estão muito longe de observar os caminhos da integração.

Dentro desse quadro, podemos, ainda assistir a criação de leis que desrespeitam o multiculturalismo, a exemplo da proibição do uso do véu pelas muçulmanas em França; ou, ainda, que não recebem a chancela da lei, mas que da mesma forma são perversas para os deslocados, como a exposição negativa das mulheres brasileiras pelos *media* portugueses em meados da década passada. O impacto das veiculações jornalísticas foi de tal forma que motivou estudos como os de Ferin, já citados anteriormente, e promoveu uma readequação do comportamento das brasileiras em solo português. Desta forma, essas mulheres tentavam, em última análise, se afastar de uma apropriação “identitária das representações mediáticas” (Carvalho, 2008). Acreditamos que tais ações mediáticas acabam por construir, em oposição à noção de comunidade imaginada, cunhada por Anderson, uma comunidade imaginada de imigrantes, que na sequência das sucessivas repetições de padrões pelos *media* acabam por atingir um país inteiro (uma comunidade imaginada criada pelo imaginário do país de acolhimento), conotando como características gerais do povo de dada nação as características apresentadas nos meios nacionais de outra nação. O melhor conceito que se aplica ao que acabamos de afirmar seria o de estereótipo, tal como registrado por Lippmann em 1992 e descrito por Cabecinhas (2002):

O conceito de estereótipo surge pela primeira vez nas ciências sociais numa obra de Lippmann (1992) sobre a formação da opinião pública. Lippmann define os estereótipos como imagens mentais sobre a realidade que se interpõem, sob a forma de enviesamento, entre o indivíduo e a realidade. Segundo o autor, os estereótipos formavam-se a partir do sistema de valores do indivíduo e tinham como função a organização e estruturação da realidade, de outra forma demasiado complexa para ser assimilada. Os meios de comunicação social, nomeadamente a imprensa, teriam elevada responsabilidade na formação dos estereótipos devido à maneira

simplicista e enviesada como determinadas minorias étnicas eram descritas, (CABECINHAS, 2002, p: 02)

A França, no que toca aos imigrantes, abandonou o conceito de integração para o de “viver junto” (Weber, 2008). A comunidade brasileira, histórica e culturalmente ligada à de Portugal, tem vivido sem maiores sobressaltos em terras lusas, sendo, inclusive o grupo que vem “evidenciando grandes relações de proximidade com os portugueses” (Malheiros, 2007). Apesar disso, a dualidade persiste. Alguns depoimentos académicos, por um lado, dão conta de que os passos nem sempre seguem pelo mesmo caminho da aproximação, mas pela manutenção de estereótipos:

Certa vez, quando fui encher o depósito de gasolina, pude perceber a imagem da mulher brasileira: ao perguntar se eu poderia pagar com cartão, o 'frentista' anuiu, mas brincou que se eu fosse mulher poderia pagar com o corpo (podemos entender que ele associou o facto de eu ser brasileiro (...) à idéia de que as mulheres brasileiras são todas trabalhadoras do sexo). (MACHADO, 2009, pp: 102, 103)

Outros dão mostras de um sentimento de aproximação latente, onde as principais características identitárias da comunidade são vistas como positivas:

A língua comum, potenciada por um intercâmbio literário pujante e pelo “imaginário realista” da telenovela, é traço de união indelével; a informalidade no trato e o “jeito” brasileiro de comunicar vêm revolucionando vastos sectores de serviços em Portugal com particular realce para o comércio de retalho, a hotelaria e a restauração; a omnipresença do futebol brasileiro nos relvados e nos *media* são factores que elevam a presença da comunidade brasileira entre nós a um estatuto absolutamente indiscutível; as efemérides passadas e futuras convocam ambas as pátrias a uma celebração continuada. (MALHEIROS, 2007, p: 8)

Se “não há maneira de escaparmos aos conceitos em cujos termos pensamos a respeito do mundo” (WINCH, 1970, pp: 25-26), e se estes conceitos são construídos socialmente, é preciso verificar de que forma essa dualidade – estabelecida ao menos nas pesquisas científicas - é ou não percebida pela comunidade juvenil brasileira

estabelecida em Portugal através dos consumos que fazem dos *media*. Estudar a imigração inclui, independente de outras opções de pesquisa, entender quais os hábitos que construíram em relação aos meios no país de acolhimento e quais os que trouxeram do país de origem. A vida de imigrante em Portugal possibilitou a aquisição de novos instrumentos de comunicação e o acesso a novos *medias*? De que maneira isso contribuiu para a percepção que estes indivíduos têm do Brasil e de Portugal? Esse é um dos desafios da nossa proposta de pesquisa. Afinal se, como afiança Carvalheiro (2008), as representações mediáticas e seus significados “podem potencializar, ou não, as diferenças”, e se o espaço público tanto separa, como cria uma relação entre os indivíduos (Arendt, 1989), é necessário ouvir de quem ainda está por construir o futuro, quais as alternativas escolhidas para fazer frente a este possível processo de etnização vivido a um oceano de distância de sua terra natal.

Para compreender estes usos precisaremos conhecer não apenas os consumos dos indivíduos, mas suas histórias de vida pessoal e social. A relação entre dado consumo não está centrada unicamente nos capitais econômico e intelectual dos indivíduos, mas também pela tradição construída em família, na sociedade e individualmente, como bem definido por Ponte:

As “disposições tecnológicas” de um indivíduo variam não só com o seu ‘conhecimento’ de tecnologias, mas também com o ‘reconhecimento’ do papel das tecnologias na sua vida, como as percebe e avalia em relação as suas condições de existência. Para essas disposições, contribuem fatores de ordem individual, familiar e societal: ‘práticas sociais’, marcadas pela história individual e familiar quanto ao acesso e uso de tecnologias, em especial a Internet, ou pelos padrões de consumo das mídias, (PONTE, 2012, p: 03)

Desta forma, acreditamos, tal como nos propomos a expor, que o estudo dos usos e consumos mediáticos no universo de jovens e jovens adultos imigrantes vem a ser uma demanda que não se permite esperar.

É importante que algumas perguntas que norteiam a presente investigação possam ser respondidas: Qual a importância dos usos tecnológicos nos consumos

mediáticos desta parcela da população? A mídia ajuda no processo de adaptação à nova sociedade ou criara estigmas dentro do grupo pesquisado?

Para além disso nos questionamos sobre qual o papel que os veículos de comunicação e as novas tecnologias desempenham na vida do jovem imigrante brasileiro em Portugal? Quais os consumos mediáticos que construíram para dar conta dos afazeres de se adaptar à sociedade de acolhimento, ou não buscam este objetivo? Aceitam, rejeitam ou negociam os sentidos da mídia sobre sua sociedade de origem? As emissões mediáticas interferem na forma como pensam seu país ou a memória, repassada através dos parentes e/ou trazidas pelos próprios jovens, impactam prioritariamente na construção imaginária que possuem do Brasil e dos brasileiros? Mantêm informações atualizadas sobre o seu país de origem, e como as buscam?

Por fim, mais objetivamente em relação à produção em tela, o que consomem em termos mediáticos e quais as diferenças entre o consumo vivido dentro da realidade da imigração e o vivido no país de origem?

Notas ao Capítulo III:

²¹ A definição de nação como comunidade imaginada surgiu em 1983 em livro homônimo de Benedict Anderson. A união dos membros nacionais não é fruto da interação (os membros de uma nação jamais se conhecerão uns aos outros em totalidade), mas sim de experiências, símbolos, referências e culturas comuns. Uma nação só é uma nação porque existe uma produção de sentidos que a concebe desta forma e os *media* têm intensa responsabilidade neste processo.

²² Vale ressaltar que a pesquisa foi realizada há três anos, antes se serem sentidos os reflexos mais severos da crise econômica portuguesa, a exemplo do desemprego. Ainda não há dados oficiais, mas os consulados brasileiros em Portugal já registram uma diminuição de solicitações, o que, para a diplomacia brasileira, pode significar o retorno de cidadãos brasileiros ao país de origem, ou a migração para outros países da Comunidade Europeia.

II Parte

Capítulo IV

Os caminhos metodológicos

4.1 – Introdução

Em nosso trabalho definimos que a recolha dos dados também não se pautaria na busca de indivíduos associados ou indicados por entidades brasileiras com sede em Portugal, a exemplo da Casa do Brasil de Lisboa ou da Associação Mais Brasil, no Porto, apesar de tais entidades terem sido contactadas, num primeiro momento, pela pesquisadora.

Tal decisão foi movida por diagnósticos realizados em estudos anteriores, como o de Ferin Cunha (2008), que detectou que o grupo mobilizado pelas associações poderia ser considerado como membros de “elite” (FERIN CUNHA, 2008, p: 85), “entendendo-se como tal os membros com maior escolaridade, consciência política, participação em actividades comunitárias e capacidade reivindicativa”, (p: 85). Grosso modo, a maioria da comunidade brasileira migrante em Portugal não é membro ou participa de tais associações, e acreditamos que a interferência na escolha dos indivíduos por estas entidades implicaria em resultados que não seriam necessariamente representativos dos deslocalizados brasileiros em terras lusas. Nosso propósito, portanto, se pautou pela decisão de ouvir outra categoria de imigrantes que não as disponibilizadas pelas associações citadas e sim por indivíduos afastados desses núcleos de ativismo.

Desta forma, optamos pela recolha de dados junto a indivíduos contactados pela própria autora durante sua estada em Portugal. Assim, num primeiro período a pesquisadora foi viver por um ano em Paço D’Arcos, Oeiras, localidade que abriga inúmeros migrantes brasileiros. Paralelamente outros contactos foram feitos na região de Lisboa, junto a espaços como salões de cabeleireiros e cafés, estabelecimentos comerciais que empregam significativa parcela dos brasileiros produtivos no país. Também foram contactados indivíduos moradores da região do Barreiro, em Setúbal,

através de uma jovem moradora da região com a qual a pesquisadora fez contato após se mudar para o Concelho.

No presente capítulo iremos acompanhar os caminhos traçados e, muitas vezes, refeitos para a elaboração da pesquisa que se apresenta. As decisões tomadas, derivadas de variáveis que surgiram ao longo do percurso, foram pautadas por critérios metodológicos, pelo bom senso e pela ética. Tais variáveis, apesar de não se tornarem intransponíveis, eram, no entanto, esperadas, visto que a decisão de buscar grupos heterogêneos - dentro de um processo onde não se contar com associações de migrantes eram decisão e desafio metodológicos impostos pela autora - para garantir a não interferência externa.

4.2 – Os caminhos

Como visto no segundo capítulo desta tese, a investigação acadêmica que se propôs a analisar o binômio mídia/imigração ao longo dos últimos 40 anos mostrou não haver significativas diferenças do discurso mediático português, país cuja atração de migrantes é relativamente recente, e o dos demais países em que a tradição imigratória é antiga. Também vimos no primeiro capítulo que, especificamente em relação aos brasileiros, a última década do século XX e primeira década do século XXI foram prenhes em representações mediáticas negativas à comunidade do outro lado do Atlântico.

Tais constatações, alicerçadas pela criteriosa pesquisa acadêmica que envolveu cientistas sociais dos dois lados do Atlântico, culminaram por dar significativa importância ao objeto de estudo levado a cabo nesta tese. Os usos e consumos dos *media* por adolescentes e jovens brasileiros e suas percepções sobre o discurso mediático português são, como já informamos, relevante para perceber em parte esses indivíduos que migraram por decisão da família, e não por motivações próprias.

Estudos realizados com jovens migrantes e já citados nos capítulos anteriores, como a pesquisa promovida por Elias e Lemish (2011), demonstraram que a utilização dos *media* por este grupo está, na maioria dos casos, associada à busca de informações

que permitam uma melhor integração na sociedade de acolhimento, bem como no auxílio do aprendizado da língua do país que os recebe.

Com os jovens brasileiros em Portugal a barreira que poderia ser imposta pela língua não existe. O idioma comum não dita, ao menos, a necessidade dos usos dos *media* para tal aprendizado, mas perceber como estes usos e consumos aproximam ou distanciam os jovens brasileiros da realidade portuguesa é de substancial importância para o entendimento das formas de integração, ou não, buscadas e/ou promovidas por estes indivíduos.

Para além do principal objetivo que nos fez motivou para este estudo, identificar quais são os usos e consumos dos *media* pelos jovens imigrantes brasileiros, uma de nossas inquietações seria perceber se as relações entre pais imigrantes brasileiros e seus filhos incluem relatos das memórias vividas no país de origem. Com base em estudos como os das professoras francesas Ivy Daure e Odile Reveyrand-Coulon (2009), da Universidade de Bordeaux, que, como apresentamos anteriormente, chegaram à conclusão de que a transmissão de relatos e das memórias pelos pais dos jovens migrantes contribui para a integração desses jovens na sociedade de acolhimento, e que a partir de tais relatos os filhos de imigrantes nascidos no país de acolhimento têm mais facilidade de se integrar na sociedade em que vivem e de circularem, também, mais livremente entre a cultura do país de origem e a do país de acolhimento, decidimos que os pais dos imigrantes seriam também ouvidos, de forma a contar sua história pessoal, suas relações com os *media* e o repasse de informações dessas memórias ligadas ao país de origem era uma rotina existente nas relações pais e filhos.

Como vimos nos capítulos anteriores, algumas interrogações suscitadas no decorrer da pesquisa nos nortearam na recolha dos dados. Dentre essas interrogações destacamos:

1. Qual a influência da mídia no que tange os jovens imigrantes brasileiros? Há alterações de comportamento social aproximando ou afastando

esses jovens de seus pares na sociedade de acolhimento? Há mudanças na forma de se portar, vestir, falar com vistas à melhor aceitação?

2. Em que condições se realiza o consumo da mídia para esses jovens: é uma atividade existente na vida social, restrita ao universo familiar, solitária ou a junção de cada uma dessas variáveis?

3. Que meios usam?

4. Qual a importância dos usos tecnológicos nos consumos mediáticos desta parcela da população?

5. A mídia ajudou no processo de adaptação à nova sociedade ou criaram estigmas dentro do grupo pesquisado?

6. Qual o papel que os veículos de comunicação e as novas tecnologias desempenham na vida do jovem imigrante brasileiro em Portugal?

7. Os hábitos midiáticos dos pais foram repassados aos filhos?

8. Os pais buscam um maior entendimento da sociedade de acolhimento através da mídia?

Para responder a estas perguntas principais definimos que seria necessário traçar, também, um pouco da história de vida desses jovens antes da imigração. Onde e como viviam? Quais os usos e consumos mediáticos à época, quais os equipamentos eletroeletrônicos de comunicação existentes em casa antes da migração e quais os que hoje possuem? Como observamos no primeiro capítulo, a memória contribui no processo de formação do eu, e contribui para a o sentimento de pertença em dado grupo.

Carvalho (2008) salientou em sua pesquisa, apresentada nos primeiros capítulos dessa tese, que as investigações “sobre as minorias” se dividem em dois “pólos”, de um lado os sujeitos recebem olhares que os definem como “objeto de representação dos *media*”; do outro, são indivíduos que atuam através da “apropriação dos *media* minoritários”. Em nosso caso não pretendemos nem vê-los exclusivamente como “objetos”, ou como seres atuantes. Pretendemos, isto sim, dissecar como estes jovens usam, porque usam e qual o consumo preferencial que têm a respeito das mídias, sejam portuguesas, brasileiras ou de outros países. A atuação

desses jovens e as representações construídas pelos *media*, são, obviamente, objeto de nossa investigação, mas não seus eixos principais.

4.3 – A entrevista semiestruturada como método de recolha de informações

A ferramenta metodológica definida como a que melhor se adequava aos objetivos da pesquisa foi a Entrevista Semiestruturada em torno da biografia pessoal e práticas com a mídia.

Brites (2013) registrou em sua tese de doutoramento o processo histórico da utilização de entrevistas com fins científicos, relatando que a prática remonta ao final do século XIX, utilizada pela primeira vez por Charles Booth, em 1886. A decisão de Booth em optar por entrevistas, quando à época o comum era se basear nos dados obtidos junto às fontes oficiais é explicada por Greenwood (1965):

As primeiras medições de carácter sociológico — denominadas «comunitárias»— foram realizadas em Inglaterra no século XIX pelos reformadores sociais, tendo sido empreendidas a fim de conhecer as condições da classe trabalhadora que vivia nas grandes cidades e lutava com a pobreza, a falta de saúde e diversos problemas sociais. Charles BOOTH (que apresentou um vasto estudo do East End de Londres) introduziu a ideia de que era necessária a recolha de «dados primários», por meio de entrevistas com os funcionários públicos conhecedores da área em estudo, em vez de depender das informações contidas nos registos oficiais. (GREENWOOD, 1965, p: 325)

A autora, por sua vez, ao recordar o processo histórico de recolha de dados por entrevistas destaca como a ferramenta foi de extrema importância nos estudos levados a termo pela chamada Escola de Chicago:

No âmbito da universidade, foi precisamente na Escola de Chicago, no início do século XX, com Robert Park, que se difundiram numerosos estudos sobre a cidade e os seus problemas sociais, que tinham a entrevista como uma das bases de trabalho. A Escola de Chicago colocou o indivíduo como a referência da problemática da sua relação com a sociedade, lançando-se nas

teorias da interação e na sociologia do cotidiano. No contexto da Escola de Chicago, a entrevista, especialmente usada nos trabalhos de Nels Anderson e de Frederic Thrasher, este último sobre membros de gangues de Chicago, veio contribuir para que esta Escola de certa forma respondesse positivamente àqueles que a criticavam por se cingir muito aos estudos etnográficos, com ausência de atividade analítica. Assim, os seus estudos passaram a incluir, além das observações etnográficas e documentais, também as entrevistas. (BRITES, 2013, p:131)

A definição e utilização de entrevistas semiestruturadas ocorre na década de 1970, através de Cannel e Kahn (1974). Biasoli Alves & Silva (1992) expõem que os autores definiram a ferramenta esclarecendo ser necessário a elaboração prévia do roteiro de entrevistas de forma que as perguntas elaboradas devam ser apresentadas a todos os indivíduos entrevistados.

Trata-se de definir núcleos de interesse do pesquisador, que têm vinculação direta aos seus pressupostos teóricos (abordagem conceitual) e contatos prévios com a realidade sob estudo; ou seja, existe uma direção, ainda que não de forma totalmente declarada, para o conteúdo que vai ser obtido nas entrevistas (Queiroz, 1987), ao mesmo tempo em que a garantia de adequação do roteiro ao universo de vida dos sujeitos. (BIASOLI ALVES & SILVA, 1992, p. 63).

Em outras palavras o guião de entrevistas é fixo para todos os entrevistados, mas há a flexibilidade de agregar novas indagações aos indivíduos participantes, tanto para aprofundar a questão, esclarecer melhor os pontos de vista expressos ou mesmo devido a informações que no decorrer das entrevistas aparecem e suscitam uma atenção especial do investigador e que, por isso mesmo, passam a ser explanadas de forma diferencial. Recorremos, mais uma vez a Biasoli Alves & Silva para sedimentar a importância da flexibilização permitida por este método de captura de dados:

Esse formato pede também uma formulação flexível das questões, cuja seqüência e minuciosidade ficarão por conta do discurso dos sujeitos e da dinâmica que flui naturalmente no momento em que entrevistador e entrevistado se defrontam e partilham uma conversa permeada de perguntas abertas, destinadas a "evocar ou suscitar" uma verbalização que expresse o modo de pensar ou de agir da pessoa face aos temas focalizados, surgindo então a

oportunidade de investigar crenças, sentimentos, valores, razões e motivos que se fazem acompanhar de fatos e comportamentos, numa captação, na íntegra, da fala dos sujeitos. (Idem, p: 64).

A entrevista semiestruturada como método de pesquisa prende-se à análise qualitativa dos fatos e é largamente utilizada no universo acadêmico das Ciências Sociais e Humanas. Nas análises qualitativas não se pretende impor de alguma forma a representação do evento, da comunidade ou de dado grupo social, mas, isto sim, conseguir entender fatos explícitos dentro de determinado grupo de indivíduos que são definidos como o universo pesquisado.

Os métodos qualitativos são métodos das ciências humanas que pesquisam, explicitam, analisam, fenômenos (visíveis ou ocultos). Esses fenômenos, por essência, não são passíveis de serem medidos (uma crença, uma representação, um estilo pessoal de relação com o outro, uma estratégia face um problema, um procedimento de decisão...), eles possuem as características específicas dos “fatos humanos”. O estudo desses fatos humanos se realiza com as técnicas de pesquisa e análise que, escapando a toda codificação e programação sistemáticas, repousam essencialmente sobre a presença humana e a capacidade de empatia, de uma parte, e sobre a inteligência indutiva e generalizante, de outra parte. (MUCCHIELLI, 1991, apud HOLANDA, 2006, p:363-364).

É, como analisa Holanda (2006), um método de pesquisa que busca entender “os complexos processos de constituição da subjetividade” (p: 364) e não precisa, necessariamente, abordar um universo muito amplo de pesquisados. E por serem estes os nossos objetivos, optamos, nesta pesquisa, assumir tais pressupostos. Desta forma definimos a amostra de nossa investigação, procurando observar as representatividades geográfica, social, educacional, religiosa e econômica dos migrantes brasileiros em Portugal.

Ao citar Taylor (2001), Carvalheiro (2008) afirma que a análise dos dados pertinentes às entrevistas realizadas permite “duas leituras”: a primeira toma as informações recolhidas, ou “linguagem” como prefere o autor, “como fonte transparente de Informação”, num processo de análise que poderíamos nos referir

como linear e que não se preocupa em observar as diferentes variáveis a exemplo das de caráter social. A segunda, por sua vez, é oposta integralmente a este processo e entende a linguagem como “fonte constitutiva dos próprios sentidos sociais e, portanto, atravessada por questões de poder e ideologia” (p: 160).

Este segundo processo analítico é o que nos interessa na presente tese. Entender como se desenvolvem os sentidos que levam nosso objeto de estudo a definir quais os usos e consumos que fazem da mídia. Ampliando o espectro da interpretação dos dados colhidos nas entrevistas, buscando perceber quais interações sociais, quais os aspectos da vida cotidiana, quais as identidades nacionais e quais as influências que recebem no seio da família que levam os jovens imigrantes brasileiros às escolhas mediáticas que nos foram declaradas. Pretendemos, assim, fugir do duplo paradigma que comumente cerceia as investigações acadêmicas e que foi bem definido por Carvalheiro:

Está-se, assim, face a dois paradigmas estanques que interpretam a relação das minorias com os *media* como se estes fossem apenas um *recurso*, no caso das abordagens funcionalistas dos usos e gratificações, ou como sendo só um *constrangimento*, no caso das análises críticas sobre a imagem dos grupos minoritários. (CARVALHEIRO, 2008, p: 159).

Neste estudo temos a buscamos compreender se a interação entre o público e a mídia vai além desta bipolaridade detectada pelo autor ao analisar jovens portugueses em França e jovens cabo-verdianos em Portugal, ambos os grupos pertencentes à chamada “segunda geração” de imigrantes. Defendemos que para além do *recurso e constrangimento* citados por Carvalheiro, as escolhas que repousam sobre a mídia também representam o empoderamento, a negociação dos sentidos e uma postura de rejeição ou aceitação, mesmo que parcial, da sociedade em que estão inseridos.

E para entender estas questões e esta postura por parte dos indivíduos definidos para a nossa análise é preciso compreender, também, suas relações com os representantes da sociedade majoritária, com os membros da sua e de outras comunidades migrantes e com os familiares, tendo em consideração que em muitos

casos as relações vividas pelos pais e irmãos se refletem no ambiente doméstico e determinam, por conseguinte, as representações que estes jovens tem do país e da sociedade de acolhimento. Este é o nosso propósito ao analisar o discurso obtido para o nosso estudo através das entrevistas colhidas.

Para Phillips & Jorgensen (2002), a análise do discurso pode ser uma ferramenta de utilização em pesquisas de quaisquer áreas do conhecimento, mas alertam que é inadequado utilizá-la como de maneira simplista sem levar em conta que os dados a serem analisados precisam, também, de possuir relação entre a teoria e a metodologia. Alguns requisitos, elencados pelas autoras, são primordiais para a completa adequação da ferramenta ao discurso analisado, dentre eles ressaltamos a importância de se observar os modelos teóricos utilizados, bem como as técnicas de análise consideradas caso a caso.

Ao analisar os discursos devemos levar em conta as suas especificidades. Para Foucault (2007) eles, os discursos, são “certamente feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas”. Não se trata, portanto, apenas de linguagem, mas sim da forma que esta linguagem é expressa e todo o gestual que é utilizado para exprimir as ideias que dão origem ao discurso. É preciso lembrar que as representações sociais também se manifestam e interferem de maneira constante na fala dos indivíduos.

Dessa forma, é lícito afirmar que por mais científica e esmerada que seja a análise do discurso proposta ela jamais irá dar conta de todas as *nuances* que se apresentam na fala dos sujeitos. Por mais que nos aprofundemos, sabemos que o máximo possível que iremos conseguir destacar do sumo retirado dos discursos de nossos entrevistados permitirá, no máximo, destacar as “saliências” (idem) daquilo que nos é apresentado.

No entanto, a análise do discurso, mesmo que se tenha que trabalhar com tais limitações tem sido de substancial importância para as investigações que buscam entender a subjetividade existente na fala e no pensamento, expresso pelos sujeitos. O que dizem, o que revelam diante das interrogações propostas? Quais os sentimentos expostos?

Foucault alerta de que é necessário fugir das interpretações fáceis, que limitam a análise proposta. Em vez disso é objetivo do investigador procurar na linguagem utilizada a complexidade que nela está inserida. Em outras palavras, procura-se buscar o que está escondido sobre as dobras dele mesmo, entendê-lo como “prática social” (idem, 1971), ou seja, como uma construção não individual do sujeito, e perceber, como o filósofo apresenta em *A Arqueologia do Saber* que mais do que uma verdade o discurso apresenta uma história.

Se o discurso não é apenas uma construção simplista, mas um emaranhado de signos, de representações, de subjetividades e de apreensões sociais, a análise do discurso também não se limita exclusivamente a um modelo. Mussalim (2003) vem nos lembrar que existem duas escolas diferentes na origem e na forma de analisar os discursos propostos:

Classicamente considera-se que, se uma delas mantém uma relação privilegiada com a História, com os textos de arquivo, que emanam as instâncias institucionais, enquanto uma outra privilegia a relação com a Sociologia (...) têm-se duas “Análises do Discurso” diferentes: a Análise do Discurso de origem francesa, que privilegia o contato com a História, e a Análise do Discurso anglo-saxão, área bastante produtiva no Brasil, que privilegia o contato com a Sociologia. O que diferencia a Análise do Discurso de Origem francesa da Análise do Discurso anglo-saxão, ou comumente chamada de americana, é que esta última considera a intenção dos sujeitos numa interação verbal como um dos pilares que a sustenta, enquanto a Análise do Discurso francesa não considera como determinante essa intenção do sujeito; considera que esses sujeitos são condicionados por uma determinada ideologia que predetermina o que poderão ou não dizer em determinadas conjunturas histórico-sociais. (MUSSALIM, 2003, p:113)

Apesar de não abandonarmos integralmente e reconhecermos a importância da escola francesa derivada da constatação de que fatores determinantes influenciam os discursos dos sujeitos, iremos, em nosso trabalho evidenciar a escola anglo-saxã, buscando entender mais profundamente as interações que levaram os sujeitos a tomar determinada postura e escolher determinado discurso diante da entrevista realizada.

O roteiro das entrevistas preparado para essa pesquisa foi inspirado no guião que nos foi cedido por Elias & Lemish. No nosso caso produzimos dois diferentes guiões, um para os pais e outro para os jovens. Ambos constam dos anexos desta tese.

4.4 – Grupo entrevistado

Para o estudo definimos ouvir jovens brasileiros imigrantes com idades entre 15 e 22 anos e seus pais, também imigrantes em Portugal. Nosso objetivo inicial seria o de que os indivíduos pesquisados formassem uma amostra de conveniência teoricamente sustentada como demonstrado por Ponte (2012). No entanto, o número de entrevistados foi insuficiente para cumprir esse objetivo, devido às intercorrências já relatadas.

O grupo foi formado por indivíduos que apresentavam diferentes variáveis, das quais destacamos gênero, religião, escolaridade e origem geográfica, conforme apresentaremos em quadro específico no próximo capítulo.

Tais características atingem em parte, o perfil apresentado em estudos como o que teve a organização de Malheiros (2007) e que demonstram uma imigração laboral por parte desse grupo de imigrantes, onde se encontram profissionais com habilitações literárias altas e grupos maiores com menores qualificações literárias ou laborais.

O destaque para a relevância da religião no Brasil, país de maioria católica, mas com forte crescimento dos adeptos da religião evangélica – englobando suas variadas vertentes -, também procurou ser observado, e diante das informações apresentadas no primeiro capítulo, a respeito do cenário construído em Portugal e exposto através da mídia sobre a implantação de templos da Igreja Universal do Reino de Deus decidiu-se buscar na amostra representantes desses dois segmentos religiosos, sem, como dissemos, nos concentrar em um determinado segmento religioso de cunho evangélico, mas ouvindo representantes de diferentes nomenclaturas, como os seguidores da Assembleia de Deus e os pertencentes à Igreja Adventista do 7º Dia.

Para nossa investigação esses indivíduos serão definidos unicamente como evangélicos.

Uma outra variável observada foi o tempo de instalação em Portugal. O objetivo era avaliar se os processos de integração, ou de não integração, e de adaptação, ou não adaptação, à sociedade portuguesa poderiam sofrer alterações relacionados ao período de instalação no país.

O trabalho inicial de contato realizado há cerca de dois anos, como revelamos na introdução a esta tese, não se mostrou frutífero no momento das entrevistas. A crise econômica que afeta Portugal reduziu, como vimos anteriormente, em cerca de dez mil o número de imigrantes brasileiros documentados no país. Isso se refletiu na coleta, visto que dos quatro indivíduos contactados pela entrevistadora, quando ainda residia em Paço de Arcos, três retornaram ao Brasil e a quarta decidiu não conceder a entrevista quando do último contato feito.

Apenas uma brasileira, residente em Porto Salvo, concordou em ser entrevistada, bem como permitiu que seu filho concedesse a entrevista. A partir dessa primeira entrevista optamos, metodologicamente, em obter os demais indivíduos através do efeito bola de neve. Mais uma vez não conseguimos lograr êxito, muito provavelmente devido às relações que os entrevistados mantinham com os demais brasileiros que conheciam, como veremos nos dois próximos capítulos, quando analisarmos as entrevistas coletadas.

Desta forma o trabalho de coleta de dados foi feito com a pesquisadora mantendo contatos diversos em busca de entrevistados. Os evangélicos foram os mais refratários. Em visitas à igrejas localizadas no Barreiro e em Amadora, os representantes se mostraram corteses, prometiam indicar indivíduos disponíveis para a pesquisa e nunca mais atendiam às ligações feitas pela investigadora.

Assim, foi preciso contar com a teia de relações construídas junto aos brasileiros que não possuíam o perfil procurado e portugueses. Através destes dois grupos de indivíduos foi-se chegando, lentamente, aos entrevistados, num trabalho que muitas vezes provocou desânimo e angústia à pesquisadora.

Os primeiros contatos foram feitos com as mães, porque devido a idade dos jovens era necessário garantir a anuência dos responsáveis. Alguns contatos feitos anteriormente apenas com os jovens não deram resultado, porque a *posteriori* as mães se recusaram a conceder as entrevistas ou a permitir que seus filhos fossem entrevistados.

Dos indivíduos ouvidos apenas um indicou de um colega para a realização da entrevista, que efetivamente foi feita. Os demais se sentiam pouco à vontade em indicar novos sujeitos para a pesquisa e, inicialmente, demonstravam, notadamente as mães, um certo desconforto e pouca boa vontade para com a entrevistadora.

Esta barreira teve que ser vencida através da complementação de métodos não acadêmicos, com técnicas jornalísticas de entrevista – dominadas pela autora desde os tempos em que trabalhou como repórter. Tais técnicas incluíam abordagens de realidades comuns vividas entre o entrevistado e a entrevistadora no Brasil e em Portugal. O objetivo era ganhar certa empatia dos entrevistados o que garantiria que as respostas seriam dadas da forma mais honesta possível, sem o uso de superlativos pessoais, natural da identidade brasileira quando em confronto com sujeitos que consideram não como iguais.

E para os entrevistados este era o caso da pesquisadora. Muitos chegaram a relatar que desconheciam a existência de brasileiros fazendo cursos de pós-graduação em Portugal e que existiam inúmeros brasileiros que se apresentavam como “doutores”, mas que de fato não eram. Conhecedora desta realidade a autora se municiou de comprovativos acadêmicos para apresentar em casos de desconfiança maior dos entrevistados. Era um risco assumido, pois sabíamos que tal atitude poderia ampliar ainda mais a barreira que se formava entre os sujeitos.

A necessidade de introdução de tais perspectivas antes das entrevistas demandou um tempo maior de contato, onde se discutiam os pontos que seriam abordados, sem no entanto permitir que esta discussão interferisse no livre pensamento dos entrevistados. Assim, cada contato teve, independente da produção líquida da entrevista, a duração de aproximadamente uma hora.

Desfeita a desconfiança inicial e ao perceberem qual o objetivo da pesquisa, os indivíduos se entregavam com prazer à entrevista. Vale ressaltar que os jovens se mostraram inicialmente mais dispostos do que os adultos entrevistados.

Em uma situação específica foi-nos recusada a entrevista dos pais por parte de uma família e solicitada, permitindo que a filha, de 21 anos respondesse às questões da pesquisadora. Em outro momento, uma mãe solicitou a não utilização de entrevista já gravada, bem como a entrega do termo assinado por essa entrevistada autorizando o uso acadêmico de sua fala. Esta mãe, no entanto, autorizou a publicação da entrevista concedida pelo filho.

Diante da questão colocada decidimos utilizar as duas entrevistas mesmo sem a participação dos pais. No primeiro caso a jovem possui 21 anos e relatou com clareza as suas memórias do Brasil antes da imigração, um dos tópicos que mais nos interessavam na entrevista dos pais. O mesmo se deu com o rapaz de 17 anos autorizado pela mãe a participar da pesquisa. Ambos utilizaram, ainda, os relatos das memórias vividas pelos pais e das quais eles detinham conhecimento. Nas duas situações a pesquisadora precisou migrar perguntas destinadas aos pais para a entrevista realizada junto aos filhos.

Assim, no cômputo final o grupo ouvido reúne as seguintes características:

Quadro X
Variáveis do grupo participante

Nível Educacional	Superior	Médio	Fundamental
Origem	Urbana	Rural	
Religião	Evangélica	Outras	
Tempo de instalação em Portugal	Mais de 5 anos	Menos de 5 anos	
Experiência anterior de migração	Existente	Não existente	

Foram ouvidos 12 indivíduos, cinco famílias e dois jovens. Agregamos, ainda o fator geográfico, desvendando a origem dos entrevistados por local de nascimento, procurando estabelecer relação de origem com o fluxo migratório de brasileiros que tem Portugal como destino, bem como cobrir as regiões brasileiras. Desta forma conseguimos indivíduos originários do sudeste, nordeste e centro do país. A região sul, notadamente o Estado do Paraná, que possui importante emigração com destino a Portugal, não teve representantes, visto que tal perfil não foi localizado pela pesquisadora dentre os indivíduos contatados.

Quadro XI
Origem dos entrevistados por localização geográfica

Região	Sudeste	Centro	Nordeste
Estado	Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais	Goiás	Bahia e Pernambuco

Entendemos que assim a pesquisa ouviu uma amostra com variáveis significativas apesar de terem sido ouvidas apenas cinco famílias e dois jovens por

motivo de indisponibilidade, recusas da hora e pressões para cumprir o calendário da tese.

É importante ressaltar que deste universo a composição familiar não obteve coleta de informações junto aos pais, mas sim apenas das mães visto que das cinco famílias ouvidas todas as mulheres estavam separadas dos pais de seus filhos. A maioria constitui novo casamento em Portugal. Apenas a jovem cujos pais se recusaram a dar a entrevista vivia com o pai e a mãe, num casamento originário do Brasil.

4.5 – Questões éticas

Tradicionalmente no Brasil as pesquisas em Ciência Humanas, envolvam adultos, jovens ou adolescentes optam pelo anonimado dos indivíduos. Trata-se de uma forma de evitar que ocorram simulacros de respostas, já que ao envolver nomes verdadeiros pode inferir ao entrevistado uma postura mais cuidadosa no momento de responder as questões apresentadas.

Em nosso trabalho decidimos manter o anonimato dos entrevistados e apesar de contar com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ele não estará presente nos anexos dessa tese. No entanto, estará à disposição da Banca Examinadora. As entrevistas, gravadas e transcritas na íntegra, estão disponíveis nos anexos. A opção por gravações de voz em detrimento às gravações por imagem também assentou-se na perspectiva de garantir o anonimato dos entrevistados. Como ressalta Diniz (2008) a gravação por imagem “implode qualquer possibilidade de promessa de sigilo ou anonimato no uso dos dados” (p: 422).

Todas as participações foram voluntárias e o espaço de discussão se dividiu entre a casa das famílias e centros comerciais, obedecendo ao desejo de cada entrevistado. As entrevistas tinham a proposta de serem realizadas separadamente, primeiro realizando o inquérito com os pais para, em seguida, formular a pergunta aos filhos em espaço onde não havia a presença das figuras paternas, garantindo total liberdade aos jovens entrevistados, o que, em última análise, era garantia de respostas

amparadas efetivamente na vivência de cada um, sem projeções relativas ao pensamento dos pais.

Tomou-se o cuidado de esclarecer a importância da pesquisa para um conhecimento melhor de parcela da comunidade brasileira residente em Portugal, e esta foi a única motivação recebida pelos entrevistados.

Em apenas um caso, relativo especificamente à família seis, a mãe esteve presente à entrevista da filha. Tratava-se, no entanto, de jovem de 21 anos, grávida de oito meses mas que afiançava sua independência em relação às ideias da mãe. Era uma família que conjugava, como afirmaram “total honestidade” nas relações.

Débora Diniz, citada nos parágrafos acima, nos explica que as discussões éticas em Ciências Humanas entraram na pauta acadêmica a partir da década de 1980, nos Estados Unidos:

Esse era um momento de efervescência das pesquisas urbanas com grupos alternativos aos estudos clássicos de Sociologia ou Antropologia, tais como usuários de drogas, traficantes, presos e adolescente, e de surgimento de novas questões de pesquisa, como a violência e a sexualidade. Além disso, foi nesse período que as primeiras regulamentações nacionais de ética em pesquisa com seres humanos surgiram internacionalmente, provocando uma controvérsia sobre sua legitimidade para campos que não as Ciências Biomédicas ou mesmo sobre sua pertinência para as metodologias qualitativas. As reações à regulamentação ética da pesquisa em Ciências humanas foram variadas nos Estados Unidos, porém semelhantes ao debate iniciado no Brasil nos últimos cinco anos, (DINIZ, 2008, p: 418)

A questão é que passados mais de trinta anos do início do debate sobre a ética em pesquisa no campo das Ciências Sociais tornou-se inadmissível ultrapassar os limites éticos com vistas à obtenção de resultados acadêmicos. E foi assente nesta certeza que norteamos o presente estudo.

4.5.1 – Crianças e jovens: ética em pesquisa

A educadora brasileira Sônia Kramer é responsável no Brasil pela realização de inúmeras pesquisas sobre a infância e a adolescência. Dentre suas investigações destacamos: “Crianças e adultos em diferentes contextos: a infância, a cultura contemporânea e a educação”, um estudo sob a coordenação da autora que procurou entender de que forma ocorria a interação entre crianças e adultos em escolas públicas e privadas. Realizada entre 2005 e 2008, a pesquisa tinha o objetivo de “conhecer e compreender as interações entre crianças e adultos em creches, pré-escolas e escolas de ensino fundamental que têm turmas de educação infantil” (2006, p: 01).

A autora informa que procurou privilegiar questões “relacionadas à identidade, diversidade e autoridade”. Os resultados apontaram para dados alarmantes no tocante à educação infantil brasileira, notadamente ao descaso com as crianças e “situações de humilhação e intimidação das crianças pelos adultos da escola”, além da exposição a perigos “sem a atenção dos adultos” e “descuido com a exposição do corpo das crianças na hora do banho”, (idem, p: 02).

Dentre suas preocupações nas pesquisas realizadas Kramer revelou um cuidado especial em relação à ética nas investigações com crianças, o que acabou por resultar na produção do artigo “Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças”, 2002. Nele ela faz um histórico sobre o cuidado que sendo observado no Brasil desde a década de 1980 no que tange a infância e pesquisas sobre o tema, o que acabou por repercutir nos trabalhos acadêmicos que tem jovens e crianças como objetos de estudo.

A discussão sobre o anonimato ou identidade na pesquisa é apresentado com clareza e mostra, através de exemplos, quais os caminhos que o pesquisador pode percorrer para encontrar as opções éticas adequadas à sua pesquisa sem prejuízo à individualidade ou identidade dos entrevistados:

Na forma final dos trabalhos de Algebaile, Leite, Earp e Ferreira, observamos o mesmo problema: o anonimato das crianças. Se isso parece positivo por um lado (o lado que os protegia), o anonimato impediu que esses meninos, expropriados de bens materiais e culturais primários, cujo nome é machucado como eles mesmos o são, tivessem uma identidade na pesquisa, na mesma pesquisa que os considerou como sujeitos e supostamente pretendeu ouvir sua voz. Eles contaram suas histórias, riram e se emocionaram com elas, revelaram segredos, fizeram denúncias, mas embora considerados autores pelo marco referencial que orientou a pesquisa, tiveram sua autoria negada e, no lugar desta importante autoria, mais uma vez foram mantidos anônimos. Anônimos como vivem nas ruas ou nas instituições totais que os recolhem, fruto de uma situação econômica tão desigual e que impõe tanto sofrimento à população, (KRAMER, 2002, p: 50).

Ao falar do estudo “No campo da linguagem a linguagem no campo: o que falam de escola e saber as crianças da área rural”, produzido por Leite (1995), Kramer discorre sobre a opção ética definida pela pesquisadora em relação ao binômio identidade/anonimato:

Ela relata sua opção por resguardar a integridade das crianças, omitindo seus nomes e o da localidade estudada, e a iniciativa de pedir que cada uma escolhesse o nome com que gostaria de aparecer no texto: “discutir com eles os nomes que desejariam ter foi momento rico. Alguns animaram-se a escolher heróis ou ídolos (Bruce Lee, Van Damme, Daniela Mercury, Angélica)”

No caso do nosso estudo, a questão de manter o anonimato dos entrevistados foi definida com vistas garantir, como relatamos anteriormente, um maior à vontade relativo às respostas que seriam dadas pelos jovens. Outro fator se fez presente: os pais, em nosso caso específico, as mães, só concordaram em dar entrevistas sem que seus nomes fossem revelados. Como não entrevistamos jovens isoladamente, mas jovens dentro de um contexto em que a família também participava da investigação, optamos por utilizar nomes fictícios que vão de “A” a “G”. Assim, por exemplo, a família “A” é composta pela mãe Amélia e a filha Alice.

Esta nossa decisão de garantir o anonimato dos nossos entrevistados também norteou outras teses de doutoramento realizadas na FCSH e sob a orientação da

professora Cristina Ponte. Este é o caso de “ A Cultura das Celebridades e os Jovens: do consumo à participação” de Ana Jorge (2013) que identifica e justifica sua opção:

Por isso, a opção pelo anonimato relativamente às instituições em que contactámos com os jovens, bem como aos seus nomes e imagens, poderiam parecer extremos por não abordarmos questões sensíveis, mas foi orientada sobretudo por uma preocupação cautelosa, temendo uma recusa de participação por parte das famílias e dos jovens, ou uma falta de à-vontade dos jovens para falar sobre as suas práticas, temendo ser repreendidos pela escola, pelos pais ou por qualquer outra entidade, (Jorge, 2013, p: 184)

Portugal e a geração de qualidade de vida para os migrantes

5.1 - Introdução

Neste capítulo iremos apresentar a composição do grupo entrevistado e as variáveis propostas para nosso trabalho. Também iniciaremos a análise da pesquisa empírica. O tópico irá valorizar a fala das mães dos jovens entrevistados com o objetivo de situar a realidade social vivida antes e depois da imigração. São as memórias dessas mães que nos trarão a medida da transformação ocorrida no momento pós-imigratório.

Os relatos irão demonstrar o que movimentaram essas famílias para terras além-mar e o quando evoluíram economicamente e em termos de aquisições materiais com a emigração.

Procuramos nos concentrar nos objetivos que cada uma tinha ao vir para Portugal para em seguida perceber se conseguiram, ou não realizá-los.

A educação formal oferecida pelas escolas portuguesas é um dos pontos que mais se destacaram de acordo com a fala dos entrevistados.

São jovens oriundos de famílias humildes que no Brasil não teriam as oportunidades educacionais que aqui encontraram. São, em maioria, filhos de mães separadas e estão em Portugal sem a presença física da figura paterna.

Independentemente de nascerem em cidades grandes, pequenas ou médias, quase todos passaram por dificuldades econômicas em seu país de origem. Muitos sequer conheciam cinema, enquanto todos não tiveram no Brasil a oportunidade de aprender um segundo idioma.

As mães são pequenas empresárias, empregadas domésticas e faxineiras. Apenas uma possui curso técnico profissionalizante, enquanto outra possui nível universitário incompleto.

Apesar de em vários momentos relatarem a violência brasileira, nenhum deles foi vítima dessa violência. Cresceram em ambiente familiar sem muita turbulência e tem formação religiosa, apesar de alguns não professarem nenhuma crença.

5.2 – Adeus Brasil, olá Portugal: duas gerações de famílias emigrantes brasileiras

A pesquisa empírica realizada ouviu doze sujeitos, sendo dez pertencentes a uma mesma família – mãe e filho ou mãe e filha – e dois jovens cujos pais se recusaram a participar da pesquisa, mas autorizaram, no caso do rapaz com menos de 18 anos, a participação do filho na investigação. A amostra se configurou como sendo formada por representantes da chamada “segunda leva” da imigração brasileira. Apresentada a partir da Teoria do Mercado de Trabalho Segmentado (PORTES, 1981, 1999, apud PEIXOTO, 2008), como vimos no primeiro capítulo desta tese, a “segunda leva” começou a chegar a Portugal a partir da década de 1990 e era composta quase que exclusivamente por imigrantes laborais, sem formação profissional, técnica ou acadêmica. O nível de escolaridade não é alto. Apenas a entrevistada da família A chegou a cursar, sem concluir, a universidade, a mãe da família E possui nível técnico e a representante da família B concluiu o Ensino Médio brasileiro, o que equivale, em Portugal, ao 12º ano.

É preciso esclarecer que, apesar de aparentemente representar um nível eficaz de qualificação, isso não corresponde à realidade. As diferenças entre a qualidade do ensino de Portugal e do Brasil são consideráveis, sendo muito mais eficaz aqui do que do outro lado do Atlântico. Desta forma possuir o nível médio no Brasil pouco, ou nada, representa em termos de qualificação profissional. Da mesma forma que ter o ensino superior incompleto de nada significa dentro do mercado de trabalho brasileiro.

Desta forma, como observou Machado ao examinar este segundo grande momento da migração brasileira com destino a Portugal, os cidadãos que para aqui se dirigiam não mais possuíam o *status* social e de literacia observado na “primeira leva”, que chegou ao país nos anos de 1980:

“(…) a imigração brasileira caminhou cada vez mais a um assemelhamento às imigrações da África. As qualificações são menores, os cargos ocupados no mercado de trabalho são os do «setor primário» (Peixoto e Figueiredo, 2006), as expectativas são menos promissoras e a integração é mais difícil (PADILLA, 2006)”, (MACHADO, 2007, p:02)

Outro estudo, também publicado em 2007 por Peixoto e Figueiredo, discorda da assertiva de Machado. Para os autores não ocorreram tantas discrepâncias assim em relação às qualificações educacionais dos brasileiros migrantes em Portugal:

Embora a diferença entre as nomenclaturas e a não-inclusão de alguns imigrantes irregulares possa prejudicar a validade interpretativa dos dados dos censos, estes sugerem que a qualificação académica dos Brasileiros não diminuiu significativamente. Assim, a imigração recente poderá apresentar níveis de qualificação semelhantes (censos) ou apenas ligeiramente inferiores (Casa do Brasil) aos dos fluxos tradicionais. O que parece seguro é que as qualificações dos Brasileiros que decidem imigrar para Portugal têm sido sempre superiores à média portuguesa. Esta asserção permite suportar a ideia de que a nova vaga de imigrantes brasileiros é ainda oriunda de camadas sociais médias ou, com um relevo crescente, médias-baixas da sociedade de origem (Padilla, 2004a e 2004b). (PEIXOTO E FIGUEIREDO apud MALHEIROS, 2007, p, 94)

Os dados do estudo, no entanto, foram recolhidos junto ao SEF e ao Censo de 2001, o que pode indicar que o decréscimo do nível de qualificação observado por Machado tenha vindo a ocorrer posteriormente.

No nosso trabalho, os indivíduos pesquisados chegaram a Portugal a partir de 2001. A entrevistada que há mais tempo está no país é Carla, uma mãe de família com 38 anos de idade e que há doze emigrou para cá. Assim, são imigrantes que não podem ser incluídos dentro do estudo realizado por Peixoto e Figueiredo, pois não poderiam ser abarcados pelos dados oficiais da época em que a pesquisa foi realizada.

É interessante de notar que todas as famílias entrevistadas são comandadas pelas mães. A ausência da figura paterna se mostrou uma constante entre os brasileiros ouvidos na pesquisa. A exceção é a família “F”, da jovem Fátima, de 21

anos, entrevistada individualmente, cujos pais vivem juntos Portugal. Das cinco famílias, quatro das mulheres vieram para Portugal já separadas de seus maridos, e apenas uma, Diana, veio para acompanhar o esposo brasileiro que, então, residia no país. O casal se separou há cerca de um ano e meio e o marido voltou para o Brasil. O mesmo acontece com Gustavo, o jovem entrevistado individualmente. Órfão de pai, ele veio viver com a mãe quando tinha 10 anos, quatro anos após a chegada dela ao país. Em busca de novas oportunidades a mãe do rapaz, já viúva, migrou quando ele tinha apenas seis anos, deixando o filho aos cuidados dos avós e buscando o menino somente após obter estabilidade econômica em Portugal.

O anonimato dos entrevistados foi garantido pela pesquisadora durante todo o processo de contatos e confirmado no momento das entrevistas. Como explicamos no quarto capítulo, os indivíduos foram divididos alfabeticamente de A a G. Para melhor compreensão das famílias às quais nos referimos os entrevistados - mãe, filhos, filhas e os dois jovens ouvidos individualmente – receberam nomes com as respectivas letras representativas de cada família. Desta forma, na família “A” a mãe recebeu o nome de Amélia enquanto a filha passou, para a presente pesquisa, a se chamar Alice.

Para formatar a amostra nos concentramos em variáveis como a origem, se urbana ou rural, a escolaridade, o tempo em que vivem em Portugal a religião e a existência, ou não, de experiência migratória anterior, conforme apresentado no Quadro XII:

Quadro XII

Grupo pesquisado

Pais	Gênero	Origem	Idade	Escol.	T. em Portugal	Religião	Exp. Migr.	Jovem	Gênero	Idade	Origem	T. em Portugal	Religião	Exp. Migr.
Amélia	Fem.	Rio de Janeiro Capital	41 anos	Superior incompleto	02 anos e três meses	Evangélica	Não	Alice	Fem.	15 anos	Duque de Caxias Rio de Janeiro	02 anos e três meses	Evangélica	Não
Beatriz	Fem.	Floresta Azul Bahia	42 anos	Ensino Médio Completo	04 anos e meio	Outras	Sim	Bruno	Mas.	19 anos	Salvador Bahia	04 anos e meio	Evangélico	Sim
Carla	Fem.	Bonfinópolis Goiás	38 anos	Ensino Fundamental completo	12 anos	Evangélica	Não	Cláudio	Mas.	18 anos	Bonfinópolis Goiás	10 anos	Sem religião definida	Não
Diana	Fem.	Inhumas Goiás	36 anos	Ensino Fundamental incompleto	07 anos	Outras	Não	Débora	Fem.	19 anos	Inhumas Goiás	07 anos	Sem religião definida	Não
Eva	Fem.	Arapiraca Alagoas	44 anos	Ensino Técnico	05 anos	Outras	Sim	Edson	Mas.	19 anos	Roteiro Alagoas	05 anos	Evangélico	Não
- ----								Fátima	Fem.	21 anos	Vila Velha Espírito Santo	11 anos	Sem religião definida	Não
- ----								Gustavo	Mas.	17 anos	Governador Valadares Minas Gerais	07 anos	Sem religião definida	Não

Inicialmente a variável sobre a existência de experiência emigratória não havia sido definida para a pesquisa, mas no decorrer das entrevistas notamos existir indivíduos que tinham experimentado o processo de deslocamento territorial dentro do Brasil antes de partir para a migração internacional. Duas das entrevistadas, representantes das famílias B e E, vivenciaram a experiência: ambas são do Nordeste brasileiro, região característica, entre outras coisas, pelo intenso fluxo migratório experimentado a partir da segunda metade do século passado. Os retirantes nordestinos, como também são chamados no Brasil, se dirigiam, em especial, para o Sudeste do país, notadamente São Paulo e Rio de Janeiro, estados com melhor oferta de emprego, devido à industrialização, ao comércio e aos serviços. Diante Não por acaso um dos destinos de ambas as entrevistadas foi a capital de São Paulo.

Geograficamente o grupo pesquisado vem de diferentes regiões e estados do Brasil: Nordeste, representado pela Bahia e Alagoas; Sudeste, representado pelos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo; e Centro-Oeste do país, representado por Goiás. Os indivíduos são oriundos tanto de zonas urbanas como rurais, vindos de municípios de pequeno, médio e grande portes como apresentado no Quadro XIII:

Quadro XIII
Famílias por origem geográfica

Família	Mãe-Naturalidade	Predominância Econômica do Município	Jovem-Naturalidade	Predominância Econômica do Município
A	Rio de Janeiro	Urbana - 6.326.037 habitantes	Duque de Caxias	Urbana - 855.046 habitantes
B	Floresta Azul	Rural - 10.660 habitantes	Salvador	Urbana - 2.883.672 habitantes
C	Bonfinópolis	Rural - 7.536 habitantes	Bonfinópolis	Rural - 7.536 Habitantes
D	Inhumas	Rural 45.572 Habitantes	Inhumas	Rural - 45.572 Habitantes
E	Arapiraca	Urbana – 227.640 Habitantes	Roteiro	Rural – 6.656 Habitantes
F			Vila Velha	Urbana - 458.489 Habitantes
G			Governador Valadares	Urbana - 263.594 Habitantes

Fonte populacional: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

5.3 – Melhor qualidade de vida: mães e filhos em busca de novos horizontes econômicos e educacionais

A mobilidade humana ocorre pelos mais variáveis fatores, como observado no primeiro capítulo desta tese. Dando novos contornos ao mundo, desde as eras mais remotas até o momento atual, a imigração faz, entre outros fatores, girar as rodas da miscigenação, da mobilidade social e da economia, tanto no país de origem, como no país de acolhimento. Em tempos remotos, devido às intempéries, se migrava em busca de alimento, em tempos de globalização se migra em busca de novas oportunidades, o que se traduz nem sempre em melhor emprego, mas em melhor salário, menor custo e maior qualidade de vida. Ao se deslocar, boa parte dos migrantes que hoje vive em Portugal, busca, em paralelo, o mesmo que os nossos antepassados de distantes eras: satisfazer suas necessidades, sejam elas as mais básicas, como a fartura e qualidade alimentar, às mais contemporâneas, como acesso facilitado à saúde, ao sistema educacional e à verticalização social.

Foi a busca por esta melhor qualidade de vida que movimentou – à exceção apenas de Eva – à imigração as mães entrevistadas que compõem a amostra do presente trabalho, e isso também pode ser observado junto aos dois jovens, ao relatarem a história de suas famílias. Independente do grau de escolaridade, da profissão que exerciam no Brasil e da sua região de origem, os indivíduos, ao serem inquiridos sobre os motivos que os fizeram migrar, foram praticamente unânimes em dizer que vieram a Portugal procurar novas oportunidades.

Amélia, por exemplo, tinha como maior preocupação os estudos da filha. No Brasil trabalhava como motorista de transporte escolar em veículo próprio. Aqui trabalha, por horas, em casa de família. Apesar de afirmar que ganhava mais no Brasil, o custo de vida daquele país não permitia oferecer à Alice, sua filha, a qualidade educacional que desejava.

“(…) no Brasil o estudo é muito caro. A escola dela era muito cara e isso dificultava um pouco a nossa vida, (...) o que eu trabalhava... Não era tudo para a escola, mas a gente tinha que fazer as contas certinhas, era tudo dividido para poder chegar ao final do mês com uma

qualidade de vida razoável, porque lá é tudo caro, né? É escola, é alimento é tudo”. (Amélia, 41 anos).

Portanto, não apenas um novo emprego interessava, nem mesmo um salário melhor, ao ouvir, através da irmã sobre a qualidade do ensino Português Amélia não pensou duas vezes em arrumar as malas e migrar, trazendo consigo a filha, à época com 13 anos.

A possibilidade de proporcionar ao filho, Bruno, ensino de qualidade a baixo custo também levou Beatriz a atravessar o Atlântico em direção à Portugal. O rapaz, um adolescente de 15 anos à época, era o único filho de Beatriz, que o criava sem a presença do pai:

O que me fez sair do Brasil foi a possibilidade de estudos para o meu filho. Como ele ia sair do primário para o 2º grau – ele sempre estudou em escola particular – eu não tinha condições de proporcionar para ele escola particular. Eu tinha a possibilidade de vir para Portugal e a possibilidade dele estudar seria melhor aqui, e eu vim. Arrisquei tudo, joguei para cima e vim. (Beatriz, 42 anos)

Diana, com 36 anos, mora há sete em Portugal. Natural do interior de Goiás, casou cedo, aos 15 anos, e não chegou a concluir o ensino fundamental. Não trabalhava, cuidava dos três filhos, quando o marido, proprietário de uma agência de publicidade, decidiu emigrar no ano de 2004. A entrevistada só chegou aqui dois anos depois, em 2006, acompanhada dos três filhos do casal, duas meninas e um rapaz: “Ele veio para ver se conseguia uma vida melhor. O Objetivo dele era ter uma vida melhor. (...) Eu vim para acompanhar ele, e o objetivo da gente era ter uma casa própria no Brasil”.

Fátima tinha 10 anos quando chegou a Portugal, hoje com 21, lembra o que motivou seu pai a sair do Brasil: “A tentativa de uma vida melhor. No Brasil ele não tinha conseguido casa própria, carro e aqui ele viu que teria esta condição”.

Separada, Carla, veio sozinha para Portugal no ano de 2001, deixando os dois filhos no Brasil. Trabalhava como faxineira na prefeitura de sua cidade. E sua resposta em pouco se distingue da dos outros entrevistados:

“ Eu tinha comprado um lote lá, tinha começado a construir e não conseguia terminar. Depois resolvi vir para cá não para terminar o que eu tinha começado. Eu decidi que eu queria viver em outra cidade. Mas que eu iria ficar tanto tempo... Eu não decidi o tempo, eu queria viver, buscar melhorias. Comprar um carro, comprar uma casa... Eu vim com àquela coisa na cabeça: se estiver bom, e estiver vivendo melhor é lá que eu quero ficar”. (Carla, 38 anos).

Eva foi movida pela paixão, não pela expectativa de uma vida economicamente melhor. De acordo com o seu relato tinha bom salário e vivia no Brasil de forma satisfatória com os filhos. Conheceu, pela internet um cidadão inglês que morava em Portugal. Ele foi visitá-la no Brasil e ambos decidiram viver juntos. Eva queria que o namorado fosse morar no Brasil, mas ele não aceitou:

“Começamos a namorar e namorei com ele oito meses, virtualmente, só no bate-papo. Depois disso eu falei para ele: porquê você não vem para cá?
Ele disse: Não, não, melhor você vir para cá, você é enfermeira, aqui consegue trabalho com facilidade, há muitos velhotes para tomar conta e não sei o quê... Veio com aquela conversa. Passados oito meses eu vim, nós casamos, por conta dos documentos para eu não estar ilegal. Eu pensei, pensei, pensei e resolvi vir, contra a vontade da minha mãe. Resolvi vir e deixei tudo pra trás: meus filhos, minha casa, minha mãe e vim. Realmente: cheguei, casamos e não deu certo a relação”. (Eva, 44 anos)

Malheiros, (2007), ao organizar um estudo cuja publicação recebeu o título de “A imigração brasileira em Portugal”, se deteve em vários aspectos da experiência migratória desta comunidade específica: mercado de trabalho, a esperança em melhores dias, identidade, construção de imagens, a questão de gênero e os acordos bilaterais, entre outros temas. Reuniu em seu trabalho artigos de mais de dez²⁴ pesquisadores portugueses e brasileiros. Em seu próprio artigo, “Brasileiros em Portugal: a síntese do que sabemos” faz um diagnóstico: a maioria dos imigrantes

brasileiros em Portugal possuía aqui parentes que lhes serviram de apoio no momento da chegada.

Um estudo (...) coordenado por Fonseca (2005) demonstra que uma grande percentagem de Brasileiros que vêm para Portugal tem amigos ou familiares da mesma cidade ou aldeia já instalados neste país. Efectivamente, a comunalidade das origens geográficas internas dos Brasileiros que chegam a Portugal, após 1998, fica bem evidenciada pelo facto de quase um terço destes ser proveniente de um conjunto de cidades do Estado de Minas Gerais. Se acrescentarmos a estas pessoas aquelas que vêm dos estados de Espírito Santo e São Paulo, atingimos mais de 50% do valor total da imigração brasileira para Portugal (MALHEIROS, 2007, p: 23)

De fato, todos os entrevistados ouvidos em nossa pesquisa vieram para cá porque aqui tinham parentes, na maioria do caso irmãos ou irmãs. Beatriz foi categórica: “se minha irmã não estivesse aqui eu nunca teria saído do Brasil.”

Somente Eva, como vimos anteriormente, veio para se encontrar com o futuro marido, mas mesmo assim possuía, graças a ele, o suporte de apoio que necessitava para se instalar na sociedade de acolhimento. Desta forma, repetiram, como vimos no primeiro capítulo desta tese, o *modus operandi* da imigração portuguesa que teve como destino o Brasil. No caso dos lusitanos as redes familiares foram de vital importância no momento em que decidiram emigrar. No caso dos brasileiros este “fenômeno” também foi detectado pela academia:

“No plano “informal” – redes de conterrâneos, familiares e amigos –, as redes sociais são responsáveis por canalizar informações e fornecer suporte aos migrantes e potenciais migrantes. O seu papel na imigração brasileira não se encontra ainda bem definido, mas é certo que são responsáveis pela vinda e incorporação laboral de muitos indivíduos, frequentemente no mesmo sector de actividade dos seus antecessores. A circulação de informação – incluindo ofertas de trabalho – entre Portugal e o Brasil apresenta raízes muito longínquas, dadas as múltiplas relações existentes entre os países. As comunidades de Brasileiros em Portugal têm tido, também, um papel de apoio e suporte aos recém-chegados (Padilla, 2004a e 2004b). A relação intensa que os imigrantes brasileiros mantêm com o seu país de origem, caracterizada pelo envio de remessas (ROSSI, 2004) e por vários retornos,

suporta a lógica de circulação de informação e pessoas que está na base do funcionamento das redes”. (PEIXOTO E FIGUEIREDO, 2007, p: 107)

É interessante perceber que estas redes, em todas as suas variáveis, acabaram por permitir mais do que a ampliação de novos migrantes em países de economia atrativa, como o Portugal do final do século passado até a segunda metade dos anos 2000, facilitaram, também, a movimentação de uma imigração familiar, ou com o objetivo de se tornar familiar, e não apenas individual.

“Nesse contexto, a diversidade assumida pelos fluxos migratórios tem apresentado alterações nas lógicas de circulação entre os diferentes países de origem e de destino e, além da migração individual em busca de oportunidades económicas e melhor condição de vida, cresce a migração familiar e ampliam-se as redes migratórias, garantindo a manutenção dos laços com as regiões de origem e realimentando os crescentes fluxos em direcção a alguns destinos preferenciais”. (MALHEIROS, 2007, p: 39)

Para a constituição dessa migração familiar é comum um dos pais, de acordo com nossa amostra, vir primeiro para tentar a sorte, e depois trazer, quando o caso, a mulher e os filhos. Mesmo mães separadas ou viúvas, como no caso da mãe de Gustavo, seguem para a migração sozinhas, e somente depois trazem os filhos para junto de si. Uma espera que pode durar anos, até obterem a estabilidade que, no caso os mais velhos, vieram buscar. Das cinco famílias e dos dois jovens entrevistados, apenas duas mães migraram acompanhadas de seus filhos como demonstra o Quadro XIV:

Quadro XIV**Momentos de chegada de Pais/Mães e de Filhos a Portugal**

Família	Chegada em Portugal	Chegada em Portugal
	Pai/Mãe	Filho(s)/Filha
A	2011 (Mãe)	2011
B	2008 (Mãe)	2008
C	2001 (Mãe)	2003
D	2004 (Pai)	2006 (Mãe e filhos)
E	2008 (Mãe)	2008 (08 meses após a mãe)
F	1999 (Pai)	2002 (Mãe e filhos)
G	2002 (Mãe)	2006

5.3.1 – Educação: o elogio ao ensino português

A educação, através do ensino formal, é uma das maiores preocupações que as mães entrevistadas possuem em relação às garantias que pretende proporcionar aos seus filhos no processo migratório. Elas todas, sem exceção, possuem um nível de escolaridade maior do que a de seus pais e afirmam que gostariam de ter estudado mais.

A não continuidade dos estudos se deve a inúmeros fatores, notadamente o econômico. Amélia, que chegou a se inscrever e cursar, parcialmente, duas faculdades – direito e enfermagem –, alegou falta de recursos financeiros para prosseguir os estudos.

A falta de oportunidade é uma das expressões mais utilizadas quando o assunto é educação. Casar cedo e ter filhos ainda jovem também estão relacionados com o abandono dos estudos:

Beatriz: “Gostaria de ter estudado mais, mas não tive oportunidade, ou então deixei para lá”.

Diana: “Sim, gostaria de ter estudado mais, mas logo casei, tive filhos”.

Eva: “Eu não tive oportunidade. Já me custou muito fazer o que eu fiz. Em relação a estudo não tinha muita oportunidade assim, não tinha incentivo da minha mãe. Em relação aos estudos quando eu terminei que partir para fazer os cursos foi por minha conta, não foi fácil. Mas eu consegui”.

Carla: “Faltou oportunidade porque eu tinha que trabalhar. Eu casei muito cedo, tinha que trabalhar e, depois que eu me separei, cuidar dos filhos e eu não tinha oportunidade para estar estudando e cuidar deles ao mesmo tempo”.

Esta falta de oportunidade, associada aos demais fatores elencados pelas entrevistadas, não impediram que elas se propusessem a oferecer - como nos foi relatado pelas mães e que apresentamos no ponto anterior deste capítulo – um ensino de melhor qualidade aos filhos. Dos jovens entrevistados, apenas uma, Débora, não está estudando no momento. Interrompeu os estudos em meados deste ano, pouco antes do final do ano letivo, por estar grávida. A gravidez fez com que faltasse muitas aulas e proporcionou uma queda no seu rendimento escolar. Sabendo que seria reprovada, Débora, com o apoio da mãe, Diana, decidiu trancar o semestre, mas pretende dar continuidade aos estudos mais adiante.

A educação, de fato, é um caso à parte no universo migratório da amostra pesquisada. Ao contrário de outros temas, como relações sociais, construção de amizades, usos, consumos e opiniões sobre a mídia portuguesa (estes últimos serão abordados no capítulo VI), não houve divergência de pensamento: todos os jovens foram unânimes em elogiar o ensino português e, subliminarmente, criticar o ensino público brasileiro. O ensino privado do Brasil, de melhor qualidade, também foi citado, mas seu alto custo gerava um impeditivo para as mães manterem os filhos em escolas particulares.

Ao serem inquiridos sobre quais as oportunidades que o ensino português oferece se comparado com o ensino brasileiro as respostas mostraram total satisfação com a educação recebida nas escolas lusitanas, especificamente em relação ao aprendizado do inglês e do francês:

Alice: “A nível escolar é bem melhor, eu aprendo aqui também o inglês, o francês. No Brasil eu também aprendia inglês, mas o nível do inglês lá era muito baixo”.

Bruno²⁵: “Eu, na minha opinião, a escola pública portuguesa, bate em muitas escolas particulares do Brasil, em termos de que aqui você conhece o inglês bem, francês bem, o espanhol bem. O ensino português é muito... Eles têm uma forma melhor de ensinar, eu acho”.

Débora: “Acho que é bem melhor. Porque dão mais oportunidades, como no inglês. Lá no Brasil, o inglês no Brasil – pelo menos na minha cidade- começava no quinto ano, mas eu comecei no sexto. Aqui eles começam com o inglês desde pequeno, as crianças têm mais oportunidade no inglês, eu acho que isso é fundamental”.

Edson²⁶: “É muito superior, eu acho que não tem comparação. Aqui tem mais hipóteses, uma graduação melhor em si. O ensino brasileiro, que eu me lembre... O que eu aprendi aqui em um ano de inglês, lá eu não aprendi nada basicamente”.

Gustavo: Isso não se compara, porque aqui temos muitas oportunidades. Lá no Brasil as pessoas começam a trabalhar e a estudar ao mesmo tempo. Por exemplo, começam a trabalhar aos 15 anos. Aqui podemos estudar o dia inteiro, temos mais disciplinas, aprendemos mais. Temos vários cursos, várias variedades...

Inicialmente, Fátima, que no Brasil sempre estudou na rede privada de ensino, aparentou não entender a pergunta, elogiou os estudos, mas informou que não teve quaisquer oportunidades:

Fátima: Eu acho que aqui o ensino é mais reforçado do que no Brasil, mas oportunidades eu não tive nenhuma. Eu terminei um curso, fiz o 12ºano, fiz um curso profissional e não

consegui trabalho nessa área, que tem a ver com crianças, que era Técnica de Apoio Psicossocial, e não consegui nada nessa área.

Então, eu acho que oportunidades eu não consegui muitas.

Diante da resposta foram necessárias novas perguntas para que pudéssemos ter a garantia de que o que a entrevistada se referia como sendo “falta de oportunidade” estava, efetivamente ligado ao tema Educação. Desta forma foi preciso travar o diálogo transcrito abaixo:

Entrevistadora: “Mas você não conseguiu trabalho por conta da crise portuguesa, segundo você me informou antes de a gente começar a gravação, mas você conseguiu uma formação profissional que você pode utilizar em outros lugares”.

Fátima: Sim, sim. Isso eu consegui, uma formação de nível 3. Se eu pudesse eu tinha continuado para um nível mais elevado, mas como não tive condições para isso...

Entrevistadora: E você acha que no Brasil você teria esse tipo de formação que teve aqui?

Fátima: Eu penso que não. Eu acho que aqui é mais rigoroso. É diferente, você passa o dia todo na escola, desde às oito e meia da manhã às seis e meia da tarde, sempre ali estudando, estudando, estudando, é um monte de trabalho. Eu acho que aqui eles puxam muito mais pelos estudos do que no Brasil.

O ensino do inglês e do francês é, como apresentamos, um dos fatores mais utilizados pelos jovens pesquisados para afiançar a qualidade da educação que aqui recebem. No entanto, apesar dos elogios, as respostas sobre o conhecimento de uma outra língua, para além da materna, mostraram que se o ensino é bom, o interesse pelo aprendizado por parte dos entrevistados, ao que tudo indica, não era tão intenso assim. Excetuando-se Alice, que é a jovem com menos tempo em Portugal (dois anos e três meses) e, por conseguinte, com menos tempo de estudos do que os demais entrevistados, os jovens têm, devido ao longo período que estão no país estudando, pouco domínio em outros idiomas. Apenas Cláudio disse falar inglês e também “um pouco” de francês. Os demais, incluindo Fátima que afirmou não dominar nenhuma outra língua, pouco sabem dos idiomas oferecidos nas salas-de-aula

Gustavo: Arranho no inglês pessimamente.

Bruno: “Falar bem, não, mas aprendi um pouco na escola, principalmente aqui em Portugal”.

Edson: “O inglês básico, aprendi aqui”.

Débora: “Arranho o francês. Falar, falar, falar, não, mas o francês, só por escrever já vai, ajuda bastante. Agora, o inglês, nada!”.

A única que garantiu pretender dar continuidade aos estudos, após concluir o 12º ano foi Alice. Apesar de gostar da qualidade do ensino português pretende fazer o nível superior no Brasil, onde, segundo ela, além de ser totalmente gratuito nas universidades públicas, é de melhor qualidade:

Alice: “Eu pretendo voltar para o Brasil e fazer faculdade lá. Pretendo terminar o 12º aqui”.

Entrevistadora: Você disse que quer fazer uma faculdade no Brasil. Porquê não aqui?

Alice: “Porque eu acho que lá as universidades são melhores, e lá eu também posso tentar para uma pública e aqui eu não posso fazer isso e mesmo que pudesse eu iria ter que pagar as propinas”.

5.3.2 – Mais e melhor: a aquisição de bens materiais reflete os avanços econômicos dos migrantes brasileiros

A principal atividade das mães entrevistadas é o trabalho em casas de família. A tempo integral, ou *part time*. Quem exerce esta atividade, está trabalhando, mas Diana, que trabalhava como escriturária na empresa do ex-marido, estava desempregada há cerca de quatro meses quando concedeu a entrevista, em junho de 2013. Recebe o subsídio de desemprego e com ele - e mais a pensão alimentícia para os filhos, que recebe do ex-marido -, sustenta toda a família sozinha. São três jovens, e em breve a família aumenta com o nascimento da neta, filha de Débora.

Diana, também, é a única que afirma não ter alcançado os objetivos que possuía quando veio para Portugal. O sonho da casa própria ficou distante quando o marido se separou dela e mudou definitivamente para o Brasil, contraindo naquele país novo casamento.

Mesmo assim, em Portugal, adquiriu equipamentos superiores ao que tinha no Brasil. Telemóvel, televisão a cabo, som, Play Station, Wii, máquina fotográfica, computador com internet, TV a cabo. No Brasil tinha apenas o telemóvel, uma televisão simples, DVD e aparelho de som. Também afirma que a vida em Portugal é muito melhor do que a que levava no Brasil:

“Tem sete anos que estou aqui, eu morava, como disse, no interior, então as coisas não eram tão evoluídas como estão hoje, ainda mais que nós estamos aqui.

Eu acho que melhorou bastante.

(...) O que os meninos querem hoje a gente pode dar mais do que naquela época. Hoje se eles pedem um telemóvel a gente tem mais condições de dar o telemóvel do que naquela época”.

(Diana, 36 anos)

As demais entrevistadas, incluindo os pais dos dois jovens ouvidos individualmente, estão satisfeitas com o resultado do processo migratório, pelo menos no que tange a aquisição de bens materiais e a qualidade de vida. Também afirmam ter alcançado todos os objetivos que as movimentaram para fora de seu país. E em alguns casos afirmam que conseguiram até mais do que esperavam.

A família de Fátima é um exemplo, o pai trabalha nas obras, a mãe trabalha, por horas, nas limpezas de casas de família. A jovem trabalha num lar de idosos, conseguiram tudo o que vieram buscar em Portugal, pelo menos no que diz respeito à estabilidade econômica: “Minha mãe e meu pai têm a casa própria. Eu tenho meu próprio carro, meu pai tem o próprio carro dele, o meu irmão já está tirando a carta, está terminando”.

Fátima possui cinco televisões em sua casa: uma em cada quarto (no dela, do irmão e no do pai e da mãe), na cozinha e na casa???. Possui filmadora, máquina fotográfica, aparelho de som, telemóvel e computador próprios: “No Brasil eu nem tinha computador. Televisão era uma só na sala.” Excetuando-se o computador, que

recebeu através do Projeto E-Escolas, todos os outros equipamentos foram adquiridos pela família.

Amélia também relata que adquiriu novos e melhores equipamentos eletroeletrônicos desde que chegou a Portugal, há pouco menos de três anos: “Temos dois computadores, a minha filha tem o computador dela, celular ela continua tendo o celular dela, mas de uma qualidade muito melhor, e rádio nós não temos por opção. A gente não comprou rádio, ainda, porque a televisão também tem. E temos TV a cabo. (...) Melhorou a qualidade dos equipamentos, exatamente. A única coisa que nós não temos é a câmara fotográfica, mas ela pediu para o aniversário e eu vou comprar para ela”.

Desses equipamentos, Amélia e a filha, Alice, só possuíam uma pequena TV, telemóvel e um computador portátil, com acesso à internet, que deixaram no Brasil quando migraram para Portugal.

Carla não possuía telemóvel no Brasil, nem computador. A televisão que tinha ainda era em preto e branco e muito pequena, de acordo com o seu relato. Hoje ela e os filhos possuem telemóvel, um computador com acesso à internet, que é utilizado por toda a família, máquina fotográfica, filmadora e um plasma com TV a cabo. Mais que isso, conseguiu comprar uma casa própria no Brasil: “Graças a Deus consegui comprar lá uma casinha que se um dia eu voltar já tenho meu teto”. Carla trabalha como cozinheira em duas casas de família em Lisboa. Tudo que obteve foi com a força de seu trabalho já que o ex-marido não contribui com as despesas dos filhos.

Beatriz afirma que conseguiu alcançar “todos” os objetivos, que incluía, além de garantir um estudo de melhor qualidade para o filho, como vimos anteriormente, a constituição de uma nova família. Casada há três anos, possui um filho de dois e conseguiu montar seu próprio negócio, um salão de beleza em Rio de Mouro.

Eva, instrumentadora cirúrgica e auxiliar de enfermagem, destoa do restante do grupo. De malas prontas para o Brasil diz que o que possuía lá, em termos de equipamentos, era melhor do que conseguiu aqui. Veio exclusivamente para casar. Casou, mas a relação terminou em menos de um ano. Vive hoje com outro senhor, no caso um brasileiro e afirma que nunca veio para Portugal em busca de emprego,

porque emprego tinha no Brasil. Aqui ganha menos e tem um trabalho do qual não gosta: empregada doméstica. De toda a amostra foi a única que demonstrou efetivamente ter sérios problemas nas relações mantidas em Portugal, tanto com portugueses, como com brasileiros ou cidadãos de outras nacionalidades. Também é a única a demonstrar rancor pelo país e pelos que aqui nasceram.

5.4 – A construção de novas relações em Portugal

Rezende (2002) em seu estudo sobre mágoa e amizade decidiu recorrer a dois dicionários para buscar a definição da palavra: o brasileiro “Aurélio” e o inglês “Oxford”. Percebeu que os significados embora “formais” apontavam “para elaborações culturais particulares mostrando como o conceito de amizade pode diferir de sociedade para sociedade”.

De fato, no Aurélio, nos ensina a autora, o sentimento de amizade “engloba outros, como afeição, simpatia e ternura, e pode, assim, estar presente em relações que não são caracterizadas como de amizade”. No dicionário inglês Rezende afirma ter encontrado “uma definição mais restrita da categoria, que se refere apenas à relação entre amigos ou ao sentimento associado a essa relação específica”.

“Na escassa literatura nas ciências sociais sobre o tema, a amizade é vista em geral como uma relação afetiva e voluntária, que envolve práticas de sociabilidade, trocas íntimas e ajuda mútua, e necessita de algum grau de equivalência ou igualdade entre amigos (Allan 1989; Paine 1974; Suttles 1970). Nessa discussão, a amizade é alocada estritamente no domínio privado da vida social. Entretanto, alguns estudos mais recentes (Bell e Coleman 1999; Papataxiarchis 1991; Silver 1989) mostram como os significados da amizade em contextos históricos e culturais distintos vão realçar ou eclipsar esses termos, que, por sua vez, se mostram entrelaçados com uma forma especificamente ocidental e moderna de pensar a pessoa e sua relação com os outros, problematizando também sua localização na esfera privada (COMERFORD 1999; REZENDE 2001)”, (REZENDE, 2002, p: 69).

Diante da afirmação acima nos questionamos de que forma a amizade se constituiria, ou não, dentro de um contexto cultural diferente, tal como ocorre no processo de imigração. Quais os impeditivos e quais os fatores de aproximação?

De acordo com o pensamento de Durkheim (2003), as relações humanas são fruto também das representações sociais, ou coletivas, de uma dada sociedade. Assim como são construídas as representações sobre o outro e sobre nós, sobre a cultura e sobre o certo e o errado, as sociedades também repartem entre si o mesmo conceito sobre a forma de agir no que toca às relações com os demais indivíduos que a compõem.

Mas, se dados sentimentos são socialmente construídos, é correto afirmar, também, que dentro da mesma sociedade encontraremos divergências de ação no que tange as emoções. Se mesmo orientados por representações sociais somos individualmente constituídos de acordo com nossos critérios de construção identitária - e se, como vimos no terceiro capítulo desta tese, identidade não é uma só, mas múltiplas: individual, de grupo ou coletiva, política, étnica e artística, entre outras -; é plausível acreditar que as relações humanas não são exclusivamente definidas por representações sociais, mas também por escolhas individuais. E mesmo que socialmente assentadas, estas escolhas se baseiam nos critérios individuais de cada um, o que torna o terreno das emoções tão vasto como o terreno da identidade, e nos permite dizer que dado sentimento pode ser expresso de diferentes maneiras a depender do indivíduo e da sociedade em que vive, como argumenta Torresan (2007):

“(...) a análise de relações de amizade geralmente implica observações de autorrepresentações forjadas pelos membros de um grupo social, além dos significados que dão às suas relações sociais, a noção de pessoa torna-se uma categoria importante para os estudos sobre esse tema”. (TORRESAN, 2007, apud MACHADO, 2007, p: 197).

Tomemos os estudos de Rezende (2002), como exemplo. A antropóloga brasileira buscou saber quais “as referências recorrentes às categorias de ofensa e mágoa no discurso sobre a amizade desses ingleses”. O que encontrou, no universo

dos pesquisados (resultado do levantamento empírico que produziu para a sua tese) foi praticamente um unísono em termos de pensamento sobre o significado da amizade, o que revela o caráter social das emoções e da sua constituição cultural dentro de uma sociedade. Ao mesmo tempo, o grupo pesquisado procurava ter como amigo alguém que se parecesse com ele próprio, dando caráter individual a estas mesmas emoções:

“Nas muitas entrevistas que fiz com os ingleses, quase sempre obtive a mesma resposta para a questão “o que significa um amigo para você?”: alguém com quem eu possa ser eu mesmo (someone I can be myself with). ‘Ser eu mesmo’ implicava uma apresentação sem reservas e espontânea de si mesmo, sem o autocontrole exigido pelas regras da polidez. Não tanto uma exposição verbal de problemas e sentimentos íntimos, o que predominava aqui era a idéia de uma revelação completa do “self verdadeiro” (true self) — com inseguranças, de mau humor, com cólicas menstruais etc. Ou seja, uma forma de se comportar que podia, em certos contextos, ser vista como inconveniente mas que, na amizade próxima, seria aceita sem julgamentos. Para tanto, era preciso que a amizade fosse construída com uma base inicial de interesses comuns e um senso de humor semelhante. Com o tempo, os gostos podiam até se diferenciar mas já haveria uma confiança sólida na relação, de forma a possibilitar essa apresentação do “self verdadeiro””. (REZENDE, 2002, p: 71).

Ângela Torresan (2007), por seu turno, pesquisou de que forma se davam as relações de amizade, ou a tentativa de se estabelecer tais relações, entre imigrantes brasileiros e portugueses na cidade de Lisboa. A pesquisadora conseguiu destacar diferenças significantes no modo de pensar o relacionamento entre os dois grupos.

Do seu estudo vamos destacar o relato de dois indivíduos entrevistados pela antropóloga, também de nacionalidade brasileira. A eles a acadêmica se refere como Rosa e João. Rosa, uma brasileira nascida em São Paulo, as relações de amizade dos portugueses eram possessivas e “não conheciam o meio-termo; ou eram amigos de dedicação completa ou simplesmente não eram amigos”.

Para chegar a tal conclusão Rosa relata a história de duas de suas amigas portuguesas que começaram a sentir ciúmes uma da outra:

“Era como se eu não pudesse ser amiga íntima das duas! Quando os portugueses te consideram um amigo são de fato fiéis e muito dedicados, mas você tem que dar a exclusividade da sua amizade a eles (...). Eu me senti sufocada. Eu tenho e quero continuar tendo quantos amigos a vida me trouxer, e cada um deles é especial”. (TORRESAN, 2007, apud MACHADO, 2007, p: 207)

Para o português, João, a amizade oferecida pelos brasileiros era “superficial”:

“A expressão manifesta de afeto era, para João e para outros portugueses, tão adversa quanto a formalidade e a exclusividade o eram para os brasileiros. Possuir um grupo amplo de amigos ou relacionar-se amigavelmente com pessoas que não eram, de fato, amigas íntimas impingia à amizade valores sociais que não pertenciam ao âmbito das relações pessoais afetivas. (...) Mostrar-se amável e disponível a um leque variável de pessoas em situações contraditórias significava que não poderia haver uma base concreta para relações claramente desinteressadas e pautadas em sentimentos de pura afeição mútua”. (idem, p: 209).

Em nosso estudo também procuramos entender como se dão as relações de amizade entre o grupo que pesquisamos e os portugueses, bem como com os brasileiros e indivíduos migrantes de outras nacionalidades. Por não se tratar de objetivo primário de nossa tese, como o foram para Torresan e Rezende, buscamos apenas saber de que forma os indivíduos de nossa amostra se relacionavam com os demais no seio da sociedade de acolhimento.

De uma maneira geral poucos dos nossos entrevistados mantêm relações íntimas com portugueses. Muitos não mantêm quaisquer relações de amizade sólida em Portugal, excetuando-se os membros da própria família. As dificuldades de relacionamento são maiores entre as mães do que entre os jovens. Delas destacamos o caso de Eva, que como relatamos no ponto anterior desse capítulo, foi a única que expressou, de fato, rancor pelos portugueses.

Ao ser perguntada sobre as relações que mantinha com os portugueses, Eva declarou que se limitava, exclusivamente às relações profissionais, e que não possuía nenhuma amizade com os portugueses, nem dentro, nem fora de seu ambiente de trabalho. Para ela, Portugal foi responsável pela queda da sua autoestima:

Eva: “Eu acho que aqui... Eu acho, não, eu tenho a certeza, perdi minha autoestima. Eu hoje não me vejo como eu era antes de vir para cá.

Entrevistadora: O que fez você perder sua autoestima?

Eva: Eu acho que foram os acontecimentos, as discriminações no trabalho. Eu já tive uma patroa que falava: “olha, manda lá sua escrava”, porque eu sou brasileira, não é? Já cheguei num café a mulher não quis me atender (...). Pronto, são essas coisas e a gente vai ficando triste. Nós, brasileiros, por mais humildes que a gente seja, a gente tem educação. Nós temos educação, a gente trata bem para ser bem tratado. Aqui, não, eles simplesmente ignoram. Você vai tentar fazer uma amizade mas eles te veem assim... Sei lá, como um copo descartável. Só está aqui para trabalhar.

Perguntada sobre se teria conseguido apreender algo sobre a cultura e a história do país, Eva, mais uma vez, demonstra seu desagrado com os portugueses:

Eva: (...) sobre Portugal eu aprendi que eles são extremamente ignorantes. Eles são extremamente ambiciosos. Eles são extremamente... Para eles está em primeiro lugar os bens materiais e o dinheiro. Não há amor pelo próximo, nem tipo filho e pai, mãe e filho. Isso não existe. Não existe amor, não existe uma relação como nós temos. Nós somos muito solidários, nós brasileiros. Eles não, para eles em primeiro lugar – isso são todos os portugueses – para eles em primeiro lugar está o dinheiro e os bens materiais.

Há cinco anos em Portugal, Eva simplesmente não conseguiu adaptar-se aos hábitos, costumes e cultura do país de acolhimento. Sua insatisfação reside no fato de que se sentia mais confortável no Brasil, profissional e socialmente, do que em Portugal. Jamais pensou em voltar a trabalhar como empregada doméstica – em criança foi ser ama, e para isso fugiu de casa – e a sua luta para ascender profissionalmente, pagando os estudos com seu próprio dinheiro e sem o apoio da família, parece ter sido jogada por terra ao se defrontar com a realidade portuguesa.

Eva veio a Portugal para se casar, e a união não durou nem um ano. Trouxe o filho, mas sem marido e sem trabalho teve que deixar o menino, então com 15 anos, na casa de uma conhecida e foi viver na casa de outra. Não foram só as dificuldades iniciais do fim do casamento e da falta de emprego que marcaram o processo

migratório de Eva. Quando da sua chegada a sociedade portuguesa já havia composto os estereótipos sobre os brasileiros, construídos ao longo das últimas três décadas, como vimos no primeiro capítulo dessa tese.

O caso das “Mães de Bragança”, relativamente recente, ainda encontrava ecos na memória dos portugueses, e Eva se diz vítima de preconceito:

Eva: Num restaurante chegou umas amigas do meu ex-sogro e eu na mesa. Aí quando me apresentaram ela “e pá”, assim na minha cara, “há tanta mulher cá em Portugal e fostes arrumar uma brasileira para casar, como se aqui não houvesse mulher!”. E ele falou assim: “eu tenho o direito de escolher, de casar com quem eu quiser (...) eu não quero saber de mulher portuguesa”.

E eu levantei da mesa e perguntei: “o que tem contra as brasileiras?”. Ela respondeu: “Pá, vocês vêm para cá para tomar os maridos da gente”.

Este estereótipo que aponta para a questão do gênero dos migrantes brasileiros em Portugal não foi construída ao acaso – de fato a prostituição brasileira em Portugal e em outros países é uma realidade - e contou com a colaboração dos *media*, como exemplificado no segundo capítulo desse trabalho, e, em alguns casos, de autoridades portuguesas, que acabaram por dar ares de generalização a um processo pontual.

No caso da mídia, antes mesmo do episódio dos cirurgiões-dentistas (ver Capítulo II), a imigração brasileira já dava mostras de incomodar diversas esferas da sociedade portuguesa, incluindo a imprensa. Machado (2006), demonstra como no início da década de 1990 determinados jornalistas portugueses se referiam aos migrantes brasileiros. Para isso, destaca uma reportagem do jornal *Expresso*, que tinha por título “A ‘invasão’ brasileira” e que, segundo o autor, “chamava a atenção para o perigo da condescendência do governo português em relação à migração brasileira”:

Em primeiro lugar, há um aspecto essencial: o da dimensão. Portugal tem 10 milhões de habitantes e o Brasil mais de 150 milhões. Sendo certo que somos devedores de uma dívida incomensurável às terras de Vera Cruz (...) é do mesmo modo incontestável que não possuímos território, riquezas materiais, potencial econômico ou deficit demográfico que nos

permita, agora ou alguma vez no futuro, pagar na mesma moeda. O estado português necessita assim de criar que o possam proteger de uma avalanche migratória, tanto mais previsível quanto estão à vista os sinais de desagregação da economia e do tecido social brasileiro (...). (Expresso, 6/7/1993, apud MACHADO, 2006, p: 245)

A “invasão” brasileira acabaria por gerar incidentes diplomáticos entre os dois países. Em 1992, um ano antes de o *Expresso* publicar sua reportagem contrária à presença de um maior número de brasileiros em Portugal, o embaixador de Portugal no Brasil, conforme relata Feldman-Bianco (2004), se referiu como sendo “vagabundos” e “mulatinhas de mini-saias” um grupo de onze brasileiros que não foram aceitos em Portugal e deportados para o Brasil.

De acordo com a autora, Portugal negou a discriminação, mas a frase do embaixador, proferida à imprensa gerou protestos no “Brasil e em Portugal”. A imprensa brasileira também poupou o governo português de críticas. O chargista Renato Aroeira, um dos mais conhecidos do Brasil e que publica seu trabalho em jornais de grande circulação no país, produziu uma charge para ilustrar àquele momento. Nela uma suposta caravela brasileira era atacada com inúmeros objetos representativos da cultura portuguesa – de acordo com o imaginário brasileiro, como tamancos, peixe e vinho -, além de bombas e outros objetos, como apresentado na Figura II:

Figura II
O des-descobrimento



Fonte: FELDMAN-BIANCO, B. (2004), *Brasileiros em Portugal, Portugueses no Brasil: Construções do "Mesmo" e do "Outro"*, p: 14. Publicada no jornal *O Globo* em 5/2/1993.

A antropóloga e historiadora lembrou que os termos utilizados pelo então embaixador português no Brasil não eram recentes, mas faziam parte de antigas nomenclaturas dadas aos brasileiros desde os tempos do Brasil colônia:

Como já salientado por Gladys Sabina Ribeiro (1994a;1994b, 2002), vagabundos" e "mulatinhas", junto com as "hordas de negros e macaquinhos", são expressões utilizadas pelos portugueses de Portugal para descrever a população do Brasil ao longo do período que circunda a independência do Brasil e a Primeira República. Através desse tipo de provocações, demarcavam a diferenciação entre (Europeus) "civilizados" e os brasileiros e/ou portugueses do Brasil "não civilizados". Esses estereótipos racistas, implicando também em

caracterizações preconceituosas sobre as construções de gênero no Brasil, começaram a ser reatualizados e ressignificados em Portugal na década de 1980, quando os portugueses de Portugal começaram a confrontar a competição dos brasileiros no mercado de trabalho português. (FELDMAN-BIANCO, 2004, p: 12).

A situação, como vimos, se acirrou ao longo dos anos de 1990 e, também, na década seguinte, período em que aqui chegaram os indivíduos que compõem a nossa amostra, o que pode ser esclarecedor quando falam das relações que mantêm com os portugueses. No entanto, quanto mais recente for o processo migratório, menores são as queixas. Isso, provavelmente, se deve à distância temporal que separa estes migrantes recentes dos aspectos mediáticos negativos aos brasileiros. Alia-se a isso o fato de nos últimos anos a mídia portuguesa também tem sido mais cuidadosa com o tratamento dado à imigração, procurando não fazer associações que possam ser consideradas de alguma forma preconceituosa. O já citado “episódio do Arrastão de Carcavelos” e inúmeras ações levadas a cabo pelo ACIDI, em associação, muitas vezes, com a academia; acabaram por reduzir citações relacionadas à nacionalidade ou etnia dos envolvidos em notícias jornalísticas.

Amélia se situa entre as que estão em Portugal há pouco tempo, menos de três anos. Desconhece episódios como o caso das “Mães de Bragança” e não tem problemas em se relacionar com os portugueses. Amélia, que vive em união de fato com um português, diz se sentir respeitada – o que segundo ela não quer dizer bem tratada - em suas relações profissionais. Não possui amigos íntimos em Portugal, seja de que nacionalidade for e afirma ter apenas uma “conhecida brasileira”. Seu círculo de relacionamento se limita ao seio familiar e, fora de casa, aos seus empregadores. Ao ser perguntada como seria a relação com os patrões ela não emite qualquer queixa:

Amélia: Ah, eu acredito que as relações que eu mantenho são boas. Eu consegui alguns empregos, e os meus patrões gostam muito de mim. Tenho até uma patroa que fala – modesta à parte (risos) – que eu sou de categoria, porque a gente se dá muito bem, e ela não quer que eu saia da casa dela. Não só esta patroa, mas os outros patrões também gostam muito de mim.

Entrevistadora: E as relações com os brasileiros, como são?

Amélia: Agora eu já não tenho mais relacionamento... Só tenho uma brasileira aqui que é conhecida e que eu mantenho contato com ela, que é uma pessoa que eu conheci logo que eu cheguei e ela, inclusive, me arrumou um emprego e a única que eu mantenho contato. Não mantenho mais contato com brasileiras porque tive algumas decepções e preferi me afastar.

Alice, sua filha, conseguiu, no entanto, estabelecer vínculos com portugueses, brasileiros e nacionais de outros países:

Alice: Amigos, amigos íntimos, não. Possuo alguns colegas na escola. São portugueses e têm também alguns brasileiros.

Entrevistadora: Africanos não?

Alice: Tenho, mas não tão próximos.

Entrevistadora: Como são as relações que você tem com os colegas portugueses da sua idade?

Alice: São, boas, mas colega, amiga, portuguesa eu só tenho uma, que eu considero minha amiga, os outros são colegas de escola. São relações tranquilas.

No entanto, no decorrer da entrevista a jovem voltou a se referir às relações portuguesas numa pergunta que sobre telenovelas brasileiras. A intenção desta questão seria destacar se as telenovelas serviriam para ampliar o conhecimento sobre o país de origem. Desta vez Alice ressaltou as diferenças entre as formas de se relacionar no Brasil e em Portugal, com viés negativo para o país de acolhimento.

Entrevistadora: As telenovelas brasileiras contribuem de alguma forma para um maior conhecimento do Brasil? E as novelas portuguesas? Elas lhe ajudam a entender a cultura do país?

Alice: Sim, pelo que elas mostram. Às vezes eu estou vendo e mostra as pessoas nos bares conversando. Elas conversam mais. Aqui as pessoas não costumam a fazer isso. É cada um na sua casa. Não tem muitas relações.

Entrevistadora: Como você classificaria, então, esta falta de relações aqui em Portugal que você detectou?

Alice: Eu não gosto. Eu não estou acostumada com isso no Brasil, então aqui eu acho muito estranho.

Entrevistadora: Mas os cafés estão cheios.

Alice: Eu sei, mas quando eu chego na rua as pessoas falam: Bom dia! Mas não conversam como no Brasil.

Entrevistadora: Mas não seria por falta de conhecidos?

Alice: Eu acho que não. É a cultura diferente, eles são mais fechados, mais frios.

Esta postura que Alice chama de frieza, também não passou despercebida de Fátima, que justifica sua falta de amigos com o fato de ser difícil manter relações em Portugal:

Entrevistadora: Como são as relações que você tem com os colegas portugueses da sua idade?

Fátima: É uma relação de olá, tudo bem? Tanto que no meu trabalho eu não convivo com pessoas da minha idade, mas quando saio assim...

Entrevistadora: Mas e na época da escola?

Fátima: Mesmo na época da escola. Eles se individualizam muito. Eu sempre andava com essa minha amiga, e somos amigas até hoje. De resto é olá, tudo bem?

Entrevistadora: Então, você sente dificuldade de relacionamento com os portugueses da sua idade?

Fátima: Acho, acho que aqui tem muita dificuldade em se relacionar.

Entrevistadora: Mesmo passados 10 anos que você está aqui.

Fátima: Mesmo passados 10 anos. Aconteceu um caso essa semana que eu vi uma amiga que estudou comigo no nono ano. Eu parei o carro, estacionei, fui correndo para vê-la, naquela emoção toda e quando ela me viu foi só “olá”! Como se me visse todos os dias e já tinha anos que a gente não se via.

Então, eu achei isso um pouco frio. Eu estava toda calorosa para dar um abraço e ela simplesmente me disse: Olá, então, estás boa?

É muito diferente do povo brasileiro.

Edson, diferentemente da mãe, Eva, não possui rancor contra os portugueses. Tanto que decidiu continuar em Portugal mesmo com a partida da mãe para o Brasil. Classifica suas relações como boas, mas assim como Fátima e Alice identificou nos indivíduos da sociedade de acolhimento atitudes que classificou de frieza:

Edson: Portugueses, eu não tenho muitas relações, não, mas não é normal, é diferente.

Entrevistadora: Porquê é diferente?

Edson: Porque são mais frios. Nós somos um povo mais alegre, eles são mais serenos.

Entrevistadora: Mas como você se posiciona com esses amigos?

Edson: Normal, trato como trato os brasileiros.

Entrevistadora: Mas você disse que a relação era diferente?

Edson: É por serem mais frios.

Entrevistadora: E com os portugueses adultos?

Edson: É normal. Não existem muitos portugueses que me tratem com indiferença. Não me lembro de ter sofrido nenhum tipo de discriminação.

A palavra discriminação foi dita pelo jovem por ele já ter ouvido relatos de amigos a respeito. Um desses amigos, Bruno, também nosso entrevistado garantiu ter sido discriminado por um professor:

Bruno: Eu já fui xingado uma vez na escola aqui. Eu entrei na sala, o professor falou que eu tinha chegado tarde. Eu estava de gorro... Eu já tinha visto um amigo meu com gorro. Ah, então eu falei “se ele usa, eu também vou usar”. Aí foi dito e feito, o professor falou: “tira o barrete”. Eu não sabia o que era barrete. Eu olhei para ele, fiquei assim... E ele falou que era para eu tirar o barrete e apontou para a cabeça. Aí eu pedi para ficar, porque estava frio. Ele disse: “não quer frio, então volta para a Bahia”. Isso me marcou aqui.

Entrevistadora: Você tomou alguma providência em relação a isso?

Bruno: Respondi a ele mal.

Entrevistadora: Você era menor de idade. Você não foi à direção fazer queixa.

Bruno: Era, mas não fui, não.

Atualmente Bruno busca se entrosar mais na sociedade de acolhimento. Possui amigos portugueses tanto no trabalho quanto na esfera social. Mas, segundo ele, precisou fazer alguns ajustes comportamentais para ser melhor aceito:

Bruno: Eu tenho, entre aspas, que esconder o meu lado brasileiro e fazer o meu lado português, que é para ver se me aceitam.

Entrevistadora: Você tem que mudar, então, o seu modo de ser. Como?

Bruno: O sotaque, as brincadeiras...

Entrevistadora: Você finge ser português?

Bruno: Sim, e a minha roupa e... engolem⁴.

Entrevistadora: O que tem sua roupa?

Bruno: O jeito de vestir. Um brasileiro usa um sapato diferente, de um jeito, os portugueses usam de outro e eu vou lá e para ficar na moda, entre aspas, então, eu uso igual.

Entrevistadora: E com os portugueses adultos, como são as relações?

Bruno: É mais complicada. Tem uns que dizem que não gostam de brasileiros, na nossa cara, na minha cara, por exemplo. Mas aí já é mais extrovertido, já é mais... Da minha idade, assim, tenho poucos amigos. Tenho mais velhos.

Beatriz, mãe de Bruno, confessa que já viveu momentos piores em Portugal, mas que hoje a situação está mais tranquila. Declara, que, como o filho, precisou mudar um pouquinho o seu jeito de ser, mas acredita que isso faz parte do processo de adaptação e integração à nova sociedade que escolheu para viver:

Beatriz: Quando eu vim quatro anos e meio, quase cinco anos atrás, era um preconceito, ainda existia muito preconceito, hoje a visão mudou muito pouco, mas está mudando. Hoje, quando a gente abre a boca, eles já não olham de lado. Já está melhor, não mudou ainda.

Eu acho que migrante sempre existiu e sempre vai existir. E o imigrante... E alguns nunca vão aceitar imigrantes no país, alguns porque tudo tem exceção.

Entrevistadora: Nessas relações você age tal como agia no Brasil, ou mudou sua forma de relacionamento?

Beatriz: Com maturidade a gente vai mudando. A gente muda de país, muda de cultura e a gente vai mudando também forma de ver as coisas. Eu me adaptei, claro. Aqui se vive com mais tranquilidade. Mas não é que eu aceite... Se eu voltar para o Brasil é claro que eu vou me adaptar ao Brasil, mas aceito... Eu não vou mudar o país para me adaptar a ele, eu que tenho que mudar.

Mesmo tendo vivido todos os episódios jornalísticos que marcaram a imagem dos brasileiros em Portugal Carla se sente bem integrada à sociedade portuguesa. Assim como Amélia, Carla é evangélica, e, também como Amélia, não tem queixas a fazer e classifica como “ótimas” as relações que aqui possui tanto com portugueses, quanto com brasileiros.

Diana também estava em Portugal quando as *meninas* brasileiras chegaram a Bragança. Nada interferiu nas suas relações no país de acolhimento. Vive para a

família, mas nunca enfrentou problemas com os portugueses, notadamente pelo fato de não defender o seu país de origem quando ouve alguma crítica ao Brasil.

Diana: Eu sou uma pessoa muito fácil de lidar. Eu não sou daquelas, tipo, que se fala mal do Brasil eu estou lá batendo boca. Eu não sou assim.

Eu não tenho amigos portugueses, tenho conhecidos, mas quando vejo eu converso, a gente ri, brinca, normal.

De acordo com o pensamento de Padilla (2004), “o processo de ressocialização numa sociedade nova implica ajustamentos e mudanças”, como fez Beatriz, mas essas mudanças podem “ser mais ou menos traumáticas e drásticas”. Se a maioria dos nossos entrevistados não sofreu problemas graves de ressocialização ao menos uma das jovens passou três anos sem conseguir um amigo sequer. Débora, cujo relato destoa do da mãe, Diana, se sentia rejeitada pelos colegas portugueses de sua idade e se isolou logo após migrar. Estava na fase final da infância quando pisou em terras lusas. A menina, hoje com 19 anos, chegou a Portugal com apenas 12. Viveu um difícil processo de integração na escola a ponto dos pais chegarem a interceder junto às professoras para que a questão fosse resolvida. Sua adaptação à nova realidade foi lenta, e de acordo com a jovem, dolorosa:

Débora: Eu sou tímida e eu tinha vergonha: Não sei se é vergonha, de ser rejeitada pelos da minha turma assim que eu cheguei aqui em Portugal. E eles não faziam muita questão de falar comigo. Aí eu ficava no meu canto e eles no canto deles.

Meu pai chegou a ir na escola para falar com a diretora de turma pra ver se aproximava mais de mim, porque eu ficava sempre no meu canto, chegava triste em casa, não tinha nenhum amigo aqui.

Entrevistadora: Mas você se sentiu ignorada ou só se recolhia?

Débora: No início eu cheguei a perceber que eles só se aproximavam de mim quando precisavam: “Ah, eu preciso de um lápis”. Eram quando se aproximavam de mim, ou quando não tinham uma folha, ou quando não traziam o livro, essas coisas: “me dá dinheiro para comida”...

Depois desse início, já com 15 anos, Débora mudou de turma e lá conseguiu construir amizades que duram até os dias atuais:

Débora: (...) eu fui para outra turma. No início eu fiquei com medo, e chorei bastante com medo de ser rejeitada de novo. Só que no primeiro dia todo mundo falava comigo, todo mundo... É como se eles tivessem aberto as portas para uma nova amizade.

Aí... Foi a melhor turma que eu entrei. Fiz amigos de verdade, tanto que a minha melhor amiga é desta turma, foi onde eu conheci ela, e o meu melhor amigo também.

(...) Agora tanto com brasileiro, com português, com africano... Com qualquer pessoa. Eu me dou bem, eu não sou difícil de conviver. É que sou muito tímida. Não sou daquelas de chegar e de conversar. Mas se eu ver... Só precisam abrir a porta, me dar uma brechinha para eu me soltar.

Mas os problemas de integração da jovem não se limitaram aos colegas da primeira turma. Tal como Bruno, Débora afiança ter sido vítima de preconceito por parte das professoras, e chegou, textualmente a classificá-las de racistas:

Débora: (...) não veem assim: “É uma aluna minha”. Tipo: “é brasileira” e eu sinto que tratam com indiferença.

Gustavo e Cláudio são os melhores exemplos de integração dentro da amostra que constituímos. Chegaram em Portugal muito crianças, com dez e oito anos, respectivamente. Se sentem verdadeiramente em casa, a ponto de Cláudio afirmar que em caso de guerra entre Brasil e Portugal cerraria, sem dúvida alguma, fileiras junto ao exército português. Gustavo sente Portugal como sua segunda pátria e tem carinho pelo país que o acolheu:

Gustavo: (...) aqui nos tratam muito bem, sendo estrangeiros ou não. E aqui eles nos entendem. Na escola somos muito bem tratados como se fossemos portugueses. Os professores dão mais atenção a nós porque somos estrangeiros, podemos ter mais alguma dificuldade, coisas assim.

Integrado, Gustavo joga bola com os amigos sempre que possível. Bruno treina diariamente em um ginásio do Barreiro. Estudam, praticam esportes e possuem metas de cursar uma faculdade em Portugal. Afirmam possuir inúmeros amigos de várias nacionalidades, mas é entre os portugueses que melhor se

relacionam, e classificam este relacionamento como sendo “ótimos”. Poucos de seus colegas são brasileiros e ambos possuem sotaque português.

A mãe de Gustavo, grávida de gêmeos, é casada e constituiu nova família em Portugal. A mãe de Bruno, apesar de não possuir companheiro, está, também, bem integrada na sociedade de acolhimento. A mudança para melhor na qualidade de vida produzida pelo processo migratório parece ter sido fundamental nesse processo de integração. As duas são as que possuem origem mais humilde dentro do grupo de entrevistados. O que deixaram para trás não foi um país, mas uma vida de dificuldades e poucos recursos. Aqui encontraram a tranquilidade emocional que supera em muito a saudade que poderiam ter do Brasil.

5.5 - O passado que deixa saudades: voltar ou não voltar para o Brasil?

De acordo com o último relatório do SEF de 2013, referente ao ano de 2012, ocorreu uma redução do número de imigrantes a viver em Portugal se comparado a 2011. No total 19.780 estrangeiros saíram de Portugal no ano passado. Este decréscimo tem sido verificado desde 2009 quando se chegou ao recorde de 451.742 imigrantes vivendo no país com autorização legal para tanto. De lá para cá o país perdeu cerca de 34.700 imigrantes considerados legais diante do governo português.

Apesar dos brasileiros continuarem sendo a comunidade imigrante com maior número de indivíduos a viver em Portugal possuindo títulos de residência e representado mais do que o dobro do que o segundo colocado, os nacionais da Ucrânia, são eles que mais abandonam o país.

Atualmente 105.622 brasileiros documentados, contra 45.369 ucranianos, vivem em Portugal. Em 2012 eram 111.445 e em 2010, ano que registrou o maior número imigrantes “legais” no país, 119.363 brasileiros gozavam do direito de viver legalmente no país. Dessa forma, calcula-se que 19.780 imigrantes do Brasil tenham deixado Portugal nos últimos 3 anos.

Quando nos referimos a cálculos, pretendemos lembrar que não se sabe ao certo o destino desses indivíduos. O SEF não informa quantos teriam adquirido a

nacionalidade portuguesa e quantos de fato teriam partido. A crise econômica que Portugal atravessa tem gerado *deficit* no estoque de estrangeiros no país. Mesmo a solicitação de novos títulos de residência para os indivíduos que buscam o documento pela primeira vez vem sofrendo reduções. Em 2011 45.369 imigrantes solicitaram esses novos títulos, em 2012, 38.537.

A vontade de partir, de voltar para o país de origem permeia o universo dos brasileiros entrevistados. A exceção é Cláudio, pretende nunca mais retornar definitivamente ao Brasil, fez de Portugal sua pátria e é aqui que quer viver. Fátima, por seu turno, é pragmática, se pudesse voltava, mas acredita que a qualidade de vida que obteve em Portugal junto com os pais e o irmão jamais será conseguida no Brasil. É uma exilada econômica. Não tem amigos, vive longe do restante da família e tem muita saudade, mas tudo isso tem menos importância do que os benefícios materiais que consegue auferir no mercado de trabalho português:

Fátima: Sinto saudades, sinto muitas saudades da minha família, sinto saudades de ter amigos, porque aqui eu acho que é muita solidão que uma pessoa sente. Acho que se não tivesse família, igual eu tenho aqui, acho que muitos entram em depressão, muitos entram em solidão mesmo.

(...) É uma questão difícil, né? Ficar em Portugal por causa do dinheiro. Mas eu acho que vale à pena quando se junta dá para passear, matar um pouco das saudades. Mas não vale à pena voltar e não ter essas condições de vida que a gente tem aqui.(...) Acho que aqui, por mais que seja a crise, a gente ainda consegue comprar uma roupa, consegue comprar um tênis. E isso no Brasil eu acho que não vou conseguir sem ser parcelado, sem ser passando por dificuldades.

Fátima considera que sua família, quando morava no Brasil era de classe média. Viviam na região metropolitana de Vitória, no Espírito Santo. O pai trabalhava nas obras, mesmo ofício que exerce em Portugal, e a mãe fazia bordados, crochê e toalhas para vender. Sempre estudou, juntamente com o irmão em escolas privadas da sua cidade, um luxo que a maioria dos brasileiros não pode pagar. Em Portugal trabalha num lar de idosos e apesar de dizer que possui uma situação econômica estável não pretende cursar uma faculdade: não possui recursos para isso.

Mesmo sabendo que o filho não pretende voltar para o Brasil, Carla faz planos de regresso, nem que seja na velhice. Não quer passar os últimos anos da sua vida em Portugal e pretende ir para junto do restante da família. Construiu uma casa com este objetivo. Diferentemente da família de Fátima, a vida de Carla não foi tranquila pelo menos no que tange às questões econômicas. Oriunda de uma pequena cidade de Goiás, começou a trabalhar aos 11 anos de idade, aos 15, se casou e aos 20 já estava separada e com dois filhos. Voltou a casar novamente, teve mais um filho e se separou devido a agressões físicas que sofria.

Carla: (...) minha tia me levou para trabalhar com ela, para cuidar de um bebezinho que na altura ela tinha pegado para criar. Desde aí eu comecei a trabalhar e só estudei até conseguir. Porque era sempre na casa de uma tia, de outra tia, e sempre foi trabalhando para ajudar minha mãe em casa com meus irmãos.

Trabalhando como cozinheira Carla multiplicou o salário, se comparado ao que recebia no Brasil em mais de cinco vezes. Gosta de viver em Portugal, mas tem saudade de seu país e de sua família. O filho mais velho mora no Brasil.

Trabalhar cedo como Cecília seria, de acordo com Gustavo, o seu destino no Brasil caso a mãe não tivesse vindo para Portugal. Possui memórias diminutas sobre o Brasil, lembra que lá a mãe era empregada doméstica, que sua família era de origem humilde e que gostava de brincar com os amigos na rua, coisa que raramente fez em Portugal, até mesmo devido a diferença de carga horária das escolas daqui. No Brasil a média de estudo de uma criança, seja estudante de colégio privado ou público, raramente ultrapassa as cinco horas. Apenas instituições de excelência, o que significa custo altíssimo, fornecem educação em tempo integral.

Apesar de gostar de viver em Portugal, Gustavo pretende se formar em Turismo e depois voltar para o Brasil. Seu sonho é colaborar com o crescimento do país onde nasceu:

Gustavo: Porque o Brasil somos nós que fazemos. Eu quero ajudar a evoluir o Brasil. Como, por exemplo, no turismo, eu quero levar novas pessoas a conhecer o Brasil e mostrar que o Brasil já não é mais um país que era antes, e também para mostrar que lá no Brasil a cultura é muito boa, que é um país que acolhe bem as pessoas e que lá elas vão se sentir em casa.

Beatriz e Diana não pensam em voltar. A primeira se reestruturou em Portugal e conseguiu constituir nova família, tendo um filho no segundo casamento. A segunda, apesar de desempregada, gosta de estar aqui. Ambas vêm de pequenas cidades do interior do Brasil, localizadas em zonas rurais e sem os atrativos e opções oferecidas pela metrópole. A imigração abriu novos mundos e horizontes, distante da realidade vivida no Brasil, de muito trabalho e pouco dinheiro e lazer.

Débora está ao lado da mãe, Diana. Por enquanto não pretende voltar para o Brasil. Passados os problemas iniciais se adaptou bem ao país:

Débora: Por enquanto, não. Quem sabe daqui a uns cinco anos. Eu hoje gosto muito de Portugal.

Olha, eu já quis muito voltar para o Brasil no início, quando cheguei aqui. Eu odiava esse país, nossa! Depois eu fui para o Brasil passar as férias, vi que não era nada daquilo que eu pensava. Acho que o custo de vida lá é muito caro e aqui, se eu quiser alguma coisa, eu posso ter na hora que eu quiser, coisa que lá não consegui.

Bruno, no entanto, não pretende continuar em Portugal por muito tempo. Para ele o curso de gastronomia, em nível técnico servirá para abrir muitas portas em seu país de origem, de acordo com seus planos, o Brasil é a sua próxima paragem:

Bruno: Penso. Eu sinto saudades de lá e eu acho que com a minha profissão eu vou conseguir ter o que eu tenho aqui lá. Tipo uma roupa, carro, um telemóvel, uma televisão e um computador.

Alice, como vimos anteriormente neste capítulo, pretende voltar ao Brasil assim que concluir o 12º ano. Sente falta do pai, dos primos, dos avós e de um irmão, fruto do segundo casamento de seu pai. Sente saudades do jeito brasileiro, das conversas, das praias e do calor do Rio de Janeiro. Mas o que mais a motiva é a possibilidade de dar continuidade aos estudos, cursando uma universidade pública no seu país de origem.

Amélia, sua mãe concorda com a decisão da filha, apesar o padrasto ser contra e querer que a jovem faça uma universidade na Europa, não em Portugal, mas

na Inglaterra. Não está nos planos de Alice ficar, ela afirma textualmente que “não se sente em casa” fora de seu país de origem. Não se trata de rejeição ou questões relacionadas com integração no país de acolhimento: Alice namora com um brasileiro de 18 anos, sai bastante, tem amigos, estuda, pratica esportes, vai ao cinema e se relaciona bem com a mãe e o padrasto. O que faz Alice, quando está à frente do oceano, movimentar os olhos para o sul, na direção em que acredita estar seu país é apenas um sentimento: saudade.

Amélia vai na contramão da filha. Quer voltar ao Brasil, mas somente após conseguir concluir o curso profissionalizante de estética. Pretende ter conhecimentos profissionais que lhe possibilitem ter seu próprio negócio – um salão de beleza – em seu país de origem. Acompanha o noticiário e afirma que a situação no Brasil não está fácil e não quer correr riscos. O atual companheiro concorda e quando Amélia finalmente conseguir iniciar o curso, o que ainda não fez por falta de recursos, o objetivo será começar a juntar dinheiro para voltar. Sem amigos, mas satisfeita com a relação que possui com o companheiro português, não teve problemas de integração, até porque contou com o apoio de uma irmã que morava no país quando Amélia chegou e que já retornou para o Brasil. Também sente saudades e mantém uma imagem positiva de seu país. Imagem construída a partir do imaginário brasileiro, como sendo um país de braços e portas abertos a quem chega.

Amélia: Ah, eu continuo achando o Brasil um país maravilhoso para viver, é um país que não tem preconceitos, aceita qualquer pessoa de qualquer lugar e recebe de braços abertos. Também é um povo que é muito sacrificado, trabalha muito e recebe pouco, o dinheiro não dá para muita coisa. É um povo trabalhador, também, muito trabalhador, e me lembro sempre do Brasil das praias, o clima quente e eu sinto saudade de lá.

Ao elencar as qualidades do seu país, Amélia, subliminarmente, faz críticas a Portugal. Ao se referir ao Brasil como um lugar sem “preconceitos” e onde todos são bem-vindos faz um contraponto com a realidade que aqui vive. Apesar de não possuir severas críticas a Portugal, necessário faz se reafirmar que Amélia não possui amigos aqui, se recolheu em casa e não tem vida social, diferentemente da sua realidade brasileira, onde possuía inúmeras amigas, frequentava a sua igreja e saía para festas, cinema e eventos rotineiramente. Dentro de uma sociedade que lhe parece estranha,

Amélia recriou em seu espaço pessoal um Brasil só dela, que se apresenta através da culinária e da opção por se limitar a conhecer aspectos genéricos do país de origem, enquanto busca avidamente se aprofundar no noticiário brasileiro oferecido pela internet, principalmente.

Em síntese, como vimos neste capítulo falamos com jovens com idades que variam de 15 a 21 anos. Três professam religiões de cunho evangélico e quatro não possuem ligações religiosas nem estão ligados a qualquer tipo de culto. O tempo de permanência em Portugal vai de 2 anos e meio a 11 anos. No entanto, podemos afirmar, de acordo com as entrevistas, que o fator permanência não é decisivo para as boas, ou não tão boas assim, relações sociais. A jovem com mais tempo em Portugal é a única a afirmar que não possui quaisquer amigos aqui, nem brasileiros, nem portugueses, nem de outras nacionalidades. Suas relações estão restritas ao grupo familiar e ao namorado, também brasileiro. Já a jovem com menos tempo de imigração, apesar de apontar as diferenças na forma dos portugueses se relacionarem, possui amigos em Portugal, inclusive representantes da sociedade de acolhimento.

Com a imigração foi possível para a maioria das famílias adquirir equipamentos eletroeletrônicos de qualidade e que dificilmente conseguiriam comprar no Brasil levando-se em consideração o valor de seus salários e o custo desses equipamentos. Uma das mães informa que já conseguiu comprar um imóvel exclusivamente com o salário que aqui recebe como cozinheira.

A despeito da educação ser apontada como excelente pelos indivíduos ouvidos, muitos não tiraram, por enquanto, proveito do que lhe é oferecido, pelo menos no que tangem ao domínio de outro idioma. No entanto, o ensino técnico profissionalizante oferecido é valorizado, como assinalam dois dos indivíduos entrevistados, que consideram esta oportunidade como uma porta de entrada para o mercado de trabalho na área que escolheram.

Outra entrevistada se desiludiu com esta profissionalização, pois nunca conseguiu trabalhar no setor de sua preferência.

Ao contrário do que tínhamos pensado, a variável religião também não interfere nas relações sociais mantidas em Portugal. O que se percebe é que os

problemas de relacionamento devem-se exclusivamente às diferenças culturais, que mesmo assim têm sido superada pela maioria dos indivíduos ouvidos.

No próximo capítulo iremos analisar as entrevistas no tocante aos usos e consumos midiáticos, objetivo primeiro desta tese.

Notas ao Capítulo V

²⁴ Lúcia Bógus, Igor Machado, Beatriz Padilla, Filipa Pinho, João Peixoto, Alexandra Figueiredo, Pedro Rossi, Sandra Silva, Aline Schiltz, Roberto Carneiro, Fernando Cristóvão e Letícia Calderón Chelius, além do próprio Malheiros. Incluiu, também, um estudo feito pela Casa do Brasil de Lisboa.

²⁵ Concluiu, este ano o curso técnico de Gastronomia.

²⁶ Cursa *Design* Gráfico.

²⁷ Palavra que no Brasil também tem o significado de acreditar, de enganar: eles engolem (acreditam, ou consegui engana-los) a minha roupa.

Capítulo VI

Usos e consumos dos *media* por jovens migrantes brasileiros em Portugal

6.1 – Introdução

Este capítulo apresenta os resultados obtidos nas entrevistas em relação aos usos e consumos midiáticos dos jovens inquiridos. Estudos recentes sobre os usos e consumos da mídia pelos jovens migrantes, e apresentados nos primeiros capítulos dessa tese têm demonstrado que o consumo da mídia por crianças e adolescentes deslocalizados tem objetivos diversos, servindo para o conhecimento e hábitos da cultura de acolhimento (no caso dos *media* nacionais), como de manutenção - ou conhecimento - da cultura de origem (Elias & Lemish, 2011).

No caso de brasileiros em Portugal, a proximidade histórica e a proximidade cultural dos dois países, além do domínio da língua portuguesa, podem ser fatores positivos de integração. Agregado a isso, o distanciamento temporal de um passado colonial, diferentemente do que ocorre com os imigrantes oriundos das ex-colônias africanas, possibilitaria uma relação menos rivalizada e com menores estereótipos coloniais.

Como já nos referimos no quarto capítulo dessa tese, estes estudos demonstram que a utilização da mídia produzida no país de acolhimento por parte dos jovens migrantes tem por objetivo adquirir informações que garantam uma melhor integração à nova sociedade. E entre esses conhecimentos está, também, a aquisição do novo idioma.

No caso dos imigrantes brasileiros em Portugal não existem as barreiras impostas pela língua, visto em ambos países o idioma oficial ser o português, não se aplica em nosso estudo o que foi reafirmado por Elias e Lemish (2008, p: 21), dando conta que os imigrantes que consomem “mais *media* pela língua de acolhimento

tendem a se adaptar à sociedade com mais facilidade (BECKER, 1998; JOHNSON, 1996; LEE E TSE, 1994; STILLING, 1997)”.

No entanto, não podemos deixar de registrar que - independentemente do fato da integralidade do consumo relatado por nossa amostra ser dos *media* em português - a emissão de programas brasileiros, através das televisões portuguesas de canal aberto, notadamente a SIC, ou dos canais por cabo brasileiros existentes em Portugal (Globo e Record), tem atraído mais atenção dos imigrantes oriundos do Brasil do que a grade de programação portuguesa.

No presente capítulo iremos analisar o resultado da pesquisa no que tange ao consumo e usos dos *media* por nossa amostra. Estudos já realizados (ELIAS, N.; LEMISH, D. 2010) destacaram a percepção do uso dos *media* por jovens migrantes (no caso, jovens russos imigrantes na Alemanha) com objetivos de reconhecimento dos costumes locais em espaços jovens, como discotecas, por exemplo. O olhar sobre o *outro* que acolhe para apreender o comportamento, a maneira de se vestir e de se divertir foram elencados pelos indivíduos pertencentes à amostra pesquisada pelas acadêmicas. Para isso a ferramenta mais utilizada por esses jovens era a internet.

No caso da nossa amostra apenas um indivíduo, como veremos mais adiante, afirmou utilizar a mídia, no caso televisão e através de telenovelas portuguesas, para perceber como se vestem os jovens da sua idade pertencentes à sociedade de acolhimento. A internet não demonstrou esta utilidade, estando relacionada mais à comunicação entre amigos e parentes e às informações jornalísticas e desportivas. Os entrevistados afirmaram gastar, no mínimo quatro e no máximo cinco horas diárias com a mídia.

Sem nunca perder de vista os constrangimentos que levaram a que a nossa amostra tivesse uma dimensão reduzida, e a consequente imperiosa cautela em proceder a qualquer tipo de generalizações, para uma compreensão da utilização e do consumo de cada *media* iremos trabalhar com pontos individuais, referentes ao mais citados, e outros, agrupados, de acordo com a citação e importância. Desta forma, definimos dividir este capítulo nos seguintes conteúdos:

- 1- Televisão,
- 2- Internet,
- 3- Rádio, jornais, livros e revistas, telemóvel, consumos culturais e percepção dos *media* portugueses.

6.2 – Televisão: o Brasil na sala de estar dos migrantes em Portugal

Se a televisão assim se impôs, foi não só porque ela apresenta um espetáculo, mas também porque ela se tornou um meio de informação mais rápido do que os outros, tecnologicamente apta desde o final dos anos 80, pelo sinal de satélites, transmitir imagens instantaneamente, à velocidade da luz. Tomando a dianteira na hierarquia da mídia, a televisão impõe aos outros meios de informação suas próprias perversões, em primeiro lugar com seu fascínio pela imagem. (RAMONET, 1999, p: 26-27)

Se a mídia, notadamente a televisão, são uma “janela para o mundo”, a televisão, no caso da nossa amostra - de acordo com a integralidade dos depoimentos prestados tanto pelas mães, quanto pelos jovens -, pode ser definida, prioritariamente como uma “janela para o Brasil”. Das telenovelas aos telejornais, passando, ainda, por programas de entretenimento, a preferência dos nossos entrevistados repousa sobre as produções brasileiras - como veremos adiante ao tratar os produtos comunicacionais televisivos dos quais fazem uso os indivíduos de nossa amostra. A exceção são as séries e filmes, onde a produção norte-americana desponta, sem nos causar qualquer estranheza, como número um da audiência dos indivíduos pesquisados para esta tese.

No entanto, pese embora a importância da televisão na rotina de entretenimento e informação dos nossos entrevistados, ela não é o veículo preferencial dos jovens por nós entrevistados. Para a maioria a internet oferece uma melhor proposta quando o tema são os *media*. Isso demonstra que na última década, o acesso à rede mundial de computadores, amplificado, colocou a TV em segundo plano. Tal contraria a realidade demonstrada por pesquisa realizada na década de

1990, quando a televisão ainda era o mídia de referência para os jovens, uma vez que a internet começava a dar os primeiros passos e estava longe das potencialidades de interação proporcionada pela web 2.0:

(...) a televisão é o veículo de comunicação que obtém maior receptividade junto aos jovens. Isto ficou evidenciado na pesquisa realizada pela agência norte-americana D'Arcy, Masius, Benton & Bowles que, juntamente com seus associados, consultou jovens de 26 países, das classes A e B, em uma amostra de 6.547 adolescentes. No Brasil, o segmento estudado limitou-se às cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, abrangendo 448 alunos de colégios particulares (Veja, 1995). Um dos resultados alcançados pela pesquisa é que não existem praticamente diferenças entre os jovens globais que pertençam ao mesmo nível socioeconômico, sendo que um dos motivos para esta situação refere-se ao fato de que a globalização se opera sobretudo via televisão, que foi apontada como o passatempo de 93% dos pesquisados. (SOUZA, 2000, p: 23).

Se deixou estar em primeiro plano no quesito preferência, a televisão se mantém como agregador familiar, apenas uma das entrevistadas, Fátima, relatou a TV como sendo fator de desunião da família:

Entrevistadora: Você assiste TV com seus pais? Quais são os programas preferidos e quem os escolhe?

Fátima: Não. Às vezes nós assistimos nos horários das refeições, mas a gente nunca consegue conciliar o que queremos ver todos juntos.

Entrevistadora: Porquê?

Fátima: Ontem aconteceu essa situação. A minha mãe esperou meu pai para jantar e meu pai não sentou-se à mesa porque minha mãe estava a ver a novela e meu pai queria ver o jogo de futebol, e ela acabou indo para o quarto.

Eu até fui falar com ele: “minha mãe esperou o senhor até agora para jantar e o senhor foi ver jogo”. Aí ele disse: “Ah, porque sua mãe está vendo a novela, e eu não quero ver a novela”.

Entrevistadora: Então, a TV acaba causando alguns conflitos familiares?

Fátima: É, eu acho que sim. Eu acho que, em certa parte, separa a família, e no domingo, quando é para estar a família toda reunida na hora do almoço o meu pai quer ver o jornal, eu quero ver outra coisa e a gente não consegue conciliar o que cada um quer ver.

Entrevistadora: Então, cada um assiste o que quer separadamente?

Fátima: É, à noite está cada um no seu quarto vendo o que quer.

Entrevistadora: Então, a TV para você é um hábito solitário?

Fátima: É, tem sido.

Relato diferente é feito por Gustavo, ele acredita que a televisão acaba por ser um agregador familiar:

Entrevistadora: Você assiste TV com sua mãe? Quais são os programas preferidos e quem os escolhe?

Gustavo: Todos ficamos juntos na sala a ver televisão, mas quando é mais à noite e minha mãe está a dormir eu fico a ver filmes.

Entrevistadora: A televisão, então, agrega a família?

Gustavo: Sim, une a família na sala.

No caso das famílias que assistem TV juntas, o que engloba as cinco famílias entrevistadas e Gustavo – e que excetua apenas Fátima - na maioria das vezes são as mães que escolhem o programa a assistir. Mas há casos, como o de Cláudio, que tem a opção de definir o que será assistido pela família:

Entrevistadora: Você assiste TV com sua mãe? Quais são os programas preferidos e quem os escolhe?

Cláudio: Eu que escolho. Vejo futebol e, de vez em quando, novelas.

Alice, por seu turno, decide o que vai ser assistido junto com a mãe, Amélia. Como ambas são apreciadoras dos mesmos programas não existe nenhum conflito no momento de definir o que irá se ver:

Alice: O programa preferido são as novelas e quem escolhe são as duas.

Entrevistadora: É sempre consenso?

Alice: Sim.

À exceção de Edson, todos os outros jovens entrevistados para esta pesquisa têm em comum o gosto pelas telenovelas, hábito brasileiro inserido no núcleo familiar desde a mais tenra idade. E em Portugal, onde as telenovelas brasileiras passaram a ganhar espaço no pequeno ecrã a partir de 1977 (Ferin, 2003) através de *Gabriela*, o gênero também agradou e faz parte da rotina de muitos portugueses. Por esse motivo, não houve, para os migrantes brasileiros em Portugal, maiores alterações no que tange ao consumo de telenovelas.

6.2.1 – Telenovelas

De acordo com Rebouças (2009), “os pilares da novela atual começaram a ser formulados na antiga Idade Média, principalmente no século XI”, quando os textos começam a ser representados diante de um público. No Brasil, o advento do Rádio, em 1922, permitiria a construção de um novo produto - duas décadas mais tarde - e que se tornaria a sensação do veículo: a radionovela.

Filha legítima da radionovela, tanto que uma das primeiras produções do gênero foi “Direito de Nascer”²⁸, sucesso radiofônico, a telenovela brasileira surge na década de 1960 e logo cai no gosto popular. Os textos utilizados inicialmente, assim como os atores, eram oriundos do Rádio:

Só que, nas imagens da TV, o resultado foi outro – de extraordinária repercussão. Essa repercussão gerou uma popularidade inimaginável e duradoura, o que incentivou os homens de TV a investirem mais na telenovela. Na virada da década de 60/70, essas histórias parceladas encontraram uma linguagem própria e tipicamente brasileira, utilizando sobremaneira todos os recursos da televisão – a imagem sobrepondo-se aos diálogos; a produção passa a ter a mesma importância do texto e da direção, (FERNANDES, 1994, p.37-38).

Além disso:

Diferente dos outros veículos comunicativos, a televisão possui algumas especificidades que a torna única na forma de comunicar. Os artefatos da imagem, sonorização e produção representam subsídios de tratamento das informações. “Ao propor uma nova associação entre a imagem e a linguagem, a televisão molda também novas maneiras de percepção” (Betti. 1998: 34). De certa forma, quando o leitor visualiza uma nota em um jornal e a mesma nota na televisão, as reações são diferentes. Isso depende diretamente do tratamento oferecido à informação e às possibilidades que este tratamento pode produzir, por exemplo, visões e interpretações diferentes da mesma situação, (SILVA e MARCHI, 2009, p. 1).

A utilização de textos da literatura de referência brasileira, a exemplo das obras de Joaquim Manuel de Macedo (*A moreninha*), Bernardo Guimarães (*A escrava Isaura*) e Jorge Amado (*Gabriela*), encontra seu apogeu na década de 1970. Escritores de radionovelas, a exemplo de Janete Clair (Irmãos Coragem) e de teatro, como Dias Gomes (*O Bem-Amado*), são escalados para trabalhar na TV e é também a partir de 1970 que as produções exclusivamente nacionais são introduzidas no gênero, antes ocupado por textos cubanos, mexicanos, norte-americanos e europeus.

A telenovela como produto brasileiro de exportação é percebida logo no início da década de 1970, quando, como vimos, passou a ser produzida com textos inteiramente nacionais. *O Bem Amado* é exportado para o Paraguai em 1973, mesmo ano de exibição da novela no Brasil (Santos, 2010). Quatro anos depois, em 1977 as telenovelas brasileiras saem da América Latina e seguem para a Europa, chegando ao mercado português. Sua aceitação foi imediata e a parceria dura até hoje, sendo Portugal o maior consumidor de telenovelas brasileiras até os dias atuais.

Este consumo português permitiu que os migrantes brasileiros não alterassem totalmente seus consumos televisivos no país. Pelo contrário, líder de audiência no Brasil, a Rede Globo produz as novelas que mais atraem os interesses da população daquele país e são essas que são exportadas para Portugal.

Diante disso não é de se causar estranheza a audiência dedicada pelos migrantes brasileiros ao produto e, por esse motivo, a televisão portuguesa que mais os atrai é a SIC.

Gustavo que saiu do Brasil, como vimos, com apenas 10 anos gosta de assistir as novelas e conhecer novos lugares de seu país de origem. Os folhetins também servem de tema de conversa entre os conhecidos:

Gustavo: Os meus amigos estão sempre a falar das novelas brasileiras, estão sempre a descobrir novas palavras com a novela, e também descobrem cada vez mais sobre o nosso país.

Entrevistadora: E você, aprende o quê com as novelas já que saiu tão novo de lá?

Gustavo: Eu descubro novos lugares, novas praias novos climas... Descubro coisas assim.

Conhecer as cidades brasileiras também é um atrativo a mais para Cláudio na hora de ver novelas. Segundo ele, não passa de um interesse turístico sobre o país de origem já que não pretende mais voltar ao Brasil, como visto no capítulo anterior:

Cláudio: Aprendi um pouco. Eu gosto de ver quando mostra as cidades para eu ter uma noção de como estão.

Entrevistadora: Você quer conhecer as cidades brasileiras?

Cláudio: Sim.

Entrevistadora: Mas é mais um interesse turístico do que um interesse pelo Brasil.

Cláudio: Sim, turístico.

Ao contrário de Cláudio, Débora pretende voltar para o Brasil, não agora, um pouco mais tarde, por isso seu interesse é direcionado aos temas relacionados com a violência, questão que a preocupa sempre:

Entrevistadora: Elas (as telenovelas) contribuem de alguma forma para um maior conhecimento do Brasil?

Débora: Algumas mostram, mais ou menos a realidade do Brasil.

Entrevistadora: E o que você aprendeu com elas?

Débora: Que precisa de mais segurança.

Fátima tem outro interesse: a cultura de seu país de origem, e acredita que as telenovelas ajudam a conhecer melhor o Brasil:

Fátima: Muitas novelas passam sobre a cultura, igual a que eu estou vendo agora, a *Cheias de Charme*, na SIC. Fala muito sobre a cultura do Piauí. Eu acho interessante.

Bruno, por seu turno é um dos poucos a assistir telenovelas brasileiras e portuguesas. Para ele a importância do folhetim brasileiro é a de garantir a manutenção do sotaque original, enquanto as telenovelas portuguesas lhe ajudam a aprender o sotaque do país de acolhimento. Foi esta forma, que como vimos no capítulo anterior dessa tese, utilizou para ser melhor aceito no meio social que frequenta, do trabalho às relações com os colegas.

Bruno: Elas contribuem com o sotaque e faz com que eu não me esqueça das minhas origens. As músicas, o jeito de ser, de vestir, a fala...

Entrevistadora: E telenovela portuguesa, você assiste?

Bruno: Assisto pouca. Assisto uma ou duas.

Entrevistadora: Elas te ajudaram a entender um pouco sobre a cultura do país?

Bruno: Ajudaram a mudar, principalmente, o meu sotaque.

As telenovelas portuguesas não despertaram maior interesse nos demais entrevistados. A maioria disse simplesmente não assistir, apenas Fátima e Débora comentaram:

Fátima: Só tem uma portuguesa que eu vejo, que passa na SIC, o resto é tudo brasileira.

Débora: Não, não me interessam. Assisti uma. Eu acho que era “Vingança”. Assisti um dia, uma vez na semana.

6.2.2 – Telejornalismo

Os indivíduos entrevistados relataram consumir pouco produto jornalístico oriundo da televisão portuguesa. Os interesses continuam centrados no que acontece no seu país de origem. Contribui para isso o fato da Record, segunda emissora brasileira em audiência – perde apenas para a Globo –, retransmitir sua programação jornalística em Portugal.

A rotina da violência brasileira e as imagens fortes são o ponto alto do jornalismo da emissora, atraindo atenção para o inusitado, o burlesco e para o universo urbano de um país que se acostumou a ver no ecrã da TV a morte, a tragédia e a criminalidade.

Com os resultados da análise das entrevistas feitas foi possível aferir que o hábito, cultivado pela maioria das mães ouvidas à exceção de Amélia, foi repassado aos filhos, tal qual aconteceu com as telenovelas.

O telejornalismo brasileiro - descarte ter ao longo dos anos mostrado “ sinais da importação de modelos vindos de outros países” (Lopes, 2005) – foi, inicialmente construído dentro do padrão do radiojornalismo, com locutores de voz empostada e ligeira (idem). Tal como se deu com as telenovelas, o telejornalismo brasileiro buscou no de radiojornalismo seus primeiros profissionais, que carregaram para a tela os mesmos hábitos cultivado ao longo de anos no rádio.

A construção de tal modelo foi sendo redirecionada ao longo dos anos, bem como o conteúdo. A Rede Globo foi a primeira emissora a ter um telejornal que atingia – via satélite - todos os estados do país, o Jornal Nacional que está no ar há 44 anos, iniciando sua transmissão em primeiro de setembro de 1969, período que historicamente marca uma maior recrudescimento da ditadura militar brasileira, iniciada em 1964 e que encontrou seu auge a partir de 1968 com a decretação do Ato Inconstitucional Número 5 que dava plenos poderes aos ditadores.

Pelo seu caráter nacional e com uma melhor adaptação das telenovelas, como vimos no ponto anterior, a Globo não demorou a ser a emissora número um em audiência e faturamento do país. As mais antigas, como a Rede Tupi (primeira

emissora brasileira, inaugurada em 1950) e a Record, que foi ao ar em 1953, não conseguiram acompanhar o ritmo da concorrente até que a Globo se consolidou no mercado telejornalístico nacional, em meados da década de 1970, lugar que ocupa até hoje.

Dentro de um padrão de qualidade, e sob censura militar, a Globo construiu um telejornalismo que se pautava por notícias mais suaves, dando ênfase ao noticiário internacional e desportivo, notadamente na década de 1970. Tal postura não deixou de ser observada pela academia, e a emissora foi acusada de fazer jornalismo ao estilo norte-americano e sob a batuta do governo militar:

Como no decorrer da ditadura militar (1964-1985), houve grandes investimentos tecnológicos na área, a exemplo do pioneiro sistema de transmissão de satélite e microondas da Embratel (Piccinin, 2008), o Jornal Nacional teve impulso com o patrocínio do governo militar. Assinalando que o modelo do telejornalismo brasileiro se traduz na produção do jornalismo “clean” americano, Piccinin aponta que, a exemplo do Jornal Nacional, todos os outros telejornais da Rede Globo têm o comprometimento com a cartilha americana (Mello, 2009, p: 03).

Por essa face que levou a emissão nacional de sua programação, a partir – como já citamos – do jornal nacional a Globo conseguiu conquistar e consolidar o primeiro lugar de audiência na mesma década de 1970. Esta audiência se consolidou ainda mais no ano de 1980 após a cassação, pelo governo militar, da concessão da TV Tupi, única que também transmitia para diversos outros estados do país, e que, como vimos, foi a primeira emissora brasileira.

Outras emissoras tentaram arrancar da emissora – chamada por acadêmicos, jornalistas, artistas e intelectuais brasileiros de Vênus Platinada – ao menos parte desta hegemonia. Foram redes de televisão que conseguiram a concessão do governo federal para atuar nacionalmente ou em nível local. Estas concessões começaram a ser “distribuídas” ao longo da década de 1980, com o regime militar brasileiro experimentando seus primeiros momentos de ocaso e a abertura democrática se transformando num processo irreversível.

As concessões eram dadas a políticos, como Antônio Carlos Magalhães, “cacique” político na Bahia e apoiador do regime militar, ou José Sarney, líder político no Maranhão, que também tinha sido aliado dos comandantes da ditadura. Sarney se tornou presidente da República ao acaso²⁹, governando o Brasil por quase cinco anos. Os outros que recebiam a concessão eram nomes consolidados no jornalismo ou na televisão do Brasil, como Adolpho Bloch, no caso do jornalismo, e Sílvio Santos, no caso da televisão.

Bloch fundou sua Rede Manchete em 1983, e conseguiu atrair a audiência através de telenovelas como “*Pantanal*” na década de 1990 – produção que ameaçou realmente o primeiro lugar de audiência da Rede Globo -, ou “*Xica da Silva*”. O sucesso relativo em algumas produções demonstrou ao longo do tempo não ser de caráter permanente. O insucesso da Manchete fez com que a emissora encerrasse suas atividades em 1999

As outras emissoras que se seguiram, a exemplo da TVS, do empresário Sílvio Santos, e que por algum tempo permaneceu em segundo lugar na audiência brasileira, procuraram seguir o modelo jornalístico da Globo, tão de agrado da população do país.

A Rede Record, a mais antiga rede de televisão em funcionamento existente no país, passou por reestruturação administrativa e gerencial quando, no final da década de 1980 foi comprada pelo grupo de Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus.

Na década de 1990 em vez de simplesmente copiar o telejornalismo da concorrente, a Record encontrou seu próprio nicho no mercado, apostando na exibição da violência, distante do estilo *clean* característico da Globo e em programas jornalísticos com longa duração e muitas apresentações em direto. E foi esta aposta que agradou a uma parcela considerável da população brasileira: na Record a violência foi elevada ao status de espetáculo:

Esta modalidade de telejornal, de grande apelo popular, dramatiza a miséria e o crime. Os fenômenos sociais que abordam são tratados de modo bastante superficial. De qualquer modo, nestes programas, as imagens têm uma força imensa de chamar a atenção para os

problemas da realidade objetiva brasileira. Saem do diapasão *clean* dos telejornais mais tradicionais, voltados para as classes médias, que tendem a fugir de qualquer referência mais profunda ao abismo social do país. Quando a miséria aparece nesse tipo de telejornal, sendo impossível escondê-la, faz-se o discurso paternal e populista. Os que precisam de ajuda, estão em situação de abandono e necessitam de socorro público e privado são, momentaneamente, lembrados. Tudo funciona como se uma dimensão do Brasil visitasse a outra, nas suas representações midiáticas (LOPES, 2005, p: 05).

De acordo com o sítio da emissora, a Record está presente nos cinco continentes e seu sinal atinge mais de 150 países. Toda a programação é transmitida ao vivo. Além disso, ao contrário da Globo Internacional, a Record Internacional é gratuita e não por assinatura, o que a tornou a preferida entre os migrantes brasileiros distribuídos pelos cinco cantos do mundo. Fora do Brasil, ao menos em Portugal, a Globo só não perde a sua hegemonia quando o tema é telenovela, como vimos no ponto anterior, graças à retransmissão desses programas pela portuguesa SIC.

Alice e Cláudio foram os únicos que não declararam assistir à programação da Record. Alice prefere as telenovelas e as séries policiais americanas. Gosta de filmes e de enredos que também envolvam o terror. Cláudio, por seu turno, afirmou não ter interesse algum sobre o que acontece no Brasil. Os demais entrevistados buscam informações sobre o seu país através desta emissora brasileira, muitas vezes acompanhados de suas mães:

Entrevistadora: Você assiste TV com sua mãe? Quais são os programas preferidos e quem os escolhe?

Edson: Sim. Nós dois escolhemos, mas a televisão está sempre na Record.

Entrevistadora: Então, os programas da Record são os preferidos de vocês dois?

Edson: Sim.

Entrevistadora: Quais são seus programas favoritos?

Fátima: Eu vejo mais a Record e as telenovelas.

Entrevistadora: Você assiste TV com sua mãe? Quais são os programas preferidos e quem os escolhe?

Débora: Às vezes, quando ela deixa o comando comigo (risos). O programa preferido é o telejornal brasileiro.

Entrevistadora: Quais são seus programas favoritos?

Bruno: É aquele “O melhor do Brasil”³⁰.

Entrevistadora: Você assiste TV com sua mãe? Quais são os programas preferidos e quem os escolhe?

Bruno: Eu não assisto com minha mãe. Quando assisto com minha mãe é muito rápido, uma novela, um jornal.

Entrevistadora: Brasileiros ou portugueses?

Bruno: Novela brasileira e telejornal brasileiro, na Record ou na Globo

Gustavo foi o único a referir a televisão como sua mídia preferida. Passa mais de três horas por dia diante da telinha. Acompanha diariamente a programação da Record, inclusive aos sábados e domingos. Seus objetivos são informação e entretenimento. Por isso a SIC também é citada, devido às telenovelas.

Gustavo: Nos fins-de-semana os programas da Record, como “O melhor do Brasil”, o “Programa do Gugu” e filmes. E durante a semana eu vejo a SIC e também a Record, o “Fala Brasil”, para saber das notícias.

Quando inquiridos sobre os fatos que mais lhe despertam interesse no Brasil três dos sete jovens entrevistados se referiram à violência:

Débora: Na parte dos crimes e isso pra gente ficar mais atualizado se um dia quiser voltar, pra ver como está, como não está, apesar de nem sempre é aquilo que mostra, né?

Bruno: O esporte e também a violência. Eu vejo o carnaval, a violência... Acompanho tudo.

Edson: Eu gosto de saber da violência, ver as novidades - Por exemplo, agora vai vir a Copa, vamos ver o que vai acontecer lá, os locais, se estão prontos ou não. O quê é que falta...

Parte das entrevistas foi realizada no período em que eclodiram as manifestações no Brasil, e o assunto também foi abordado juntamente com outros temas como política e desporto:

Gustavo: O esporte, o humor, as manifestações como estão tendo agora, coisas...

Fátima: Me informo mais assistindo a Record para ver notícias que estão acontecendo no Brasil. Por exemplo, esta semana, sobre as manifestações, agora, Portugal, não. Vejo porque no meu trabalho fica a televisão ligada no telejornal e sempre acabo por ver as notícias que passam sobre a crise é sempre a mesma coisa.

Alice: Sim, bem mais. Me interessam as notícias do que está acontecendo lá, da política, essas coisas.

Cláudio foi categórico, o Brasil não lhe interessa:

Entrevistadora: E em relação aos fatos brasileiros, eles lhe despertam interesse?

Cláudio: Não, não me despertam muito porque não tenho vontade de voltar para lá.

Entrevistadora: Então, você não tem o menor interesse pelo Brasil?

Cláudio: Não.

Assim como Cláudio não se interessa pelos assuntos brasileiros, o interesse pelos fatos portugueses dividiu os entrevistados entre os que nada ou pouco interessam e os que mantêm algum interesse. A maioria demonstrou claramente não possuir interesse pelas informações sobre Portugal que fazem parte do cenário jornalístico lusitano.

Entrevistadora: Você se informa sobre os fatos que acontecem em Portugal? Como e quanto eles lhe interessam?

Fátima: Não. (...) Vejo porque no meu trabalho fica a televisão ligada no telejornal e sempre acabo por ver as notícias que passam sobre a crise é sempre a mesma coisa.

Débora: Não.

Entrevistadora: Eles não lhe interessam?

Débora: Não.

Alice: Eu às vezes vejo algumas coisas, vejo pelo telejornal, mas quase não costumo ver.

Entrevistadora: Não lhe interessam?

Alice: Não muito.

Edson: Não tenho muito interesse, não, mas às vezes eu vejo assim, por acaso. Eu leio o jornal. Os fatos me interessam mais ou menos. O que me chama atenção aqui é a política, que vai de mal a pior.

Essa postura de alheamento, referente ao cotidiano jornalístico português, se deve, possivelmente, ao fato de tais informações não possuírem real importância dentro de um universo familiar onde o Brasil é cultivado na alimentação, na forma de se portar, de se vestir e de buscar de informação. O Brasil, mesmo para os que vieram muito cedo para cá, faz parte do mundo interior das mães desses jovens, que repassam seu conhecimento de vida através do estoque de informações vivenciadas em seu país natal. Nenhuma delas buscou se informar sobre a cultura ou a história portuguesas e, também, não se interessam pelos noticiários ou telenovelas de Portugal. A exceção vai para as mães que constituíram nova família com portugueses, e que por isso assistem aos telejornais lusitanos em companhia de seus maridos, mas apenas porque eles lá estão. Na ausência do companheiro optam pelo noticiário brasileiro.

Ao manterem o Brasil como presença rotineira dentro de casa, essas famílias realimentam um conhecimento de mundo que não abarca parcela de Portugal. Aqui vieram, prioritariamente, para conquistar novos horizontes econômicos, e é essa realidade que a elas interessa em Portugal, assim interpretar o que não se conhece é um esforço que, ao que tudo indica, não se interessam por depreender por Portugal não fazer parte do que Schutz (1979) e Habermas (1998) convencionaram chamar de “mundo da vida”:

Todos nós, no curso de nossa vida diária, deparamo-nos com situações que demandam um esforço interpretativo que norteie nossas ações e nosso entendimento do mundo. O conjunto

de experiências cotidianas, o estoque de conhecimentos que temos à mão, os valores e normas nos quais fomos socializados e dos quais lançamos mão para subsidiarem nossa interpretação, é o que autores como Alfred Schutz (1979) e Jurgen Habermas (1998) denominaram mundo da vida. Para Schutz, 'o *`mundo da vida cotidiana'* significará o mundo intersubjetivo que existia muito antes do nosso nascimento, vivenciado e interpretado por outros, nossos predecessores, como um mundo organizado. Ele agora se dá à nossa experiência e interpretação. Toda interpretação desse mundo se baseia num estoque de experiências anteriores a ele, às nossas próprias experiências e àquelas que nos são transmitidas por nossos pais e professores, as quais, na forma de *`conhecimento à mão'*, funcionam como um código de referência" (SCHUTZ, 1979, p. 72; grifos no original). (ROCHA, 2007, p: 134)

Na outra ponta, a dos que se interessam, destacam-se Gustavo, Bruno e Cláudio, sendo interessante que todos do sexo masculino. B buscam estar ao menos um pouco informados sobre os fatos do país de acolhimento, ainda que de modos diferentes. Gustavo busca informações sobre lazer, cultura e esporte, que estão, segundo ele, dentro da sua "faixa etária". Bruno, por seu turno, convive atualmente mais com portugueses, devido ao trabalho, e menos com a mãe. Cláudio, como vimos, não tem qualquer interesse pelo Brasil e considera Portugal sua pátria: em comum os três têm mais referências de Portugal do que os outros quatro entrevistados. Por esse motivo, o "mundo cotidiano" deles já está embebido da realidade portuguesa.

Gustavo: Sim. Me interessam mais os fatos da minha faixa etária. Por exemplo, vai haver um concerto aqui, se for da minha faixa etária, eu estou informado sobre isso.

Vai haver um jogo de futebol, eu também me informo sobre isso.

Cláudio: De vez em quando.

Entrevistadora: Quais e como?

Cláudio: A política e o desporto. A política, pela TV o desporto, com os portugueses. Eu falo muito com eles nas ruas.

Entrevistadora: Esses fatos te interessam muito?

Cláudio: Um pouco.

Bruno: Sim. Política, que é o que está na moda agora.

Entrevistadora: Como e quanto eles lhe interessam? É só a política.

Bruno: Tem também a violência, que agora também está muito forte aqui em Portugal.

6.3 – Internet

Ponte e Vieira (2007) afirmam ser “relativamente escassa a pesquisa sobre a mediação dos pais, as regras que estabelecem, o seu conhecimento, atitudes e preocupações sobre as práticas das crianças e a sua consciência dos riscos”. Em nosso guião de entrevistas inserimos uma questão sobre o exercício de controle ou a delimitação de uso de aparelhos eletrônicos de comunicação - incluindo o consumo e o uso da internet - pelos pais em relação aos seus filhos.

As mães entrevistadas se dividem entre controlar e não controlar o uso e o consumo que os seus filhos fazem seja da televisão, da internet ou do telemóvel. Em relação especificamente à internet as respostas variam entre a falta de controle total, aos alertas e ao cuidado específico, notadamente ao tempo de utilização, que seus filhos fazem desses equipamentos:

Amélia: Não, não faço nenhum controle. Eu deixo ela entrar nos sites que ela quiser, não fico observando, não.

Entrevistadora: Também não dá nenhum alerta sobre o que ela pode, ou não, fazer na internet?

Amélia: Não.

Carla: Não, o que eu faço é assim: eu não determino o que eles vão ver ou não. Eu tento abrir a cabecinha deles para eles verem o que é certo e o que é errado. Agora estipular “não vai ver isso, não vai ver aquilo”, não, porque eles sabem o que é certo. Já foram crescendo com isso, como criei eles sozinha eu fui mostrando o que é certo e o que é errado.

Beatriz: Sim. Agora não porque ele já tem 21 anos e ele tem mais noção do que pode entrar e do que não pode. Ele passou a ter computador já com 16, 17 anos, dentro do quarto. Mas ele menor... Eu procurava ver os sites que ele tinha, eu sempre controlei isso. Os horários da televisão ligada. Televisão até hoje eu ainda controlo.

Entrevistadora: Controla o quê?

Beatriz: O horário dele ficar até à noite. Lá em casa não se fica com a televisão a noite toda ligada, até porque ele vai trabalhar no outro dia, tem que ir para o estágio.

Com três filhos, Diana se preocupa em dividir o horário de utilização do computador de forma equânime. Com Débora, nossa entrevistada, não tem maiores preocupações, mas com o filho menor tem o cuidado de limitar o acesso a determinados conteúdos:

Diana: Faço. A Débora é a maior, já sabe, mas o computador tem que ter um horário estipulado para cada um. Uma hora para a Débora, uma hora para a mais nova³¹. O meu filho do meio é que eu tenho que ficar mais de olho, porque ele gosta de baixar filmes, mas eu não gosto. É assim que eu faço.

Entrevistadora: A senhora tem alguma preocupação com alguns sites ou conteúdos da internet que a senhora tenha cuidado para que eles não tenham acesso? Conversa com eles sobre isso?

Diana: Mais com meu filho, que é o de sexo. Só. Um dia ele entrou, mas eu conversei com ele e não entra mais não. Tem também jogo, que ele entra, mas eu não gosto. Aquele negócio de baixar os jogos. O computador fica muito pesado e eu não gosto.

Com ou sem controle a internet é o meio de comunicação preferido de cinco dos sete entrevistados. Apenas Fátima afirma preferir o telemóvel, enquanto Gustavo elege a televisão.

Todos os jovens entrevistados têm acesso à internet em casa e na escola. Mas pouco usam a ferramenta para pesquisas escolares, excetuando-se Edson, que busca informações técnicas sobre a carreira que decidiu abraçar: design gráfico.

O sítio número um da internet para o grupo, sem qualquer exceção, é o Facebook, utilizado para fazer, principalmente, contatos com os familiares do Brasil e para saber das novidades junto a amigos que lá ficaram. Contatos com pessoas, colegas ou amigos, que conheceram em Portugal sempre aparece em segundo plano:

Gustavo: Sim, utilizo, para falar com os amigos e a família, no Brasil, e aqui, também. Para falarmos sobre festas, combinarmos para ir em festas, falar sobre filmes.

Fátima: Uso o Facebook, para falar com a família no Brasil, às vezes no MSN, bate-papo, para ver a família na web.

Entrevistadora: Você faz contatos com amigos e parentes no Brasil? Como?

Débora: Sim, pelo Facebook, só pelo Facebook.

Alice: Faço pelo Facebook eu falo com alguns amigos e parentes, mas também costumo ligar muito para meu pai e para a minha avó pelo telefone.

Bruno: Sim, pelo Facebook. Facebook, só, somente via internet.

Cláudio: Faço, pelo Facebook.

Edson: Faço contatos com amigos e parentes pela internet, telefone é muito raro. Faço através do Facebook e do Skipe.

Edson foi o único a relatar a utilização do Facebook para outros fins que não apenas comunicação com parentes:

Edson: Quando a gente vai para a internet e gente vai Colher Fazenda.

Entrevistadora: Colher Fazenda é o quê?

Edson: É um jogo do Facebook, quando a gente está no Facebook, a gente sempre vai colher fazenda.

Edson, aliás, junto com o amigo Bruno, foi o único a referenciar a utilização da internet para jogos. Os demais entrevistados não fazem uso do computador com esse objetivo.

O YouTube é o segundo sítio mais citado pelos jovens. Descarte esse endereços “top de linha” o consumo da internet, diferentemente da televisão, é mais variado e internacional. Além dos norte-americanos, o grupo se divide entre *sites* portugueses e brasileiros, notadamente quando o assunto é desporto. Apesar da

resistência de alguns, como Alice, aos produtos portugueses na internet, a relação da maioria dos jovens com este tipo de *media* não se fixa em bandeiras:

Entrevistadora: Quais os sites preferidos?

Cláudio: É um site brasileiro, que eu vejo as notícias, o Globo Esporte¹ e o Facebook.

Entrevistadora: Você procura notícias só de esporte, então, não é isso?

Cláudio: Só de esporte.

Entrevistadora: Você consome mais sites portugueses ou brasileiros?

Cláudio: Portugueses.

Entrevistadora: Mas você me disse que consome o Globo Esporte e o Facebook. Quais são os sítios portugueses, então?

Cláudio: O Ask, o A Bola, o Record³² e para ouvir música.

Entrevistadora: Quais seus sites preferidos? Você consome mais sites portugueses ou brasileiros?

Gustavo: (...) Têm vários, tem o You Tube...

Entrevistadora: Esporte?

Gustavo: Não, esporte eu vejo na televisão, mas, também, tem, tipo, os jornais *on line* para ficar informado sobre futebol.

Entrevistadora: E há algum site brasileiro?

Sim, o r7.com⁴.

Entrevistadora: É um *site* de...?

Gustavo: É sobre entretenimento, notícias, mundo da moda, essas coisas assim.

Dentre os que não acessam sítios portugueses estão Alice, Bruno e Edson:

Alice: Facebook, O Globo, eu costumo ver as notícias do Brasil, You Tube, esses.

Entrevistadora: Você lê jornais?

Alice: Só pela internet.

Entrevistadora: Você consome mais sites portugueses ou brasileiros?

Alice: Brasileiros.

Entrevistadora: Português, você consome algum?

Alice: Não.

Bruno: Uso o Globo Esporte e o R7³³.

Entrevistadora: Português?

Bruno: Português não.

Edson: Eu visito mais fóruns de informações, são mais brasileiros. Não é notícia, só informação.

A internet não é necessariamente um ato solitário. No caso de nossa amostra existem relatos da participação das mães, namorados e amigos em diversos momentos, seja para assistir filmes, jogar ou, simplesmente, mostrar alguma curiosidade. Débora foi a única a relatar que utiliza a internet com a mãe. Como outros entrevistados utiliza a ferramenta para momentos de entretenimento com os amigos:

Entrevistadora: E a internet, vocês utilizam sozinhos ou com sua mãe?

Débora: Depende, se eu estiver vendo alguma coisa que interesse minha mãe, no caso, aí vou, sento eu e ela. Quando é receita, quando eu estou vendo receitas, assim, ficamos eu e ela vendo as receitas

Entrevistadora: E com seus amigos, vocês assistem TV ou utilizam a internet juntos? Com que objetivo?

Débora: Nem sempre. É uma vez, ou outra. Quer ver: por aí uma vez no mês.

Entrevistadora: E qual o objetivo?

Débora: Ah, a gente fica mais próximo porque a gente vê filme na televisão, ou alugamos filmes na internet

Entrevistadora: Então você também utiliza a internet para ver filmes?

Débora: Para pegar na hora, não para baixar. Para assistir na hora.

Entrevistadora: Então, tanto a internet quanto a televisão você utiliza com os seus amigos para assistir filmes?

Débora: Sim, ou então para ver vídeos. Vídeos no You Tube. É mais para isso.

Bruno e Edson nunca dividem espaço com as mães quando o assunto é internet. Gustavo abre concessões, mas apenas quando está falando com a família no Brasil. Os três, no entanto, se reúnem, mesmo que não com muita frequência, com amigos em torno do computador:

Entrevistadora: A internet, você utiliza sozinho ou com sua mãe?

Gustavo: Geralmente eu uso sozinho, a maior parte das vezes. Minha mãe só participa quando estamos falando com a nossa família no Brasil pela câmara.

Entrevistadora: E com seus amigos, vocês assistem TV ou utilizam a internet juntos? Com que objetivo?

Gustavo: Sim, às vezes ficamos a ver filmes juntos. Na internet também ficamos a ver filmes ou a falar com outras pessoas em conjunto.

Entrevistadora: Então, o objetivo desses encontros na TV e na internet se resume a ver filmes e conversar com outras pessoas?

Gustavo: Sim.

Entrevistadora: A internet, você utiliza sozinho ou com sua mãe?

Bruno: Sozinho.

Entrevistadora: E com seus amigos, vocês assistem TV ou utilizam a internet juntos? Com que objetivo?

Bruno: Muito raramente, só quando eu quero mostrar alguma coisa no You Tube, ou a foto de uma menina e só.

Edson: Sim, utilizo sozinho. Com minha mãe é muito raro.

Entrevistadora: E com seus amigos, vocês assistem TV ou utilizam a internet juntos? Com que objetivo?

Edson: Depende, porque não é sempre que eu vou para casa de amigos ver TV ou internet. Eu estou sempre em casa.

Fátima refere-se à internet como um hábito que faz parte do namoro, na maioria das vezes utiliza junto com o namorado.

Fátima: Eu e meu namorado utilizamos juntos, até o nosso Facebook é conjunto.

Entrevistadora: E com amigos?

Fátima: Com amigos, não.

Cláudio e Alice são os únicos a fazer uso da internet de forma totalmente solitária:

Entrevistadora: E a internet, vocês utilizam sozinhos ou com sua mãe?

Cláudio: Sozinho, sempre sozinho.

Entrevistadora: E internet, você utiliza sozinha ou com sua mãe?

Alice: Sozinha.

Entrevistadora: E com seus amigos, vocês assistem TV ou utilizam a internet juntos? Com que objetivo?

Alice: Não.

6.4 – Consumos culturais e percepção das outras mídias portuguesas

No presente tópico concentramos os diferentes consumos mediáticos que, mesmo relatados pelos jovens a partir das perguntas da pesquisadora, não demonstraram ter maior representatividade comparados com a internet e a televisão. A audição de emissoras de rádio, a leitura de jornais e revistas e a frequência com que estes indivíduos vão a shows, teatro e cinema e outros eventos culturais são pontuais e sem grande relevância. Até mesmo porque a internet e a televisão funcionam como substituto ao cinema e ao próprio rádio. É pela internet que filmes são assistidos e rádios são ouvidas.

Iremos nos debruçar, ainda, na percepção que estes jovens têm das informações que lhes são oferecidas pela mídia portuguesa de uma forma geral, sem que se toque num meio específico. A pergunta constante no guião teve o cuidado de não se limitar a um veículo ou de desmembrar os vários veículos em diferentes perguntas, evitando o desgaste de uma entrevista mais longa do que o necessário para obter as respostas que permitiriam analisar os usos e consumos desses rapazes e raparigas.

Dessa forma conseguimos obter as informações sobre a percepção que esses brasileiros têm dos *media* lusitanos em geral bem como avaliamos seus hábitos de leitura para além de jornais e revistas. O consumo de literatura constará do tópico relativo aos consumos culturais.

6.4.1– Rádio e preferências musicais

Para os jovens ouvidos, a rádio tem apenas uma finalidade: música! Não está associada à informação nem a programas desportivos. No entanto, tal qual a televisão, e diferentemente da internet as emissoras de rádio ouvidas são de programação exclusivamente brasileira. As exceções são Bruno, que tem preferência por um canal português, e Alice, que não ouve rádio.

Esta preferência também revela o que estes jovens gostam de ouvir em termos musicais: ritmos brasileiros. No universo musical dos jovens ouvidos há pouco, ou nenhum, espaço para a música portuguesa. Ou é brasileira ou é americana ou é inglesa. Axé, forró, música sertaneja e Música Popular Brasileira são os ritmos preferidos, colocando o Brasil mais perto de cada um. Pelo menos em um caso os gostos musicais da mãe também foram repassados ao filho:

Entrevistadora: Qual a música que prefere? Portuguesa, brasileira ou de outras nacionalidades? Quais?

Cláudio: A brasileira.

Entrevistadora: Internacional você não gosta? E as portuguesas?

Cláudio: Gosto, mas ouço poucas vezes.

Entrevistadora: Qual o estilo de música brasileira que você prefere?

Cláudio: Gosto daquelas calmas, as mais calmas. De vez em quando umas poucas mexidas.

Entrevistadora: Tipo Música Popular Brasileira?

Cláudio: Sim.

Entrevistadora: As mexidas quais são?

Cláudio: Forró.

Entrevistadora: E música sertaneja e Funk e Axé?

Cláudio: Sertaneja também gosto por causa da minha mãe. Funk e Axé não muito.

Os demais entrevistados não relataram essa influência. Alice se limitou a dizer que gostava de música brasileira e internacional. Os outros entrevistados foram mais específicos:

Entrevistadora: Qual a música que prefere? Portuguesa, brasileira ou de outras nacionalidades? Quais?

Fátima: Gosto de brasileira, da sertaneja. Também gosto de música africana, Kizomba.

Débora: Brasileira.

Entrevistadora: Só brasileira?

Débora: Sim, internacionais algumas, mas prefiro mesmo as brasileiras.

Entrevistadora: E quando você fala em música internacional fala de que nacionalidade?

Débora: Inglesa.

Edson: Brasileira. Vou misturando, mas em geral brasileira.

Bruno: Brasileira. Sertanejo, Samba, pagode, funk.

A emissora preferida é a Tropical FM. Cinco dos sete entrevistados afirmaram ouvir essa rádio, que de acordo com o sítio na internet foi inaugurada no ano de 2000, e tem como objetivo “trazer cultura brasileira a Portugal na forma dinâmica e alegre da comunicação do Brasil”. A Tropical acredita ser uma “referência para os brasileiros que estão em Portugal” e acredita que através da emissora os brasileiros consigam “matar saudade da sua terra natal”.

A segunda colocada em preferência foi a Record FM, do Grupo Record. A Mega Hits FM foi citada apenas por Bruno, único a não ouvir nem a Tropical nem a Record. Gustavo utiliza o telemóvel para ouvir a rádio de sua preferência, e somente ele se referiu ao aparelho para esse uso:

Entrevistadora: Você ouve música pelo celular, tem alguma rádio de preferência?

Gustavo: Tenho a Record FM ou a Tropical FM.

Entrevistadora: Todas de música brasileira?

Gustavo: Sim, todas.

Fátima: Eu gosto de ouvir rádio brasileira. A Tropical e eu gosto de ouvir a Record.

Entrevistadora: Rádio, você gosta de ouvir? Quais?

Cláudio: Raramente, quando ouço é a Tropical.

Edson: Eu, quando ouço, ouço a Tropical FM.

Entrevistadora: E rádio? O que você prefere ouvir e com que frequência?

Bruno: Só para ouvir a Mega FM, Mega Hits. Eu ouço no carro, quando estou com um amigo meu, ou quando eu estou conduzindo e não tenho um CD, eu ouço essas, porque passa o tipo de música que eu gosto.

6.4.2- Jornais, livros e revistas

Levantamento nacional³⁴ realizado em 2011 pelo Instituto Pró-Livro juntamente com o Ibope, dois institutos de pesquisa do Brasil, detectou que o hábito da leitura vem caindo entre os brasileiros, um país que nunca teve uma população adepta de facto à leitura. O brasileiro lê pouco, e pelo que indica a pesquisa, está lendo muito menos ainda. Segundo os dados apresentados em 2011 apenas cinquenta por cento da população, ou seja 88 milhões e 200 mil, leu alguma “obra nos três meses que antecederam a pesquisa”, contra os 95 milhões e 600 mil referentes ao ano de 2007.

Em nossa pesquisa detectamos que este não cultivar o hábito da leitura aparentemente atravessou o Atlântico junto com alguns dos migrantes entrevistados. Excetuando-se os livros obrigatórios determinados pela escola, na nossa amostra apenas três indivíduos afirmaram que leem livros: Alice, Cláudio e Bruno. Apenas um, Bruno, garante ter periodicidade na leitura. O mesmo serve para jornais e revistas. Cláudio é o único a comprar jornais, em geral por causa de notícias desportivas. Fátima, Edson e Gustavo afirmaram ler jornais com frequência. A primeira porque tem jornais à sua disposição no trabalho, o segundo também por causa das notícias de desporto e Edson lê o gratuito Destak quando segue para a escola de comboio. Alice e Bruno não têm o costume de ler jornais.

Entrevistadora: Você lê livros? Com que frequência?

Gustavo: Não, só quando eu era pequeno, livros em quadrinhos

Entrevistadora: Você lê jornais? Quais e com que frequência?

Gustavo: Sim, às vezes, jornais desportivos.

Entrevistadora: Você lê jornais?

Fátima: Leio, gosto de ler as notícias. Eu gosto de ler o Correio da Manhã.

Entrevistadora: Todo o dia?

Fátima: Todo o dia. Leio nem que seja só os títulos das principais reportagens.

Entrevistadora: Você lê livros? Com que frequência?

Fátima: Não. Comecei a ler um livro, mas não terminei. Eu acho que tenho preguiça de ler.

Débora: Não, sinceramente eu não posso dizer que leio livros. Li dois, ou três livros por aí.

Entrevistadora: Quais foram?

Débora: Um que se chama “Amor e Chocolate”, o “Diário de Anne Frank” e um outro, bem fininho, que não me lembro o nome. Eram cartas que uma menina enviava para o namorado dela que tinha imigrado.

Entrevistadora: Você lê jornais? Quais e com que frequência?

Débora: Não.

Cláudio: Leio de desporto e só quando sei que vai sair alguma notícia boa.

Entrevistadora: Mas você compra mesmo o jornal? E qual seria a notícia boa?

Cláudio: Compro. Quando vai sair transferência nova, coisas que eu não consigo ver na internet eu compro o jornal para ler. É mais para as notícias portuguesas.

Entrevistadora: Você lê livros? Com que frequência?

Cláudio: Leio. Só nas férias.

Entrevistadora: Qual o estilo de livro que você prefere?

Cláudio: De romance e terror.

Entrevistadora: Brasileiro, português ou de outra nacionalidade? Você tem como me citar um?

Cláudio: Português. Tem *O diário de nossa paixão* e *Juntos ao Luar*³⁵.

Entrevistadora: Você lê livros? Com que frequência?

Alice: Leio, alguns, quando estou em época de escola a gente costuma a ler alguns livros.

Entrevistadora: E fora da escola?

Alice: Eu já li dois por decisão própria.

Entrevistadora: Dois aqui em Portugal?

Alice: Sim. Eu li *O Rapaz do Pijama Listrado* e um que o meu padrasto me emprestou, me esqueci o nome, mas é do Edgar Allan Poe.

Edson: Não, nunca li. Livros, eu não leio, só gibi³⁶ brasileiro. E olhe lá.

Entrevistadora: Você lê jornais? Quais e com que frequência?

Edson: Quase toda manhã, quando vou para a escola de comboio eu pego o jornal e vou lendo.

Entrevistadora: Qual o jornal?

Edson: Destak, é mais o Destak.

Entrevistadora: Que é distribuição gratuita. E os vendidos em banca, você não lê?

Edson: Não.

Entrevistadora: Você lê jornais? Quais e com que frequência?

Bruno: Não

Entrevistadora: Você lê livros? Com que frequência?

Bruno: Leio. Um livro a cada dois, três meses. Livro de guerra e romance. Todos de origem americana.

Note-se que as associações ligadas à imigração Brasileira em Portugal, como a Casa do Brasil de Lisboa e a Associação mais Brasil, no Porto, possuem publicações próprias. A primeira edita, em papel, *“O Sabiá”*, enquanto que a segunda mantém em seu sítio o informativo *“Magazine”*. Contudo, nenhum dos nossos entrevistados teve acesso a estas publicações, sejam virtuais ou não. Apenas Débora teve contato com uma revista de variedades chamada *“Brasil”* que não é ligada a nenhuma associação de migrantes e cujo contato eletrônico remete a um sítio pornográfico.

Aliás, as associações são desconhecidas por parte dos entrevistados. Gustavo disse que “já ouviu falar”, enquanto os outros não sabiam do que se tratava, o que demonstra que essas famílias não criaram vínculos associativos em Portugal, pelo menos no que tange às questões migratórias. Muito possivelmente isso se deve ao fato de nunca terem necessitado de apoio de tais associações, visto que, como foi apresentado no capítulo anterior, todas as famílias vieram para Portugal por causa de parentes que já moravam aqui.

Tal postura remete ao pensamento de Canclini (1997), revisto por Nunes (2004), que demonstra que ao menos na América Latina os indivíduos têm buscado distanciamento de entidades classistas e se aglomeram em torno de outras associações ligadas ao desporto ou à religião, por exemplo:

A noção de cidadania ligada ao consumo leva também à redefinição do conceito de "comunidade". Para Canclini, a história recente da América Latina sugere que, se ainda existe algo como um desejo de comunidade, ele relaciona-se cada vez menos a entidades macrossociais, como a nação ou a classe, dirigindo-se, em troca, a grupos religiosos, conglomerados esportivos, solidariedades geracionais e círculos de consumidores de comunicação de massa. Um traço comum a essas comunidades atomizadas é que elas organizam-se mais em torno de consumos simbólicos que em relação a processos produtivos (Nunes, 2004, pp: 60, 61).

6.4.3 – Telemóveis

A utilização de telemóveis pelos jovens entrevistados se mantém dentro de padrões rotineiros, não trazendo nenhuma surpresa ou novidade: fotos, mensagens e ligações. Os indivíduos ouvidos não usam os aparelhos telefônicos móveis para ascender à internet ou para jogos. Gustavo, como vimos anteriormente, foi o único a se referir ao telemóvel como utilitário para ouvir música.

Todos os entrevistados possuem seu próprio aparelho, acompanhando uma tendência que faz do Brasil o quinto país³⁷ do mundo em consumo desta tecnologia, perdendo apenas para a China, Índia, Estados Unidos e Rússia. Apesar disso, e do facto do equipamento ser companheiro em todos os momentos, o telemóvel não é o meio de comunicação preferido dos jovens entrevistados. Apenas Fátima admite que é o que mais aprecia, em detrimento, inclusive, à internet e à TV.

O baixo custo das chamadas internacionais, com as companhias de telefonia móvel oferecendo “aditivos” de país, permite que o aparelho seja utilizado na comunicação com parentes no Brasil, notadamente os mais idosos, como avós e avôs, que ou não possuem acesso à internet, ou não sabem utilizar a ferramenta. Tais chamadas possuem um custo pouco acima dos seis cêntimos de Euro, o que permite um contato mais assíduo com a família que ficou na terra natal.

As mensagens, pelo baixo custo ou custo zero, dependendo da rede e do tarifário, são, também, largamente utilizadas pelos nossos entrevistados. Fátima

afirma que passa o dia a trocar mensagens de telemóvel com o namorado. Débora também diz fazer trocas constantes de mensagens com amigos. Edson informou igualmente que o uso que mais dá ao aparelho é a troca de mensagens.

Fátima: Eu passo com o telemóvel o dia todo, desde a hora que eu acordo até a hora em que vou dormir.

Entrevistadora: Usando de que forma?

Fátima: Por mensagem. Comunico muito por mensagem e, às vezes, por chamada. Preciso falar algo com a minha mãe, algo assim que é muito grande para escrever por mensagem, às vezes com o patrão.

Entrevistadora: E essas mensagens você troca mais com quem?

Fátima: Com o meu namorado.

Débora: Eu sou viciada na mensagem, o telefone é mais para falar com a minha mãe.

Entrevistadora: E essas mensagens, você manda mais pra quem?

Débora: Para os meus amigos. Muito.

Entrevistadora: Qual o principal uso que você dá ao celular? Mensagens, ligações ou jogos?

Gustavo: Mensagens e chamadas, e também música.

Cláudio é dos que prefere dar um uso mais convencional ao telemóvel:

Cláudio: Eu faço mais chamadas, mensagens só de vez em quando. Não uso nem para jogos nem para tirar fotos.

Alice e Bruno tanto fazem ligações como trocam mensagens. Apenas isso.

Dos entrevistados apenas Bruno e Cláudio informaram que não se comunicam com os parentes no Brasil via telemóvel. Edson confirmou que fazia ligações, mas que era raro. Os demais, nomeadamente as jovens, se utilizam desse tipo de comunicação com alguma frequência:

Gustavo: Várias vezes ao dia fazemos chamadas para o Brasil para ficar sempre informados, para ver como está nossa família, para ver se está tudo bem.

Fátima: Eu costumo ligar em dias de aniversário, Natal, Ano-Novo, Páscoa.

Débora: Telefone é só com minha avó mesmo. Antes, agora não, eu mandava mensagem para umas primas minhas e só, mas elas deixaram de me responder e eu deixei de falar.

Alice: Também costumo ligar muito para meu pai e para a minha avó pelo telefone.

6.4.4 – Consumos culturais

Teatro, cinema e shows. Em relação ao consumo cultural o nosso grupo de entrevistados se divide entre os que afirmam que este consumo aumentou desde que chegaram a Portugal e os que garantem que diminuiu.

Esta divisão se prende a dois fatores básicos: idade que vieram para Portugal e cidade de origem no Brasil. Alice e Bruno são exemplos clássicos. Alice nasceu e viveu a maior parte de sua vida em Duque de Caxias, região metropolitana do Rio de Janeiro e que faz divisa com a capital do estado. Para chegar ao centro do Rio de Janeiro Alice não gastava mais do que vinte minutos e estaria junto aos teatros, cinemas e casas de shows da Cidade Maravilhosa. Chegou em Portugal com 13 anos.

Bruno é oriundo de Salvador, uma das cidades que mais festas têm no país. Além do carnaval, Salvador é notória por suas chamadas festas de largo, realizadas em diferentes bairros a partir do dia 08 de dezembro e que só terminam quando chega a folia de Momo. Além disso oferece shows gratuitos o ano inteiro e tem a grande festa do São João, uma das mais apreciadas pelos nordestinos. Sem contar o réveillon e o Festival de Verão, um evento que faz parte do calendário cultural baiano e que reúne cantores de todas as regiões do país, com grandes nomes da música brasileira. Bruno chegou a Portugal com 15 anos.

Por esses motivos, Bruno e Alice foram os únicos a relatar que ocorreu uma queda no consumo cultural de ambos com a vinda para Portugal. Vão menos a cinema, quase não participam de shows e nunca foram ao teatro:

Alice: Show eu fui uma vez aqui em Portugal, depois nunca mais. Teatro nunca fui e vou ao cinema.

Entrevistadora: Com que frequência você vai ao cinema?

Alice: Agora nas férias eu não fui, mas na época da escola eu vou com as minhas amigas, umas duas vezes por mês.

Entrevistadora: Esse consumo cultural aumentou ou diminuiu se comparado ao Brasil?

Alice: Diminuiu.

Bruno: Vou, de seis em seis meses, ou quando tem um show que eu gosto. Vou a show de música brasileira e, às vezes, quando eu gosto de uma banda ou outra, música portuguesa. Cinema vou, duas, três vezes por mês. Eu gosto de filmes de comédia ou de guerra, soldados, isso tudo.

Entrevistadora: E teatro?

Bruno: Não. Nunca fui. Desde que estou aqui em Portugal nunca fui a um teatro.

Entrevistadora: Esse consumo cultural aumentou ou diminuiu se comparado ao Brasil?

Bruno: Diminuiu, claro. No Brasil eu ia muito mais.

Entrevistadora: Porquê hoje você vai menos?

Bruno: Porque aqui quase não tem o estilo de música que eu gosto. No Brasil tem. É o Brasil e tem as coisas que eu gosto, o tipo de música que eu gosto, tem as festas populares, como fala aqui. E eu ia sempre.

Apesar de vir de Vila Velha, uma cidade de grande porte da região metropolitana de Vitória, capital do Espírito Santo, Fátima faz eco com Cláudio, originário de uma minúscula cidade do interior de Goiás. Os dois nunca entraram num cinema no Brasil. Cláudio por não ter cinema em sua cidade, Fátima por nunca ter sido levada pelos pais. Também chegaram a Portugal mais jovens do que Alice e Bruno. Fátima tinha 10 anos quando aportou no país de acolhimento, Júlio tinha oito anos, idades não compatíveis com grandes consumos culturais, excetuando-se a possibilidade de uma peça de teatro ou uma ida ao cinema, mas nunca tiveram essa experiência:

Entrevistadora: Vai a shows, teatros e cinema? Com que frequência?

Fátima: Já fui muito na época que eu estudava. Com a escola eu ia muito a teatro, mas hoje em dia, não.

Entrevistadora: Não tem uma frequência?

Fátima: Não. Cinema, sim, quando tem um filme que me agrada. Vou umas duas vezes por mês.

Entrevistadora: Esse consumo cultural aumentou ou diminuiu se comparado ao Brasil?

Fátima: É aqui. A primeira vez que eu fui ao cinema foi aqui, em Portugal. No Brasil eu só fui ao cinema uma vez, há sete anos, quando fui lá passar férias.

Entrevistadora: Você vai a shows, teatro, cinema? Com que frequência?

Cláudio: Cinema. Cinema sempre quando posso. Teatro poucas vezes, shows, não.

Entrevistadora: Sua mãe vai a shows, mas você não gosta?

Cláudio: Ela vai, eu não.

Entrevistadora: Esse consumo cultural aumentou ou diminuiu se comparado ao Brasil?

Cláudio: No Brasil eu nunca fui a um cinema.

Para Edson, consumo cultural é sinônimo do que em São Paulo se chama de balada, denominação que ele próprio dá para as festas jovens que frequenta. Apesar de morar próximo a Maceió, capital de Alagoas, e de ter chegado a Portugal com 14 anos, afirma que aqui sai mais vezes e explica o motivo:

Edson: Shows, mesmo, eu não vou, vou para algumas baladas. Cinema de vez em quando. Teatro, fui apenas uma vez numa visita da escola.

Entrevistadora: Você vai a estas baladas com quê frequência?

Edson: Uma, duas vezes por mês.

Entrevistadora: Esse consumo cultural aumentou ou diminuiu se comparado ao Brasil?

Edson: Aumentou, por conta da idade.

Entrevistadora: Você acredita que se estivesse no Brasil estaria consumindo mais cultura, saindo mais?

Edson: Não, eu acho que não. Porque lá é diferente, não tem a segurança que temos aqui.

Gustavo e Débora também frequentam mais cinema e vão mais a shows do que na sua vida no Brasil. Foram os únicos a informar que também assistiram a peças de teatro, porque foram levados em excursões escolares:

Gustavo: Show, às vezes, umas cinco vezes por ano. Cinema eu vou umas 10 vezes por ano, teatro uma ou duas.

Entrevistadora: Você me citaria as peças que já assistiu?

Gustavo: Comédia à La Carte. Sempre que eu fui foi para assistir essa peça, uma peça de comédia.

Entrevistadora: O consumo cultural de shows, teatro, cinema é maior aqui ou era maior lá?

Gustavo: Ah, eu vou mais aqui, claro.

Débora: Vou sempre que posso. Ou eu vou sozinha, ou, então, com a minha mãe ou amigos.

Entrevistadora: Teatro?

Débora: Não. Eu só ia com a escola.

Entrevistadora: Cinema?

Débora: Agora já nem tanto. No início eu ia uma três vezes no ano. Agora já tem um bom tempo que eu não vou.

Entrevistadora: Esse consumo cultural aumentou ou diminuiu se comparado ao Brasil?

Débora: Aumentou.

6.4.5 - Percepção da mídia portuguesa

Os anos 2000 foram marcados por avanços e recuos na relação mantida entre os *media* e a imigração em Portugal. No decorrer da década passada, como vimos no primeiro e segundo capítulos do presente trabalho, inúmeras questões pontuaram negativamente a comunidade migrante no seio da sociedade portuguesa. Os brasileiros foram uma das nacionalidades mais expostas, devido, entre outros, aos já citados noticiários sobre “As mães de Bragança” e, anteriormente, na década de 1990 às polémicas em torno dos cirurgiões-dentistas e da Igreja Universal do Reino de Deus.

Seminários, encontros e pesquisas, também relatados no três primeiros capítulos desta tese, ajudaram a discutir a postura da mídia face à imigração e a segunda década do século XXI se mostrou mais coerente em relação aos discursos mediáticos sobre a imigração. Parte desta coerência se deve ao trabalho realizado junto dos jornalistas por instituições de defesa do multiculturalismo, a exemplo do ACIDI. O que vemos, aparentemente, na imprensa, é uma revisão de narrativas, um informar mais cuidadoso, onde muitas vezes a nacionalidade do outro continua a ser exposta, mais por necessidade de compor uma informação completa, do que por expor uma comunidade inteira de migrantes.

Parte dos jovens que entrevistamos viveram, mesmo que com pouca idade, a época em que as manchetes negativas sobre os brasileiros estampavam jornais e revistas e eram dissecadas nas rádios e nos telejornais. Apesar disso, não citaram em nenhum momento quaisquer dessas notícias.

A bem da verdade apenas Fátima, leitora assídua de jornais, soube citar um fato concreto e recente que envolveu contrabandistas seus em Portugal. O grupo, preso em junho de 2013, roubava cabos de cobre da PT na região de Sintra. O bando era formado e chefiado por brasileiros. Na sua análise a mídia se pauta por preconceito.

Fátima: Eu acho que eu vejo muito preconceito. Teve uma notícia recente agora que acho teve um assalto qualquer em Cascais... Em Sintra. Eles parecem que fazem questão de frisar que são brasileiros, eles falam toda hora no jornal: “ah, um gangue de brasileiros”. Acho que eles frisam muito a palavra “brasileiro”, eu acho preconceito.

Entrevistadora: Você acha, então, que são imagens negativas?

Fátima: Sim, tanto que no jornal não se vê falar agora tanto sobre os jogos futebol que estão acontecendo no Brasil. Vai sempre para o lado negativo, as manifestações que estão ocorrendo, os estragos que estão havendo lá por causa disso.

Outra parcela do grupo afirma haver poucas notícias sobre os brasileiros. Esse é o caso de Cláudio e de Gustavo. O primeiro relata poucas notícias, mas as que vê aponta como sendo negativas. No entanto, defende a mídia portuguesa. Defende, também, a postura que acredita que os portugueses têm face aos brasileiros. Para ele é natural não se afeiçoar por um grupo ligado a crimes e assaltos e acredita que as informações são necessárias e devem ser divulgadas:

Cláudio: Raramente vejo. O que vejo são as notícias que aparecem de brasileiros aqui. Não são boas, são sempre negativas, estão sempre a fazer o mal, a roubar, a cometer crimes... Por isso que a maioria dos portugueses não gosta dos brasileiros. Quando eles vêm aqui é só para cometer crimes e essas coisas.

Entrevistadora: Então, você acredita que os fatos apresentados pela mídia portuguesa são verdadeiros e que muitos brasileiros vêm aqui só para cometer crimes?

Cláudio: Alguns, sim.

Entrevistadora: E você avalia essas notícias positivamente ou negativamente?

Cláudio: Avalio negativamente.

Entrevistadora: Você acha correto que seja divulgado a nacionalidade de quem comete os crimes?

Cláudio: Não acho correto, mas tem que ser divulgado.

Gustavo também acha que as notícias sobre a comunidade brasileira em Portugal são raras, mas não se recorda de ter visto qualquer crítica a respeito desses migrantes:

Entrevistadora: Qual a análise que você faz sobre os *media* portugueses em relação às notícias sobre a comunidade brasileira em Portugal?

Gustavo: Ah, eu vejo que ainda são escassas. Quase nunca passa. Porque aqui estão sempre a informar sobre a realidade portuguesa, a crise econômica. A comunidade brasileira raramente vejo na TV.

Entrevistadora: E quando você viu, falava sobre o quê?

Gustavo: Falava sobre os imigrantes. Que os brasileiros estão cada vez mais a voltar para o Brasil por causa da crise econômica e que os portugueses também estão indo para o Brasil em busca de um futuro melhor.

Alice não possui opinião formada. Afirmar que pouco ouve notícias sobre a comunidade brasileira em Portugal. Débora se confunde. A jovem faz afirmações negativas sobre a mídia para depois dizer que não foi através da imprensa que adquiriu tais informações, e sim nas suas relações pessoais:

Débora: Têm muitos que só mostram o lado ruim do Brasil. Não sei. Eu acho que falam mais mal do que bem, mais a parte ruim do que a parte boa. Agora acho que está melhor. Eles não gostavam muito da gente ter vindo para o país deles e de roubar o lugar deles.

Entrevistadora: Mas você viu notícias nesse sentido?

Débora: É mais por pessoas falando, notícias, não me recordo.

Entrevistadora: Dos *media*, então, você não faz nenhuma análise?

Débora: Não.

Bruno e Edson criticam também. Contudo, como telespectadores da Record, e não de emissoras portuguesas, acabam por se referir a notícias sobre o Brasil, e não sobre a comunidade migrante em Portugal se esquecendo que a emissão vem de uma emissora brasileira.

Edson: É a mesma coisa de sempre. Aqui só passa as desgraças do Brasil, coisa boa não passa. Quando é coisa ruim fazem questão de anunciar, e isso eu não acho muito justo.

Entrevistadora: Mas você não acha que isso é uma tendência geral do jornalismo? É específica do jornalismo português? No Brasil também não são divulgados os fatos ruins?

Edson: O Brasil tem a suas coisas boas. Mostrar só imagem ruim, fazer questão de mostrar para quê? Para deixar uma imagem negra do Brasil?

Bruno: Eles só mostram tragédia. Eu acho que eles passam só a tragédia, que o Brasil é só tragédia.

Ao ser mais uma vez esclarecido de que não se tratava de notícias sobre o Brasil, mas sobre os brasileiros em Portugal, Bruno voltou a criticar a mídia, mas ao que tudo indica estava, assim como Débora, confundindo informações recebidas nas relações sociais, e não através da mídia:

Entrevistadora: Mas o que você acha sobre as notícias dos *media* portugueses em relação à comunidade brasileira que vive cá?

Bruno: Favelado, só coisa que não presta, que veio para roubar o emprego. Mostra isso de uma forma escondida e dizendo que, brasileiro é bom, mão-de-obra barata. É isso, eu acho isso.

A falta de um posicionamento mais firme e concreto sobre a percepção que estes jovens tem da mídia talvez se deva ao facto de não serem leitores assíduos nem audiência contumaz dos telejornais portugueses. Prova disso é a concretude da resposta se ter verificado apenas em Fátima, que busca estar informada sobre o que acontece no país de acolhimento através dos jornais que lê diariamente.

No entanto, a memória desses rapazes e moças ainda está fixada em factos do passado cujas lembranças são rotina em conversas com brasileiros, e não em factos

do presente. A opção deles por verem uma emissora de TV com bandeira brasileira também não se faz nítida na linha de raciocínio que apresentam. Afinal, a Record se especializou em apresentar o grotesco, como vimos no capítulo anterior, e ao se referirem aos fatos exclusivamente “ruins” estão na realidade fazendo, sem perceber, uma crítica ao telejornalismo brasileiro. Constroem, através das mensagens que recebem, informações que sofrem a mediação da imprensa e das televisões. Mas, ao contrário do que se poderia esperar, a maioria não conseguiu avaliar a origem do que veem na TV nem o foco disseminador da mensagem, se social ou mediático.

No entanto, independentemente da origem da informação, todos acabaram por confirmar a negatividade que acreditam possuir os brasileiros junto à mídia sociedade portuguesa. É um processo de relações mediatizadas que corrobora o pensamento de Rocha:

Nas últimas décadas, muitos pesquisadores (BLUMLER & GUREVITCH, 2000; DALGHREN, 1993; NORRIS, 2000; MAIA, 2004; THOMPSON, 1998) vêm evidenciando que parte significativa das relações que os sujeitos estabelecem com o mundo em que vivem – para além de suas interações face a face – tem se realizado através dos media. Sendo assim, eles representam uma importante mediação cuja capacidade de filtrar, mediatizar e enfatizar determinados temas, oferece perspectivas, modela imagens e incita a criação de contextos políticos e sociais de interação e debate. (ROCHA, S.M., 2007, p: 131).

Considerações finais ao VI Capítulo

Neste capítulo buscamos mostrar as relações dos jovens inquiridos com a mídia, com breves caracterizações do histórico de géneros e formatos mediáticos que se revelaram estruturantes, como a telenovela e o noticiário...

Os jovens indivíduos, dos dois sexos, que foram ouvidos no presente trabalho vivem em distintos locais, tanto em Lisboa, como em Setúbal, e pertencem a instituições de ensino diferentes. Suas famílias não possuem contato entre si, e, exceção de Bruno e Edson que são amigos, não se relacionam nem se conhecem.

A despeito desta dispersão geográfica encontramos vários pontos em comum, como pode ser observado na análise entre esses jovens, notadamente em relação ao consumo da mídia. Quase todos assistem a mesma emissora de televisão, o canal Record, e quase todos os que gostam de ouvir rádio concentram o dial entre a Record e a Tropical FM.

Os pontos em comum entre esses jovens também são apresentados nas respostas que oferecem sobre a percepção que têm da mídia: não cultivam o hábito de ler jornais, se concentram, quando se concentram, nas transmissões telejornalísticas da brasileira Record e pouco conhecem da produção jornalística televisiva das emissoras portuguesas. O resultado pode ser visto através de afirmações que estão mais associadas ao panorama das relações sociais, do que à realidade mediática portuguesa. Apresentam conclusões pessoais, e ao mesmo tempo compartilhadas por outros jovens ouvidos, a respeito das representações sociais que acreditam estar embutidas no seio da sociedade portuguesa e não tanto na mídia.

Parecem fazê-lo não por não existir sintomas, de alguma continuidade no que tange à etnização de grupos migrantes na mídia, mas por desconhecimento do que se passa no país de acolhimento sob a ótica da comunicação jornalística.

O distanciamento que possuem da mídia portugueses está, de acordo com os relatos, associado a dois fatores: o primeiro é a crítica constante à forma de se fazer notícia em Portugal, com enfoque cotidiano para a crise econômica que o país atravessa. Esta crítica tanto partiu da parte das mães quanto da parte dos jovens. Acostumadas à uma rotina mediática no Brasil, em telejornais que, segundo elas, seriam mais diversificados, rejeitam a forma de se fazer telejornalismo em Portugal.

Em segundo lugar, e por extensão ao que afirmamos anteriormente, a proximidade cultural que a mídia brasileira oferece se encaixa no gosto das camadas menos ou mediantemente favorecidas. Desta forma, os jovens assistem o que por hábito assistiam com suas mães desde a infância. Prova disso que a jovem de 15 anos não relatou assistir a Record: a mãe dela nunca fez parte da audiência da emissora.

O apego pelas telenovelas, verificado também nas mães inquiridas, foi, na maioria dos casos repassado aos filhos. Todos preferem a vertente brasileira dos

folhetins. As telenovelas produzidas no Brasil são consumidas em sua integralidade, enquanto as portuguesas são, e quando são, assistidas esporadicamente.

No tocante às rádios é importante salientar que todos os jovens afirmaram gostar mais de música brasileira em detrimento às canções portuguesas. A opção por rádios que ofereçam este tipo de música parece ser natural, portanto. Além do mais tais rádios fazem humor ao estilo de algumas emissoras do interior do Brasil, com piadas de gosto duvidoso, que envolvem, não raramente, menções camufladas relacionadas ao sexo. É uma forma que estes jovens encontraram de rir ao estilo brasileiro, onde o pudor com as questões sexuais é, não raramente, menor do que o observado em Portugal.

Convencionaram-se a usar o telemóvel sem utilizar de todas as ferramentas disponíveis: mensagens de texto e ligações são as mais referidas e apenas um gosta de ouvir música através do aparelho.

Na questão de gênero, associada ao consumo mediático, destacamos a manutenção da vertente desporto entre os rapazes. Para saber notícias sobre o mundo desportivo alguns, como Cláudio, investem recursos na compra de jornais. Nenhuma das jovens entrevistadas se referiu ao futebol, ou outro tipo de desporto, a não ser para reclamar da postura do pai em se recusar a se reunir à família à hora do jantar por preferir assistir a um jogo de futebol na televisão da sala.

Uma das variáveis que mais se sobressaiu foi a da localização geográfica de origem associada aos níveis económico e educacional das mães, notadamente sob o prisma dos consumos culturais. Os que vieram de grandes centros e com mães com nível superior, mesmo que incompleto, ou que eram pequenas empreendedoras no país de origem reclamam da queda do consumo cultural em Portugal se comparado com o Brasil. Apesar do fator idade influenciar e esses jovens, é mister informar que mesmo quem chegou ao país de acolhimento ainda na infância, teria muita dificuldade de consumir cultura em sua cidade natal, onde não cinemas, teatros ou casas de espetáculos. Para outros, os recursos económicos dos pais não possibilitavam investimentos culturais nos filhos para além do ensino formal oferecido nas escolas.

A variável evangélica, no caso da percepção da mídia e dos consumos culturais, não se fez sentir entre esses jovens. Todos, com maior ou menor

constância, participam de shows e “baladas”. Vão ao cinema, a despeito de não possuírem, pelo menos nesse momento, vocação – ou seria falta de condições econômicas? – para um programa teatral ou para idas a museus.

Notas ao Capítulo VI:

²⁸ Apresentada pela primeira vez no formato de telenovela no ano de 1964 e que recebeu duas novas produções nas décadas de 1970 e 1990.

²⁹ Sarney foi eleito por voto indireto, através de Colégio Eleitoral, formado pelos deputados federais, vice-presidente da República, para início do exercício do mandato em 15 de março de 1985. Às vésperas da posse o presidente eleito, Tancredo Neves é operado de emergência por causa de uma diverticulite. Tancredo morre em 21 de abril de 1985 e Sarney assume a presidência, cargo que ocupará até 1 de janeiro de 1990, quando passa a faixa presidencial a Fernando Collor de Melo, escolhido presidente através das primeiras eleições diretas do Brasil desde o golpe militar de 1964. A família de Collor, também possuía uma rede de televisão no estado de Alagoas, onde exercia domínio político.

³⁰ Programa de entretenimento da TV Record.

³¹ Os dois outros filhos de Diana, a menina e o rapaz mais novos, não participaram da entrevista.

³² *Sítio* do Grupo Record de Comunicação, ligado à Rede Record de televisão. Necessário se faz informar que apesar do entrevistado ter associado o site da Record como produto português na realidade o endereço pertence ao grupo brasileiro.

³³ *Sítio* exclusivo de notícias desportivas.

³⁴ Os dados foram apresentados pela versão on line da revista *Veja* e estão disponíveis no *sítio* <http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/habito-de-leitura-no-brasil-cai-ate-entre-criancas>.

³⁵ Os livros *O diário de nossa paixão* (*The Notebook*) e *Juntos ao Luar* (*Dear John*) são traduções das obras do escritor norte-americano Nicholas Sparks. Os dois romances foram adaptados para o cinema.

³⁶ Revista de banda desenhada.

³⁷ Os dados são do Jornal O Estado de São Paulo e foram publicados no seguinte *sítio*: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,brasil-e-o-quinto-do-mundo-em-celular-e-internet,455106,0.htm>

CONCLUSÃO

JOVENS IMIGRANTES BRASILEIROS EM PORTUGAL: USOS E CONSUMOS DA MÍDIA

Essa tese, enquanto estudo exploratório, incidiu sobre os usos e consumos da mídia por jovens imigrantes brasileiros em Portugal. Para chegarmos a este objetivo traçamos, na primeira parte do presente trabalho, os fundamentos teóricos que nortearam a nossa pesquisa empírica.

No primeiro capítulo desenhamos o panorama histórico migratório português em junção com o movimento de deslocalização internacional dos brasileiros com destino às terras lusitanas. Apresentamos as questões sociais e econômicas brasileiras que deram marcha ao processo migratório que trouxe milhares de brasileiros a Portugal.

A chegada e permanência dos migrantes do outro lado do Atlântico não se deu de forma inócua. Embates midiáticos e sociais ocorreram notadamente na década de 1990 e nos anos 2000.

Esses embates midiáticos não foram restritos aos imigrantes brasileiros. A despeito da migração com destino a Portugal remontar séculos, é na década de 1990 que o país efetivamente se firma como atrativo aos migrantes. A mídia portuguesa participa desse processo construindo discursos sobre os deslocalizados que não tardariam a chamar a atenção da academia.

E é sobre esses discursos e seu interesse acadêmico que dedicamos o segundo capítulo dessa tese. Demonstramos a profundidade das pesquisas sobre o tema, numa revisão bibliográfica que não se limitou às investigações portuguesas, mas também de outras nacionalidades.

Contudo, não perdemos de vista o fato que era a academia portuguesa e suas análises que mais contribuíram para que pudéssemos entender a dimensão da problemática que nos motivou a produzir a presente pesquisa. Desta forma, foram as

pesquisas portuguesas que mais nos municiaram para a compreensão do panorama migratório lusitano onde a comunidade brasileira se encontra inserida.

Versando sob os usos e os consumos da mídia por jovens imigrantes brasileiros definimos que o terceiro capítulo seria dedicado às teorias da Comunicação, especificamente sobre os estudos da Recepção. Neste capítulo relembramos a importância da identidade e da memória na construção de valores e posturas sociais, revendo autores que se debruçaram sobre esses temas.

A crise do discurso sobre o multiculturalismo também está presente no terceiro capítulo, onde apresentamos posturas de líderes governamentais de países europeus e seus discursos sobre a imigração.

Todo esse percurso nos permitiu perceber, ao menos em parte, as variáveis que envolvem a realidade migratória, não só em Portugal como em toda a Europa. São variáveis que têm, por um lado, organizações que buscam a integração dos deslocalizados e que, com o auxílio da academia, constroem uma dinâmica positiva para os migrantes, e, por outro, leis e líderes que se produzem discursos onde colocam a presença do migrante como um risco a valores nacionais inegociáveis.

A partir desse arcabouço teórico foi possível construir a segunda parte dessa tese. Em que pese a nossa pesquisa empírica não ter ouvido um grupo maior de pessoas pelos motivos explicitados tanto na Introdução à esta tese como no quinto capítulo, as discussões produzidas apontam caminhos importantes para um trabalho acadêmico mais robusto e que possa sinalizar às instituições ligadas à imigração modelos importantes para a integração dos jovens que aqui chegaram, e chegam, pelas mãos dos seus pais.

O estudo apresentado se propõe como exploratório e dentro dessa perspectiva acreditamos que contribuímos para que venham a ser constituídas pesquisas mais aprofundadas sobre o tema. Fato é que os jovens imigrantes brasileiros têm observado algo como um silêncio acadêmico que precisa ser sanado, visto a representatividade numérica que possuem no universo da imigração em Portugal.

Relembramos as hipóteses de investigação apresentadas na introdução à esta tese e, ao analisar o resultado da pesquisa, conferir os pontos corretos, ou não de tais hipóteses.

Na primeira hipótese defendíamos que:

1 - Tendo Portugal se tornado tardiamente um país de imigração, formando os brasileiros a maior comunidade imigrante do país e considerando-se fatores positivos como a proximidade linguística e cultural, a adaptação dos jovens à sociedade local é feita sem maiores dificuldades. Isto justifica-se pelo fato da nacionalidade brasileira continuar a ser uma das melhores referenciadas pela sociedade portuguesa (LAGES *et al* 2006), e, diante disso, as representações e estereótipos difundidos pela mídia não interferem de forma premente nas relações sociais entre esses migrantes e a sociedade majoritária.

De fato, a exceção da jovem de 21 anos, todos os demais entrevistados conseguiram formar, sem grandes problemas, grupos sociais, que incluem portugueses, brasileiros e indivíduos de outras nacionalidades, notadamente os afrodescendentes. As críticas ao modo de ser e de se relacionar dos portugueses não interferiram nessas relações construídas. Mesmo os que afirmaram ter sido vítima de algum preconceito por parte de adultos ou jovens não deixaram que essa situação implicasse em isolamento ou de não convivência com os jovens portugueses.

Quanto aos estereótipos midiáticos esses jovens não guardam percepção completa, visto que pouco se informam através da mídia portuguesa e tem como veículos preferenciais aqueles que possuem bandeira brasileira, excetuando-se os jornais.

As relações de amizade que relataram podem ser um indicativo da aceitação dessa comunidade imigrante em Portugal tal como relatado por Lages (*idem*), mas por ser um grupo pequeno de pessoas e havendo uma voz dissonante entre os entrevistados, acreditamos que tal aferição precisará de dados mais substanciados produzido em pesquisas vindouras.

Nessas relações mantidas com seus pares não se observou qualquer influência das variáveis observadas, seja a religião, o gênero, o estatuto social e o nível de escolaridade dos pais, bem como a região onde nasceram, seja urbana e rural.

Esses jovens parecem se entregar às amizades sem preocupação com a nacionalidade do outro. Apenas referem buscar aceitação, cumplicidade e companheirismo.

No entanto, é preciso destacar que nenhum dos jovens relatou ter de fato uma amizade mais íntima com os colegas com que se relacionam. São amigos de trabalho, de escola ou de festas, mas não existe um grau de intimidade que os faça informar que jovens portugueses, ou de outras nacionalidades, são os seus melhores amigos. Esta afirmação foi uníssona. É bem provável que numa pesquisa específica sobre o tema relações de amizade entre jovens imigrantes brasileiros em Portugal elucide tal fato. Acreditamos que pesem as diferenças culturais entre a sociedade de acolhimento e os jovens imigrantes brasileiros, sendo os indivíduos da primeira, de acordo com o relato dos jovens entrevistados, mais comedidos; enquanto os últimos têm uma tradição expansiva na maneira de se relacionar.

Se nestes jovens as variáveis não são distinguidas quando o tema são relações, nas suas mães é visível que a vertente evangélica dita algumas regras nas questões relacionais. As duas mães evangélicas entrevistadas não informaram possuir amigos em Portugal, de nenhuma nacionalidade, mas mantém relacionamentos, em nível de trabalho, que consideram satisfatórios, tendo uma delas relatado que “se sentia respeitada”.

Fora isso as demais também não possuem amizades portuguesas. Conversam, cumprimentam, mas não se relacionando. Excetuando-se a mãe que demonstrou não ter conseguido se integrar ao país de acolhimento, e que fez severas críticas tanto aos portugueses, quanto aos imigrantes brasileiros. As outras entrevistadas não se referiram a nenhum problema concreto, não teceram maiores críticas, mas também não cunharam elogios.

Em relação à segunda hipótese defendemos a seguinte questão:

2- A utilização da mídia brasileira e étnica com viés associativista não é privilegiada por esse grupo de indivíduos e suas famílias, preferindo, tais cidadãos o contato com a cultura brasileira através de outros meios como telenovelas e a música e optando pela mídia portuguesa no tocante à busca por informações.

Esta hipótese se confirmou em sua integralidade neste pequeno grupo de entrevistados. A mídia de caráter associativista, ligada à instituições como a Casa do Brasil de Lisboa e a Associação Mais Brasil, no Porto, não é consumida por esses jovens. Este tipo de mídia foi, ocasionalmente, consumida por duas mães que tiveram acesso à publicação da Casa do Brasil de Lisboa em um consultório odontológico e no Consulado do Brasil em Lisboa. A única publicação relatada tanto por mãe e filha, e que interessou às duas, não estava relacionada a nenhuma associação de migrantes e, como vimos, o seu endereço eletrônico nos direciona para um sítio pornográfico.

A não leitura de tais publicações acabou por apontar a vida não associativa desses migrantes. Sem vínculos com qualquer instituição de apoio à imigração esses indivíduos se apoiaram, no início de sua estada no país de acolhimento, naqueles que se tornaram incentivo à sua vinda para Portugal: os membros da família que aqui viviam. As redes familiares foram fundamentais para que se desse o processo de imigração.

Através das entrevistas também foi possível satisfazer os nossos objetivos com essa pesquisa, ressaltando, mais uma vez que, pelas dificuldades encontradas para a composição dos indivíduos que participariam do estudo, o resultado encontrado é de caráter exploratório. No entanto, os objetivos previstos foram alcançados, e apontam caminhos para pesquisas futuras.

O nosso objetivo principal foi identificar os usos e consumos midiáticos de jovens imigrantes brasileiros em Portugal e analisar as formas que tais usos e consumos contribuem para a aproximação ou o afastamento da sociedade de acolhimento.

Na análise feita observamos que os usos e consumos desses jovens se prendem mais à mídia brasileira no tocante a rádios e televisão, a internet é acessada

através de sítios multinacionais, que incluem produções portuguesas, brasileiras e norte-americanas, mas estão limitadas para esses jovens a contatos com amigos e familiares no Brasil e em Portugal, a sítios de compras ou desportivos e para assistir filmes. Não identificamos, como o fizeram Burrell e Anderson (2008), a busca por informações sobre outros países ou a existência de contatos com indivíduos de outras nacionalidades cujo idioma natal não seja o português. Pesquisa de reconhecimento somente sobre o Brasil. Não foram relatados casos de busca por informações sobre outras nações ou mesmo sobre Portugal.

O jovens que ouvimos parecem refletir as palavras de Ferin Cunha em seu estudo sobre os Usos e consumos da televisão e da Internet por imigrantes:

Os brasileiros vivem a imigração numa perspectiva ambígua. Por um lado, há um excesso de referências ao Brasil e às indústrias culturais brasileiras (música, publicidade, telenovela, autores e actores); (...) essa predisposição para os consumos globalizados não impede que os mídia – a Internet (através da qual consultam amiúde os jornais das regiões de origem) e as telenovelas (em que procuram rever, por exemplo, o Rio de Janeiro e «sentir o chope») – sejam ser utilizados de forma nostálgica. Quer isto dizer que os usos e consumos dos media tendem a acompanhar os diversos contextos sociais em que os cidadãos brasileiros se inserem e, ao mesmo tempo, através de múltiplos dispositivos tecnológicos, a estabelecer a relação entre um lá e um cá, diminuindo as distâncias e recuperando os laços afectivos. (CUNHA, 2009, pp: 97, 98).

Pelo exposto é plausível dizer que em nossa pesquisa os consumos midiáticos, em nossa pesquisa, não se mostraram determinantes em relação à aproximação ou ao afastamento da sociedade de acolhimento, outrossim servem para a manutenção dos costumes nativos. A questão da integração parece estar muito mais ligada às relações sociais mantidas com os portugueses do que aos usos e consumos da mídia.

Os nossos objetivos secundários também foram alcançados a partir da presente pesquisa uma vez que, como já apresentado, foi possível:

1 – Traçar o perfil social das famílias envolvidas no estudo.

Este ponto, já apresentado anteriormente na conclusão e no quinto capítulo demonstrou que a origem das famílias, independente da região que nasceram ou que viviam antes do processo migratório, era de origem simples, comandadas pelas mães com médio ou baixo grau de escolaridade e com salários que eram incapazes de suprir satisfatoriamente às necessidades de todos os membros.

Como segundo objetivo secundário pretendíamos identificar se as trajetórias de vida, assim como em outros estudos desenvolvidos (CUNHA, 2011) interferem nas preferências mediáticas de cada família.

Nesse tópico, mais do que as trajetórias de vida podemos aferir que foram as questões sociais-culturais que interferiram nas preferências do grupo ouvido. Dentro da sociedade portuguesa, com uma oferta diferenciada de emissoras de televisão, abertas ou por cabo, e de uma gama de rádios, jornais e sítios de internet, foram as televisões e rádios brasileiras as mais referenciadas. Os hábitos culturais cultivados no Brasil se mantiveram no processo migratório. A proximidade com o que é informado e o entendimento dos hábitos de seus conterrâneos, vistos e revistos através das telenovelas brasileiras, são a força motriz que os mantém sem relutância sendo audiência fiel das transmissões de seu país de origem.

Na questão cultural, vale ressaltar que apesar do maior leque de oferta que Portugal oferece se comparado à maioria das cidades de origem de nossos entrevistados, com shows portugueses e internacionais, são os espetáculos brasileiros que mais atraem os jovens e as mães ouvidos pela pesquisa. Não existiu, por parte dos migrantes ouvidos, uma expansão rumo à diversidade cultural, apesar da existência de shows gratuitos, notadamente durante o verão e do custo mais acessível de outros espetáculos culturais.

Em relação ao terceiro objetivo secundário que tinha por fim perceber se os indivíduos objeto desse estudo constituíram formas de hibridismo em relação à sociedade de acolhimento no tocante às opções mediáticas o que podemos ressaltar que tal hibridismo não foi ressaltado durante as entrevistas. Os entrevistados pouco ou nada conhecem sobre as ofertas midiáticas portuguesa e não cultivam o hábito ou algum interesse em acompanhar o que se passa em Portugal.

A maior preocupação do grupo, notadamente em relação às mães e aos jovens que trabalham ou fazem estágio, é a manutenção da sua ocupação profissional em Portugal. Apenas uma família não possuía autorização legal para a permanência em Portugal. As demais estavam documentadas.

Ao que tudo indica, cumpridos os objetivos da imigração, com contratos de trabalhos e legalização conseguidos, essas famílias se voltam apenas para os seus interesses de cunho pessoal e a manutenção dos hábitos de seu país.

Estão perfeitamente integrados à sociedade portuguesa, excetuando-se uma das mães, mas sabem-se brasileiros, com apenas um dos jovens rejeitando o país de origem. Nenhuma das variáveis observadas, religião, nível de escolaridade, origem urbana ou rural, se mostraram efetivamente definidoras das opções que possuem em relação aos usos e consumos culturais. Havendo apenas certa objeção de dois jovens sobre a diminuição do consumo de espetáculos se comparado aos tempos em que viviam no Brasil, ambos são oriundos de grandes cidades, e do grau de relação respeitosa com os portugueses, observado em duas mães evangélicas.

Têm a noção de que buscam alcançar em Portugal aquilo que não os foi oferecido em seu país de origem. Mas isso não significa o abandono de suas raízes culturais. Exilaram-se por opção própria, mas se mantêm fiéis à sua cultura. Vivem em dois mundos diferentes: quando o assunto é trabalho, estão em Portugal, quando é diversão e entretenimento agem como se estivessem no Brasil e isso significa consumir produtos brasileiros de comunicação.

Sem dúvida essa dualidade pode render futuros estudos que consigam explicar de forma aprofundada a realidade ainda não dissecada dos jovens migrantes brasileiros que vieram para Portugal, muitas vezes contra a sua vontade, mas que aqui se adaptaram, fora de casa, aos hábitos e costumes da sociedade majoritária, enquanto em casa extravasam sua identidade brasileira ao som da música da terra deles e da programação que mesmo fora do Brasil o seu país ainda lhes oferece.

Referências Bibliográficas

AA.VV. (2005), *Caminhos para a Integração. Condições de Vida, Aspirações e Identidades de Jovens Descendentes de Famílias Imigrantes na Europa*. Lisboa: 90 Graus Editora.

ÁLVARES, C. (2011), **Os estudos de recepção como modelo multidimensional: A negociação de estereótipos de etnicidade e género.** *Caleidoscópio - Revista de Comunicação e Cultura*, América do Norte, 0, Jul. 2011. Disponível em: <<http://revistas.ulusoфона.pt/index.php/caleidoscopio/article/view/2309/1818>>. Acesso em: 13 Fev. 2013.

ARENDT, H., (1989), **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

BAGANHA, M.I. (2005, **Política de imigração: A regulação dos fluxos.** *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 73. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/10904/1/Pol%C3%ADtica%20de%20imigra%C3%A7%C3%A3o%20a%20regula%C3%A7%C3%A3o%20dos%20fluxos.pdf>. Acessado em Julho de 2010.

AMARO, R. (1985), **Reestruturações demográficas, económicas e socioculturais em curso na sociedade portuguesa: o caso dos emigrantes regressados.** *Análise Social*, vol. XXI (87-88-89), 1985-3.º-4.o-5.o, 605-677. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223478752G2dYZ7sj8MI09RI5.pdf>.

Último acesso: 03 de Dezembro de 2011

BAGANHA, M. (1994), **As correntes emigratórias portuguesas no século XX e o seu impacto na economia nacional.** *Análise Social*, N. 4, Vol. XXIX (128), 959-980. Disponível em:

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223378081S4cET4df4Yh89IX7.pdf>. Último acesso em 18 de Novembro de 2011.

_____ (2007), **Dinâmicas Migratórias em Portugal.** Colóquio *Globalização, Pobreza e Migrações* Ciclo “África Começou Mal, África Está Mal: A Tragédia Africana”. Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, 9 de Março de 2007.

Disponível em: http://www4.fe.uc.pt/ciclo_int/doc_06_07/baganha.pdf. Último acesso em 24 de junho de 2012.

BAENINGER, R. (2012), Fases e faces da migração em São Paulo. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp, 2012. Disponível em http://www.nepo.unicamp.br/textos/publicacoes/livros/faces_migracao/Fases%20e%20faces%20da%20migra%C3%A7%C3%A3o%20em%20S%C3%A3o%20Paulo.pdf. Último acesso em 23 de maio de 2012.

BALÁN, J. (1974), Migração e desenvolvimento capitalista no Brasil: ensaio de interpretação histórica comparativa. Centro e periferia no desenvolvimento brasileiro. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.

BERTOSSI, C. (2012), As Cruzadas da Integração na Europa. Lisboa: Princípia.

BIASOLI ALVES, Z.; SILVA, M. (1992), Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/n2/07.pdf>. Último acesso em 30 de março de 2013.

BRAGA, I. (2010), Brasileiros em Portugal: transmissões, recepções e transformações alimentares. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 16, n. 33, jun. 2010. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832010000100011&lng=pt&nrm=iso. Último acesso em 29 maio 2012.

BRITES, M.J. (2013), Tese de doutoramento. Universidade Nova de Lisboa, FCSH.

BRITO, F. (2002), As Migrações e a Transição para o Trabalho Assalariado no Brasil. Anais do XIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP Ouro Preto, 2002, v.1.

BRITO, F.; MARQUES, D. (2006), As Grandes Metrôpoles e as Migrações Internas: Um Ensaio sobre o seu Significado Recente. Anais do IV Encontro Nacional Sobre Migrações. Rio de Janeiro, ABEP. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/4EncNacSobreMigracao/ST5-1.pdf>. Último acesso em 10 de maio de 2013.

BURRELL, J.; ANDERSON, K. (2008), *"I have great desires to look beyond my world": trajectories of information and communication technology use among Ghanaians living abroad.* **New Media Society, 2008 10: 203.** Disponível em <http://nms.sagepub.com/content/10/2/203>. Último acesso em 21 de junho de 2012.

BRAGA, I. (2010). **Brasileiros em Portugal: transmissões, recepções e transformações alimentares.** *Horiz. antropol.* [online]. Vol.16, n.33, pp. 197-224. ISSN 0104-7183. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832010000100011>. Último acesso em 05 de Junho de 2012.

CABECINHAS, R. (2002), Media, etnocentrismo e estereótipos sociais. In *As Ciências da Comunicação na Viragem do Século. Actas do I Congresso de Ciências da Comunicação.* Lisboa: Vega (pp. 407-418). Disponível em: http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/1599/1/racabecinhas_MedEtno_2002.pdf. Último acesso em 21 de Dezembro de 2012.

CANDAU, J. (2011), *Memória e Identidade.* São Paulo: Contexto.

CÁDIMA, R.; FIGUEIREDO, A. (2003), Representações (imagens) dos imigrantes e das minorias étnicas nos media. Lisboa: ACIME.

CARVALHEIRO, J.R. (2008), Do Bidonville ao Arrastão. Lisboa: ICS.

CARVALHO, J. (2009), A Política de imigração do Estado Português entre 1991 e 2004. Lisboa: ACIDI.

CHALLINOR, E. (2012), Cidadania médica, culturas e poder nos cuidados perinatais e pediátricos de imigrantes. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902012000100009&lang=pt. Último acesso em 01 de julho de 2013.

CHAUÍ, M. (2000), Convite à Filosofia. São Paulo: Ática.

COSTA LEITE, J. (1987), Emigração portuguesa: a lei e os números (1855-1914). *Análise Social*, vol. XXIII (97), 1987-3.º, 463-480. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223027265V7zXA5sz0Qo45UM6.pdf>. Último acesso em 18 de Novembro de 2011.

CUNHA, E.D. (2007), Uma leitura freudiana da categoria de identidade em Anthony Giddens. Rio de Janeiro: Ágora, vol.10 no.2 Julho/Dezembro 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-4982007000200002.

Acessado em 12 de Fevereiro de 2012.

DAURE, I; Reveyrand-Coulon, O. (2009), Transmissão Cultural entre pais e filhos: uma das chaves do processo de imigração. Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, Vol. 21, N.2, P.415 – 429, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pc/v21n2/11.pdf>.

Acessado em: 08 de Fevereiro de 2011.

DHOEST, A. (2009), Establishing a Multi-ethnic Imagined Community? Ethnic Minority Audiences Watching Flemish Soaps. Disponível em:

<http://ejc.sagepub.com/content/24/3/305.abstract>. Último acesso em 21 de dezembro de 2012.

DINIZ, D. (2008), Ética na pesquisa em ciências humanas - novos desafios.

Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/csc/v13n2/a17v13n2.pdf>. Último acesso em 12 de junho de 2013.

DURHAM, M.G. (2004), Constructing the “New Ethnicities”: Media, Sexuality, and Diaspora Identity in the Lives of South Asian Immigrant Girls. *Critical Studies in Media Communication* Vol. 21, No. 2, Junho de 2004, pp. 140–161. Disponível em:

<http://www.nabilechchaibi.com/resources/newethnicities-csmc.pdf>. Acessado em 05 de Março de 2012.

DURKHEIM, É. (2003), As formas elementares da vida religiosa. 3° Edição. São Paulo: Martins Fontes.

ELIAS, N.; LEMISH, D. (2008), Media Uses in Immigrant Families: Torn between 'Inward' and 'Outward'. Disponível em: <http://gaz.sagepub.com/cgi/content/abstract/70/1/21>. Acessado em 15 de janeiro de 2012.

_____ (2010), **Britney Spears Remained in Russia: Dynamics of musical Preferences in the Integration of Immigrant Adolescents.** *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 37: 1, 61 — 77.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/1369183X.2011.521360>. Último acesso em 01 de outubro de 2013.

ESCOSTEGUY, A.C.; JACKS, N. (2005), Comunicação e recepção. São Paulo: Hacker.

ESCOSTEGUY, A.C. (2006), Os Estudos Culturais. Disponível em: http://www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias/artigos/estudos_culturais_ana.pdf. Último acesso em 06 de fevereiro de 2013.

FELDMAN-BIANCO, B. (2004), Brasileiros em Portugal, Portugueses no Brasil: Construções do “Mesmo” e do “Outro”. Texto apresentado no Seminário Temático “Migrações Internacionais, Estado-Nação e Cidadania”, XXVIII Encontro Anual da ANPOCS, 26 a 30 de outubro de 2004, Caxambu, MG. Disponível em: http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=4026&Itemid=319. Último acesso em 31 de julho de 2013.

FERIN CUNHA, I. (2003), Dos Efeitos à Recepção: Algumas pistas de leitura. Lisboa: Media & Jornalismo; Vol. 2, No 2.

_____ (2003), **A Imigração e as Minorias na Imprensa e na Televisão**, in *Jornalismo e Jornalistas*, nº 15, Julho/Set., Lisboa: Ed. Clube dos Jornalistas, pp. 8-17. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cunhaisabel-ferin-imigracao.pdf>. Acessado em Março de 2010).

_____ (2003), **A revolução da Gabriela: o ano de 1977 em Portugal.** Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-isabel-ferin-revolucao-gabriela.pdf>. Último acesso em 01 de agosto de 2013.

FERIN CUNHA, I. (Coord), (2004) Media, Migração e Minorias Étnicas. Lisboa: ACIME.

_____ (Org), (2006), **A Televisão das mulheres: ensaios sobre a recepção.** Lisboa: Bond.

FERIN CUNHA, I; SANTOS, C. (2006), Media, imigração e minorias étnicas II. Lisboa: ACIME.

FERIN CUNHA, I. (Coord), (2007), Media, imigrações e minorias étnicas – 2005-2006. Lisboa: ACIDI

_____ (2008), **Usos e consumos da televisão e da Internet por imigrantes.** Disponível em: http://cc.bond.com.pt/wp-content/uploads/2010/07/06_04_Isabel_Ferin.pdf. Último acesso em 21 de abril de 2013.

_____ (2011), **Famílias brasileiras em Portugal: trabalho, mobilidades e acesso aos media e ao digital**. In: MATOS, R. (Coord.) *Género, nacionalidade e reclusão*. Porto: Universidade Católica do Porto.

FERNANDES, I. (1994), **Memória da telenovela Brasileira** – São Paulo: Editora Brasiliense.

FERREIRA, R. (2011), **A perspectiva de Usos e Gratificações sobre o consumo dos conteúdos de “mau gosto”**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/ferreira-raquel-a-perspectiva-de-usos-e-gratificacoes.pdf>. Último acesso em 02 de Janeiro de 2012.

FILHO, W. (2008), **Imagem do Imigrante Brasileiro no Jornalismo Televisivo Português 2004-2006**. Lisboa: ACIDI.

FOUCAULT, M. (2007), **A Arqueologia do Saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

_____ (1971), **A ordem do discurso**. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/2520353/Michel-Foucault-A-Ordem-do-Discurso>. Último acesso em 02 fevereiro de 2013.

GREENWOOD, E. (1965), **Métodos de investigação empírica em Sociologia**. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224164262K2IAE9wd1Ui39AM8.pdf>. Último acesso em 07 de junho de 2013.

HALBWACHS, M., (2004) **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro.

HEIDEN, R. (2007), **Arte como produtora de memória social: uma discussão a partir da obra de Vitor Meirelles**. Disponível em: http://www.ufpel.edu.br/cic/207/pdf/LA/LA_01333.pdf. Acessado em 01 de Março de 2012.

HOLANDA, A. (2006), **Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica**. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/aps/v24n3/v24n3a10.pdf>. Último acesso em 14 de junho de 2013.

JORGE, A. (2013), **A Cultura das Celebidades e os Jovens: do consumo à participação**. Tese de doutoramento. Universidade Nova de Lisboa, FCSH.

KRAMER, S. et al (2006), **Crianças e adultos em diferentes contextos: a infância, A cultura contemporânea e a educação**. Disponível em: http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2006/Resumos%202006/CTCH/EDU-OK/Alexandra%20Santos.pdf

Último acesso em 03 de julho de 2013.

_____ (2002), **Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n116/14398.pdf>. Último acesso em 03 de julho de 2013.

KULCSÁR, J. (2006), **Alfabetização visual de jovens imigrantes brasileiros nos EUA**. Estudos Avançados, vol. 20 no. 57, São Paulo, Maio / Agosto. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-142006000200008&script=sci_arttext. Acessado em 02 de fevereiro de 2012.

LAGES, M. et al (2006), **Os imigrantes e a população portuguesa - imagens recíprocas**. Lisboa: ACIME

LEITE, A. (1998), **O Lugar: Duas Acepções Geográficas**. Anuário do Instituto de Geociências - UFRJ Volume 21.

LIPPMANN, W. (1922), **Public Opinion**. Disponível em: <http://www.faculty.english.vt.edu/Collier/5314/lippmannpublicop.pdf>. Acessado em 04 de Março de 2002.

LOPES, L. (2005), **A parole do telejornalismo brasileiro**. Especulo - Revista de estudios literarios. Universidad Complutense de Madrid. Espanha. Disponível em: <http://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero31/telejorn.html>. Último acesso em 31 de julho de 2013.

MACHADO, I. R. (2006), Um mar de identidades, a imigração brasileira em Portugal. São Carlos: EdUFSCar.

_____ (org), (2007), **Reflexões sobre a imigração brasileira em Portugal.** Disponível em <http://nuevomundo.revues.org/5889>. Último acesso em 23 de agosto de 2013.

_____ (2009), **Cárcere público : processos de exotização entre brasileiros no Porto.** Lisboa: ICS

MALHEIROS, J.M. (org), (2007), A imigração brasileira em Portugal. Disponível em: [http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col Comunidades/1 ImigrBrasileira.pdf](http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_Comunidades/1_ImigrBrasileira.pdf). Último acesso em 29 de fevereiro de 2012.

MATA, E. (1984), A Unidade Monetária Portuguesa face à Libra, 1891-1931. FE-UNL, Working Paper n.º 22.

MELLO, J. (2009). Telejornalismo no Brasil. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-mello-telejornalismo.pdf>. Último acesso em 24 de julho de 2013.

MUSSALIM, F. (2003), Análise do discurso. In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (org.). Introdução à Linguística: domínios e fronteiras, Vol. II, 3.ed. São Paulo: Cortez.

NUNES, M. (2004), As rádios comunitárias nas campanhas eleitorais: exercício da cidadania ou instrumentalização (1998-2000). *Revista de Sociologia e Política*, (22), 59-76. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n22/n22a06.pdf>. Último acesso em 27 de setembro de 2013.

PADILLA, B. (2004), Integração dos “imigrantes brasileiros recém-chegados” na sociedade portuguesa: problemas e possibilidades. Trabalho originalmente apresentado na 9ª Conferência Internacional Metrópolis “Cooperative Migration Management” ocorrida de 27 de setembro a 1 de outubro de 2004, em Genebra, Suíça.

PAIS, J. M. (1999), Consciência Histórica e Identidade - Os Jovens Portugueses num contexto europeu. Oeiras, Celta Editora/S.E.J.

PEIXOTO, J.; FIGUEIREDO, A. (2007) Imigrantes brasileiros e mercado de trabalho em Portugal, in MALHEIROS, J.M., (2007), A imigração brasileira em Portugal.

Disponível em:

http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_Comunidades/1_ImigrBrasileira.pdf. Último acesso em 29 de fevereiro de 2012.

PEIXOTO, J. (2008), “Imigração e mercado de trabalho em Portugal: investigação e tendências”, in PEIXOTO, João (org.), Revista Migrações - Número Temático Imigração e Mercado de Trabalho, Abril 2008, n.º 2, Lisboa: ACIDI, pp. 19-46. Disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Revista_2/migracoes2_art1.pdf. Último acesso em 23 de Maio de 2012.

PEREIRA, M. (1990), Algumas observações complementares sobre a política de emigração portuguesa. Análise Social, Vol. XXV (4.º-5.º), 1990 (n.º 108-109), pp. 735-739. Disponível em:

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223478752G2dYZ7sj8MI09RI5.pdf>. Último acesso em 06 de Dezembro de 2011.

PEREIRA, F. (2007), Associativismo migrante e participação cívica: dinâmicas organizativas das associações de imigrantes angolanos, guineenses e europeus de leste na área metropolitana de Lisboa. Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais. Lisboa, Universidade Aberta.

PINTO, M.C. (2009), Intimidades em adolescentes de diferentes grupos étnicos. Lisboa: ACIDI.

PIRES, S. (2002), A Etnicização da Imigração na Imprensa Portuguesa. Antropológicas, n.º 6, 247-263. Disponível em: <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1746/2/247-263.pdf>. Acessado em: 28 de Abril de 2012.

PONTE, C.; VIEIRA, N. (2008), Crianças e Internet, riscos e oportunidades. Um desafio para a agenda de pesquisa nacional. In MARTINS, M.; PINTO, M. (orgs) (2008). Comunicação e Cidadania - Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação 6 - 8 Setembro 2007, Braga: Centro de Estudos de

Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho). Disponível em: <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/5sopcom/article/viewFile/236/255>.

Último acesso em 14 de setembro de 2013

PONTE, C. (2012), Em família com a Internet? Acessos e usos das mídias digitais em famílias portuguesas. Revista Educação On-line PUC-Rio nº 11. Disponível em: http://www.maxwell.lambda.ele.pucRio.br/rev_edu_online.php?strSecao=input0. Último acesso em 03 de janeiro de 2013.

RAMONET, I. (1999), A Tirania da Comunicação. Petrópolis: Editora Vozes.

REBOUÇAS, R. (2009), Telenovela, história, curiosidades e sua função social. Artigo apresentado no VII Encontro Nacional da História da Mídia, Ceará – Fortaleza entre 19 e 21 de agosto de 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/7o-encontro-2009-1/Telenovela-%20historia-%20curiosidades%20e%20sua%20funcao%20social.pdf>. Último acesso em 24 de julho de 2013.

REIS, F.W. (2008), Notas sobre nação e nacionalismo. São Paulo: Estudos Avançados vol. 22 no. 62 Janeiro/Abril de 2008.

REZENDE, C. B. (2002), Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v8n2/16137.pdf>. Último acesso em 15 de agosto de 2013.

ROCHA, S. M. (2007), Televisão, mundo da vida e mobilidade simbólica: a favela e seus moradores na visão de adolescentes. *Rev. Sociol. Polit.* [online]. n.29, pp. 131-145. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n29/a10n29.pdf>. Último acesso em 27 de setembro de 2013.

ROMERO, S. (1891), A imigração e o futuro da raça portuguesa no Brasil Imprensa da Casa da Moeda, Capital Federal, RJ. Folheto de 10 páginas extraído da História da Literatura Brasileira.

RUBIM, A. (2000), **A contemporaneidade como idade média**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v4n7/03.pdf>. Acessado em 05 Fevereiro de 2012.

SANTOS, A. (2010), **Exportação de telenovelas: a venda do know-how**. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO.

SILVA, C.; MARCHI JÚNIOR, W. (2009), **Comunicação televisiva: reflexões e considerações sobre o telejornalismo esportivo**. “Deporte, Cultura y Comunicación”, Número 69. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/COMUNICACAO%20TELEVISIVA%20%20REFLEXOES%20E%20CONSIDERACOES%20SOBRE%20O%20TELEJORNALISMO%20ESPORTIVO.pdf>. Último acesso em 29 de agosto de 2013.

SOARES, C.A. (1997), **A emigração de cirurgiões-dentistas brasileiros para Portugal**. Campinas, SP: (s.n.).

SODRÉ, M. **A narração do fato**. Notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, 288 páginas.

STONEQUIST, E. (1948), **O homem marginal: Estudo de personalidade e conflito cultural**. São Paulo: Martins Fontes.

SOUZA, L. C. (2000,) **Educação e publicidade**. *São Paulo Perspec.* [online], vol.14, n.2, pp. 23-31. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9784.pdf>. Último acesso em 29 de setembro de 2013.

TORRESAN, A. (2006), **Emoções fora de lugar: negociando amizade em Lisboa**, in

TRAQUINA, N. (2000), **O poder do jornalismo – análise de textos da teoria do agendamento**. Coimbra: Minerva.

VAN DIJK, T. (2008), **Racismo e Discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto.

WEBER, R. (2006), Imigração e identidade, étnica: temáticas historiográficas e conceituações. Disponível em:

<http://www.uefs.br/ppghis/dimensoes/dimensoes>

18_ReginaWeber.Pdf. Acessado em 09 de março de 20012.

WENDEN, C. (2008), Uma história dos subúrbios. Disponível em:

<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n56/n56a03.pdf>. Último acesso em 29 de

Novembro de 2012.

Anexos

Anexo I

Acordo Cultural Brasil e Portugal

Havendo o Congresso Nacional aprovado pelo Decreto Legislativo número 29, de 1967, o Acôrd Cultural, assinado entre o Brasil e Portugal, em Lisboa, a 7 de setembro de 1966;

E havendo o referido Acôrd entrado em vigor, de conformidade com seu artigo XVIII, a 20 de abril de 1968;

DECRETA que o mesmo, apenso por cópia ao presente Decreto, seja executado e cumprido tão inteiramente como nêle se contém.

Brasília, 3 de maio de 1968; 147º da Independência e 80º da República.

A. COSTA E SILVA

ACÔRDO CULTURAL ENTRE O BRASIL E PORTUGAL *

O Govêrno dos Estados Unidos do Brasil e o Govêrno Português Tendo em vista que o Acôrd de Cooperação Intelectual firmado entre ambos os Govêrnos, em Lisboa, a 6 de dezembro de 1948, já não corresponde ao crescente desenvolvimento das relações de ordem espiritual entre os dois países.

Côncios da comunidade de tradições e das afinidades em que se basteia a vida cultural de seus povos,

Reconhecendo as reais vantagens que podem advir de uma aproximação maior entre os dois povos aos domínios da educação, das letras, ciências, artes, técnicas e do esporte,

Interessados na integração cada vez maior dos povos de língua portuguesa e na preservação e progresso da cultura luso-brasileira, resolveram celebrar um Acôrd Cultural e, para êsse fim, nomearam seus Plenipotenciários, a saber:

O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, o Senhor Juracy Magalhães, Ministro de Estado das Relações Exteriores;

O Presidente da República de Portugal, o Senhor Alberto Franco Nogueira, Ministro dos Negócios Estrangeiros,

Os quais, após haverem trocado os seus Plenos Poderes, achados em boa e devida forma, acordaram no seguinte:

(...)

ARTIGO XIV

Cada Parte Contratante reconhecerá, para efeito de exercício de profissão em seu território, os diplomas e títulos profissionais idôneos expedidos por institutos de ensino da outra Parte e desde que devidamente legalizados e emitidos em favor de nacionais de uma ou da outra Parte, favorecendo em caso de inexistência ou diferença de curso, as necessárias adaptações para o mais próximo.

* Nesta transcrição se respeitou a grafia original do acordo.

Anexo II

Guião de Entrevistas

Guião das entrevistas - Jovens

Observação: A ordem das questões é apenas indicativa.

1. Usos e consumos da mídia

1. Quanto tempo você gasta por dia utilizando os média? Qual o seu preferido?
2. Você assiste TV com seus pais? Quais são os programas preferidos e quem os escolhe?
3. Quais são seus programas favoritos?
4. E a internet, vocês utilizam sozinhos ou com seus pais?
5. E com seus amigos, vocês assistem TV ou utilizam a internet juntos? Com que objetivo?
6. Utilizam jogos de computador, quais?
7. Quais seus sítios de internet preferidos? Você consome mais sítios portugueses ou brasileiros?
8. Qual o principal uso que você dá ao celular? Mensagens, ligações ou jogos?
9. Você lê jornais? Quais e com que frequência?
10. E rádio? O que você prefere ouvir?
11. Você lê algum tipo de produção feita por associações brasileiras em Portugal, a exemplo da publicação feita pela Casa do Brasil em Lisboa? Quais? E os livros brasileiros ou sobre o Brasil, quais?
12. Você se informa sobre os fatos que acontecem em Portugal? Como e quanto eles lhe interessam?
13. E em relação aos fatos brasileiros, eles lhe despertam interesse?
14. Quais os tipos de filme você prefere? De que nacionalidade eles são?
15. Você assiste novelas brasileiras? Elas contribuem de alguma forma para um maior conhecimento do Brasil? E as novelas portuguesas? Elas lhe ajudam a entender a cultura do país?
16. Quais são seus ídolos?
17. Você acha que seus pais exercem algum controle ou fiscalização sobre o que vocês veem na TV ou na internet?

2. Percepção da mídia

1. Qual a análise que você faz sobre os media portugueses em relação às notícias sobre a comunidade brasileira em Portugal?

3. Imigração e qualidade de vida

1. Quais as oportunidades que o ensino português oferece se comparado com o ensino brasileiro?
2. Você fala outra língua além do português? Como aprendeu?

4. Relações sociais no país de acolhimento, integração e memória

1. Você possui amigos íntimos em Portugal?
2. Qual a nacionalidade deles?
3. Como são as relações que você tem com os colegas portugueses da sua idade?
4. E com os portugueses adultos
5. Você faz contatos com amigos e parentes no Brasil? Como?
6. Você acredita que conhece a história e a cultura portuguesa?
7. E a história e cultura brasileira, você conhece?
8. Há quanto tempo você não vai ao Brasil? Sente saudades de lá? O que mais lhe faz falta?
9. Você pensa em voltar definitivamente para o Brasil? Porquê?
10. Você vê Portugal como sua Pátria?
11. Quando emigrou para Portugal você veio de própria vontade ou não? Preferia ter ficado no Brasil?
12. E agora, acha que ter vindo foi uma boa opção?

5. Hábitos culturais

1. Você lê livros? Com que frequência?
2. Vai a shows, teatros e cinema? Com que frequência?
3. Esse consumo cultural aumentou ou diminuiu se comparado ao Brasil?
4. Qual a música que prefere? Portuguesa, brasileira ou de outras nacionalidades? Quais?

Guião das entrevistas - Pais

Observação: A ordem das questões é apenas indicativa.

PRIMEIRA PARTE

1. Origem e caracterização familiar

1. Qual a idade dos senhores?
2. Qual o seu grau de escolaridade? Gostaria de ter estudado mais? Porque não o fez? Sua escolaridade é maior do que a dos seus pais?
3. De que cidade e estado brasileiros os senhores vieram? Descreva sua cidade.
4. Qual a profissão que possuíam no Brasil?
5. Os senhores poderiam fazer um relato de como era a vida no Brasil e quais eram as diferenças daquela época para o momento atual?
6. Quais os equipamentos eletrônicos de comunicação que possuíam no Brasil: celular, televisão, TV, TV a cabo, rádio, aparelho de som, máquina filmadora ou fotográfica e computador com acesso à internet? E seu filho, quais equipamentos destes equipamentos ele possuía quando moravam no Brasil?

2. Mobilidade da família

1. Há quanto tempo os senhores vivem em Portugal?
2. Porque decidiram emigrar?
3. Emigraram sozinhos ou com companheiros e filhos? ~~
4. Constituíram nova família em Portugal?

3. Imigração e qualidade de vida

1. Porque escolheram Portugal como país de acolhimento e quais eram os objetivos dos senhores quando vieram para cá? Conseguiram alcançar estes objetivos?
2. Quais os equipamentos eletrônicos de comunicação que possuíam no Brasil: celular, televisão, TV, TV a cabo, rádio, aparelho de som, máquina filmadora ou

fotográfica e computador com acesso à internet? E seu filho, quais equipamentos destes equipamentos ele possuía quando moravam no Brasil?

3. Em Portugal quais os equipamentos eletrônicos de comunicação que os senhores possuem e há quanto tempo adquiriram esses produtos? Estes equipamentos são equivalentes aos que possuíam no Brasil ou conseguiram obter em Portugal novos equipamentos?

4. Seu filho possui computador, acesso à internet, aparelho de som e televisão no quarto? Se possui, os senhores sistematizam a utilização desses aparelhos ou fazem algum tipo de controle sobre o consumo que eles fazem desses equipamentos?

4.Relações sociais no país de acolhimento

1. Como os senhores avaliam as relações mantidas com os portugueses?

2. Nessas relações os senhores agem tal como faziam no Brasil, ou mudaram suas formas de relacionamento?

3. E as relações com os brasileiros, como são?

SEGUNDA PARTE

5. Usos e consumos da mídia

1. Os senhores utilizam a internet? Para quê, com que frequência e há quanto tempo?

2. E a televisão, quais os programas que assistem e porquê?

3. Em caso de possuírem automóvel ele possui aparelho de rádio ou reprodutor de CD? Se possuem os senhores costumam a utilizá-los em que momento?

4. Os senhores acreditam consumir muita ou pouca comunicação?

5. Para se informar os senhores preferem os veículos de comunicação brasileiros ou os portugueses? Quais são os que os senhores utilizam com mais frequência (quais jornais, programas de televisão, estações de rádio e/ou internet)?

6. Os senhores consomem alguma publicação produzida por organizações brasileiras em Portugal, a exemplo da Casa do Brasil de Lisboa?

7. Os senhores consomem algum tipo de comunicação junto com o restante da família, a exemplo da televisão, ou sempre o fazem de forma solitária?

Em relação ao conjunto da família quais seriam as preferências de consumo dos media?

8. A TV causa de conflitos familiares? Os senhores acham que o seu filho assiste muita TV ou fica tempo demais no computador? Quais as soluções que os senhores encontram para esta questão?

9. Os senhores se interessam em saber mais notícias sobre Portugal, ou sobre o Brasil? Qual o tipo de notícia que atrai mais o seu interesse?

10. Os senhores consumiam telenovelas no Brasil? E aqui, mantém o hábito? Repassaram esse hábito ao seu filho?

11. Os senhores acreditam que as telenovelas brasileiras ajudam seu filho a entender melhor a cultura do país de origem?

6. Integração e memória

1. Os senhores buscaram entender a cultura e a história portuguesa? O que aprenderam sobre o país e como aprenderam?

2. E em relação à cultura brasileira, os senhores se preocupam em informar aos seus filhos sobre a cultura do seu país de origem?

3. Qual a imagem que os senhores hoje têm do Brasil e qual a imagem que acreditam que seus filhos possuam de lá?

4. Os senhores procuram preservar a identidade brasileira?

5. Os senhores mantêm contato com amigos e parentes no Brasil? Como?

6. Hoje os senhores consideram Portugal como a pátria dos senhores?

7. Desde que aqui chegaram quantas vezes os senhores visitaram o Brasil?

8. Pensam em retornar definitivamente ao Brasil? Porquê?

7. Percepção da mídia

1. De forma geral qual a avaliação que fazem dos media portugueses se tomarem por base às notícias publicadas ou veiculadas na imprensa, na televisão, nas rádios e na internet?

2. Em particular como veem as notícias relacionadas ao Brasil e os brasileiros.

3. E em relação aos media brasileiros que veiculam notícias em Portugal, qual a avaliação que os senhores fazem deles?

8. Hábitos culturais

1. Os senhores leem livros ou vão ao teatro, ao cinema ou a shows? Com os filhos ou sozinhos?

2. Se comparado com o Brasil esses hábitos aumentaram ou diminuiram de frequência?

Anexo III

Transcrição das Entrevistas

Amélia – 41 anos

Empregada doméstica

P. Há quanto tempo a senhora vive em Portugal?

Dois anos e três meses.

P. A senhora possui curso superior incompleto, gostaria de ter estudado mais?

Sim, gostaria.

P. Porquê não o fez?

Falta de recursos financeiros.

P. A sua escolaridade é maior do que a dos seus pais?

Sim.

P. De que cidade e estado brasileiros os senhores vieram?

Eu nasci no Rio de Janeiro, na capital, e depois me mudei para Duque de Caxias¹.

P. Descreva sua cidade.

É uma cidade bem desenvolvida, a nível financeiro contribui muito como Rio, que é a capital. É uma cidade que praticamente tem tudo.

P. Qual a profissão que possuía no Brasil?

Quando eu vim para cá eu fazia transporte escolar e antes trabalhava como técnica de farmácia em um hospital.

P. Quais os equipamentos eletrônicos de comunicação que possuíam no Brasil: celular, televisão, TV, TV a cabo, rádio, aparelho de som, máquina filmadora ou fotográfica e computador com acesso à internet?

Computador com acesso à internet, filmadora, não; telemóvel, TV, rádio e aparelho de som.

P. E sua filha, quais equipamentos destes equipamentos ele possuía quando moravam no Brasil?

Só telemóvel, o resto era tudo dividido.

P. A senhora poderia fazer um relato de como era a vida no Brasil e quais eram as diferenças daquela época para o momento atual?

Minha vida... Eu trabalhava como motorista... Era fazendo transporte escolar. Ganhava mais do que ganho aqui e era uma vida relativamente boa.

Hoje em dia eu faço limpeza, eu sou empregada doméstica. Então é assim: o que eu ganho aqui... Não ganho pouco, ao meu ver eu não ganho pouco, mas o meu namorado me ajuda, a nível financeiro e tudo, então a gente dividindo as despesas a gente consegue viver bem, e no Brasil eu tinha uma certa dificuldade porque era eu sozinha.

P. É namorado ou companheiro?

É companheiro, eu moro com ele.

P. Porque decidiu emigrar?

Eu já tinha minha irmã aqui, que me facilitava a vida para eu vir para cá, então eu resolvi vir por ela, para fazer companhia a ela e para dar um estudo melhor para a minha filha, tendo em vista que lá no Brasil o estudo é muito caro. A escola dela era muito cara e isso dificultava um pouco a nossa vida.

P. Mas a senhora disse que lá recebia mais.

Recebia mais, mas a escola dela era muito cara e o que eu trabalhava... Não era tudo para a escola, mas a gente tinha que fazer as contas certinhas, era tudo dividido para poder chegar ao final do mês com uma qualidade de vida razoável, porque lá é tudo caro, né? É escola, é alimento é tudo.

P. Então, a senhora migrou para cá com a sua filha?

Com a minha filha, é.

P. Constituiu nova família em Portugal?

Sim, constituí.

P. A senhora disse que escolheu Portugal como país de acolhimento porque sua irmã vivia aqui e que seu objetivo, era, principalmente, dar um melhor nível de escolaridade para a sua filha. Conseguiu alcançar esses objetivos?

Consegui, consegui até mais do que esperava. Hoje eu vivo bem, no meu ponto de vista. Minha filha estuda numa escola boa, hoje ela tem um nível melhor do que ela tinha no Brasil, a gente conseguiu obter mais bens do que a gente já tinha no Brasil, eu consegui mais do que eu esperava.

P. Em Portugal quais os equipamentos eletrônicos de comunicação que os senhores possuem e há quanto tempo adquiriram esses produtos? Estes

equipamentos são equivalentes aos que possuíam no Brasil ou conseguiram obter em Portugal novos equipamentos?

Consegui... Hoje a gente tem uma TV, continua sendo dividida pela família.

P. É melhor a qualidade?

É, bem melhor. Temos dois computadores, a minha filha tem o computador dela, celular ela continua tendo o celular dela, mas de uma qualidade muito melhor, e rádio nós não temos por opção. A gente não comprou rádio, ainda, porque a televisão também tem. E temos TV a cabo.

P. Então a senhora adquiriu equipamentos novos e melhores.

Isso, melhorou a qualidade dos equipamentos, exatamente. A única coisa que nós não temos é a câmara fotográfica, mas ela pediu para o aniversário e eu vou comprar para ela.

P. A senhora utiliza a internet? Para quê, com que frequência e há quanto tempo?

Utilizo a internet, utilizo o Facebook, o e-mail e também vejo sites de vendas e receitas. Eu utilizo a internet para tudo.

P. Notícias?

Notícias também. Tudo que eu quero saber eu vou na internet. Eu não compro mais jornal. Aqui eu não compro. No Brasil eu costumava comprar, agora vejo pela internet.

P. Notícias do Brasil ou de Portugal?

Brasil.

P. A senhora falou em sites de vendas, quais são eles?

OLX, Custo Justo.

P. Para comprar ou para vender?

Os dois, para comprar ou para vender.

P. Há quanto tempo e com que frequência a senhora utiliza a internet?

Eu utilizo assim que chego do trabalho. Uso umas quatro, cinco horas. E já utilizo a internet desde o Brasil, mas no Brasil eu entrava mais para ver o Orkut, que era o que tinha naquela época. Eu entrava poucas vezes. E agora, não, agora eu utilizo muito mais, utilizo todo o sai.

P. Há quanto tempo a senhora utiliza a internet?

Tem três anos que eu utilizo a internet.

P. E a televisão, quais os programas que assiste e porquê?

Eu assisto o jornal de notícias de Portugal, que é o Jornal das Oito, e as novelas do Brasil.

P. Em caso de possuir automóvel ele possui aparelho de rádio ou reprodutor de CD? Se possuem os senhores costumam a utilizá-los em que momento?

Sim, eu tenho automóvel e possuo rádio que eu ligo sempre que saio de carro. Eu costumo ouvir música.

P. Portuguesa ou brasileira?

Nessa rádio que eu costumo ouvir toca as duas, mais portuguesa que brasileira, mas também toca portuguesa.

P. Sua filha possui computador, acesso à internet e televisão fica na sala, a senhora sistematiza a utilização desses aparelhos ou fazem algum tipo de controle sobre o consumo que eles fazem desses equipamentos?

Não, não faço nenhum controle. Eu deixo ela entrar nos sites que ela quiser, não fico observando, não.

P. Também não dá nenhum alerta sobre o que ela pode, ou não, fazer na internet?

Não.

P. A senhora acredita consumir muita ou pouca comunicação?

Eu acho que consumo bastante informação, principalmente na internet.

P. Para se informar a senhora prefere os veículos de comunicação brasileiros ou os portugueses? Quais são os que utiliza com mais frequência (quais jornais, programas de televisão, estações de rádio e/ou internet)?

Brasileiros. O Fantástico², porque tem um resumo do que aconteceu na semana e eu gosto de ver o Jornal Nacional³, mas eu não assisto sempre, às vezes eu não tenho tempo de assistir.

P. Mas como a senhora consegue ver o Jornal Nacional?

Eu baixo pela internet, eu entro no site da Globo deles.

P. A senhora consome alguma publicação produzida por organizações brasileiras em Portugal, a exemplo da Casa do Brasil de Lisboa?

Não, nem nunca soube, não.

P. A senhora consome algum tipo de comunicação junto com o restante da família, a exemplo da televisão, ou sempre o faz de forma solitária?

Não, dia de semana eu vejo a maior parte das vezes sozinha, no fim-de-semana, quando está todo mundo em casa, a gente assiste junto, assiste filmes, assiste tudo. Mas dia de semana, quando a minha filha não está em casa, eu assisto sozinha. E meu companheiro está trabalhando...

P. Em relação ao conjunto da família quais seriam as preferências de consumo dos *media*?

Televisão.

P. O que a família gosta de assistir?

Séries americanas: *Sobrenatural*, *Mentes Criminosas*, *CSI*...

P. TV causa de conflitos familiares?

Não.

P. Seu companheiro apontou para a sua filha...

Não. Olha, ela está dizendo que é mentira. A gente sempre chega num consenso (risos).

P. A senhora acha que o seu filho assiste muita TV ou fica tempo demais no computador? Quais as soluções que encontra para estas questões?

Fica muito tempo no computador.

P. Isso lhe incomoda?

Incomoda, porque às vezes eu quero conversar com ela e ela está ali grudada no computador.

P. A senhora encontrou alguma solução para resolver esta questão?

Sempre que ela faz uma coisa errada eu boto ela de castigo, sem computador.

P. A senhora já informou que se interessa em saber mais sobre o Brasil. Qual o tipo de notícia que atrai mais o seu interesse?

No Brasil? A política, eu gosto de saber o que está acontecendo com o povo, com o meu povo.

P. E aqui em Portugal, o que lhe atrai mais?

Aqui também é política, a crise.

P. Porquê a senhora se interessa pela crise portuguesa?

Porque eu também estou no meio dela. Eu quero estar bem informada para ver o que acontece, o que a gente pode fazer para resolver o problema, não é?

P. A senhora buscou entender a cultura e a história portuguesa?

Não, não busquei não.

P. O que aprendeu sobre o país e como aprendeu?

O que eu aprendi é o que o meu companheiro me fala. É um povo sacrificado, não é? É um povo que trabalha muito, homens e mulheres, sofrem muito quando chega o verão com as queimadas e é basicamente isso.

P. Então sua principal fonte de informação sobre a história e cultura do país é o seu companheiro, que é português.

É.

P. E em relação à cultura brasileira, a senhora se preocupa em informar à sua filha sobre a cultura do seu país de origem?

Sim. Eu converso com ela sempre que ela tem alguma dúvida. Se eu souber eu respondo, digo o que aconteceu em determinado momento, e também ela pesquisa na internet. Se eu não souber ela vai na internet.

P. A senhora acha que é uma forma de preservar a memória do país para a sua filha?

Sim.

P. Qual a imagem que a senhora hoje tem do Brasil?

Ah, eu continuo achando o Brasil um país maravilhoso para viver, é um país que não tem preconceitos, aceita qualquer pessoa de qualquer lugar e recebe de braços abertos. Também é um povo que é muito sacrificado, trabalha muito e recebe pouco, o dinheiro não dá para muita coisa. É um povo trabalhador, também, muito trabalhador, e me lembro sempre do Brasil das praias, o clima quente e eu sinto saudade de lá.

P. Quais são as memórias que a senhora tem do Brasil?

A memória que sempre me vem são aquelas praias maravilhosas, aquele calor, um domingo de sol. Apesar de não beber a cerveja gelada significa um

momento de descontração, de alegria. De pessoas que se encontram para conversar, pra jogar conversa fora.

P. E a família?

A família sempre! Muita saudade.

P. Qual a imagem que a senhora acredita que sua filha tem hoje do Brasil?

Eu acredito que ela tem a imagem de que o Brasil seja o melhor lugar para se viver. Porque mesmo morando aqui já há dois anos e pouco ela gosta muito de lá e tem vontade de voltar.

P. A senhora procura preservar a identidade brasileira?

Procuro. Eu na verdade eu posso... Eu vou me casar aqui, eu vou adquirir a nacionalidade portuguesa, mas eu continuo dizendo que eu sou brasileira. As coisas que eu faço, sempre que eu acordo eu lembro do meu país, é a saudade que eu sinto. Tudo está bem presente assim.

Não mudei meu sotaque, a comida continua sendo a mesma: arroz, feijão – quando está um pouquinho mais frio, porque feijão com calor...-, mas eu faço sempre comida brasileira em casa, e sotaque eu acho que não vou pegar não (risos).

P. De forma geral qual a avaliação que faz dos *media* portugueses se tomarem por base às notícias publicadas ou veiculadas na imprensa, na televisão, nas rádios e na internet?

Eu não gosto muito, eles falam muito de política, não sei se é porque eu estou acostumada com a mídia brasileira, que tem tempo para falar de todos os assuntos. Cada bloco... Vamos, por exemplo, falar do Jornal Nacional: cada bloco eles falam de um assunto diferente. Até entretenimento eles falam: cultura, teatro, o que está passando no teatro, qual a peça boa para assistir, um cinema, qual o filme que está passando no cinema.

E aqui não, eles focam muito na política. Política, política, política, desde o começo até o final do jornal, basicamente a notícia é política.

P. E a senhora acha que a informação que eles passam é clara?

É. Eu no princípio, quando cheguei, tinha alguma dificuldade, agora, não mais.

P. Em particular como vê as notícias relacionadas ao Brasil e os brasileiros?

Eu só escuto coisa ruim, coisa boa, dificilmente, porque o que passa na TV e na mídia, falando de brasileiro não tem muita coisa boa, não. Aliás, coisa boa eu

nunca assisti. Eu ouvi no rádio outro dia a invenção de um brasileiro, que foi a luz engarrafada⁴. Mas como eu falei que aqui eles só falam de política, eles não dão essas notícias não.

Para falar de brasileiro é sobre o que o brasileiro fez de ruim, mas o que fez de bom não falam, não.

P. E em relação aos *media* brasileiros que veiculam notícias em Portugal, qual a avaliação que a senhora faz deles?

Eu não assisto pela televisão daqui.

P. A senhora consumia telenovelas no Brasil? E aqui, mantém o hábito? Repassou esse hábito à sua filha?

Sim, consumia e aqui mantenho e repassei o hábito para minha filha.

P. A senhora assiste mais novelas brasileiras ou portuguesas?

Brasileiras.

P. A senhora acredita que as telenovelas brasileiras ajuda sua filha a entender melhor a cultura do país de origem?

Acho que sim, porque passa bastante a realidade do que acontece no Brasil, nas favelas. Sim, algumas coisas são mesmo fictícias, mas outras são pura verdade.

P. Como a senhora avalia as relações mantidas com os portugueses?

Ah, eu acredito que as relações que eu mantenho são boas. Eu consegui alguns empregos, e os meus patrões gostam muito de mim. Tenho até uma patroa que fala – modesta à parte (risos) – que eu sou de categoria, porque a gente se dá muito bem, e ela não quer que eu saia da casa dela. Não só esta patroa, mas os outros patrões também gostam muito de mim.

P. Então a senhora sempre se relacionou bem com os portugueses, nunca teve problemas?

Tive, tive uma patroa só que ela se sentia meio dominadora, eu acho. Foi z, a logo a primeira patroa que eu tive aqui e ela se sentia, talvez a dona, minha dona. E ela queria que eu fizesse exatamente o que ela queria e logo depois eu saí de lá porque a gente brigou e não deu certo. Depois disso arrumei outros empregos e não tive mais problema com patrão nenhum.

P. Mas as suas relações são só com os patrões? A senhora não possui amigos portugueses?

Não.

P. Se sente bem tratada?

Me sinto. Bem tratada em parte, eu me sinto respeitada. Até agora nunca me faltaram ao respeito, mas daí a bem tratada já é uma grande distância.

P. E as relações com os brasileiros, como são?

Agora eu já não tenho mais relacionamento... Só tenho uma brasileira aqui que é conhecida e que eu mantenho contato com ela, que é uma pessoa que eu conheci logo que eu cheguei e ela, inclusive, me arrumou um emprego e a única que eu mantenho contato. Não mantenho mais contato com brasileiras porque tive algumas decepções e preferi me afastar.

P. A senhora podia explicar o quê aconteceu?

Amizades que a gente achava que eram verdadeiras e no final não eram.

P. A senhora mantém contato com amigos e parentes no Brasil? Como?

Mantenho contato com os meus parentes. Alguns amigos pela internet e parentes eu ligo, especialmente para a minha mãe.

P. A senhora lê livros, vai ao teatro, ao cinema ou a shows?

Não.

P. Se comparado com o Brasil esses hábitos aumentaram ou diminuíram de frequência?

Diminuíram. No Brasil eu ia mais. Ia muito a shows, cinema, teatro raramente, mas shows e cinema eu ia sempre.

P. Porque a senhora deixou, então de ir aqui em Portugal?

Acho que não me interessa muito o cinema, não sei. Os shows eu não gosto muito dos cantores. É diferente o ritmo, talvez, ou a maneira como eles falam, não sei, mas alguma coisa não me agrada.

Cinema eu simplesmente deixei de ir. Primeiro eu estava sem carro e não tinha vontade de ir ao cinema pegando ônibus, agora com carro eu não tive oportunidade de ir.

P. A senhora prefere, então, a música brasileira?

Prefiro, sem comparação.

P. E quando pensa em filmes eles são brasileiros, portugueses ou de outras nacionalidades?

Americanos.

P. Hoje a senhora considera Portugal como a sua pátria?

Não, nunca considerei.

P. Desde que aqui chegou quantas vezes visitou o Brasil?

Ainda não tive essa oportunidade, mas pretendo ir.

P. Pensa em retornar definitivamente ao Brasil? Porquê?

Penso, mas eu quero primeiro fazer um curso aqui, voltar para o Brasil com alguma base, porque eu sei que a situação não está fácil.

P. Porquê a senhora quer voltar definitivamente para o Brasil?

Eu sinto falta. Eu sinto falta da minha vida lá, da minha rotina. Eu gosto de ir à praia. Eu sempre que lembro do Brasil me vem à cabeça a praia.

P. Mas aqui não há praias?

Ah, mas é diferente. Aqui a água é muito gelada e o calor é muito intenso. Dá um contraste. No Brasil, não. O clima é todo certinho, a água morninha, o calor.

P. Então a senhora só quer voltar por causa da praia?

Não, eu quero voltar porque lá é minha pátria, lá eu me sinto bem. Eu gosto também daqui, mas eu gosto mais de lá.

Notas da autora:

¹ Duque de Caxias fica da região metropolitana do Rio de Janeiro e faz divisa com a capital. É um dos municípios da Baixada Fluminense.

² Programa de variedades veiculado pela Rede Globo de Televisão, em nível nacional, e que vai ao ar aos domingos à noite.

³ Considerado o principal telejornal brasileiro, o Jornal Nacional é transmitido pela Rede Globo de Televisão há mais de 40 anos. Líder absoluto em audiência vai ao ar de segunda a sábado às 20:30.

⁴ A luz engarrafada consiste numa garrafa plástica, cheia de água, que tem a sua parte de cima exposta ao sol. O inventor é o brasileiro Alfredo Mosser. Maiores informações em <http://maior.tv.com.pt/luz-engarrafada-ilumina-o-mundo-499/>.

Alice – 15 anos

P. Quanto tempo você gasta por dia utilizando os média? Qual o seu preferido?

Eu acho que umas quatro horas. É o computador, a internet. Passo umas três horas no computador e uma hora vendo televisão.

P. Você assiste TV com sua mãe? Quais são os programas preferidos e quem os escolhe?

Assisto. O programa preferido são as novelas e quem escolhe são as duas.

P. É sempre consenso?

Sim.

P. Quais são seus programas favoritos?

Novelas e algumas séries. *Mentes Criminosas* e *Avenida Brasil*.

P. E internet, você utiliza sozinha ou com sua mãe?

Sozinha.

P. E com seus amigos, vocês assistem TV ou utilizam a internet juntos? Com que objetivo?

Não.

P. Utiliza jogos de computador?

Não.

P. Quais seus sites preferidos? Você consome mais sites portugueses ou brasileiros?

Facebook, O Globo¹, eu costumo ver as notícias do Brasil, You Tube, esses.

P. Você consome mais sites portugueses ou brasileiros?

Brasileiros.

P. Português, você consome algum?

Não.

P. Você faz contatos com amigos e parentes no Brasil? Como?

Faço pelo Facebook eu falo com alguns amigos e parentes, mas também costumo ligar muito para meu pai e para a minha avó pelo telefone.

P. Qual o principal uso que você dá ao celular? Mensagens, ligações ou jogos?

Mensagens e ligações.

P. Você lê livros? Com que frequência?

P. Leio, alguns, quando estou em época de escola a gente costuma a ler alguns livros.

P. E fora da escola?

Eu já li dois por decisão própria.

P. Dois aqui em Portugal?

Sim. Eu li *O Rapaz do Pijama Listrado* e um que o meu padrasto me emprestou, me esqueci o nome, mas é do Edgar Allan Poe.

P. Vai a shows, teatros e cinema? Com que frequência?

Show eu fui uma vez aqui em Portugal, depois nunca mais. Teatro nunca fui e vou ao cinema.

P. Com que frequência você vai ao cinema?

Agora nas férias eu não fui, mas na época da escola eu vou com as minhas amigas, umas duas vezes por mês.

P. Esse consumo cultural aumentou ou diminuiu se comparado ao Brasil?

Diminuiu.

P. Você lê jornais?

Só pela internet.

P. E rádio?

Não costumo escutar.

P. Qual a música que prefere? Portuguesa, brasileira ou de outras nacionalidades? Quais?

Brasileira e de outras nacionalidades.

P. Você não gosta da música portuguesa?

Não.

P. Você possui amigos íntimos em Portugal? Qual a nacionalidade deles?

Amigos, amigos íntimos, não. Possuo alguns colegas na escola. São portugueses e têm também alguns brasileiros.

P. Africanos não?

Tenho, mas não tão próximos.

P. Como são as relações que você tem com os colegas portugueses da sua idade?

São, boas, mas colega, amiga, portuguesa eu só tenho uma, que eu considero minha amiga, os outros são colegas de escola. São relações tranquilas.

P. E com os portugueses adultos?

Também tenho boas relações.

P. Você acredita que conhece a história e a cultura portuguesa?

Um pouco.

P. Me dê um exemplo, por favor?

De história é o que eu aprendo pela escola. As histórias dos Descobrimentos, as coisas que aconteceram, os retornados. Cultura é o que eu vejo na televisão, sobre crise, essas coisas que estão acontecendo agora.

Música, também. O fado.

P. E a história e cultura brasileira, você conhece?

Conheço. Conheço as músicas, os cantores mais conhecidos e mais populares brasileiros. A história também conheço, mas depois que vim para cá eu não li mais nada sobre história do Brasil.

P. Você lê algum tipo de produção feita por associações brasileiras em Portugal, a exemplo da publicação feita pela Casa do Brasil em Lisboa? Quais? E os livros brasileiros ou sobre o Brasil, quais?

Não.

P. Quais as oportunidades que o ensino português oferece se comparado com o ensino brasileiro?

Muito mais, mais educação, a nível escolar é bem melhor, eu aprendo aqui também o inglês, o francês. No Brasil eu também aprendia inglês, mas o nível do inglês lá era muito baixo.

P. Você acha que aqui você vai aprender o inglês de fato?

Sim.

P. E pretende dar continuidades aos seus estudos aqui em Portugal?

Eu pretendo voltar para o Brasil e fazer faculdade lá. Pretendo terminar o 12º aqui.

P. Você fala outra língua além do português? Como aprendeu?

Não.

P. Você se informa sobre os fatos que acontecem em Portugal? Como e quanto eles lhe interessam?

Eu às vezes vejo algumas coisas, vejo pelo telejornal, mas quase não costumo ver.

P. Não lhe interessam?

Não muito.

P. E em relação aos fatos brasileiros, eles lhe despertam interesse?

Sim, bem mais. Me interessam as notícias do que está acontecendo lá, da política, essas coisas.

P. Há quanto tempo você não vai ao Brasil?

Desde que cheguei aqui, há dois anos.

P. Sente saudades de lá? O que mais lhe faz falta?

Minha família.

P. Mas sua mãe está cá.

Mas meu pai está lá, o meu irmão e o resto da minha família toda. Só tenho aqui minha tia e minha mãe.

P. Você pensa em voltar definitivamente para o Brasil? Porquê?

Penso, porque lá é o meu país. Aqui eu não me sinto em casa.

P. Você disse que quer fazer uma faculdade no Brasil. Porquê não aqui?

Porque eu acho que lá as universidades são melhores, e lá eu também posso tentar para uma pública e aqui eu não posso fazer isso e mesmo que pudesse eu iria ter que pagar as propinas.

P. E lá no Brasil é totalmente gratuito?

É.

P. Então, você acha que aqui o ensino até o 12º ano é melhor, mas que lá o ensino superior é melhor do que aqui?

Sim.

P. Você vê Portugal como sua Pátria?

Não.

P. Quais os tipos de filme você prefere? De que nacionalidade eles são?

Gosto de ação, romance, comédia também eu gosto. Alguns são americanos e também gosto de alguns brasileiros. Poucos, mas gosto.

P. Me dá um exemplo.

Tropa de Elite.

P. As telenovelas brasileiras contribuem de alguma forma para um maior conhecimento do Brasil? E as novelas portuguesas? Elas lhe ajudam a entender a cultura do país?

Sim, pelo que elas mostram. Às vezes eu estou vendo e mostra as pessoas nos bares conversando. Elas conversam mais. Aqui as pessoas não costumam a fazer isso. É cada um na sua casa. Não tem muitas relações.

P. Como você classificaria, então, esta falta de relações aqui em Portugal que você detectou?

Eu não gosto. Eu não estou acostumada com isso no Brasil, então aqui eu acho muito estranho.

P. Mas os cafés estão cheios.

Eu sei, mas quando eu chego na rua as pessoas falam: Bom dia! Mas não conversam como no Brasil.

P. Mas não seria por falta de conhecidos?

Eu acho que não. É a cultura diferente, eles são mais fechados, mais frios.

P. Qual a análise que você faz sobre os media portugueses em relação às notícias sobre a comunidade brasileira em Portugal?

Não costumo ouvir muita coisa sobre os brasileiros que aqui estão.

P. Você possui ídolos?

Não. Ídolo, ídolo, não tenho

P. Você acha que sua mãe pais exerce algum controle ou fiscalização sobre o que vocês vê na TV ou na internet?

Não

P. Quando emigrou para Portugal você veio de própria vontade ou não?

Sim, vim de vontade própria.

P. Preferia ter ficado no Brasil?

Não.

P. E agora, acha que ter vindo foi uma boa opção?

Sim. Aqui eu aprendo muito mais na escola, a minha educação é um nível bem maior do que o que eu tinha no Brasil.

P. Então a grande vantagem daqui é a educação?

Sim.

Notas da autora:

¹ Sítio noticioso ligado ao Sistema Globo de Comunicação.

Beatriz – 42 anos

Cabeleireira

P. Há quanto tempo você vive em Portugal?

Quatro anos e meio

P. Qual a idade a sua idade e quantos filhos você possui?

Tenho 42 e tenho dois filhos

P. Qual o seu grau de escolaridade? Gostaria de ter estudado mais? Porque não o fez? Sua escolaridade é maior do que a dos seus pais?

Sim, a minha escolaridade é maior do que a dos meus pais, tenho o 3º ano do Segundo Grau (equivalente ao 12º ano em Portugal: nota da pesquisadora). Gostaria de ter estudado mais, mas não tive oportunidade, ou então deixei para lá.

P. De que cidade e estado brasileiros você veio? Descreva sua cidade.

Eu sou de Floresta Azul, na Bahia. É uma cidade pequena, sem muito o que falar. É uma cidade normal.

P. Quantos habitantes?

Deve ter mais ou menos uns 30 mil habitantes.

P. A economia lá é baseada em quê? Produção rural?

É, é agrícola.

P. Qual a profissão que possuía no Brasil?

Cabeleireira, a mesma daqui.

P. Quais os equipamentos eletrônicos de comunicação que possuíam no Brasil: celular, televisão, TV, TV a cabo, rádio, aparelho de som, máquina filmadora ou fotográfica e computador com acesso à internet? E seu filho, quais equipamentos destes equipamentos ele possuía quando moravam no Brasil?

Eu tinha computador, televisão, rádio e telemóvel.

P. E seu filho?

Computador, ele já tinha, telemóvel não.

P. A senhora poderia fazer um relato de como era a vida no Brasil e quais eram as diferenças daquela época para o momento atual?

O que me fez sair do Brasil foi a possibilidade de estudos para o meu filho Gláucio. Como ele ia sair do primário para o 2º grau – ele sempre estudou em escola particular – eu não tinha condições de proporcionar para ele escola particular. Eu tinha a possibilidade de vir para Portugal e a possibilidade dele estudar seria melhor aqui, e eu vim. Arrisquei tudo, joguei para cima e vim

P. Você só veio por conta disso?

Foi.

P. Você possuía conhecidos aqui?

Minha irmã já morava aqui

P. Mas me fala da sua história lá. Como você vivia?

Lá eu tinha um cabeleireiro, criava meu filho sozinha desde os dois anos e vivia com dificuldades, claro, tinha que pagar renda, pagar aluguéis, e vivia uma vida... Não era uma vida boa. Era uma vida que eu queria melhor pra mais, melhor, melhor, melhor. Eu era empresária, mas não podia ter um carro, não tinha condições nunca porque os aluguéis levavam tudo, a educação do filho, os medicamentos, os convênios eram os impostos todos que dificultavam minha vida ficasse melhor. Minha vida era resumida nisso e vivia só para trabalhar, trabalhar, trabalhar.

P. Qual a diferença daquela época para o momento atual?

A época atual hoje eu acho que pra mim é melhor. Meu filho hoje estuda, está se formando, já tem uma formação e eu que ele lá do Brasil acredito seria difícil ele estar como está hoje. Talvez eu não teria sozinha condições de educar ele, de participar da vida dele ele como adolescente, porque a vida no Brasil, na Bahia, em Salvador a gente sabe que é complicado ter um controle de um filho de adolescente. Então, isso também me ajudou a vir para Portugal. Eu me preocupava muito de terminar de criar ele lá. Não sei se hoje aos 21 anos ele seria o mesmo ou seria diferente.

P. Então você migrou acompanhada de seu filho? Vieram os dois juntos

Sim.

P. Constituiu nova família?

Sim, tenho um outro filho, tenho um marido e moramos os quatro juntos.

P. Quantos anos têm seu outro filho?

Dois anos e meio.

P. Porque você escolheu Portugal como país de acolhimento? Você falou que sua irmã já morava aqui, mas foi só isso?

Também a língua ajudou muito. Eu não teria coragem de sair do Brasil para um país sem falar a língua. Pronto, sem eu conhecer. E isso me ajudou. A língua, também, mas se minha irmã não estivesse aqui eu nunca teria saído do Brasil

P. Para além do fato de você ter vindo por causa do seu filho, quais foram os outros objetivos que lhe fizeram emigrar para Portugal?

Casar, ter filhos e formar outra família.

P. Conseguiu todos, então?

Todos.

P. Em Portugal quais os equipamentos eletrônicos de comunicação que você e seu filho possuem e há quanto tempo adquiriram esses produtos? Estes equipamentos são equivalentes aos que possuíam no Brasil ou conseguiram obter em Portugal novos equipamentos?

Não são os mesmos, a mesma coisa. Pronto, só o telemóvel que hoje a gente têm condições de ter um telemóvel melhor. Computador, a mesma coisa.

P. E TV a cabo, você possuía no Brasil?

Não porque no Brasil não precisa nem de TV a cabo.

P. Mas aqui, você tem?

Tenho TV a cabo. Porque no Brasil todo mundo tem as emissoras abertas. Mudou, também, em relação à TV a cabo, porque eu aqui eu tenho.

P. Mas os outros equipamentos são os mesmos?

Sim.

P. Você utiliza a internet? Para quê, com que frequência e há quanto tempo?

A internet eu uso há mais de cinco anos. Pra quê? Curiosidade, pesquisa, conhecer novas culturas...

P. Exemplo...

Exemplo, conhecer alguns países que eu tenho curiosidade de conhecer, pesquiso, quero saber como é um pouco o país. A internet em relações, para conversar, me comunicar com as pessoas. Só.

P. Pessoas no Brasil também?

Também. Do mundo todo.

P. A internet, você usa para se informar também?

Sim, me informo.

P. Notícias de Portugal ou do Brasil

Normais, quase todas.

P. Você entra em algum site de jornalismo específico do Brasil? E a televisão, quais os programas que assistem e porquê?

Entro, entro. O A17... Entro em vários. Estou bem atualizada sobre as notícias do meu país

Eu assisto primeiro a Record, que está diretamente ligada a mim e ao Brasil e eu não posso me desligar do Brasil, e os telejornais daqui. Aqui eu assisto o telejornal da SIC, só.

P. E telenovelas?

Só as brasileiras, eu assisto a todas.

P. Isso te integra mais ao teu país de origem?

Sim, não deixo de perder minhas origens não.

P. E filmes de outros países você chega a assistir, ou não?

Assisto, quando tenho tempo, assisto. Mas não tenho assistido muito não.

P. Em caso de possuírem automóvel ele possui aparelho de rádio ou reprodutor de CD? Se possuem os senhores costumam a utilizá-los em que momento?

Tenho, e utilizo para ouvir música. A música faz parte da minha vida.

P. Que tipo de música, brasileira?

De preferência brasileira. De preferência brasileira.

P. Tem alguma emissora específica?

Eu ouço a Record e uma que é evangélica, que é de Sintra.

P. Seu filho possui computador, acesso à internet, aparelho de som e televisão no quarto? Se possui, os senhores sistematizam a utilização desses aparelhos ou fazem algum tipo de controle sobre o consumo que eles fazem desses equipamentos?

Computador, internet, aparelho de som e televisão. Tudo no quarto.

P. Você sistematiza, ou sistematizou a utilização destes aparelhos pelo seu filho? Mantém algum controle?

Sim. Agora não porque ele já tem 21 anos e ele tem mais noção do que pode entrar e do que não pode. Ele passou a ter computador já com 16, 17 anos, dentro do quarto. Mas ele menor eu procurava ver os sites que ele tinha, eu sempre controlei isso. Os horários da televisão ligada. Televisão até hoje eu ainda controlo.

P. Controla o quê?

O horário dele ficar até à noite. Lá em casa não se fica com a televisão a noite toda ligada, até porque ele vai trabalhar no outro dia, tem que ir para o estágio.

P. Então sua preocupação maior é com o conteúdo do que com a informação?

Também. O conteúdo do que ele ouve ou assiste normalmente ele conversa comigo e eu digo se vale à pena ele estar assistindo ou não. Normalmente isso é falado depois. Não no momento em que ele está assistindo.

P. Você acredita que consome muita ou pouca comunicação?

Depende da informação que vem. As vezes você tem uma informação que não é muito esclarecida. Às vezes no jornalismo é colocada uma reportagem que não esclarece tudo nem tudo o que você quer, as vezes eles mesmo dificultam...

P. Mas no seu ponto vista você busca a informação. Você consome muito ou pouco?

Sim, sim. Consumo, eu acho que muito.

P. Para se informar você prefere os veículos de comunicação brasileiros ou os portugueses? Quais são os que os senhores utilizam com mais frequência (quais jornais, programas de televisão, estações de rádio e/ou internet)?

Brasileiros e televisão, na televisão eu foco mais, eu vivo mais ligada na televisão. Eu assisto o Jornal da Record, de manhã; Minas no Ar, Jornal do Meio-Dia, de Portugal, depois assisto o Hoje em Dia (programa de variedades da Record¹), depois assisto telejornal de Portugal. Fico virando.

P. Você falou Minas no Ar?

Minas no Ar e Goiás no Ar. São programas específicos do Brasil

P. A senhora consome alguma publicação produzida por organizações brasileiras em Portugal, a exemplo da Casa do Brasil de Lisboa?

Quando eu vejo aquela revista brasileira nas clínicas eu pego, é uma revista brasileira “Brasileirinho”, eu leio muito aquela revista.

P. Mas só quando encontra, você não é assinante, não recebe a revista em casa, correto?

Só quando encontro.

P. Você consome algum tipo de comunicação junto com o restante da família, a exemplo da televisão, ou sempre o faz de forma solitária?

Eu sempre participo com todos os meus. Quando alguém não participou daquela reportagem que me interessa eu, sempre chego em casa e pergunto: “você viu, você assistiu?”. Independente de ser portuguesa ou brasileira, quando me a atenção, eu sempre coloco a família para participar.

P. Mas você senta com eles para assistir a televisão?

Sim, assisto. O jornal com meu marido eu assisto telejornal. Quando meu filho mais velho... Um filme de vez em quando, a gente assiste. Mas os nossos horários não “batem”, eu saio para trabalhar muito cedo.

P. Em relação ao conjunto da família quais seriam as preferências de consumo dos media?

Novela, e jornal meu marido participa muito, mas os três gostam de novela.

P. Você se interessa em saber mais notícias sobre Portugal, ou sobre o Brasil? Qual o tipo de notícia que atrai mais o seu interesse?

Sobre o Brasil. O que me atrai mais interesse é a política brasileira.

P. Você buscara entender a cultura e a história portuguesa? O que aprendeu sobre o país que mora e como aprendeu?

O país português não tem muito o que se falar... Como eu estudei muito História Portuguesa no Brasil, pronto, quem descobriu o Brasil foi um português, então isso ajuda eu saber qual História verdadeira e agora... Pronto, eu estou sempre me atualizando, o porquê de Portugal e o porquê do Brasil. Porque o Brasil foi descoberto pelo português.

P. E a cultura portuguesa, você se interessa?

Sim me interesse. As comidas sempre me interessam muito. Eu procuro saber porque surgiu, qual a origem. Eu procuro visitar os palácios, eu procuro visitar... Sim, eu procuro, sim.

P. E em relação à cultura brasileira, você se preocupa em informar aos seus filhos sobre a cultura do seu país de origem?

Não, nunca, nunca informei, nunca tentei.

P. Qual a imagem que você hoje tem do Brasil e qual a imagem que acredita que seu filho possua de lá?

Eu hoje, depois desse tempo todo, não vejo o Brasil tão diferente do que eu deixei lá trás. Eu digo Brasil, Bahia. Eu não acredito que mudou. Eu não voltei lá ainda, mas pelas reportagens, eu sempre estou vendo as reportagens brasileiras, a violência continua muito grande, a droga no Brasil continua desordenada. As pessoas usam muita droga, os jovens estão se perdendo nas drogas. Inclusive amigos do meu filho, da idade que eu deixei, muitos já morreram por conta das drogas.

E hoje eu vejo o Brasil, Bahia... Não é um lugar ainda para eu dizer eu tenho vontade de voltar a morar no Brasil, no mesmo lugar que eu morava. Claro que se fosse em outro lugar, num nível social diferente do que eu vivia... Não no mesmo nível social.

P. Então suas lembranças são negativas.

São negativas.

P. E seu filho, qual a imagem que você acredita que ele tenha de lá?

Ele também não tem uma imagem muito boa. A vida que a gente tinha lá não era aquela vida muito boa. Então, ele pensa em voltar só para visitar o Brasil, ele não tem a visão de um dia voltar a morar no Brasil.

Talvez isso, na cabeça dele, visão mude, mas como ele teve oportunidades aqui, ele acredita que aqui é melhor. Ele não tem, ainda, uma visão boa do Brasil.

P. Você procura, a despeito desta visão que você tem do Brasil, preservar a sua identidade brasileira?

Sim. Eu nem sempre divulgo isso, a ninguém, que eu tenho este conceito do Brasil, ainda. Eu tenho a televisão ligada, passando reportagem brasileira de muita violência, de muita droga. Se chega um português eu boto na emissora portuguesa. Porque eu não quero passar essa visão que o jornal do Brasil passa aqui para os outros países, que só passa miséria. Então, eu não passo isso para os portugueses.

P. Você procura, então, defender a imagem do seu país.

Procuro.

P. Mas em relação à sua identidade...

Ah, eu sou brasileira, sou brasileira sim.

P. Preserva os hábitos e costumes de lá?

Sim.

P. De forma geral qual a avaliação que fazem dos media portugueses se tomarem por base às notícias publicadas ou veiculadas na imprensa, na televisão, nas rádios e na internet? Em particular como veem as notícias relacionadas ao Brasil e os brasileiros?

As emissoras de televisão elas não passam... Até as novelas em si, claro que eu não estou querendo comparar telenovela brasileira com a portuguesa... Mas até o telejornal daqui não tem uma forma esclarecedora de passar ao povo a verdade, de uma forma esclarecida, eles passam por cima a reportagem.

P. Você acha que é superficial?

É superficial.

P. Mas, em particular, como você vê as notícias divulgadas sobre o Brasil e os brasileiros pelos *media* portugueses?

Eu acho que agora esta visão está até mudando pelos portugueses. Porque antes os brasileiros aqui eram vistos como prostituta, ou pra fazer faxina para os portugueses. Hoje nós, brasileiros, conseguimos mudar este conceito. Hoje eles não têm mais esta visão, porque a gente não deixa e muitos gritam. Outros falam que “não, que brasileira não está aqui para ser puta”. E a maioria deles ainda acha que a gente está aqui só para isso. Mas não.

P. Mas você acha que essa visão é passada pelos *media*?

Pela mídia também, sim. Até a forma de dar uma reportagem... Quando é brasileiro se diz: “foi brasileiro”, até de uma forma discriminada. Quando é um de outro país não falam “imigrante do país tal”. Mas quando é um brasileiro eles fazem questão, quando é uma coisa negativa, eles fazem questão de falar que é brasileiro.

P. Mas você acha que o povo brasileiro se impôs em Portugal?

Sim, sim.

P. Em relação aos media brasileiros que veiculam notícias em Portugal, qual a avaliação que você faz deles?

Eu acho que hoje os todos portugueses assistem televisão brasileira, todos vêem televisão brasileira e adoram televisão brasileira. E eu também.

P. Bem você já respondeu isso: você assistia telenovelas no Brasil e continua assistindo aqui, mas você repassou este hábito para seu filho?

Sim.

P. Você acredita que as telenovelas brasileiras ajudam o seu filho a compreender melhor a cultura do país de origem?

Sim, porque ele não pede o hábito... Primeiro que ele nunca vai deixar de ser brasileiro porque ele adora ser brasileiro. Ele pode gostar de Portugal por outros motivos. Mas ele nunca vai esquecer as origens. E a telenovela ajuda muito: no sotaque, na forma de falar, do jeito que o brasileiro é. E ele nunca vai deixar de ser brasileiro.

Como você avalia as relações mantidas entre portugueses e brasileiros hoje?

Hoje está melhor. Quando eu vim quatro anos e meio, quase cinco anos atrás, era um preconceito, ainda existia muito preconceito, hoje a visão mudou muito pouco, mas está mudando. Hoje, quando a gente abre a boca, eles já não olham de lado. Já está melhor, não mudou ainda.

Eu acho que migrante sempre existiu e sempre vai existir. E o imigrante... E alguns nunca vão aceitar imigrantes no país, alguns porque tudo tem exceção.

P. Nessas relações você age tal como agia no Brasil, ou mudou sua forma de relacionamento?

Com maturidade a gente vai mudando. A gente muda de país, muda de cultura e a gente vai mudando também forma de ver as coisas. Eu me adaptei, claro.

Aqui se vive com mais tranquilidade. Mas não é que eu aceite... Seu voltar para o Brasil é claro que eu vou me adaptar ao Brasil, mas aceito... Eu não vou mudar o país para me adaptar a ele, eu que tenho que mudar.

P. O quê você mudou por exemplo nessas relações com os portugueses?

Eu mudei, por exemplo, a forma de falar. Eles reclamam muito da vida, então já que eles gostam de reclamar da vida eu deixo eles reclamarem até cansar. Eu procuro dizer... Eu procuro orientar que a vida... Tem que se reclamar, tem que ter atitude. O país tá em crise mas pessoas vão para o café só reclamar que o país está em crise. Então, porque não ir para rua para gritar?

P. E o que você faria se fosse no Brasil?

Se fosse no Brasil eu estaria na rua gritando pelo impeachment.

P. E as relações com os brasileiros aqui em Portugal, como são?

São boas. Tenho muitos amigos brasileiros. Tenho vários amigos e cada um de um Estado diferente, o que é interessante porque parece que é de outro país, mas é de outro Estado. E me dou muito bem, me relaciono muito bem.

P. Você mantém contato com amigos e parentes no Brasil? Como?

Através da internet, Facebook e MSN, e por telemóvel. Eu mantenho contato com amigos e parentes, são iguais. Eu tenho muitos amigos que para mim são parentes. Mantenho contato com a minha mãe, meus irmãos e meus amigos

P. Você lê livros?

Aqui em Portugal não li nenhum.

P. E no Brasil.

No Brasil li.

P. Vai ao teatro? Shows?

Aqui nunca fui.

P. Cinema?

Aqui nunca fui.

P. Shows?

Já fui em dois, três, quatro... Sei lá. Foram poucos.

P. Você acha que esses hábitos diminuiriam ou aumentaram?

Diminuíram. Porque... Eu acho que também ajuda o meu marido não ter esses hábitos, e eu me acomodei, deixei prá lá. Fui deixando para lá e nunca fui.

P. Hoje você considera Portugal como a sua segunda pátria senhores?

Não, minha pátria é o Brasil.

P. Desde que aqui chegou quantas vezes a senhora visitou o Brasil?

Nenhuma.

P. Pensa em retornar definitivamente ao Brasil?

Não.

Bruno - 19 anos

P. Quanto tempo você gasta por dia utilizando os média? Qual o seu preferido?

Quatro, cinco horas, mais ou menos. E prefiro o computador, internet.

P. Você assiste TV com sua mãe? Quais são os programas preferidos e quem os escolhe?

Eu não assisto com minha mãe. Quando assisto com minha mãe é muito rápido, uma novela, um jornal.

P. Brasileiros ou portugueses?

Novela brasileira e telejornal brasileiro, na Record ou na Globo, ou, quando meu padrasto está na sala assisto os telejornais daqui, de Portugal.

P. Quais são seus programas favoritos?

É aquele “O melhor do Brasil”¹, portugueses é um que passa na SIC, “Os malucos do riso”.

P. Séries estrangeiras?

Gosto do CSI e só. Eu não tenho o costume de assistir televisão. Ah, e ao canal Hollywood, também.

P. E a internet, vocês utilizam sozinhos ou com sua mãe?

Sozinho.

P. E com seus amigos, vocês assistem TV ou utilizam a internet juntos? Com que objetivo?

Muito raramente, só quando eu quero mostrar alguma coisa no You Tube, ou a foto de uma menina e só.

P. Utiliza jogos de computador, quais?

Sim, um jogo de tiro.

P. Quais seus sites preferidos?

Facebook, You Tube, Google e só.

P. Você só consome estes sites americanos?

Uso o Globo Esporte e o R7.²

P. Português?

Português não.

P. Você faz contatos com amigos e parentes no Brasil? Como?

Sim, pelo Facebook. Facebook, só, somente via internet.

P. Você lê livros? Com que frequência?

Leio. Um livro a cada dois, três meses. Livro de guerra e romance. Todos de origem americana

P. Vai a shows, teatros e cinema? Com que frequência?

Vou, de seis em seis meses, ou quando tem um show que eu gosto. Vou a show de música brasileira e, às vezes, quando eu gosto de uma banda ou outra, música portuguesa.

Cinema vou, duas, três vezes por mês. Eu gosto de filmes de comédia ou de guerra, soldados, isso tudo.

P. E teatro?

Não. Nunca fui. Desde que estou aqui em Portugal nunca fui a um teatro.

P. Esse consumo cultural aumentou ou diminuiu se comparado ao Brasil?

Diminuiu, claro. No Brasil eu ia muito mais.

P. Porquê hoje você vai menos?

Porque aqui quase não tem o estilo de música que eu gosto. No Brasil tem. É o Brasil e tem as coisas que eu gosto, o tipo de música que eu gosto, tem as festas populares, como fala aqui. E eu ia sempre.

P. Qual o principal uso que você dá ao celular? Mensagens, ligações ou jogos?

Mensagens, fotos, ligações são poucas.

P. Você lê jornais? Quais e com que frequência?

Não.

P. E rádio? O que você prefere ouvir e com que frequência?

Não, só para ouvir a Mega FM, Mega Hits. Eu ouço no carro, quando estou com um amigo meu, ou quando eu estou conduzindo e não tenho um CD, eu ouço essas, porque passa o tipo de música que eu gosto.

P. Qual a música que prefere? Portuguesa, brasileira ou de outras nacionalidades? Que estilo?

Brasileira. Sertanejo, Samba, pagode, funk.

P. Você possui amigos íntimos em Portugal? Qual a nacionalidade deles?

Possuo, brasileiros. Tenho um ou dois, mas brasileiros. Portugêses, não.

P. Como são as relações que você tem com os colegas portugueses da sua idade?

Eu tenho, entre aspas, que esconder o meu lado brasileiro e fazer o meu lado português, que é para ver se me aceitam.

P. Você tem que mudar, então, o seu modo de ser. Como?

O sotaque, as brincadeiras...

P. Você finge ser português?

Sim, e a minha roupa e... engolem³.

P. O que tem sua roupa?

O jeito de vestir. Um brasileiro usa um sapato diferente, de um jeito, os portugueses usam de outro e eu vou lá e para ficar na moda, entre aspas, então, eu uso igual.

P. E com os portugueses adultos, como são as relações?

É mais complicada. Tem uns que dizem que não gostam de brasileiros, na nossa cara, na minha cara, por exemplo. Mas aí já é mais extrovertido, já é mais. Da minha idade, assim, tenho poucos amigos. Tenho mais velhos

P. E em que local você se relaciona com os portugueses adultos?

No trabalho e na escola, também, meus amigos são mais velhos do que eu, alguns.

P. Você disse que eles não gostam de brasileiros. Você sente algum tipo de discriminação?

Sinto. Eu já fui xingado uma vez na escola aqui. Eu entrei na sala, o professor falou que eu tinha chegado tarde. Eu estava de gorro... Eu já tinha visto um amigo meu com gorro. Ah, então eu falei “se ele usa, eu também vou usar”. Aí foi dito e feito, o professor falou: “tira o barrete”. Eu não sabia o que era barrete. Eu olhei para ele, fiquei assim... E ele falou que era para eu tirar o barrete e apontou para a cabeça. Aí eu pedi para ficar, porque estava frio. Ele disse: “não quer frio, então volta para a Bahia”. Isso me marcou aqui.

P. Você tomou alguma providência em relação a isso?

Respondi a ele mal.

P. Você era menor de idade. Você não foi à direção fazer queixa?

Era, mas não fui, não.

P. Você acha que esta foi a situação mais discriminatória que você recebeu aqui?

Acho que foi.

P. Você acredita que conhece a história e a cultura portuguesa?

Não, conheço pouquíssimo. Eu tive interesse, mas foi uma coisa passageira. Li um pouco um livro que o meu professor falou que tinha para se saber de Portugal e pronto.

P. E a história e cultura brasileira, você conhece?

Conheço.

P. Você lê algum tipo de produção feita por associações brasileiras em Portugal, a exemplo da publicação feita pela Casa do Brasil em Lisboa? Quais?

Não, eu não leio nada

P. E os livros brasileiros ou sobre o Brasil, quais?

Não, eu vejo filmes brasileiros. Vejo muito. Quase todos que passaram

P. Quais as oportunidades que o ensino português oferece se comparado com o ensino brasileiro?

Eu, na minha opinião, a escola pública portuguesa, bate em muitas escolas particulares do Brasil, em termos de que aqui você conhece o inglês bem, francês bem, o espanhol bem. O ensino português é muito... Eles têm uma forma melhor de ensinar, eu acho.

P. Você acha que isso abre as portas para a sua vida profissional?

Eu acho que sim, por ser Europa, não por ser Portugal, por ser Europa.

P. Você fala outra língua além do português? Como aprendeu?

Falar bem, não, mas aprendi um pouco na escola, principalmente aqui em Portugal.

P. Você se informa sobre os fatos que acontecem em Portugal?

Sim. Política, que é o que está na moda agora.

P. Mas porque *media* você acompanha estes fatos?

Internet e televisão, que eu vejo quando estou almoçando no trabalho. As pessoas falam e eu ouço e capto aquilo.

P. Como e quanto eles lhe interessam? É só a política.

Tem também a violência, que agora também está muito forte aqui em Portugal.

P. E em relação aos fatos brasileiros, eles lhe despertam interesse?

O esporte e também a violência. Eu vejo o carnaval, a violência... Acompanho tudo.

P. Há quanto tempo você não vai ao Brasil?

Cinco anos, mais ou menos.

P. Sente saudades de lá? O que mais lhe faz falta?

Muita. O que me faz mais falta é a família. O clima, a família. Deixei minha avó, minha tia, meus primos, irmão, pai. Mas sinto mais falta dos meus primos e dos meus tios.

P. Você falou que sente falta do clima e da família. E as outras relações no Brasil?

Também faz muita falta. Aqui eles são mais fechados.

P. Você pensa em voltar definitivamente para o Brasil? Porquê?

Penso. Eu sinto saudades de lá e eu acho que com a minha profissão⁴ eu vou conseguir ter o que eu tenho aqui lá. Tipo uma roupa, carro, um telemóvel, uma televisão e um computador.

P. Então você pretende voltar para lá e conseguir tudo o que poderia conseguir aqui?

Sim

P. Você vê Portugal como sua Pátria?

Não. Se Portugal entrasse em guerra com outro país eu defenderia Portugal, mas se fosse contra o Brasil, eu ficaria do lado do Brasil.

P. Você assiste telenovelas brasileiras? Elas contribuem de alguma forma para um maior conhecimento do Brasil? E as novelas portuguesas? Elas lhe ajudam a entender a cultura do país?

Assisto. Sim, elas contribuem com o sotaque e faz com que eu não me esqueça das minhas origens. As músicas, o jeito de ser, de vestir, a fala...

P. E telenovela portuguesa, você assiste?

Assisto pouca. Assisto uma ou duas.

P. Elas te ajudaram a entender um pouco sobre a cultura do país?

Ajudaram e a mudar, principalmente, o meu sotaque.

P. Você se utilizou, então, das telenovelas para se adaptar ao sotaque português?

Sim. No meu trabalho, por exemplo, eu não falo “brasileiro”, eu falo português. E já consigo. Às vezes até quando eu falo com brasileiro eu falo (com o sotaque) português, mas aí eu lembro que ele é brasileiro e falo como no Brasil.

P. Você acha que isso fez muita diferença?

Sim. Muito mais. Hoje em dia, quando eu vejo um brasileiro falando com os portugueses eu fico olhando. É sempre aquele tipo, assim...

P. Qual a análise que você faz sobre os *media* portugueses em relação às notícias sobre a comunidade brasileira em Portugal?

Eles só mostram tragédia. Eu acho que eles passam só a tragédia, que o Brasil é só tragédia.

P. Mas o que você acha sobre as notícias dos *media* portugueses em relação à comunidade brasileira que vive cá?

Favelado, só coisa que não presta, que veio para roubar o emprego. Mostra isso de uma forma escondida e dizendo que, brasileiro é bom, mão-de-obra barata. É isso, eu acho isso.

P. Quais são seus ídolos?

Ídolos? No futebol: Cristiano Ronaldo e agora o Neymar. E o Ronaldinho Gaúcho.

P. E na música e no cinema?

Música, não e cinema, também não.

P. Você acha que seus pais exercem algum controle ou fiscalização sobre o que vocês veem na TV ou na internet?

Já exerceu. Não me deixava ver alguns tipos de sites e tinha minha password do Orkut, naquela época era o Orkut pra entrar e ver o que eu estava fazendo. Hoje em dia não.

P. Quais os sites que ela te proibia entrar?

Sites pornográficos, e só.

P. Quando emigrou para Portugal você veio de própria vontade ou não?

Preferia ter ficado no Brasil?

Não.

P. Preferia ter ficado por lá?

Sim. Eu queria vir e não queria. Eu queria sair da Bahia. Sair Bahia e ir para São Paulo, e não vir mais para cá. Mas acho que minha mãe nem sabe disso até hoje.

P. Vocês foram primeiro para São Paulo? Quanto tempo ficaram lá?

Fomos. Seis meses, um ano, mais ou menos. Por causa do meu passaporte que deu problema.

P. E agora, acha que ter vindo foi uma boa opção?

Muito boa opção, uma grande opção. Por causa do estudo.

P. Só por causa do estudo?

Sim.

Notas da autora

¹ Programa de entretenimento da TV Record.

² Globo Esporte: site da Rede Globo de Televisão que traz notícias esportivas do Brasil e do Mundo. R7: site de entretenimento da Rede Record de Televisão.

³ Palavra que no Brasil também tem o significado de acreditar, de enganar: eles engolem (acreditam, ou consegui engana-los) a minha roupa.

⁴ Ele estuda gastronomia em nível técnico.

Carla - 38 anos

Empregada Doméstica

P. Qual seu grau de escolaridade? Ela é maio do que a dos seus pais.

Oitavo ano¹. Sim, sim, mesmo tendo feito até o oitavo é maior.

A senhora gostaria de ter estudado mais? Porque não o fez?

Sim, mas faltou oportunidade porque eu tinha que trabalhar. Eu casei muito cedo, tinha que trabalhar e, depois que eu me separei, cuidar dos filhos e eu não tinha oportunidade para estar estudando e cuidar deles ao mesmo tempo.

P. A senhora casou com que idade?

Quinze anos e me separei aos 20. Fiquei sozinha com os meus dois filhos, depois tive um namorado e tive mais um filho. Me separei devido a espancamento, brigas e essas coisas todas que eu tive. Aí eu tive que me separar.

P. A senhora trouxe os seus três filhos para Portugal?

Sim, eu vim primeiro, fiquei dois anos, depois fui lá e busquei e estamos aqui. O mais velho já foi, já voltou para o Brasil, e agora eu estou cá com os dois.

P. Qual a idade deles?

O mais velho tem 22, o do meio vai fazer 19 e a mais nova vai fazer 15.

P. Me descreva um pouco a cidade de onde a senhora veio?

É uma cidade... Quando eu saí de lá tinha uns mil habitantes, fica próxima à Goiânia, a Capital de Goiás, uns cerca de 30 quilômetros. É uma cidadezinha pacata. É um interior, onde se conhecia todo mundo. Não tem fábrica, essas coisas, agora que está começando.

P. É como uma zona rural?

Sim, mais ou menos.

P. Quais são as lembranças que você tem de lá dessa cidade em que nasceu?

Dos amigos, do trabalho que eu tinha lá, que era na prefeitura e da família.

P. E da sua infância, o quê você lembra?

A minha infância foi muito pouca porque aos 11 anos, que eu me lembro, a minha tia me levou para trabalhar com ela, para cuidar de um bebezinho que na altura ela tinha pegado para criar. Desde aí eu comecei a trabalhar e só estudei até

conseguir. Porque era sempre na casa de uma tia, de outra tia, e sempre foi trabalhando para ajudar minha mãe em casa com meus irmãos.

P. Qual a profissão que você possuía no Brasil?

Funcionária pública do Município. Na prefeitura da minha cidade. Quando eu não estava na prefeitura de faxineira, estava na escola de merendeira.

P. Quais os equipamentos eletrônicos de comunicação que possuíam no Brasil: celular, televisão, TV, TV a cabo, rádio, aparelho de som, máquina filmadora ou fotográfica e computador com acesso à internet? E seu filho, quais equipamentos destes equipamentos ele possuía quando moravam no Brasil?

Somente televisão e rádio.

P. E seu filho, quais desses equipamentos ele possuía?

Igualmente, só televisão e rádio.

P. Porque você decidiu emigrar?

Decidi emigrar porque primeiro veio meu irmão e eu tinha comprado um lote lá, tinha começado a construir e não conseguia terminar. Depois resolvi vir para cá não para terminar o que eu tinha começado. Eu decidi que eu queria viver em outra cidade. Mas que eu iria ficar tanto tempo... Eu não decidi o tempo, eu queria viver, buscar melhorias. Comprar um carro, comprar uma casa... Eu vim com àquela coisa na cabeça: se estiver bom, e estiver vivendo melhor é lá que eu quero ficar.

P. Mas você decidiu não por outra cidade, mas por outro país.

Sim.

P. E como surgiu a ideia de vir para Portugal?

Meu irmão veio para cá primeiro. Ele veio, ficou três anos e depois foi quando eu resolvi vir.

P. Você me contou um pouquinho sua vida, você tem poucas memórias da sua infância porque na realidade sua infância acabou cedo...

Casei muito nova...

P. Casou muito nova... Qual a diferença daquele momento que você vivia no Brasil enquanto merendeira e o seu momento atual?

Bem, aqui é bem melhor do que lá.

P. Porquê?

Aqui é bem melhor do que lá. Pra já, o que eu ganhava lá mal dava para cuidar da casa e cuidar dos filhos, tudo que queria era muito difícil, não podia. Eles nunca tinham um videogame, não tinham nada, para eles se divertirem não tinha nada. Era tudo ali regrado. Eu ganhava um salário mínimo. E hoje a vida que eu dou pra eles é totalmente diferente, não tem nada a ver.

P. Qual a sua profissão aqui?

Doméstica. Trabalho em duas casas particulares em Lisboa.

P. Qual o seu salário?

Eu ganho em torno de 1.300 reuros.

P. Mil e trezentos euros representam cerca de 3.500 reais, então você multiplicou o seu salário mais de 10 vezes, não é isso?

E não é só sobre o salário. É sobre a calma que a gente vive aqui, a tranquilidade... Pronto é tudo. Até a maneira da gente comer, como bem melhor do que lá. A minha vida se transformou totalmente em um paraíso em vista de lá. Digo assim, num paraíso.

P. Você escolheu Portugal, como disse, por causa do seu irmão...

Sim, porque ele veio primeiro, depois quando cheguei aqui gostei muito e... Gosto, adoro isso aqui. Não posso falar que não gosto. Há muitos brasileiros que vão embora e dizem: “ah não gosto, não gosto de português não!”.

Eu gosto daqui. Pelo menos por onde eu passo, por onde eu trabalho, gosto das pessoas. Tá bem que têm a aqueles que são contra imigrantes, essas coisas todas. Mas comigo nunca aconteceu algo que me batesse de frente, não, não.

P. O seu objetivo era só esse: mudança de vida?

Mudança de vida, mudança de vida para uma coisa melhor.

P. Para garantir uma vida melhor para seus filhos também, não é?

Sim para meus filhos. E graças a Deus consegui comprar lá uma casinha que se um dia eu voltar já tenho meu teto.

P. Você conseguiu compra uma casa?

Já, graças a Deus.

P. A senhora conseguiu alcançar estes objetivos todos os objetivos que lhe trouxeram para Portugal?

Sim, ter uma vida tranquila e tenho uma casa que se um dia eu voltasse para trás, eu não sei quando, eu tenho minha casa. É minha, graças a Deus.

P. Em Portugal quais os equipamentos eletrônicos de comunicação que os senhores possuem e há quanto tempo adquiriram esses produtos? Estes equipamentos são equivalentes aos que possuíam no Brasil ou conseguiram obter em Portugal novos equipamentos?

Telemóvel, que eu não tinha no Brasil; computador, um plasma, que no Brasil era uma televisão pequeninha, ainda era preto e branco na minha altura, quando eu vim para cá, era preto e branco que lá na minha casa não tinha televisão colorida. Internet 24 horas por dia. TV a cabo com todos os canais que a gente pode ter, máquina filmadora, máquina fotográfica, tudo isso.

P. E você chegou a pensar alguma vez que conseguiria tudo isso?

Eu tinha um sonho de conseguir pelo menos essas coisas, e só de ter conseguido essas coisas e mais alguma coisa é motivo para a gente estar muito feliz e agradecer a Deus cada dia.

P. Você foi conseguindo estes equipamentos gradativamente, cada período comprava um e hoje tem sua casa toda montada?

Exatamente.

P. Você utiliza a internet? Para quê, com que frequência e há quanto tempo?

Sim, uso o Facebook para falar com os amigos no Brasil e também uso o telefone para falar com eles. É mais ou menos para os amigos, de lá, daqui. É mais ou menos para os amigos.

P. Quanto tempo a senhora fica na internet por dia?

No máximo duas horas.

P. Você só utiliza a internet para se comunicar com os amigos, nada mais?

Não entra em sites?

Às vezes para ver roupa ou qualquer outra coisa.

P. É mais ligada na moda?

Isso.

P. Quais os programas de televisão que a senhora assiste e porquê?

A Record, a Globo e a SIC são as que eu mais gosto. A Record para saber das notícias que estão acontecendo no Brasil, porque você vai para e sabe o que está

acontecendo. A SIC para assistir as telenovelas brasileiras e a Globo para pegar mais uma coisinha do Brasil e a gente vai vendo.

P. Então, esta relação da televisão é toda direcionada para o Brasil?

Sim, mais para o Brasil especificamente.

P. Você tem carro?

Ainda não, mais quero ter se Deus quiser.

P. A senhora ouve rádio?

Sim. Ouço a Rádio Tropical e a Record. A Rádio Tropical toca músicas portuguesas e brasileiras.

P. Então a senhora ouve rádio para ouvir músicas?

Sim, mas na Record é para ouvir as notícias brasileiras também.

P. Em que local a senhora ouve as suas rádios preferidas?

No Trabalho, é mais no trabalho, porque aqui eles ouvem outro tipo de música.

P. No velho radinho de pilha?¹

Não, minha patroa tem um radinho que eu fico com ele na casa toda, mas é a energia.

P. Seu filho possui computador, acesso à internet, aparelho de som e televisão no quarto?

Sim, nós temos dois computadores com acesso à internet. Ele usa o dele e minha filha usa o outro. Ele também tem o aparelho de som. A televisão não, elas ficam na cozinha e na sala.

P. De alguma forma a senhora sistematiza a utilização desses aparelhos ou fazem algum tipo de controle sobre o consumo que ele faz desses equipamentos?

Não, o que eu faço é assim: eu não determino o que eles vão ver ou não. Eu tento abrir a cabecinha deles para eles verem o que é certo e o que é errado. Agora estipular “não vai ver isso, não vai ver aquilo”, não, porque eles sabem o que é certo. Já foram crescendo com isso, como criei eles sozinha eu fui mostrando o quê é certo e o quê é errado.

P. Mas para você o quê é certo e o quê é errado? O que você estipula para eles que é certo ou errado assistir?

Assistir... Eu acho que proibir de assistir é pior, porque eles vendo o que estão vendo eles vão criar outra mentalidade. Se não deixar ver é àquela curiosidade: porquê eu não posso ver. Mas aqui, pelo menos nos canais que a gente vê não há assim aquelas coisas que a gente possa dizer: não poder ver isso, não poder ver aquilo não. Se eles não verem na televisão, vão ver na rua.

P. E a internet?

De vez em quando eu vou lá no dela. O dele se for preciso ele me mostra tudo, tudo, tudo e ela também. Não há necessidade... Vou lá no dela para ver quem são os amigos, pergunto sempre quem são os amigos dela, digo para ela só aceitar pessoas que ela conhece, e sempre que ela está na internet eu passo por lá para ver qual o programa que ela está vendo, se ela vai assustar com a minha entrada no quarto, se ela vai tapar o que ela estava vendo. Sempre vou tentando...

P. A senhora acredita consumir muita ou pouca comunicação?

Eu acho que pouca.

P. Mesmo ouvindo rádio o dia inteiro?

Não, não é o dia inteiro. É só quando a minha patroa não está, (risos). Se calhar não pouco, porque até o jornal (ela se referia a telejornal) eu gosto de ver para ver um pouco as notícias daqui.

P. Da SIC?

É.

P. Para se informar os senhores preferem os veículos de comunicação brasileiros ou os portugueses? Quais são os que os senhores utilizam com mais frequência (quais jornais, programas de televisão, estações de rádio e/ou internet)? Para se informar, você assiste muita telenovela, já disse isso, mas para se informar, qual você prefere?

Eu prefiro mais as brasileiras.

P. Quais são os programas que você assiste nas televisões que prefere: SIC, Record e Globo?

Na Record são aquelas notícias do Brasil. Na SIC as novelas e na Globo... Tem pouco tempo que eu tenho a Globo.

P. Mas tem algum programa preferido?

Não, na Globo. Não.

P. A senhora consome alguma publicação produzida por organizações brasileiras em Portugal, a exemplo da Casa do Brasil de Lisboa?

Não, não.

P. A senhora consome algum tipo de comunicação junto com o restante da família, a exemplo da televisão, ou sempre o faz de forma solitária?

É mais com minha filha na sala e às vezes com ele, ou acompanhando notícias na internet estamos lá também os três.

P. Você acha isso importante para a união da família? Porquê?

Acho sim, muito importante. Porque da maneira que eu vejo e eles também eles estão vendo, crescendo, entendendo tudo o que está se passando aqui no mundo e aqui ou no Brasil. É bom para eles se defenderem mais tarde.

P. E em relação à família, você acha que une mais vocês?

Acho que sim. Sempre que puder estar junto em qualquer... Seja para ver uma novela, seja para ver um jornal eu acho sempre bom.

P. E vocês comentam sobre o quê assistem?

Sim, sim.

P. TV causa de conflitos familiares? A senhora acham que o seu filho assiste muita TV ou fica tempo demais no computador? Quais as soluções que a senhora encontra para esta questão?

Não, não tem briga. Aqui a gente evita o máximo de briga.

P. Então você acha que o consumo que eles fazem é normal?

Sim, consomem normalmente, não são aquelas crianças viciadas, não.

P. A senhora falou que prefere consumir mais notícias sobre o Brasil, mas quais os tipos de notícias sobre o Brasil que lhe atraem mais interesse?

Eu gosto de ver tudo.

P. Política, esporte etc...

Política, não. Nem lá, nem aqui eu gosto, vou procurando saber alguma coisa, mas eu não gosto de estar infiltrada ali na política. Gosto de acompanhar a criminalidade, aonde aumentou, aonde diminuiu. Gosto de acompanhar aquilo tudo. Custa ver, mas é bom a gente estar acompanhando.

P. Custa a ver porquê?

Porque chega um ponto em que você vai vendo tanta criminalidade que não dá para explicar. Você acaba por desligar a televisão por ver tanta criminalidade acontecendo.

P. A senhora busca entender a cultura e a história portuguesa?

Ah, isso sim, junto com a minha patroa.

P. O que aprendeu sobre Portugal?

O que eu aprendi? Muita coisa. Aprendi a culinária portuguesa, que eu não sabia nada, hoje sou cozinheira nessas duas casas. A comida é toda portuguesa.

Fiquei mais, como vou te explicar? Você sai do Brasil e chega aqui com a mentalidade totalmente diferente do que é isso aqui. Uma coisa que o brasileiro chega aqui às vezes aprende mais. O autocarro por exemplo, no Brasil para entrar no autocarro é um tumulto. Eu costumo dizer que o brasileiro chega aqui, ou em qualquer outro país, e aprende a ser mais educado.

Não é dizendo que os brasileiros não têm educação, alguns. A educação muda, a culinária a educação. A maneira de você fazer barulho num prédio, você aprende que tem que ter limites em muitas coisas. As crianças nas escolas aprendem um limite de regra, ou pelos pais ou ... Acontecem muitas coisas no Brasil e aqui você é limitado em muitas coisas e com isso você vai aprendendo muitas coisas.

P. A senhora disse que saiu do Brasil com outra mentalidade, qual a mentalidade que a senhora saiu do Brasil?

Você sai de lá pensando assim: vou para o exterior. Você não pensa que vai passar por situações... Você só pensa assim: vou para o exterior, vou trabalhar e ganhar dinheiro. O brasileiro sai do Brasil com esta mentalidade.

Só que você chega aqui e você não sabe a dificuldade que é para arrumar um emprego. Para as pessoas gostarem de você, se ele vai te aceitar como você é. O que você tem que aprender para as pessoas gostarem mais de você, para agradar. Isso tudo você aprende.

P. A senhora falou sobre o que aprendeu, a cultura gastronômica, o modo de ser. Você se adequou ao modo português. Mas a história de Portugal, você aprendeu alguma coisa?

História, história, mesmo assim eu acho que eu não tive tempo para buscar, mesmo, a história de Portugal.

P. E em relação à cultura brasileira, a senhora procura informar aos seus filhos sobre a cultura do seu país de origem?

Eles vieram muito pequenos e hoje eles preferem a cultura daqui e de outros países do que do Brasil.

P. Mas a senhora nunca passou suas memórias ou informou sobre a cultura do Brasil para eles?

Não porque eles desde que chegaram aqui sempre procuraram a cultura daqui. Sempre daqui ou de outro sítio. Eles estudam muito, eles gostam de ver na internet tudo sobre outros países. O Brasil parece que eles esqueceram completamente.

P. E a senhora, qual a imagem que a senhora tem hoje do Brasil?

Como a gente não está lá eu posso dizer assim, o Brasil tem melhorado em algumas questões, mas onde eu vivia, eu estive lá ano passado, a imagem é a mesma. A imagem de onde eu vivi é a mesma.

Por isso é assim, o Brasil pode estar com a imagem boa em alguns sítios, mas não em todos. Porque todos pensam que está bom em todos os lados, mas só em alguns sítios é que está.

P. E qual a imagem que a senhora acredita que seus filhos tenham de lá?

Ah, é muito pouca a imagem de lá. Eles esqueceram muitos amigos, esqueceram tudo.

P. A senhora procura preservar sua identidade brasileira? De que forma?

Sim, sempre! Nem minha voz (meu sotaque mudou), nunca deixei de dizer que sou brasileira, aqui em casa comemos normal, como comíamos no Brasil, não há aquela coisa de dizer que mudei porque mudei para Portugal, não! Sei viver aqui e sei ter meu lado brasileiro. Sei aonde posso ser brasileira e onde eu tenho que ser mais portuguesa. Tipo, no meu trabalho eu tenho que ser mais portuguesa. Sei separar as coisas. Cada sítio que eu entro, uma discoteca, por exemplo, que eu vejo que o lado brasileiro está pesando mais eu sei me comportar. Devido a outras que a gente paga tem que saber comportar dos dois lados. Até isso a gente aprende aqui.

P. Mas você muda sua identidade dependendo do lugar?

Não, não. Só em alguma conversa a gente tem que tentar se defender por coisas que vêm acontecendo já há muito tempo.

P. Que coisas?

A questão das prostitutas. Isso afeta a gente brasileira até hoje. Às vezes você é mal vista em certos sítios. Você é mal vista até hoje. Você houve conversas que você não quer ouvir. Tem lugar que você entra e tem que ficar calada para não ser ofendida.

Quantas vezes já aconteceu comigo, mas nem com isso eu deixei de gostar daqui.

P. Porquê você achava que seria ofendida se falasse alguma coisa?

Porque a maioria das vezes... Hoje, não. Hoje já mudou muito. Há dez anos atrás a brasileira ainda era mal vista aqui, mas hoje já mudou bastante.

Tipo, quando eu vim morar neste prédio a dona do prédio não queria alugar porque eu sou brasileira.

P. Mas você conseguiu.

Não, não desisti. Eu insisti para ela ver quem eu era. Ela tinha que alugar esta casa para mim, para ver quem eu era. Eu não era a pessoa que ela estava pensando que eu era. E isso eu sou de insistir em qualquer lado que eu estiver.

P. De forma geral qual a avaliação que a senhora faz dos media portugueses se tomarem por base às notícias publicadas ou veiculadas na imprensa, na televisão, nas rádios e na internet?

Às vezes tem informação que a gente não entende, que eles não explicam o caso como deve ser explicado para você poder entender. Às vezes eles estão na sua frente explicando, comunicando e você não está entendendo nada. Acho que eles deveriam ser mais abertos, mais... Não sei... Lidar com as pessoas.

P. Em particular como a senhora vê as notícias relacionadas ao Brasil e os brasileiros?

Eu acho que quando eles estão a falar dos brasileiros dá a impressão de que eles são muito negativos.

P. Você lembra de alguma coisa referente a isso?

Não, não.

P. Mas tem esta sensação?

Tenho, quando eles vão falar dos brasileiros é uma negatividade.

P. A senhora assiste a Record e a Globo e ouve a Rádio Record que são veículos brasileiros de Comunicação. Quais são as avaliações que a senhora faz deles?

Ótima.

P. Você se sente bem informada?

Muito bem. A notícia portuguesa, que quando é um brasileiro que está explicando você entende perfeitamente. Se for um português que estiver explicando aquela mesma notícia talvez você não entenda da maneira que eles falam.

P. A senhora já informou que aqui em Portugal consome telenovelas brasileiras. Lá no Brasil a senhora também consumia?

Sim, sim.

P. Repassou este hábito para seus filhos?

Sim.

P. Você acredita que as telenovelas brasileiras ajudam seus filhos a entender melhor a cultura do país de origem?

Nas novelas talvez não. Porque eu sempre expliquei para eles que a novela é uma ficção, que tudo que está ali é mentira. E é isso que eu tento explicar para eles: que é um gozo ver uma novela, que está ali, que a gente gosta de ver aquela novela.

P. Mas a senhora não acha que eles aprendem um pouco sobre a cultura brasileira?

Aprendem. Tudo o que vê na novela aprende.

P. Como a senhora avalia as relações mantidas com os portugueses?

Boa. Sempre tive boas relações.

P. Nessa relação que a senhora tem com os portugueses a senhora age tal como fazia no Brasil, ou mudou a sua forma de se relacionar?

Mudei bastante. Falar mais baixo, falar mais claramente para eles entenderem.

P. Então, praticamente não mudou nada?

Não só isso mesmo.

P. E as relações com os brasileiros aqui, como são?

Ótimas. Está aqui minha amigona do peito (risos).

P. A senhora já falou que faz contato com seus parentes e amigos no Brasil via internet. De quanto em quanto tempo faz estes contatos?

Aqueles amigos mais chegados a gente está sempre na net e mandando recado quando pode. E aqueles outros amigos que às vezes você só vê mesmo quando vão lá.

P. A senhora lê livros ou vai ao teatro, ao cinema ou a shows?

Mais shows. Cinema só de vez em quando. Teatro não.

P. Sozinha ou com os filhos?

Com os filhos.

P. Se comparado com o Brasil esses hábitos aumentaram ou diminuíram de frequência?

Aumentaram lá nunca fui ao cinema. Nem show, também, que não havia dinheiro para ir a show nenhum.

P. Qual o tipo de shows que a senhora vai e qual o tipo de filme que prefere?

Aqui a minha menina prefere shows internacionais, mas os shows brasileiros a gente também vai. Mas minha filha se interessa mais pelos shows internacionais.

P. E os shows portugueses?

Nunca fui (risos).

P. Você hoje considera Portugal como sua pátria?

Sim, no momento, sim.

P. Quantas vezes a senhora visitou o Brasil desde que chegou aqui?

Quatro vezes.

P. A senhora pensa em voltar definitivamente para o Brasil?

Um dia, talvez.

P. Porquê?

Porque eu acho que a minha velhice eu quero estar perto da minha família. Não quero passar minha velhice aqui.

P. Mas sua família não está cá, não são seus filhos?

Sim, mas um dia eles criam asas e voam e eu fico sozinho, e é aí onde a gente volta sempre para onde nasceu que é para ter lá a família ao pé. Os que ainda restam junto comigo, né?

P. Mas a senhora vê como positiva esta sua vinda para Portugal e gosta de aqui estar?

Sim.

Cláudio -18 anos

P. Você estuda? Pretende continuar a estudar?

Eu acabei agora o meu curso de eletricista no 9º ano. Eu vou tirar mais um curso.

P. Só curso, você não pretende ir até uma universidade?

Não, só curso.

P. Qual o curso que você pretende fazer agora?

Inscrevi-me num curso de Segurança e Higiene no trabalho e vou me inscrever agora na Marinha.

P. Quanto tempo você gasta por dia utilizando os média? Qual o seu preferido?

Antes era mais, agora é menos, três, quatro horas. Antes era mais, cinco, seis. O meu preferido é o computador, a internet.

P. Você assiste TV com sua mãe? Quais são os programas preferidos e quem os escolhe?

Eu que escolho. Vejo futebol e, de vez em quando, novelas.

Além dos filmes que você disse assistir. São americanos?

Sim, americanos.

P. E a internet, vocês utilizam sozinhos ou com sua mãe?

Sozinho, sempre sozinho.

P. Quais os sites preferidos?

É um site brasileiro, que eu vejo as notícias, o Globo Esporte¹ e o Facebook.

P. Você procura notícias só de esporte, então, não é isso?

Só de esporte.

P. Você consome mais sites portugueses ou brasileiros?

Portugueses.

P. Mas você me disse que consome o Globo Esporte e o Facebook. Quais são os sites portugueses, então?

O Ask, a Bola, o Record e para ouvir música.

P. Então você utiliza sites portugueses para ouvir músicas. Você gosta de música portuguesa?

Algumas

P. Você faz contatos com seus parentes e amigos no Brasil? Como?

Faço. Pelo Facebook.

P. Você já está em Portugal há 10 anos, veio para cá com oito. Você já voltou ao Brasil depois disso.

Não.

P. Quem são esses amigos, então? Você lembra dos seus amigos de infância?

Com os meus amigos, não. Eu falo mais com meus tios, meus primos, de vez em quando.

P. Você se recorda deles?

Dos meus tios e primos, sim, dos meus amigos, não.

P. Você tem alguma lembrança do Brasil?

Não, só quando eu era criança e ficava na rua a brincar.

P. Qual o principal uso que você dá ao telemóvel?

Eu faço mais chamadas, mensagens só de vez em quando. Não uso nem para jogos nem para tirar fotos.

P. Você lê livros? Com que frequência?

Leio. Só nas férias.

P. Qual o estilo de livro que você prefere?

De romance e terror.

P. Brasileiro, português ou de outra nacionalidade? Você tem como me citar um?

Português. Tem *O diário de nossa paixão* e *Juntos ao Luar*².

P. Você vai a shows, teatro, cinema? Com que frequência.

Cinema. Cinema sempre quando posso. Teatro poucas vezes, show, não.

P. Sua mãe vai a show, mas você não gosta?

Ela vai, eu não.

P. Esse consumo cultural aumentou ou diminuiu se comparado ao Brasil?

No Brasil eu nunca fui a um cinema

P. Você lê jornais? Quais e com que frequência?

Leio de desporto e só quando sei que vai sair alguma notícia boa.

P. Mas você compra mesmo o jornal? E qual seria a notícia boa?

Compro. Quando vai sair transferência nova, coisas que eu não consigo ver na internet eu compro o jornal para ler. É mais para as notícias portuguesas.

P. Rádio, você gosta de ouvir? Quais?

Raramente, quando ouço é a Tropical.

P. Qual a música que prefere? Portuguesa, brasileira ou de outras nacionalidades? Quais?

A brasileira.

P. Internacional você não gosta? E as portuguesas?

Gosto, mas ouço poucas vezes.

P. Qual o estilo de música brasileira que você prefere?

Gosto daquelas calmas, as mais calmas. De vez em quando umas poucas mexidas.

P. Tipo Música Popular Brasileira?

Sim.

P. As mexidas quais são?

Forró.

P. E música sertaneja e Funk e Axé?

Sertaneja também gosto por causa da minha mãe. Funk e Axé não muito.

P. Você possui muitos amigos íntimos em Portugal? Qual a nacionalidade deles?

Imensos. Tenho amigos russos, alguns franceses, ingleses, chineses...

P. E portugueses e brasileiros?

Muitos também. Brasileiros menos, a maioria é portuguesa.

P. Como são as relações que você tem com os colegas portugueses da sua idade?

São ótimas.

P. E com os portugueses adultos?

Também, são muito bons.

P. Você acredita que conhece a história e a cultura portuguesa? Me dê exemplos.

Sim. Conheço a história de Portugal, a Independência, o 25 de Abril, os Descobrimentos, as batalhas, os reis.

P. E a cultura?

A cultura, mais ou menos.

P. E a história e a cultura brasileiras?

Não conheço muito.

P. Não se interessou em conhecer?

Não.

P. Você lê algum tipo de produção feita por associações brasileiras em Portugal, a exemplo da publicação feita pela Casa do Brasil em Lisboa?

Não, nem conheço.

P. Quais as oportunidades que o ensino português oferece se comparado com o ensino brasileiro?

Não, não tenho noção. Mas eu andei na escola lá. Eu sempre morei com meus, só vim morar com minha mãe aqui em Portugal, e andei num colégio lá. O ensino lá é mais fácil. Lá é mais fácil o ensino. Aqui é mais difícil porque têm o inglês, o francês...

P. Mas você acha que essa dificuldade é positiva, é melhor?

É melhor.

P. Você fala outra língua além do português? Como aprendeu?

Falo. O inglês, um pouco do francês. Aprendi na escola.

P. Você se informa sobre os fatos que ocorrem em Portugal?

De vez em quando.

P. Quais e como?

A política e o desporto. A política, pela TV o desporto, com os portugueses. Eu falo muito com eles nas ruas.

P. Esses fatos te interessam muito?

Um pouco.

P. E em relação aos fatos brasileiros, eles lhe despertam interesse?

Não, não me despertam muito porque não tenho vontade de voltar para lá.

P. Então, você não tem o menor interesse pelo Brasil?

Não.

P. Você guarda alguma recordação de lá? O quê você lembra?

Guardo. São boas. Lembro quando morava com meus tios. Ia sempre a um parque a um parque em frente à igreja e ficava lá a brincar. Ia sempre à fazenda da minha tia também ficava a brincar, são as únicas lembranças.

P. Você nunca mais voltou ao Brasil, sente algum tipo de saudade?

Não.

P. Você sente vontade de voltar definitivamente para o Brasil? Porquê

Não. Eu gosto de estar aqui, já aprendi as coisas daqui, já sei falar português³, já sei conviver com os portugueses... É aqui que eu vou ter a minha vida.

P. Você vê Portugal como sua pátria?

Sim.

P. Mais do que o Brasil?

Sim. Minha pátria mesmo é Portugal.

P. Você assiste novelas brasileiras? Elas contribuem de alguma forma para um maior conhecimento do Brasil?

Assisto. Aprendi um pouco. Eu gosto de ver quando mostra as cidades para eu ter uma noção de como estão.

P. Você quer conhecer as cidades brasileiras?

Sim.

P. Mas é mais um interesse turístico do que um interesse pelo Brasil.

Sim, turístico.

P. E as novelas portuguesas? Elas lhe ajudam a entender a cultura do país?

Poucas vezes.

P. Elas lhe ajudam a entender a cultura do país?

Algumas ajudam.

P. Qual a análise que você faz sobre os *media* portugueses em relação às notícias sobre a comunidade brasileira em Portugal?

Não sei, eu raramente vejo, o que vejo são as notícias que aparecem de brasileiros aqui.

Não são boas, são sempre negativas, estão sempre a fazer o mal, a roubar, a cometer crimes... Por isso que a maioria dos portugueses não gosta dos brasileiros. Quando eles vêm aqui é só para cometer crimes e essas coisas.

P. Então, você acredita que os fatos apresentados pelos *media* portugueses são verdadeiros e que muitos brasileiros vêm aqui só para cometer crimes?

Alguns, sim.

P. E você avalia essas notícias positivamente ou negativamente?

Avalio negativamente.

P. Você acha correto que seja divulgado a nacionalidade de quem comete os crimes?

Não acho correto, mas tem que ser divulgado.

P. Você possui ídolos?

Não.

P. Você acha que sua mãe exerce algum controle ou fiscalização sobre o que você vê na TV ou na internet?

Não.

P. Quando você migrou para Portugal veio de vontade própria?

Sim.

P. Preferia ter ficado no Brasil naquela época?

Não.

P. Você acha que ter vindo foi uma boa opção? Porquê?

Foi, porque fiz muitos amigos, consegui ter várias coisas aqui que lá eu nunca tive, faço coisas aqui que nunca fiz lá...

P. Tipo?

Já fui para a Espanha, já fui para o Algarve com meus colegas, sem ter que ir com a minha mãe, ir só com os amigos, acampar, estas coisas.

P. Então você tem oportunidades de viagens que acha que não teria no Brasil e de uma qualidade de vida melhor?

Sim.

P. Você já disse que não pretende voltar mais para o Brasil e que Portugal é sua pátria. Se houvesse uma guerra entre Brasil e Portugal de que lado você ficaria?

Portugal.

Notas da autora:

¹ Site exclusivo de notícias desportivas.

² Os livros *O diário de nossa paixão* (*The Notebook*) e *Juntos ao Luar* (*Dear John*) são uma tradução das obras do escritor norte-americano Nicholas Sparks. Os dois romances foram adaptados para o cinema.

Diana - 36 anos

Desempregada

P. Há quanto tempo a senhora vive em Portugal?

Sete anos.

P. Qual o seu grau de escolaridade? Gostaria de ter estudado mais? Porque não o fez?

Eu fiz até a sétima série. Sim, gostaria de ter estudado mais, mas logo casei, tive filhos.

P. A senhora casou com quantos anos?

Dezesseis.

P. Sua escolaridade é maior do que a dos seus pais?

Não sei, não me lembro.

P. De que cidade e estado brasileiros a senhora é? Descreva sua cidade.

Inhumas, interior de Goiás. Eu morava de renda, depois fui para a casa da minha avó, moramos no mesmo quintal. Era uma vida sofrida. Uma vida de quem tinha que trabalhar para sustentar, porque eu tive primeiro a Lorrane, logo em seguida a Monique e depois o Rafael. Aí eu não podia trabalhar, tive que ficar cuidando dos meus meninos para o meu esposo trabalhar.

P. E seu esposo trabalhava em quê?

Ele era um mini empresário, ele tinha uma fábrica de painéis.

P. E mesmo assim você classifica sua vida como sofrida. Ele não ganhava o suficiente?

Não ganhava o suficiente, porque estava começando. Aí, depois de muito tempo, ele veio para cá. Ficou aqui dois anos e meio e depois nós viemos.

P. Você tem alguma lembrança dessa sua cidade?

Minha vida era boa, antes de casar. Também não era ruim depois que eu casei, mas antes eu passeava, meus parentes moravam tudo perto, minha mãe, minha avó, morava todo mundo pertinho.

P. E qual a profissão que você tinha lá? Você chegou a ter um emprego ou não?

Não, só fiquei cuidando das crianças depois que eu casei.

P. Quais os equipamentos eletrônicos de comunicação que possuíam no Brasil: celular, televisão, TV, TV a cabo, rádio, aparelho de som, máquina filmadora ou fotográfica e computador com acesso à internet?

Televisão, aparelho de som, telemóvel e DVD.

P. E seus filhos, quais equipamentos destes equipamentos eles possuíam quando moravam no Brasil?

Não, eram equipamentos para todos.

P. Quais eram as diferenças daquela época para o momento atual?

Eu acho que melhorou, melhorou bastante. Tem sete anos que estou aqui, eu morava, como disse, no interior, então as coisas não eram tão evoluídas como estão hoje, ainda mais que nós estamos aqui.

Eu acho que melhorou bastante.

P. Mas melhorou em que sentido?

O que os meninos querem hoje a gente pode dar mais do que naquela época. Hoje se eles pedem um telemóvel a gente tem mais condições de dar o telemóvel do que naquela época.

P. Porquê a senhora tem mais condições, porque o custo é menor ou porque a senhora passou a ganhar mais?

Porque é mais barato. As coisas aqui... Sei lá. Não é que seja mais barato, porque se a gente colocar as coisas ficam todas no mesmo jeito, mas acho que o custo de vida aqui é melhor.

P. A senhora disse que está desempregada. Todo o dinheiro para sustentar sua família é proveniente do seu ex-marido?

Eu estou no Fundo Desemprego, estou desempregada, mas recebo, e o restante ele ajuda.

P. A senhora está desempregada há quanto tempo?

Quatro, cinco meses, por aí.

P. Porquê a senhora decidiu emigrar? Está certo que a senhora veio para acompanhar seu marido, mas porque a família tomou esta decisão, porque a senhora concordou, não foi?

Ele veio para ver se conseguia uma vida melhor. O Objetivo dele era ter uma vida melhor.

P. E aqui ele trabalhava em quê?

Aqui ele tinha uma empresa de publicidade.

P. E porquê ele decidiu voltar para o Brasil?

Foi para o Brasil passear e chegou lá e arrumou uma mulher e não quis ficar aqui mais. Foi mais ou menos assim.

P. Então, foi por causa da separação que ele decidiu ficar no Brasil?

Foi.

P. E a empresa de publicidade dele, fechou?

Fechou

P. Ele veio para cá quando?

Em 2004.

P. E a senhora?

Em 2006.

P. Acompanhada dos meninos todos?

Eu vim acompanhada dos meus três filhos: a mais velha, de 19 anos, a do meio, com, 15 anos e o menino, que vai fazer 14.

P. Porquê a senhora e seu marido definiram por Portugal? Porquê escolheram Portugal para morar?

Ele tinha parentes aqui, muitos parentes e aí eles chamaram ele.

P. Também brasileiros que tinham emigrado para Portugal?

Sim.

P. A senhora, especificamente, tinha algum objetivo quando veio para Portugal? Quais eram esses objetivos?

Eu vim para acompanhar ele, e o objetivo da gente era ter uma casa própria no Brasil.

P. E a senhora conseguiu alcançar este objetivo?

Não.

P. Em Portugal quais os equipamentos eletrônicos de comunicação que os senhores possuem e há quanto tempo adquiriram esses produtos? Estes equipamentos são equivalentes aos que possuíam no Brasil ou conseguiram obter em Portugal novos equipamentos?

Telemóvel, televisão, som, Play Station, Wii, máquina fotográfica, computador com internet, TV a cabo.

P. Em quanto tempo conseguiram adquirir esses equipamentos aqui em Portugal?

Assim que chegamos.

P. Esses equipamentos são de uso comum da família ou cada um possui o seu próprio?

Todos usam os mesmos equipamentos.

P. A senhora utiliza a internet? Para quê, com que frequência e há quanto tempo?

Sim. Eu entro no Facebook, no MSN, no Orkut e no Google para pesquisar alguma coisa.

P. Que tipo de pesquisa a senhora faz no Google.

Para ver alguma receita, pesquisar uma notícia que passou na televisão e não deu para ver.

P. A senhora usa com que frequência?

Não é todo o dia. Computador não é todo o dia porque eu não tenho muita paciência. Eu entro lá e já saio. Uso umas três horas por semana.

P. A senhora disse que acessa o Facebook, o MSN e o Orkut? Isso é para se comunicar com parentes e amigos no Brasil?

Aqui e lá. No Brasil são alguns parentes, porque muitos eu tenho que ligar. Minha mãe mesmo não gosta de computador, essas coisas, então tem que ser por telefone mesmo.

P. E televisão, quais os programas que a senhora assiste?

Gosto da Record, da SIC, da Globo. O que me interessa mais são esses.

P. A senhora assiste a Record para ver o noticiário do Brasil. E na SIC?

Telenovela.

P. Brasileiras e portuguesas?

Não gosto de telenovela portuguesa.

P. A senhora disse possuir TV a cabo, assiste algum programa ou séries em especial?

Às vezes, os meninos usam mais.

P. Telejornais portugueses, a senhora assiste?

Muito difícil, mas assisto. Assisto na Record, porque a Record também passa notícias daqui.

P. A senhora possui automóvel?

Não.

P. A senhora sistematizam a utilização da televisão e da internet pelos seus filhos ou faz algum tipo de controle sobre o consumo que eles fazem desses equipamentos?

Faço. A maior já sabe, mas o computador tem que ter um horário estipulado para cada um. Uma hora para cada um. O menino é que eu tenho que ficar mais de olho, porque ele gosta de baixar filmes, mas eu não gosto. É assim que eu faço.

P. A senhora tem alguma preocupação com alguns sites ou conteúdos da internet que a senhora tenha cuidado para que eles não tenham acesso? Conversa com eles sobre isso?

Mais com o menino, que é o de sexo. Só. Um dia ele entrou, mas eu conversei com ele e não entra mais não. Tem também jogo, que ele entra, mas eu não gosto. Aquele negócio de baixar os jogos. O computador fica muito pesado e eu não gosto.

P. E com as meninas, a senhora faz algum tipo de controle?

Não.

P. Nunca precisou?

Nunca.

P. A senhora falou anteriormente que para se informar prefere os veículos de comunicação brasileiros, e os portugueses, não lhe interessam?

Muito não.

P. Quais os veículos de comunicação que a senhora mais se utiliza?

Televisão e o rádio. No aparelho de som. Eu não coloco no rádio, é mais DVD para ouvir música.

P. A senhora consome alguma publicação produzida por organizações brasileiras em Portugal, a exemplo da Casa do Brasil de Lisboa?

Não. A que eu gostava de ler era aquela revista Brasil, mas tem muito tempo que eu não tenho mais acesso.

P. A senhora sabe quem produz esta revista?¹

Não. Mas ela é produzida aqui. Eu gostava muito de ler esta revista e eu fiz inscrição para ver se eu conseguia que eles entregassem em casa, mas eu não consegui, não.

P. A senhora acredita consumir muita ou pouca comunicação?

Mais ou menos. Eu acho que pouca.

P. A senhora consome algum tipo de comunicação junto com o restante da família, a exemplo da televisão, ou sempre o faz de forma solitária?

Eu tenho duas televisões, no meu quarto tem uma. Então quando eu quero ver alguma coisa e os meninos não querem eu vou para o meu quarto ver. Internet também, se tiver alguma coisa interessante eu chamo eles para verem também.

P. Mas o seu hábito normal é consumir de uma forma solitária?

Não é junto com eles. Como são três, quando não está vendo eu e a mais velha, está vendo eu e o menino. Ou, às vezes, acontece de estarmos os quatro vendo tudo.

P. TV causa de conflitos familiares? A senhora acha que o seu filho assiste muita TV ou fica tempo demais no computador? Quais as soluções que a senhora encontra para resolver esta questão?

Às vezes, às vezes. Às vezes a menina do meio quer ver novela, como ela vai para a escola ela quer ver novela primeiro e não espera os meninos. Mas é mais a ela.

P. E como a senhora resolve isso?

Eu deixo eles verem o que decidem lá. A menina quer ver a novela, o menino, o futebol. Se eu estiver vendo no meu quarto ele tem que por para gravar, mas ela sempre ganha, esta é que é a verdade.

P. A senhora disse que estipula um horário para cada um, mas a senhora acha que eles passam muito tempo na internet?

Mais a mais velha. Ela passa umas três horas por dia. Eu brigo com ela, falo que vou guardar o computador para ela ficar menos tempo com ele...

P. A senhora se interessa em saber mais notícias sobre Portugal, ou sobre o Brasil? Qual o tipo de notícia que atrai mais o seu interesse?

Sobre o Brasil. Apesar de eu estar aqui eu não gosto de ver as notícias daqui, porque na hora que eu vejo eles falarem no jornal eles falam tudo embolado. Aí me dá uma falta de paciência e eu nem vejo.

P. Mesmo depois desse tempo todo aqui...

Mesmo depois desse tempo todo. Nossa, porque é assim: quando eu trabalhava, eu trabalhava em um restaurante que tinha... Era português este restaurante, mas a dona gostava de ver como a gente fala. Ela preferia falar como eu, do que eu falar como ela, da maneira deles.

P. Então, sempre foi assim. Eu nunca tive muita convivência com o português no meu dia-a-dia. Tive com esses patrões, mas eles preferiam falar muita coisa “brasileira” do que em português, na verdade.

P. Então, você ainda tem dificuldade de compreensão por causa do sotaque português?

Algumas coisas eu compreendo, mas eu não consigo eu mesma falar. E muitas coisas que eles estão falando lá no jornal... Ah, embola tudo, eu mudo de canal e pronto!

P. Qual o tipo de informação que mais interessa à senhora?

Ah, da minha cidade.

P. Mas a senhora consegue ver mesmo sendo uma cidade do interior?

Sim porque a Record tem o telejornal de Goiás. E eu sou de Goiás. Eu gosto de ver tudo, política, não.

P. E em Portugal, em termos de notícia, há algo que a interesse?

Não. Eu prefiro ler jornal do que ver na televisão.

P. A senhora busca entender a cultura e a história portuguesa? O que aprendeu sobre o país e como aprendeu?

Não. A única coisa que eu aprendi da cultura portuguesa foi a comida, já que trabalhei em um restaurante. E é uma coisa que eu gosto muito.

P. Mas a senhora havia me dito que trabalhava como escriturária.

Sim, trabalhei neste restaurante por três anos, aí fui para o Brasil para passear e saí. Quando voltei já não voltei mais para este trabalho, fui trabalhar de escriturária na empresa do meu esposo.

P. E em relação à cultura brasileira, a senhora se preocupa em informar aos seus filhos sobre a cultura do seu país de origem?

Sim, até eles gostam mais. Eles gostam mais da cultura do Brasil do que da de cá.

P. Mas você fala das suas memórias, fala do seu país para eles?

Eu falo sobre a minha infância, falo sobre a nossa família, minha mãe, meu pai, sobre essas coisas.

P. E sobre a história do Brasil?

Não.

P. Nem as questões mais contemporâneas?

Às vezes. Às vezes quando está passando na televisão a gente conversa, mas só.

P. E a cultura do seu estado, de Goiás?

Sim, eu sempre falo do carnaval, que a gente ia para o carnaval, dançava, ficava lá até o dia amanhecendo. Essas coisas assim eu falo.

P. Qual a imagem que a senhora hoje tem do Brasil?

Muita violência. O Brasil eu acho que poderia ser melhor, tem muita violência. Muita coisa ruim eu acho que está acontecendo por, sei lá... As pessoas, a política. É tudo.

P. Quando a senhora pensa no Brasil esta, então, é a primeira imagem que lhe vem à cabeça?

Sim, a violência.

P. E qual a imagem que acreditam que seus filhos possuam de lá?

Acredito que seja a mesma.

P. A senhora procura preservar a identidade brasileira?

Sim. Eu não deixo de todo mundo saber que eu sou brasileira, no modo de eu falar. A comida mesmo aqui em casa é sempre comida brasileira. Claro, eu faço alguma portuguesa, mas os meninos não gostam muito.

P. Você mudou em alguma coisa, na maneira de se vestir, por exemplo?

Ah, muda um pouco, porque você está em um país e tem que começar a se vestir... Tipo, no Brasil é normal vestir saíngas, essas coisas. Aqui já não é tão normal e tem o frio.

P. E no verão?

Só para ficar em casa, na rua não. Porque como muitos deles acham que as brasileiras são todas... A maioria não vale nada, então tem que se comportar melhor para sair lá fora.

P. De forma geral qual a avaliação que a senhora faz dos media portugueses se tomar por base às notícias publicadas ou veiculadas na imprensa, na televisão, nas rádios e na internet?

Eu acho que “a mídia”² aqui não é muito grande, porque aqui eles escondem muita coisa, eu acho, na televisão. No Brasil você vê muita coisa que não presta de lá para cá, daqui para lá você não vê nada. Você quase não vê nada, a não ser a crise agora, pronto.

Mas no Brasil qualquer coisinha que acontece você vê no mundo todo, né? E aqui eu acho que muitas coisas eles deixam de passar na televisão. Eu acho.

P. E na imprensa escrita eles se comportam da mesma maneira?

Eu acho.

P. A senhora acha, então, que os *media* portugueses omitem informações, é essa a sua opinião?

Muito, eu acho.

P. E em particular quando se tratam de notícias relacionadas ao Brasil e os brasileiros?

Ah, alguns falam mal, né? Tratam mais ou menos. Acho que já foi pior. Melhorou.

P. E em relação aos media brasileiros que veiculam notícias em Portugal, qual a avaliação que a senhora faz deles?

Eu acho que às vezes atrapalha. Porque passa uma notícia falando mal de São Paulo, aí tem português que já não vai querer ir lá por causa disso, tipo para o carnaval lá, não vou pra São Paulo porque tem violência. Às vezes atrapalha só um pouquinho, mas eu acho que tem que mostrar como o país é. Nossas coisas bonitas, mas também têm que mostrar nossas coisas ruins também. Acho que não deve esconder.

P. Este hábito de assistir telenovelas, a senhora repassou para seus filhos?

Sim.

P. A senhora acredita que elas ajudam seus filhos a entenderem melhor a cultura do país de origem?

É, porque às vezes tem muita novela que... Tipo a novela “Araguaia”, então mostra muito a cultura do Brasil, eu acho. Eu acho sim.

P. Como a senhora avalia as relações mantidas com os portugueses?

É uma boa relação, porque eu sou uma pessoa muito fácil de lidar. Eu não sou daquelas, tipo, que se fala mal do Brasil eu não estou lá batendo boca. Eu não sou assim.

P. Nessas relações a senhora age tal como faziam no Brasil, ou mudou a sua forma de relacionamento?

Não. Porque eu quase não convivo tanto com eles, porque eu... Só convivi mais em trabalho, então lá eu conversava, brincava, ria.

Eu não tenho amigos portugueses, tenho conhecidos, mas quando vejo eu converso, a gente ri, brinca, normal.

P. E as relações com os brasileiros, como são?

São boas, também.

P. Quais são os amigos e parentes que a senhora mantém contato no Brasil?

Minha mãe, minhas tias, meus primos.

P. A senhora lê livros?

Não.

P. Vai ao teatro?

Não.

P. Cinema?

Às vezes. É muito difícil, mas... A última vez eu quase cochilei.

P. Shows?

Aí eu gosto. Show brasileiro.

P. A senhora vai a shows em Portugal? Sozinha ou com os filhos.

Sempre que posso. Vou com meus filhos.

P. Se comparado com o Brasil esses hábitos aumentaram ou diminuíram de frequência?

Aumentaram. Lá eu ia, mas era mais difícil, porque como eu moro no interior quase não ia cantar lá, era mais na capital e a minha situação financeira era difícil.

P. E a senhora tinha cinema na sua cidade?

Não.

P. Hoje os senhores consideram Portugal como a pátria dos senhores?

Sim. Eu gosto muito daqui.

P. Desde que aqui chegaram quantas vezes os senhores visitaram o Brasil?

Uma só há uns dois anos.

P. Pensam em retornar definitivamente ao Brasil?

Por enquanto, não.

Notas da autora:

¹ A Revista Brasil é editada em Portugal por André Santos.

Débora - 19 anos

P. Quanto tempo você gasta por dia utilizando os média? Qual o seu preferido?

O meu preferido é o computado, internet. No geral, mas com intervalos, mais ou menos umas cinco horas por dia. (Inclui internet, rádio e televisão)

P. Porque a internet é a sua preferida?

Porque lá eu posso falar com meus amigos. Televisão é pouca, eu gosto mais de ver novelas. A internet tem mais coisas para eu fazer. Eu posso ver vídeos, falar com primos, essas coisas.

P. Você assiste TV com sua mãe? Quais são os programas preferidos e quem os escolhe?

Às vezes, quando ela deixa o comando comigo (risos). O programa preferido é o telejornal brasileiro.

P. E quem escolhe?

Acaba sendo geral, eu, ela...

P. E quais são seus programas favoritos?

Ah, eu gosto de todos. Gosto de desenho animado., jornais, novelas. Não tem aquele preferido.

P. E a internet, vocês utilizam sozinhos ou com sua mãe?

Depende, se eu estiver vendo alguma coisa que interesse minha mãe, no caso, aí vou, sento eu e ela. Quando é receita, quando eu estou vendo receitas, assim, ficamos eu e ela vendo as receitas

P. Mas em geral você utiliza mais sozinha.

É.

P. E com seus amigos, vocês assistem TV ou utilizam a internet juntos? Com que objetivo?

Nem sempre. É uma vez, ou outra. Quer ver: por aí uma vez no mês.

P. E qual o objetivo?

Ah, a gente fica mais próximo porque a gente vê filme na televisão, ou alugamos filmes na internet.

P. Então você também utiliza a internet para ver filmes?

Para pegar na hora, não para baixar. Para assistir na hora.

P. Então, tanto a internet quanto a televisão você utiliza com os seus amigos para assistir filmes?

Sim, ou então para ver vídeos. Vídeos no You Tube. É mais para isso.

P. Você utiliza jogos de computador?

Não.

P. Você faz contatos com amigos e parentes no Brasil? Como?

Sim, pelo Facebook, só pelo Facebook.

P. E telefone?

Não, telefone é só com minha avó mesmo. Antes, agora não, eu mandava mensagem para umas primas minhas e só, mas elas deixaram de me responder e eu deixei de falar.

P. Qual o principal uso que você dá ao celular? Mensagens, ligações ou jogos?

Eu sou viciada na mensagem, o telefone é mais para falar com a minha mãe.

P. E essas mensagens, você manda mais pra quem?

Para os meus amigos. Muito.

P. Você lê livros? Com que frequência?

Não, sinceramente eu não posso dizer que leio livros. Li dois, ou três livros por aí.

P. Quais foram?

Um que se chama “Amor e Chocolate”, o “Diário de Anne Frank” e um outro, bem fininho, que não me lembro o nome. Eram cartas que uma menina enviava para o namorado dela que tinha imigrado.

P. Vai a shows?

Vou sempre que posso. Ou eu vou sozinha, ou, então, com a minha mãe ou amigos.

P. Teatro?

Não. Eu só ia com a escola.

P. Cinema?

Agora já nem tanto. No início eu ia uma três vezes no ano. Agora já tem um bom tempo que eu não vou.

P. Esse consumo cultural aumentou ou diminuiu se comparado ao Brasil?

Aumentou.

P. Você lê jornais? Quais e com que frequência?

Não.

P. E rádio, o que você gosta de ouvir no rádio?

Músicas.

P. Qual a música que prefere? Portuguesa, brasileira ou de outras nacionalidades? Quais?

Brasileira.

P. Só brasileira?

Sim, internacionais algumas, mas prefiro mesmo as brasileiras.

P. E quando você fala em música internacional fala de que nacionalidade?

Inglesa.

P. Você possui amigos íntimos em Portugal? Qual a nacionalidade deles?

Sim. Um brasileiro e uma portuguesa.

P. Como são as relações que você tem com os colegas portugueses da sua idade?

São boas.

P. Então você não teve nenhum problema de integração?

No início, eu tive bastante. Eu sou tímida e eu tinha vergonha, não sei se é vergonha, de ser rejeitada pelos da minha turma assim que eu cheguei aqui em Portugal. E eles não faziam muita questão de falar comigo. Aí eu ficava no meu canto e eles no canto deles.

Aí depois, mais à frente, eu mudei de turma, aí já me soltei mais.

Meu pai chegou a ir na escola para falar com a diretora de turma pra ver se aproximava mais de mim, porque eu ficava sempre no meu canto, chegava triste em casa, não tinha nenhum amigo aqui.

P. Mas você se sentiu ignorada ou só se recolhia?

No início eu cheguei a perceber que eles só se aproximavam de mim quando precisavam: “Ah, eu preciso de um lápis”. Eram quando se aproximavam de mim, ou

quando não tinham uma folha, ou quando não traziam o livro, essas coisas: “me dá dinheiro para comida”...

Eu era a única brasileira, uma das únicas brasileiras, da turma, e, só no início, eles ficaram curiosos, queriam saber coisas como a moeda do Brasil, se havia mesmo muita violência onde eu morava, se eu já tinha sido roubada, essas coisas.

Mas isso foi só de primeira.

Depois a turma se separou, aí eu fui para outra turma. No início eu fiquei com medo, e chorei bastante com medo de ser rejeitada de novo. Só que no primeiro dia todo mundo falava comigo, todo mundo... É como se eles tivessem aberto as portas para uma nova amizade.

Aí... Foi a melhor turma que eu entrei. Fiz amigos de verdade, tanto que a minha melhor amiga é desta turma, foi onde eu conheci ela, e o meu melhor amigo também.

P. Você tinha que idade nessa época?

Quinze anos.

P. Então, a relação hoje com os colegas são boas?

Depois que eu saí daquela turma, sim. Agora tanto com brasileiro, com português, com africano... Com qualquer pessoa. Eu me dou bem, eu não sou difícil de conviver. É que sou muito tímida. Não sou daquelas de chegar e de conversar. Mas se eu ver... Só precisam abrir a porta, me dar uma brechinha para eu me soltar.

P. E com os portugueses adultos?

Boas, também. Acho que sim. Só algumas professoras que são um pouquinho chatas, professoras... Eu considero professoras racistas.

P. Porquê?

Porque olha mais por eu ser brasileira, não veem assim: “É uma aluna minha”. Tipo, “é brasileira” e eu sinto que tratam com indiferença.

P. Quantas professoras agiam dessa forma com você?

Olha, uma delas foi minha diretora de turma do oitavo ano, me chumbou de ano e disse para minha mãe que ia me chumbar de ano porque achava melhor eu me separar daquela turma, não me queria colocar numa turma que eu conhecia, que eu tinha amigos, porque queria que eu ficasse sozinha, esta é a verdade.

P. Mas ela afirmou isso, que queria que você ficasse sozinha?

Não assim que tivesse falado, mas disse que preferia que eu ficasse sozinha do que com outras pessoas que eu conhecia.

Eu considero isso como racismo como ela me tratava, com indiferença. Ela vivia reclamando para minha mãe que eu, como vou explicar? Eu estava na escola e ela falava para minha mãe que eu faltava muito. Eu sofria muito de enxaqueca, e ela não acreditava nisso e todas as vezes que eu faltava minha mãe tinha conhecimento e ia lá na escola e meu pai ia lá na escola e isso tudo.

E já que ela não acreditava colocou isso como sendo um dos motivos quando me chumbou de ano.

Eu acho assim, se eu tenho as coisas, mostro para ela que eu tenho aquilo, acho que ela deveria acreditar naquilo que eu apresentei para ela.

P. Você acha que se fosse outro aluno que não brasileiro isso teria acontecido?

Não era só comigo. Eu tinha uma colega de cor, não lembro se ela era cabo-verdiana, que ela também... Era eu e ela as únicas pessoas que ela tratava com indiferença na turma.

P. Mas foi só essa professora.

Teve outra, mas ela fez as pazes comigo depois que soube que eu estava grávida. Foi uma professora de filosofia. Ela embirrava também comigo. Não sei, não é que ela tratava mal, mas o jeito que ela falava dava para sentir que era com indiferença. Não como a outra, mas depois me disseram que era o jeito dela mesmo. Como eu não conhecia ela também.

P. Mas como você identifica essa indiferença?

Tipo assim, eu queria apresentar algum trabalho para ela, mostrar algum trabalho que eu tinha para fazer, e ela falava que não podia naquela hora porque ela não conversa sozinha com aluno.

P. E ela conversava sozinha com os outros alunos.

Com os outros sim, comigo não. Porquê que comigo não podia e com os outros podia? É estranho, não é?

Ela ligava aqui para a minha casa, falava para a minha mãe que eu estava faltando bastante, sendo que eu não estava faltando, estava sempre na escola.

Foi assim que eu descobri que estava grávida, mas não faltava tanto. Só que ela vivia dizendo para minha mãe ir na escola, porque eu estava faltando bastante. Só que os outros professores não falavam que eu estava faltando tanto. Só perguntaram para mim uma vez. Se eu faltasse um dia, para ela era uma semana. E ligava para minha mãe, querendo que minha mãe fosse na escola. Pensava até que eu mentia para a minha mãe.

(Como a professora informou à mãe que a aluna seria reprovada por faltas, e como a menina estava grávida, a mãe decidiu tirar ela da escola durante o período de gestação).

Eu estive faltando durante um tempo e faltei uns testes, os últimos testes.

P. Então, você na realidade faltou.

Mas foi este ano, foi agora. Estive faltando por causa da gravidez e eu estava em dúvida se continuava ou não, porque eu estava com medo das minhas notas, de não ser o suficiente. Ela, como diretora de turma, com certeza sabia as notas. Ela poderia me informar, dizer se as notas davam para eu continuar na escola se eu me esforçasse mais. Só que ela não me disse isso, ela disse que eu ia chumbar por falta e pelas notas, que as minhas notas estavam baixas.

Aí eu fui lá na escola e anulei a matrícula. Depois de um mês recebi minhas notas em casa. Não eram boas, não eram positivas, eram negativas altas, porque a nota vai de zero a vinte e eu estava com média de nove no primeiro período. Então dava para subir no segundo e no terceiro períodos.

Mas não foi isso que me disseram e eu acabei me prejudicando na escola, mais uma vez, por causa de professores.

P. Então você parou de estudar?

Parei no décimo.

P. Pretende continuar depois que tiver o filho?

Pretendo.

P. Fazer uma faculdade?

Pretendo fazer arquitetura.

P. Você acredita que conhece a história e a cultura portuguesas?

Não, sou péssima nisso. Eu acho que não conheço nada, não, e sinceramente eu acho que nunca gostei da história portuguesa, acho que aquilo ali não me

interessava para nada. Não queria saber daquilo para nada. Sei lá, é muito exagerado, não me interessa mesmo.

P. E a história e cultura brasileira, você conhece?

Nossa, não sei se eu me lembro! Acho que não. Se me perguntar é capaz de eu saber alguma coisa, mas se me perguntar agora de momento... Eu não posso dizer que eu conheço, porque senão eu estaria falando alguma coisa agora.

P. Você lê algum tipo de produção feita por associações brasileiras em Portugal, a exemplo da publicação feita pela Casa do Brasil em Lisboa? Quais?

Esta revista Brasil.

P. Quais as oportunidades que o ensino português oferece se comparado com o ensino brasileiro?

Acho que é bem melhor. Porque dão mais oportunidades, como no inglês. Lá no Brasil, o inglês no Brasil – pelo menos na minha cidade- começava no quinto ano, mas eu comecei no sexto. Aqui eles começam com o inglês desde pequeno, as crianças têm mais oportunidade no inglês, eu acho que isso é fundamental.

P. Você fala outra língua além do português? Como aprendeu?

Arranho o francês. Falar, falar, falar, não, mas o francês, só por escrever já vai, ajuda bastante. Agora, o inglês, nada!

P. Aprendeu na escola o francês?

Na escola.

P. Você se informa sobre os fatos que acontecem em Portugal? Como e quanto eles lhe interessam?

Não.

P. Eles não lhe interessam?

Não.

P. E em relação aos fatos brasileiros, eles lhe despertam interesse?

Me chama mais atenção.

P. O quê, por exemplo?

Na parte dos crimes e isso pra gente ficar mais atualizado se um dia quiser voltar, pra ver como está, como não está, apesar de nem sempre é aquilo que mostra, né?

P. Há quanto tempo você não vai ao Brasil? Sente saudades de lá? O que mais lhe faz falta?

Dois anos.

P. Sente saudades de lá?

Muita.

P. O que mais lhe faz falta?

Os familiares, os amigos, a comida... É isso.

P. Você pensa em voltar definitivamente para o Brasil? Porquê?

Por enquanto, não. Quem sabe daqui a uns cinco anos. Eu hoje gosto muito de Portugal.

Olha, eu já quis muito voltar para o Brasil no início, quando cheguei aqui. Eu odiava esse país, nossa! Depois eu fui para o Brasil passar as férias, vi que não era nada daquilo que eu pensava. Acho que o custo de vida lá é muito caro e aqui, se eu quiser alguma coisa, eu posso ter na hora que eu quiser, coisa que lá não consegui.

Eu digo isso por ter passado as férias lá. Eu sei que é muito difícil.

P. Você me deu uma informação agora que você não me havia dado antes: que você odiava Portugal.

É por não ter amigos, por ser rejeitada na turma, por causa daqueles problemas.

P. E quando você chegou no Brasil pesou a questão do custo de vida alto lá?

Sim, e também já tinha feito amigos aqui, e o custo de vida... Pesou mais o custo de vida lá.

P. Você vê Portugal como sua Pátria?

Minha pátria vai ser o Brasil sempre!

P. Você assiste novelas brasileiras?

Sim.

P. Elas contribuem de alguma forma para um maior conhecimento do Brasil?

Algumas mostram, mais ou menos a realidade do Brasil.

P. E o que você aprendeu com elas?

Que precisa de mais segurança.

P. Então, a questão da violência é que está o tempo todo te preocupando. Mesmo nas novelas é o que você mais presta atenção?

Sim.

P. E as novelas portuguesas? Elas lhe ajudam a entender a cultura do país?

Não, não me interessam. Assisti uma. Eu acho que era “Vingança”. Assisti um dia, uma vez na semana.

P. Você não acha que elas não poderiam ajudar a entender a cultura portuguesa?

Não.

P. Qual a análise que você faz sobre os *media* portugueses em relação às notícias sobre a comunidade brasileira em Portugal?

Têm muitos que só mostram o lado ruim do Brasil.

Não sei.. Eu acho que falam mais mal do que bem, mais a parte ruim do que a parte boa.

Agora acho que está melhor. Eles não gostavam muito da gente ter vindo para o país deles e de roubar o lugar deles.

P. Mas você viu notícias nesse sentido?

É mais por pessoas falando, notícias, não me recordo.

P. Nos *media*, então, você não faz nenhuma análise?

Não.

P. Quais são seus ídolos?

Tirando meu pai e minha mãe? Não tenho.

P. Seus ídolos são seus pais?

Sim.

P. Você acha que sua mãe exerce algum controle ou fiscalização sobre o que vocês veem na TV ou na internet?

Não. Comigo, não.

P. Mas já exerceu quando você era mais nova?

Acho que nunca foi preciso. Ela sempre estava ao meu lado. Nunca foi preciso.

P. Ela sempre estava ao seu lado?

No início, porque a gente usava internet sempre para a mesma coisa, para falar com o pessoal do Brasil. Então eu estava usando e ela do meu lado.

P. Vocês teclavam juntas?

É mais ou menos isso.

P. Isso durou até que idade?

Até os 15.

P. Quando emigrou para Portugal você veio de própria vontade ou não?

Preferia ter ficado no Brasil?

Não, não queria vir porque não queria ter deixado minha família lá, os meus parentes, os meus amigos.

P. Você preferia ter ficado lá?

No início, sim. Queria vir para passar as férias e ver meu pai, que eu já estava com saudades dele. Já tinha dois anos e tal que eu não o via, mas para morar não.

P. E agora, acha que ter vindo foi uma boa opção?

Foi. Acho que melhoramos bastante, aprendemos, tivemos mais oportunidade na escola... Nossa vida aqui – nossa!- nem se compara a vida de lá do Brasil, porque não havia oportunidade lá. O custo de vida... Apesar de quando a gente está lá não tem noção disso. Quando vêm pra fora é que se vê que se ganha mais. Se a gente quer uma coisa pode ter naquele momento que quer, e lá no Brasil não tinha isso.

Eva – 44 anos

Técnica de enfermagem e instrumentadora cirúrgica

P. Há quanto tempo a senhora vive em Portugal?

Estou aqui desde 2007... Cinco anos, vai fazer seis

P. Qual o seu grau de escolaridade?

Como se diz no Brasil : Segundo grau completo

P. Gostaria de ter estudado mais? Porque não o fez?

Eu não tive oportunidade. Já me custou muito fazer o que eu fiz. Em relação a estudo não tinha muita oportunidade assim, não tinha incentivo da minha mãe. Em relação aos estudos quando eu terminei que partir para fazer os cursos foi por minha conta, não foi fácil. Mas eu consegui.

P. Sua escolaridade é maior do que a dos seus pais?

Sim.

P. Você trabalhava e estudava, você que pagou seus estudos?

Eu que paguei. Trabalhava, trabalhava não, na altura em que eu fiz os cursos eu vendia galinhas (risos), pronto, vendia galinha, mas já tinha trabalhado antes.

P. Mas vender galinha também é um trabalho?

Sim, pois. Eu morei numa cidade do interior muito pequena, esta cidade entrou no mapa¹ deve ter, meu Deus... Ela entrou no mapa acho que foi, mais ou menos, quando engravidei de Magno. Mas lá eu trabalhava, trabalhava com ação social, era funcionária da prefeitura. Depois... Antes disso meu primeiro emprego foi trabalhar escondido da minha mãe.

P. Quantos anos a senhora tinha?

Eu tinha 15 anos. Não porque... Não era porque precisávamos, eu que queria trabalhar.

P. O que a senhora fazia nessa época?

Nessa época eu fugi de casa e fui ser babá². Fui ser babá de umas gêmeas. Depois minha mãe foi me buscar, não trabalhei nem uma semana. Eu tinha vontade de ganhar meu dinheiro porque na altura era assim: meu pai tinha muito dinheiro, só

que ela (a mãe) eu só podia usar ao gosto dela, eu não podia escolher nada. Ela é muito dura, muito rígida e muito ignorante, também.

P. Foi por isso que a senhora fugiu de casa?

Foi por isso, mas voltei. Depois fui trabalhar numa usina (usina de cana-de-açúcar, muito comum no Estado de Pernambuco) de açúcar e álcool. Lá trabalhei de telefonista e recepcionista. Depois trabalhei para a Comisplan. Eu era de menor (termo muito utilizado no Brasil para definir quem possui menos de 18 anos), eu tinha 17 anos, trabalhei escondido e depois trabalhei de auxiliar em um consultório odontológico.

Pronto, depois ninguém mais me segurou.

P. Mas tudo escondido?

Na Comisplan foi, porque eu era de menor. Eu que implorei ao gerente, que era uma pessoa muito boa. E eu tinha uma amiga que trabalhava lá e eu disse: olha, arruma aí um trabalho pra mim! Então, era eu que fazia o cafezinho, que selecionava os grãos, porque a Comisplan é um departamento de grãos, sementes, tipo milho, feijão, amendoim que os fazendeiros compravam, e fiquei lá um tempo.

P. Como a senhora conseguiu trabalhar escondido sendo menor de idade e sem a família saber?

Amizade. Mas na Comisplan quando eu fui trabalhar minha mãe sabia. A única altura em que eu trabalhei escondido dela foi quando eu fui trabalhar de babá e fugi de casa.

P. Sua escolaridade é maior do que a dos seus pais?

Sim.

P. A senhora falou que é técnica em enfermagem e instrumentadora. A senhora fez este curso no Brasil?

No Brasil. Fiz no Senac³, o último, de instrumentadora cirúrgica eu fiz no Senac. O de instrumentadora cirúrgica eu fiz numa escola particular. Aliás, uma das melhores que tem lá, mas eu consegui fazer.

P. Qual a cidade onde a senhora nasceu? A senhora disse que a cidade não estava no mapa, porquê não estava no mapa?

Ela não estava. Essa cidade era tão escondida... Era foi emancipada... Quando eu cheguei lá o primeiro prefeito desta cidade foi o marido de uma prima minha,

sobrinha de meu pai. E era uma cidade que não estava E era uma cidade... Aquilo está na rabeira de uma lagoa, Aquilo parecia uma aldeia. Não havia água encanada, quando eu cheguei lá. Tinha que pegar água nuns poços, numas cacimbas, como eles falavam lá. E na altura era aquele negócio, pote. E eu não conseguia por aquilo na cabeça. Todas as vezes que eu tentava caía e estourava no chão.

Mas para mim era bom, era uma cidade que podíamos dormir com a porta aberta, não existia ladrões, não existia drogas nesta altura. Não existia nenhum tipo de violência lá, todo mundo se conhecia. Tinha uma feira com cinco bancas, que para mim era o melhor dia lá, que era o domingo, quando tinha essa feira. Ali vinham pessoas de fora, ali nós comprávamos nossas roupas. Ali comprava tudo, era diferente, era bom.

P. Você nasceu nesta cidade?

Não, em Arapiraca.

P. Arapiraca fica há quantos quilômetros de distância de Maceió?

Ih, fica distante. Arapiraca é a terra do fumo. Lá as pessoas vivem de agricultura, plantação de fumo e, agora, abacaxi.

P. É uma zona rural, então?

É uma zona rural. É uma cidade muito grande, mas fica a quase duas horas da capital.

P. Mas a senhora falou que é uma cidade grande? Então como é zona rural?

Tem a cidade, que é grande, e tem a zona rural.

É assim, eu nasci lá por acaso, nós íamos para São Paulo e eu nasci de sete meses. Então ficamos um tempo.

P. Então, você só nasceu lá?

Só nasci lá, não morei lá. Meus pais moraram lá, mas eu não gosto de lá.

P. A senhora gosta é desta outra cidade que não estava no mapa?

É essa eu gosto. É a cidade onde eu cresci, foi minha infância. Morei 13 anos em São Paulo, então cheguei em Alagoas com 13 anos e é que eu cresci, lá que tive meus filhos e lá que comecei minha vida.

P. Como é o nome dessa cidade?

Roteiro. Mas onde está a minha família hoje e onde eu morava antes de vir para cá é Barra de São Miguel, que fica a 20 minutos de Maceió.

P. A senhora disse que seus pais saíram de Arapiraca e viveram 13 anos em São Paulo...

Moramos no Ceará, moramos na Bahia, moramos em São Paulo e depois Alagoas.

P. Seus pais são alagoanos?

Meu pai é de Alagoas, minha mãe é cearense, de Juazeiro do Norte.

P. Então, você classifica sua família como imigrante mesmo. É uma família que sempre viveu em migração?

Sim, andaram muito de um lado para o outro para tentar a vida.

P. Isso influenciou de alguma forma a sua vinda para Portugal, essa tendência à migração, este movimento constante da família?

Não, não. Não tem nada a ver. Eu vim para cá, foi uma decisão minha, mas assim: vim sob a influência do meu ex-marido, mas se não fosse esse meu ex-marido, eu jamais teria saído.

P. A senhora viveu 13 anos em São Paulo, como foi essa experiência? Foi na capital mesmo?

Não, foi em São Miguel Paulista. Estes 13 anos que eu vivi lá... Eu era miúda, não tinha noção das coisas, mas tenho lembranças só das coisas ruins. Das enchentes, da violência. Meu pai sempre foi comerciante e acho que morava num lugar muito perigoso, tinha uma favela enorme próxima, vi muito vagabundo morto, a gente acordava ouvindo tiros, quando amanhecia corpos estirados no chão, horrível.

E tinham as enchentes que eram o pior. O frio, também, muito frio. E, pronto, meu pai foi assaltado e foi daí que nós fomos para Alagoas.

P. Qual o tipo de comércio que ele possuía?

Ele vendia tudo. Ele vendia cereais. Lá em São Paulo era... Mais bebidas era um bar, mas vendia um pouco de cada coisa.

P. Ele tinha um bar em São Paulo?

Tinha um bar.

P. Então, estava estabelecido. Não era um mascate?

Não, ele tinha um bar, tínhamos muitas casas. Meu pai sempre foi um bom comerciante. Meu pai não bebia, meu pai não fumava. Então, ele tinha um sangue

para o comércio porque ele começava assim: vou montar um comércio. Ele começava só vendendo tipo um cesto de pão e alguns pacotes de bolachas. Com um mês ele já tinha aquilo triplicado e foi aumentando, sempre foi assim.

P. A senhora veio para cá com 38 anos e hoje está com 44 anos. Qual era a profissão que a senhora possuía no Brasil antes de vir para Portugal?

Eu era auxiliar de enfermagem e instrumentadora.

P. Quais os equipamentos eletrônicos de comunicação que possuíam no Brasil: celular, televisão, TV, TV a cabo, rádio, aparelho de som, máquina filmadora ou fotográfica e computador com acesso à internet?

Computador com acesso à internet, telemóvel, televisão, rádio e máquina fotográfica.

P. E seu filho, quais equipamentos destes equipamentos ele possuía quando morava no Brasil?

Era um computador para nós, ele tinha o telemóvel dele. Máquina fotográfica. Não, tirava as fotos pelo telemóvel.

P. Então, tudo era compartilhado pela família, a exceção do telemóvel que cada um possuía o seu.

Sim, sim.

P. Quais eram as diferenças da sua vida no Brasil naquela época para o momento atual?

Eu era feliz e não sabia. Minha vida era boa, eu trabalhava, tinha o meu dinheiro, comia o que eu queria, ia nas festas, viajava, também, quando eu queria – sempre gostei de viajar – e sempre às minhas custas. Nunca fui de pedir nada para minha mãe, nunca gostei, nem gosto.

P. E agora?

Agora... Aqui não vou a festas, não tenho amigos, amigas, tenho uma ou duas, mas é... Faz muita falta. É cada um na sua vida. A gente aqui trabalha para morrer, não é para viver, entendeu?

Temos uma qualidade de vida aqui, diferente do Brasil, em termos de segurança, em termos de alimentação. Aqui você pode comer o que quiser, seja do caviar até uma piaba, como a gente fala. No Brasil já é mais complicado. Você consegue, mas tem um custo alto.

Aqui a gente tem muita facilidade de comprar alguma coisa. Aqui, se você quiser comprar um computador, você trabalha, vai lá, compra e paga. Lá não. Você compra passa um ano pagando. É cartão de crédito. E é sempre assim, você sempre está agarrada a cartão de crédito. Recebendo, pagando. É difícil para você ter as coisas, é mais difícil.

P. A senhora disse que tem duas amigas, elas são brasileiras ou portuguesas?

Brasileiras. Uma foi embora para o Brasil.

P. A senhora disse que decidiu emigrar por causa do seu ex-marido. Como foi isso?

Eu conheci um português, através da internet. Português, não, ele é inglês, e começamos a namorar virtualmente pelo Skipe. Depois ele esteve em Maceió, passou lá uma semana e depois veio para Portugal. Começamos a namorar e namorei com ele oito meses, virtualmente, só no bate-papo.

Depois disso eu falei para ele: porquê você não vem para cá?

Ele disse: não, não, melhor você vir para cá, você é enfermeira, aqui consegue trabalho com facilidade, há muitos velhotes para tomar conta e não sei o quê... Veio com aquela conversa.

Aí eu falei: eu nunca imigrei na vida, mas será que é assim mesmo?

Ele disse: não, esteja descansada que aqui você arruma trabalho logo, eu arrumo trabalho ora você.

Passados oito meses eu vim, nós casamos, por conta dos documentos para eu não estar ilegal.

Eu pensei, pensei, pensei e resolvi vir, contra a vontade da minha mãe. Resolvi vir e deixei tudo pra trás: meus filhos, minha casa, minha mãe e vim.

Realmente cheguei, casamos e não deu certo a relação.

P. Quanto tempo durou esta relação?

Essa relação durou... Não chegou a um ano, eu acho que não chegou a um ano.

P. A senhora veio, então, sozinha?

Sozinha.

P. Deixou seus filhos lá?

Deixei.

P. Quando a senhora trouxe seu filho pra cá?

Oito meses depois.

P. Quando se separou?

Não. Eu estava casada. Aliás, minto: meu filho chegou um dia antes do meu casamento. Foram oito meses depois que eu cheguei aqui.

P. Você tem dois filhos, um ficou no Brasil?

Sim.

P. Estes filhos são de um casamento anterior, do mesmo pai, de pais diferentes?

Não. São filhos de pais diferentes. Meu filho mais velho foi criado pelo pai deste daqui, que é o mais novo.

P. Você constituiu nova família aqui em Portugal. Primeiro foi o inglês e depois ele. Há quanto tempo vocês estão juntos?

Sim, conheci ele. Já estamos há quatro anos, se eu passei um ano casada com o outro.

P. Você está há cinco anos em Portugal...

Pois, têm cinco anos.

P. Vocês se conheceram e decidiram logo viver juntos?

Não. Eu conheci ele no momento mais difícil da minha vida, porque aqui, em Portugal a gente não tem amigos, e não foi fácil minha vinda para cá. Discriminação, piadinhas, mas sempre consegui trabalho.

Eu nunca tive apoio do meu ex-marido em nada. Até para procurar um trabalho, eu não conhecia nada daqui, eu não entendia o que eles falavam...

P. Você teve dificuldade de compreensão do sotaque português?

Tinha, tinha. Tinha porque quando eles falam parece que eles estão com um ovo na boca. Quando a gente chega não percebe muito.

Pronto. Daí me separei e fiquei sem saber o quê fazer. Na altura que eu me separei eu estava desempregada, tinha ele e tive que ir para a casa de uma pessoa e fiquei na casa de outra. Ficamos separados.

P. Quanto tempo durou esta situação?

Depois que eu conheci o Wanderley foi na altura que ele (o filho) estava de férias. Ele (o filho) ficou na casa de uma amiga minha quase um mês. Não sei se chegou a um mês, foi mais ou menos isso.

P. Ele tinha quantos anos na época?

Ele tinha, isso há quatro anos atrás, cinco... Ele tinha 15 anos.

P. Você classifica este momento como uma situação muito difícil para vocês dois?

Nossa foi horrível. Foi a pior sensação de saber que eu estava longe dele. Perto e ao mesmo tempo longe. Eu estava em um lugar que não podia estar com ele.

Tipo foi assim: um colega falou, “aqui não tem calor humano, é muito diferente”. Um cunhado dele (do atual marido) falou: você pode ficar lá em casa o tempo que você quiser até você arrumar um trabalho, se estabilizar, e o seu filho tem que ficar na casa de uma outra colega, que era minha e deste rapaz que me levou para o apartamento da irmã dele.

Depois eu conheci ele (o marido), nos envolvemos muito rápido e ele falou assim: vamos lá buscar seu filho, e a colega já tinha dito que não queria ele (o filho) mais lá. Foi tanta coisa!

Ela me disse assim: no fim-de-semana vem buscar seu filho! Foi tanta coisa! E eu disse: não, não vou buscar ele no fim-de-semana, não, vou buscar ele agora.

Ele falou (o atual marido): vamos buscar ele. E nós fomos buscar na hora que ela falou. E pronto, daí não nos separamos mais.

P. Pelo que você me disse, quando veio para Portugal foi porque o seu ex-marido morava aqui e porque ele disse que havia facilidade de encontrar emprego. O primeiro objetivo foi casar, e você casou. E emprego, você conseguiu alcançar este objetivo?

Não porque eu não vim para cá para trabalhar, como têm muitos brasileiros que vêm pra isso.

P. Você veio mesmo pra casar.

Eu vim mesmo por causa dele, pra casar, tentar fazer uma vida com ele, só por isso. Não foi para eu trabalhar. Trabalhar eu trabalhava lá.

P. Em Portugal quais os equipamentos eletrônicos de comunicação que a senhora possui e há quanto tempo adquiriram esses produtos? Estes equipamentos

são equivalentes aos que possuíam no Brasil ou conseguiram obter em Portugal novos equipamentos?

Não é a mesma coisa.

P. Seu filho possui um computador próprio?

Tem.

P. Ele tem uma televisão no quarto dele?

Não, mas temos duas. Ele agora dorme aqui na sala e no caso ele assiste esta e eu assisto a outra.

P. Então ele tem uma televisão para ele?

Tem, esta aqui da sala é para ele.

P. Então você ampliou o número de equipamentos em relação ao Brasil?

Lá em casa eu tinha três televisões.

P. Mas computador só um?

É só um.

P. E a qualidade desses equipamentos é melhor ou pior do que os que você tinha no Brasil? São mais potentes?

É maior. Em relação à potência... A tecnologia está sempre avançando. Mas tinha também lá. Eu sempre gostei de ter o melhor, se é para comprar, vamos comprar o melhor.

P. Então em relação aos equipamentos eletrônicos você acha que é a mesma coisa?

Sim.

P. A senhora utiliza a internet? Para quê, com que frequência e há quanto tempo?

Sim. Eu utilizo para me comunicar com a família no Brasil. Eu utilizo muito o Skype. Adoro site de culinária, adoro ver a receita e fazer. A internet eu uso para me comunicar com a família. Uso muito Facebook, Orkut e vou também numa página que tem a violência. Que tem aqueles programas policiais. Gosto muito. Olho do Brasil, olho do Ceará, quem matou, quem morreu.

P. Sites brasileiros ou portugueses?

Os dois. Uso para ver as notícias. Pra mim interessa mais o que acontece no Brasil do que aqui.

P. Porquê?

Porque é o meu país. Eu quero saber o que está acontecendo lá. Aqui é... Eu penso assim: Não sou daqui, nem vim para ficar, vou embora. Eu não aguento mais estar aqui.

P. Há quanto tempo a senhora utiliza a internet?

Eu tive o computador cinco anos antes de vir para cá, eu vim para cá em 2007. Então eu uso há 11 anos.

P. Televisão. Quais os programas que a senhora assiste e porquê?

Eu gosto muito de noticiário.

P. Português ou brasileiro?

Os dois. Aqui eu vejo jornal, leio jornal, mas eu vou na página aonde tem a violência, para ver o que acontece. Principalmente quando tem caso de brasileiro, quando foram mortos, me interessa ver essas coisas.

P. A senhora disse que assiste muito telejornalismo, a senhora vê outro tipo de produção como telenovelas? Brasileiras ou portuguesas?

As duas. Brasileira e portuguesas.

P. Filmes?

Sim, gosto muito de filmes, principalmente de terror.

P. E séries?

Séries, não, eu gosto mesmo de filmes.

P. E os filmes que assiste são normalmente de origem americana?

Americana.

P. Filmes brasileiros, portugueses...

Não. Filmes brasileiros, vejo. Gosto muito.

P. Me cite, por favor, dois filmes brasileiros que a senhora assistiu.

Eu assisti *Tropa de Elite* gosto muito do *Alto da Compadecida*, eu adoro aquele filme, aquele lá com a Fernanda Montenegro, *Central do Brasil*, *Deus é Brasileiro*. São filmes que contam histórias... Eu gosto muito de filme brasileiro, português eu não quero nem ver. Parece que não tem fundamento. Não tem sentido.

P. Você possui automóvel?

Não.

P. Aparelho de som?

Sim.

P. Mas é tudo aqui na sala. Ele dorme na sala porque a casa só tem um quarto?

Sim.

P. A senhora faz algum tipo de controle sobre o consumo que ele faz desses equipamentos?

Não, não.

P. Para se informar saber das coisas – a senhora já disse que assiste telejornais – a senhora prefere os veículos de comunicação brasileiros ou portugueses?

Brasileiro. Eu assisto muito a Record e a Globo.

P. E rádio?

Rádio eu não gosto.

P. E os sites, quais são?

Eu entro muito no *Alagoas Web*, para ver o plantão de polícia. No Ceará eu entro muito no *Barra pesada*, que é um programa policial e eu gostava muito do *Linha Direta*⁴.

Eu gosto muito. Eu gosto de assistir coisas assim que é a realidade da vida, que é o que realmente acontece. Eu gosto muito disso.

P. A senhora consome alguma publicação produzida por organizações brasileiras em Portugal, a exemplo da Casa do Brasil de Lisboa?

Não. Eu já fui lá, mas não. Eu já peguei aquela revistinha... Como é que chama? *O Brasileirinho*. É uma revista que tem, inclusive, no consulado. A distribuição é gratuita e é uma revista que só fala de coisas do Brasil.

P. Mas você consome esta revista?

Não.

P. Você só viu?

Peguei umas duas vezes quando fui lá no consulado, só isso.

P. A senhora consome algum tipo de comunicação junto com o restante da família, a exemplo da televisão, ou sempre o faz de forma solitária?

Sim. Filmes.

P. Então a senhora assiste televisão acompanhada do seu filho?

Sim.

P. Em relação ao conjunto da família quais seriam as preferências de consumo dos *media*?

Se fosse para mim escolher seria, televisão, noticiários. Mas ele não é muito de noticiários, não. É mais de filme.

As notícias... O que ele gosta de ver na televisão é tudo sobre Ovnis e Triângulo das Bermudas. Ele gosta muito de fenômenos. Ele gosta de pesquisar essas coisas.

P. E a senhora também está focada nisso?

Olha, dos ets, não. Eu não sei se eles existem mesmo, mas ele acredita que sim. Fenômenos, eu gosto. Ele está sempre a pesquisar tornados. Na televisão ele coloca para gravar sempre essas coisas. Ele foca muito nisso.

P. A TV ou a internet causam algum tipo de conflito familiar? A senhora acha que o seu filho assiste muita TV ou fica tempo demais no computador? Quais as soluções que a senhora encontra para esta questão?

Não. Ele usa muito computador, mas não causa conflito não porque eu o conheço bem e sei o que ele está vendo ali. Eu sempre estou a olhar... Ele nunca me deu motivo para eu ficar fiscalizando ele ou pensar que ele está ali num site pornográfico ou, algo assim.

Eu sou muito de estar com ele e conversar: “olha isso é assim e assim”. Então ele tem 19 anos, nunca na minha vida, até hoje, vieram me falar que ele disse que fulano é feio, ou que ele arrumou um problema na escola, ou brigou com um colega. Nunca! Ele nunca arrumou problema.

Então isso me deixa mais segura. Não tenho que me preocupar com o quê ele está ali vendo. Porque eu sei que não é nada ali pro mal.

P. A senhora busca entender a cultura e a história portuguesa? O que aprendeu sobre o país e como aprendeu?

Não. Mas sobre Portugal eu aprendi que eles são extremamente ignorantes. Eles são extremamente ambiciosos. Eles são extremamente... Para eles está em primeiro lugar os bens materiais e o dinheiro. Não há amor pelo próximo, nem tipo filho e pai, mãe e filho. Isso não existe. Não existe amor, não existe uma relação como nós temos. Nós somos muito solidários, nós brasileiros. Eles não, para eles em

primeiro lugar – isso são todos os portugueses – para eles em primeiro lugar está o dinheiro e os bens materiais.

P. Mas porquê você construiu essa visão, principalmente em relação aos filhos, mães e pais portugueses?

Porque não há respeito. Eles não... A educação que eles dão aos filhos não tem nada a ver com a educação que nós brasileiros damos aos nossos filhos. Nós, brasileiros, temos a hábito de dar a bênção ao pai, a bênção⁵ à mãe, senhor, senhora. Eles não. Eles falam: “pai, o quê que você quer, tá calado!”.

Está entendendo, não há respeito, não há. E, quando os filhos fazem 19 anos, a primeira coisa que os pais portugueses fazem é: aluga um quarto para eles e vai morar sozinho, se vira!

A vida sexual delas começa muito cedo. Falam muito do Brasil, prostitutas, não sei mais o quê. Aqui é bem pior. Porque aqui eles querem fazer as coisas tipo tapar o sol com a peneira.

Namoro aqui é totalmente diferente. Aqui, e isso é cedo, os pais vão levar a filha para dormir com namorado na casa deles. É normal.

P. Você já testemunhou casos desses?

Nossa, já! Meu filho foi namorar com uma portuguesa e com poucos dias de namoro e com poucos dias de namoro ela veio dormir aqui. Eu quase caí dura! Foi a primeira vez que ele iria dormir com uma mulher. E ela tinha o quê, 15 anos? E eu fiquei...Como é que é possível?

Os portugueses falam que as brasileiras, todas, não colocam exceção, são todas putas, vem para cá para tomar os empregos delas, os maridos, que eu ouvi isso quando eu vim para cá. Num restaurante chegou umas amigas do meu ex-sogro e eu na mesa. Aí quando me apresentaram ela “e pá”, assim na minha cara, “há tanta mulher cá em Portugal e fostes arrumar uma brasileira para casar, como se aqui não houvesse mulher!”. E ele falou assim: “eu tenho o direito de escolher, de casar com quem eu quiser. Ele disse: eu não quero saber de mulher portuguesa”.

E eu levantei da mesa e perguntei: “o que você tem contra as brasileiras?”. “Ela respondeu: e pá, vocês vêm para cá para tomar os maridos da gente”.

Aí eu respondi: “eu não vim para cá para tomar os maridos de ninguém. Não sou puta como vocês dizem que as brasileiras são putas. Vocês não tomam banho,

você são preguiçosas, querem passar o dia todo no cabeleireiro arrumando o cabelo e tomam uma sopa, guardando dinheiro. Viu?”.

“Não vim tomar marido de ninguém porque ele é solteiro, ele não é casado. Agora não tenho culpa se vocês são incompetentes e segundo dizem até na cama vocês são uma *merda*”. Que nem se depilar vocês se depilam”.

Meu sogro me olhou assim e falou: “Você é louca? Você é doida?”.

Eu respondi: não, doida é ela que não me conhece e está me criticando. Falar de brasileira. Eu falei: “têm coisas que eu não admito, me respeita, me respeita, porque eu respeito todo mundo, agora a partir do momento que vem falar do meu país, da minha cultura...”

E eu disse: “tem uma coisa que vocês não sabem, eu sou brasileira, não desisto nunca. E tem mais, sou nordestina, brasileira não promete não, dá logo⁶. Então, você me respeita antes de começar a falar de mim e do meu país”.

Meu sogro começou a me chutar por de baixo da mesa: “Você é doida?”.

“Não, não sou doida não, e tem outra coisa: vou casar com ele e vocês, por mais que não gostem de brasileira, vão ter que me engolir”.

E engoliram mesmo! Depois elas me trataram, sabe...

P. A senhora falou que os portugueses generalizam dizendo que todas as brasileiras são prostitutas, mas quando a senhora fala assim dos portugueses não está, também, criando algum tipo de generalização? Todos eles só pensam em dinheiro? Todos eles têm uma relação ruim de família?

Sim, sim, sim.

P. Você não acha que está generalizando?

Não, eles são frios. Eles são frios, frios, frios. Nunca vi uma raça tão fria como o português. Não tem!

P.. E em relação à cultura brasileira, a senhora se preocupa em informar ao seu filho sobre a cultura do seu país de origem?

Sim, falo, e ele sabe. Meu filho tem noção da cultura brasileira. Ele tem porque ele estudou lá um tempo, né. É diferente, o folclore, o carnaval, o São João. Coisas que aqui não há.

P. Ele viveu. Mas a senhora continua conversando isso com ele?

Agora não, não mais.

P. A senhora procura preservar a identidade brasileira?

Sim, quem quiser me aceitar tem que ser do jeito que sou. Eu não mudo, por nada nem por ninguém. Nem defeitos, nem qualidades, nada!

P. De forma geral qual a avaliação que faz dos media portugueses se tomar por base às notícias publicadas ou veiculadas na imprensa, na televisão, nas rádios e na internet? Em particular como vê as notícias relacionadas ao Brasil e os brasileiros?

Olha, aqui é muito raro você ouvir um elogio nos noticiários sobre o Brasil. Aqui é assim: o jornal todos os dias é a mesma coisa, a política, a política, a política. Quando acontece uma tragédia no Brasil, eles destacam. Aquilo fica a passar, a passar, a passar, até irrita, entendeu? Porque eles tem uma visão que o Brasil e os brasileiros são favelados, que passam fome, que são ladrões. Tem isso também! Brasileiro e preto não tem valor aqui pra eles.

Os brasileiros são para limpar as sujeiras deles, os pretos, também, e ainda dizem que os pretos... E pá, como nós falamos no Brasil que português é burro, eles aqui dizem: até parece que és preto, nos chamando de burros. E os pretos são muito discriminados aqui. E trabalham, eles trabalham.

São tão discriminados que eu já vi uma cena no comboio e estava um preto sentado sozinho e a mulher preferiu ir em pé ao sentar perto do preto. Parece que eles são bicho, que os portugueses têm nojo.

P. E você acha que esse tipo de discriminação não existe no Brasil?

Olha, como aqui eu sei que há pessoas racistas no Brasil, só que no Brasil, graças a Deus é crime. Aqui não, aqui é normal. Preto é um cachorro. Preto é só para trabalhar mesmo. Eles descriminam muito.

P. E em relação às notícias gerais em Portugal, qual a avaliação que a senhora faz?

Eles estão sempre a falar na política, na crise. Aqui é sempre a mesma coisa: é crise, é crise, é crise. O banco que vai falir. A empresa que o patrão decretou falência. Sempre está a falar a mesma coisa!

P. Se a senhora comparar as notícias daqui com as veiculadas no Brasil qual a avaliação que a senhora faz? São mais claras, mais entendíveis, as notícias veiculadas nos *media* portugueses?

Não deixa muito a desejar porque eles não esclarecem as coisas para que a gente realmente entenda, o quê ele está falando, o quê ele quer dizer com aquilo. Eu não acho claro, não acho.

P. E em relação aos *media* brasileiros que veiculam notícias em Portugal, qual a avaliação que a senhora faz deles?

Eu acho mais clara, é a realidade, a gente entende aquilo. O Brasil quando vai informar alguma coisa, por pior que seja... É como se diz, mata a cobra e mostra o pau. Morreu, é enchente, a barreira caiu, há tantas vítimas. Eles informam tudo. Aqui fica tudo meio vago.

P. Mas a senhora acha que essas notícias ajudam a aumentar o preconceito que a senhora disse existir aqui em relação ao Brasil?

Aumenta, aumenta sim. Aumenta porque eles, como eu disse, quando é uma coisa ruim eles colocam logo na televisão e eles vem e falam... Eu já vi várias vezes no café eles dizerem: lá para o Brasil, olha... A discoteca mesmo⁷... Até meu patrão falou: viste lá a discoteca no Brasil? Falou coisas que não tinham nada a ver. “Caiu, matou”... Não! “Os brasileiros colocaram fogo na discoteca e morreram não sei quantas pessoas queimadas”. Eles já vão assim falando “os brasileiros colocaram fogo”. Os brasileiros não colocaram fogo! A boate é que pegou fogo acidentalmente e morreram tantos brasileiros.

Tipo, tem um assalto aqui: “Olha assaltaram um Multibanco! Se calhar foram os brasileiros ou os pretos!” E eu arrumo muita confusão por isso. Eu sempre estou a defender: Os assaltos que há aqui não querem dizer que seja brasileiro ou preto, não! Há portugueses também marginais. No mundo todo há.

Eles... Se tem uma coisa assim, “se calhar foi brasileiro”. E eu não gosto de ver isso.

P. E a senhora que a TV Record, com o estilo de jornalismo dela, e a TV Globo, a senhora acha que elas contribuem para o aumento desse preconceito ou são só os telejornais daqui?

Contribui sim porque é através da Record e da Globo que eles veem os noticiários de lá e começam a criticar, porque eles acham que nós brasileiros somos violentos.. Os portugueses têm um certo medo da gente, até de falar alguma coisa, eles têm um certo medo. A gente tem uma fama ruim.

P. Você acha que esta fama surgiu como? Foi por causa dos *media*?

Eu acho que os dois. O noticiário e as relações entre portugueses e brasileiros aqui. Eu acho que os dois, porque a gente tem um feitio totalmente diferente deles. Brasileiro tem a cabeça quente, os portugueses também têm, só que o brasileiro não é de levar desaforo para casa. Já senta a porrada e eles não estão habituados a isso.

P. E aí surgiu a fama da violência?

E aí surgiu a fama da violência.

P. E da prostituição, você acha que foram casos ocorridos ou foi a televisão que estimulou isso?

Não, há muitas prostitutas brasileiras. Aqui, em Espanha, muitas vieram... Eu tenho uma colega que veio do Brasil influenciada por uma amiga e ela deixou lá os três filhos e o marido – a colega disse que ela ia trabalhar e não sei o quê – e ela veio. E quando ela chegou aqui em Portugal ela foi obrigada a se prostituir para não morrer de frio na rua, mas depois ela conseguiu dar a volta.

P. Então você acha que os *media* falam da realidade dos brasileiros aqui. Não há uma discriminação, é o fato?

É o fato, só que generaliza, vai pra todas.

P. A senhora assistia telenovelas no Brasil?

Sim

P. A senhora disse que aqui assiste telenovelas brasileiras e portuguesas. A senhora acredita que as telenovelas brasileiras ajudam seu filho a entender melhor a cultura do país de origem?

Ele não assiste novela. Nenhuma. Mas se ele fosse assistir a telenovela portuguesa eu evitaria, porque a telenovela portuguesa... Eu estava vendo uma cena no sábado em que uma miúda de sete anos já estava namorando, e os pais ajudando tipo ela mandando mensagem, o miúdo mandou um bilhetinho para ela. E eu fico pensando: como uma telenovela mostra uma criança de sete anos já namorando e os pais ajudando! Eu nunca vi isso na minha vida!

P. Qual o nome desta telenovela?

Destinos Cruzados.

P. A senhora falou sobre o quê você pensa dos portugueses, mas agora eu gostaria que a senhora falasse as relações mantidas com os portugueses? No trabalho, na vida social... Como são suas relações com os portugueses.

No trabalho o mínimo possível, o essencial, até porque eu fico sozinha com o senhor que eu tomo conta. E ele está sempre a criticar as brasileiras. Na minha cara! E eu bato de frente com ele. Eu não admito isso, nem aqui nem em lugar nenhum.

E em relação com o português eu quase não tenho, só se for negócios.

Homem português o que eu conheço é o meu patrão, vejo ele é muito raro e nem quero.

P. Nessas relações a senhora age tal como faziam no Brasil, ou mudou suas formas de relacionamento?

Mudou. Mudou porque aqui a gente se sente tão sozinho... Até de querer conversar, de querer desabafar. Aí você não encontra ninguém, ninguém tem tempo para ninguém. Mudou muito.

Eu acho que aqui... Eu acho, não, eu tenho a certeza, perdi minha alto-estima. Eu hoje não me vejo como eu era antes de vir para cá.

P. O que fez você perder sua alto-estima?

Eu acho que foram os acontecimentos, as discriminações no trabalho. Eu já tive uma patroa que falava: "olha, manda lá sua escrava". Porque eu sou brasileira, não é? Já cheguei num café a mulher não quis me atender, eu quase dei uma porrada nela. Pronto, são essas coisas e a gente vai ficando triste. Nós, brasileiros, por mais humildes que a gente seja, a gente tem educação. Nós temos educação, a gente trata bem para ser bem tratado. Aqui, não, eles simplesmente ignoram. Você vai tentar fazer uma amizade mas eles te veem assim... Sei lá, como um copo descartável. Só está aqui para trabalhar.

P. E em relação aos brasileiros aqui em Portugal, como são as relações?

Tirando meu marido e o Gláucio (amigo do filho dela) eu quero distância. Os brasileiros aqui você tem que ter muito cuidado. Eles são os primeiros a te por para trás. É incrível! Seja no trabalho, seja aonde for, eles passam a perna se você deixar. Não percebo, eles mudam. São os primeiros que te decepcionam. É terrível!

P. Você mantém contatos com seus parentes com o Brasil via Skipe. Só Skipe?

Telefone também. Telefone muito para lá. Eu tenho aditivo para falar com o Brasil e enquanto eu estiver crédito, vou falando. Às vezes ligo três vezes por semana.

P. A senhora lê livros ou vai ao teatro, ao cinema ou a shows? Com os filhos ou sozinha? Se comparado com o Brasil esses hábitos aumentaram ou diminuíram de frequência?

Não. Desde que eu estou aqui eu só fui a show uma vez porque me levaram. Teatro eu nunca fui. Eu aqui não participo de nada. Sabe o Natal, você querer fazer o jantar e querer convidar os amigos e ficamos aqui só nós três. Vontade de estar lá com a família, custa muito viver longe da família, muito, muito, muito.

P. E no Brasil?

Nossa! Eu vivia em cima de trio elétrico, minha vida era uma festa. Cinema ir ao shopping era raro, nunca fui muito de ir ao cinema, agora, balada... A minha cidade é uma cidade onde há praia, então tem muitos turistas. Eu sempre ia às festas, às vaquejadas.

P. Então diminuíram aqui em Portugal?

Acabou! Não diminuíram. Para você ter uma ideia nem na igreja eu vou. E lá eu ia. Aqui a única vez que eu fui a uma igreja foi num velório, na cremação de uma tia dele.

P. Você vê Portugal como sua pátria?

Nunca! Não!

P. Desde que aqui chegou quantas vezes a senhora foi ao Brasil?

Uma, vai fazer dois anos.

P. Você pensa em retornar definitivamente para o Brasil?

Com certeza, o mais rapidamente possível. Em Junho, se Deus quiser, eu vou embora.

P. Porquê?

Porque eu não aguento mais viver aqui. Não aguento mais a vida daqui. Já chegou no meu limite. Eu perdi muita coisa desde que vim para cá. Eu não ganhei, só perdi.

A única boa da minha vida para cá foi: meu filho está terminando os estudos. E eu incentivo muito ele: “continua, vai para a faculdade! Estuda!”

E como os estudos daqui não têm nada a ver com o do Brasil e como ele sempre foi estudioso, nunca me deu trabalho na escola eu incentivo: Vai, faz uma faculdade para você não ficar aqui de garçon ou limpando a sujeira deles, que eles fazem, porque eles dizem que a gente só serve para isso.

P. Ele retorna para o Brasil com a senhora?

Não, ele disse que fica.

P. A senhora disse que é instrumentadora e auxiliar de enfermagem. A senhora trabalha na sua profissão?

Não. Já trabalhei. Trabalhei em um lar. Aqui é diferente, têm os lares aonde a gente presta todos os cuidados e enfermagem como se estivesse no hospital. Só que eles nos contratam como técnica de enfermagem, mas nos paga como uma faxineira.

Mas eu já trabalhei num lar, sozinha, a ficar com 22 pessoas.

P. E em hospital a senhora trabalhou?

Não. Hoje trabalho cuidando de um senhor, só um. Não quero mais ficar com outros. Cuido dele e cuido da casa, lavo roupa, passo a ferro, coisa que nunca pensei em fazer. Lá no Brasil eu tinha empregada, hoje eu virei empregada. Mas não vou dizer... Todo trabalho é digo, sendo honesto. Mas também não tenho nada contra quem vem se prostituir. Cada um sabe onde o sapato aperta. Não tenho discriminação com ninguém.

O Brasil está cheio de portugueses, só que eles têm empregos bons. Eu cheguei aqui formada e me disseram que eu tinha que fazer uma prova, uma equivalência. Eu já tinha estudado muito, não tinha mais cabeça.

Consegui contactar um médico, amigo de uma amiga minha, e pedi para ser instrumentadora. Ele disse que podia, mas eu iria para o hospital, me pagavam um salário mínimo para eu instrumentar para um hospital todo. No Brasil a gente ganha um percentual por cada cirurgia que instrumenta.

Quer dizer, eu ia ganhar como se tivesse limpando escadas, que até isso eu já fiz aqui.

Notas da autora:

¹ Ao dizer que a cidade entrou no mapa ela se refere ao fato da cidade ter sido emancipada, antes era apenas um distrito vinculado geopoliticamente a um município.

² O equivalente à profissão de ama em Portugal.

³ O Senac, Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial informa em seu sítio (<http://www.senac.br/institucional/senac.aspx>) que “é, desde sua criação, em 1946, o principal agente da educação profissional voltada para o Setor do Comércio de Bens, Serviços e Turismo”, no Brasil.

⁴ Um programa semanal que era exibido pela Rede Globo de Televisão em cadeia nacional. O tema era a violência.

⁵ Pedir à bênção aos pais e mães, avôs e avós, é um antigo hábito que hoje brasileiro que hoje se concentra, notadamente no interior do país, quase não existindo nas capitais e grandes cidades. Denota respeito aos mais velhos ao mesmo tempo que concentra neles o poder de abençoar os filhos e netos.

⁶ Dar logo: expressão corrente em algumas regiões do país que significa surrar, esmurrar, bater em alguém.

⁷ Ela se refere ao incêndio na Discoteca Kiss, na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul onde morreram cerca de 250 pessoas e mais de 100 ficaram feridas.

Edson – 19 anos

P. Quanto tempo você gasta por dia utilizando os média? Qual o seu preferido?

Computador, internet. Uso o Facebook, principalmente, You Tube e Google, que é o básico. E o Photoshop, que é do meu curso, programa de edição de imagens.

P. Então, você utiliza o computador, também como ferramenta de trabalho. Você já concluiu seu curso de design gráfico?

Estou terminando agora o curso profissional, e sim, utilizo o computador como ferramenta de trabalho.

P. Você assiste TV com sua mãe? Quais são os programas preferidos e quem os escolhe?

Sim. Nós dois escolhemos, mas a televisão está sempre na Record.

P. Então, os programas da Record são os preferidos de vocês dois?

Sim.

P. E quais são os seus programas preferidos?

Eu, particularmente, não vejo muita televisão, é muito raro. Só quando eu chego em casa e tem algo passando na TV eu sento e vejo, mas não tenho preferido.

P. E a internet, vocês utilizam sozinhos ou com sua mãe?

Sim, utilizo sozinho. Com minha mãe é muito raro.

P. E com seus amigos, vocês assistem TV ou utilizam a internet juntos? Com que objetivo?

Depende, porque não é sempre que eu vou para casa de amigos ver TV ou internet. Eu estou sempre em casa.

P. Mas um amigo seu está aqui em sua casa. Você assiste TV ou utiliza a internet com ele? Com qual objetivo?

Sim. Quando ele está aqui em casa. Quando a gente vai para a internet e gente vai Colher Fazenda.

P. Colher Fazenda é o quê?

É um jogo do Facebook, quando a gente está no Facebook a gente sempre vai colher fazenda.

P. Então, na internet vocês jogam, e na televisão?

Filme.

P. Filme americano?

Tudo. Todo tipo de filme.

P. Quais seus sites preferidos? Você consome mais sites portugueses ou brasileiros?

Eu visito mais fóruns de informações, são mais brasileiros. Não é notícia, só informação.

P. Você faz contatos com amigos e parentes no Brasil? Como?

Faço contatos com amigos e parentes pela internet, telefone é muito raro. Faço através do Facebook e do Skipe.

P. Qual o principal uso que você dá ao celular? Mensagens, ligações ou jogos?

Mensagens.

P. Você lê livros? Com que frequência?

Não, livro eu não leio, não.

P. Vai a shows, teatros e cinema? Com que frequência?

Shows, mesmo, eu não vou, vou para algumas baladas. Cinema de vez em quando. Teatro, fui apenas uma vez numa visita da escola.

P. Você vai a estas baladas com quê frequência?

Uma, duas vezes por mês.

P. Esse consumo cultural aumentou ou diminuiu se comparado ao Brasil?

Aumentou, por conta da idade.

P. Você acredita que se estivesse no Brasil estaria consumindo mais cultura, saindo mais?

Não, eu acho que não. Porque lá é diferente, não tem a segurança que temos aqui.

P. Você lê jornais? Quais e com que frequência?

Quase toda manhã, quando vou para a escola de comboio eu pego o jornal e vou lendo.

P. Qual o jornal?

Destak, é mais o Destak.

P. Que é distribuição gratuita. E os vendidos em banca, você não lê?

Não.

P. E rádio? O que você prefere ouvir e com que frequência?

Eu, quando ouço, ouço a Tropical FM.

P. Qual a música que prefere? Portuguesa, brasileira ou de outras nacionalidades? Quais?

Brasileira. Vou misturando, mas em geral brasileira.

P. Você possui amigos íntimos em Portugal? Qual a nacionalidade deles?

Tenho. A maior parte é brasileira. São uns cinco, mais ou menos.

P. Como são as relações que você tem com os colegas portugueses da sua idade?

Portugueses, eu não tenho muitas relações, não, mas não é normal, é diferente.

P. Porquê é diferente?

Porque são mais frios. Nós somos um povo mais alegre, eles são mais serenos.

P. Mas como você se posiciona com esses amigos?

Normal, trato como trato os brasileiros.

P. Mas você disse que a relação era diferente?

É por serem mais frios.

P. E com os portugueses adultos?

É normal. Não existem muitos portugueses que me tratem com indiferença. Não me lembro de ter sofrido nenhum tipo de discriminação.

P. Você acredita que conhece a história e a cultura portuguesa?

Não, nem tenho interesse nenhum.

P. Porquê?

Porque não acho interessante. Mal me lembro da do Brasil vou querer me interessar pela de outro país?

P. E a história e cultura brasileira, você conhece?

Conheço o básico.

P. Você lê algum tipo de produção feita por associações brasileiras em Portugal, a exemplo da publicação feita pela Casa do Brasil em Lisboa? Quais? E os livros brasileiros ou sobre o Brasil, quais?

Não, nunca li. Livros, eu não leio, só gibi¹ brasileiro. E olhe lá.

P. Quais as oportunidades que o ensino português oferece se comparado com o ensino brasileiro?

É muito superior, eu acho que não tem comparação. Aqui tem mais hipóteses, uma graduação melhor em si. O ensino brasileiro, que eu me lembre... O que eu aprendi aqui em um ano de inglês, lá eu não aprendi nada basicamente.

P. Você fala outra língua além do português? Como aprendeu?

O inglês básico, aprendi aqui.

P. Você se informa sobre os fatos que acontecem em Portugal? Como e quanto eles lhe interessam?

Não tenho muito interesse, não, mas às vezes eu vejo assim, por acaso. Eu leio o jornal. Os fatos me interessam mais ou menos. O que me chama atenção aqui é a política, que vai de mal a pior.

P. E em relação aos fatos brasileiros, eles lhe despertam interesse?

Me interessa mais. Não muito, mas se comparado com o daqui me interessa mais. Eu gosto de saber da violência, ver as novidades- Por exemplo, agora vai vir a Copa, vamos ver o que vai acontecer lá, os locais, se estão prontos ou não, o quê é que falta...

P. Você está acompanhando, então, a questão da Copa do Mundo²?

Isso.

P. Há quanto tempo você não vai ao Brasil?

Eu estive lá há cinco meses. Fui sozinho e fiquei com minha família.

P. Sente saudades de lá? O que mais lhe faz falta?

Sinto, da família, dos amigos.

P. Você pensa em voltar definitivamente para o Brasil?

Talvez.

P. Sua mãe vai voltar e você vai ficar. Porquê você decidiu ficar?

Vou tentar seguir minha vida por aqui. Se eu não conseguir eu vou embora.

P. Então, você só pensa em voltar para o Brasil...

Em último caso.

P. Você, pretende, então viver em Portugal?

Viver, não! Vou tentar viver aqui por um tempo, dependendo do que acontecer eu vou para outro lugar. Eu vou embora, não sei

P. Você vê Portugal como sua Pátria?

Nunca. Não gosto daqui não! Gosto da economia, ambiente...

P. Quais os tipos de filme você prefere? De que nacionalidade eles são?

Comédia. Filme brasileiro eu nunca vi, vejo mais os americanos.

P. Você assiste telenovelas brasileiras?

Não.

P. E as portuguesas?

Piorou.

P. Qual a análise que você faz sobre os *media* portugueses em relação às notícias sobre a comunidade brasileira em Portugal?

É a mesma coisa de sempre. Aqui só passa as desgraças do Brasil, coisa boa não passa. Quando é coisa ruim fazem questão de anunciar, e isso eu não acho muito justo.

P. Mas você não acha que isso é uma tendência geral do jornalismo? É específica do jornalismo português? No Brasil também não são divulgados os fatos ruins?

O Brasil tem a suas coisas boas. Mostrar só imagem ruim, fazer questão de mostrar para quê? Para deixar uma imagem negra do Brasil?

P. Quais são seus ídolos?

Só no esporte, o Zyz³, um fisioculturista australiano que já morreu.

P. Você acha que sua mãe exerce algum controle ou fiscalização sobre o que você vê na TV ou na internet?

Não.

P. Quando emigrou para Portugal você veio de própria vontade ou não? Preferia ter ficado no Brasil?

Sim, eu quis vir.

P. E agora, acha que ter vindo foi uma boa opção?

Sim, por causa do aprendizado, do conhecimento. Apreendi novas coisas que eu não sabia. Conhecer novas culturas.

Notas da autora:

¹ Gibi: revistas de banda desenhada.

² Esta entrevista foi feita em Março de 2013, três meses antes, portanto, do início das manifestações no Brasil.

³ Aziz Sergeyevich Shavershian, nascido em Moscovo, mas que se tornou famoso na Austrália.

Fátima - 21 anos

P. Você aqui estuda ou trabalha?

Trabalho

P. E não deu continuidade aos estudos?

Não dei porque não tive condições de pagar uma faculdade.

P. Você veio para cá quando tinha 10 anos, porquê veio?

Eu vim porque os meus pais decidiram. Meu pai já estava aqui há três anos e logo em seguida minha mãe decidiu vir, também.

P. Seus pais moram juntos?

Moram juntos.

P. Porquê seu pai veio para Portugal?

A tentativa de uma vida melhor. No Brasil ele não tinha conseguido casa própria, carro e aqui ele viu que teria esta condição.

P. Você lembra de como era a sua vida no Brasil?

Eu lembro que eu estudava, a minha mãe não trabalhava, o trabalho que ela tinha era por conta própria, ela fazia bordados, toalhas. Ela fazia ponto cruz, crochê e vendia para fora.

Eu e meu irmão sempre estudamos em colégio particular e meu pai sempre foi pedreiro, sempre trabalhou nas obras.

P. Mas lá no Brasil você conseguia estudar em escola particular?

Sim, a minha mãe deu sempre preferência a isso e fez tudo por tudo por causa das greves que havia nas escolas públicas, que era de dois a três meses.

P. E você classifica sua vida no Brasil como vida de classe média, de classe média alta ou baixa?

Naquela época eu acho que era de classe média.

P. Quanto tempo você gasta por dia utilizando os média? Qual o seu preferido?

O telemóvel é o meu preferido. Eu passo com o telemóvel o dia todo, desde a hora que eu acordo até a hora em que vou dormir.

P. Usando de que forma?

Por mensagem. Comunico muito por mensagem e, às vezes, por chamada. Preciso falar algo com a minha mãe, algo assim que é muito grande para escrever por mensagem, às vezes com o patrão.

P. E essas mensagens você troca mais com quem?

Com o meu namorado.

P. Você assiste TV com seus pais? Quais são os programas preferidos e quem os escolhe?

Não. Às vezes nós assistimos nos horários das refeições, mas a gente nunca consegue conciliar o que queremos ver todos juntos.

P. Porquê?

Ontem aconteceu essa situação. A minha mãe esperou meu pai para jantar e meu pai não sentou-se à mesa porque minha mãe estava a ver a novela e meu pai queria ver o jogo de futebol, e ela acabou indo para o quarto.

Eu até fui falar com ele: “minha mãe esperou o senhor até agora para jantar e o senhor foi ver jogo”.

Aí ele disse: “Ah, porque sua mãe está vendo a novela, e eu não quero ver a novela”.

P. Então, a TV acaba causando alguns conflitos familiares?

É, eu acho que sim. Eu acho que, em certa parte, separa a família, e no domingo, quando é para estar a família toda reunida na hora do almoço o meu pai quer ver o jornal, eu quero ver outra coisa e a gente não consegue conciliar o que cada um quer ver.

P. Quantos aparelhos de TV vocês têm em casa?

Temos um em cada quarto, são três quartos, um na sala e um na cozinha.

P. Então, cada um assiste o que quer separadamente?

É, à noite está cada um no seu quarto vendo o que quer.

P. Então, a TV para vc é um hábito solitário?

É, tem sido.

P. Quais são seus programas favoritos?

Eu vejo mais a Record e as telenovelas. Telenovelas, vejo quase todas.

P. Brasileira ou portuguesa?

Só tem uma portuguesa que eu vejo, que passa na SIC, o resto é tudo brasileira.

P. E internet, você usa?

Uso. Para pesquisar algumas coisas que eu tenho dúvidas. Uso para o Facebook, para falar com a família no Brasil, às vezes no MSN, bate-papo, para ver a família na web.

P. Você falou em pesquisa. Pesquisar o quê?

Às vezes surgem dúvidas sobre algum alimento, eu vou lá pesquisar no que ele é bom, é sobre isso.

P. Você utiliza a internet sozinha ou com seus pais?

Sozinha.

P. E com os amigos, você assiste TV junto com eles, ou com o seu namorado?

Com o meu namorado eu assisto. Às vezes vemos um filme, um programa, até novela eu, às vezes, arrasto ele para ver também.

P. E a internet, você utiliza com mais alguém?

Eu e meu namorado utilizamos juntos, até o nosso Facebook é conjunto.

P. E com amigos?

Com amigos, não.

P. Você utiliza jogos de computador?

Não.

P. Quais seus sítios preferidos? Você consome mais sítios portugueses ou brasileiros?

O Facebook, é o único que eu visito assim frequentemente.

P. Tirando o Facebook você acessa mais sítios portugueses ou brasileiros?

Portugueses, brasileiros, tanto faz, não sou muito de consultar sítios.

P. Você não busca informações nos sítios?

Não. Só pela televisão.

P. Você disse que usa o Facebook para falar com sua família no Brasil, mas é só o Facebook ou também faz contato por telefone?

Não por telefone, também. Eu costumo ligar em dias de aniversário, Natal, Ano-Novo, Páscoa.

P. Quanto tempo você gasta com a internet?

Umás três, quatro horas, sempre à noite.

P. E televisão?

Televisão, também, umas quatro, cinco horas. Muitas vezes é o computador no colo e a televisão ligada.

P. Você lê livros? Com que frequência?

Não. Comecei a ler um livro, mas não terminei. Eu acho que tenho preguiça de ler.

P. Vai a shows, teatros e cinema? Com que frequência?

Já fui muito na época que eu estudava. Com a escola eu ia muito a teatro, mas hoje em dia, não.

P. Não tem uma frequência?

Não. Cinema, sim, quando tem um filme que me agrada. Vou umas duas vezes por mês.

P. Esse consumo cultural aumentou ou diminuiu se comparado ao Brasil?

É aqui. A primeira vez que eu fui ao cinema foi aqui, em Portugal. No Brasil eu só fui ao cinema uma vez, há sete anos, quando fui lá passar férias.

P. Há quanto tempo você não vai ao Brasil?

Há sete anos.

P. Você lê jornais?

Leio, gosto de ler as notícias. Eu gosto de ler o Correio da Manhã.

P. Todo o dia?

Todo o dia. Leio nem que seja só os títulos das principais reportagens.

P. E rádio?

Eu gosto de ouvir rádio brasileira. A Tropical e eu gosto de ouvir a Record.

P. Qual a música que prefere? Portuguesa, brasileira ou de outras nacionalidades? Quais?

Gosto de brasileira, da sertaneja. Também gosto de música africana, Kizomba.

P. Você possui amigos íntimos em Portugal? Qual a nacionalidade deles?

Tenho, tenho uma só. E isso foi uma coisa que eu sempre achei: aqui em Portugal é muito difícil fazer amizades. Acho que eles não tanto valor a isso. Igual ao

povo brasileiro que é uma coisa... Não sei, acho que aqui eles não dão muita importância à amizade.

P. Qual a nacionalidade da sua amiga?

É angolana.

P. Você não tem nenhum amigo ou amiga português?

Eu tinha, mas ela emigrou para a Bélgica. Mas a gente conversa pelo Facebook. Ela era única mesmo que era amiga, como irmã.

P. Brasileiros, não?

Brasileiros aqui, não.

P. Como são as relações que você tem com os colegas portugueses da sua idade?

É uma relação de olá, tudo bem? Tanto que no meu trabalho eu não convivo com pessoas da minha idade, mas quando saio assim...

P. Mas e na época da escola?

Mesmo na época da escola. Eles se individualizam muito. Eu sempre andava com essa minha amiga, e somos amigas até hoje. De resto é olá, tudo bem?

P. Então, você sente dificuldade de relacionamento com os portugueses da sua idade?

Acho, acho que aqui tem muita dificuldade em se relacionar.

P. Mesmo passados 10 anos que você está aqui.

Mesmo passados 10 anos. Aconteceu um caso essa semana que eu vi uma amiga que estudou comigo no nono ano. Eu parei o carro, estacionei, fui correndo para vê-la, naquela emoção toda e quando ela me viu foi só “olá”! Como se me visse todos os dias e já tinha anos que a gente não se via.

Então, eu achei isso um pouco frio. Eu estava toda calorosa para dar um abraço e ela simplesmente me disse: Olá, então, estás boa?

É muito diferente do povo brasileiro.

P. E com os portugueses adultos?

Por acaso o meu local de trabalho, eu trabalho com idosos, é uma relação normal, eles me tratam bem. Têm suas exigências, mas tudo bem.

P. As relações que você tem, então, são só no seu local de trabalho?

Só.

P. Você acredita que conhece a história e a cultura portuguesa?

Acredito que não. Já estudei parte da história, mas acredito que não sei parar para contar. A única parte que me interessei, mas isso não faz parte da história, foi sobre Fernando Pessoa, que é um escritor (sic) português. Foi a única parte que me interessei de verdade.

P. E a história e cultura brasileira, você conhece?

Algumas coisas. Acho que por eu ter saído de lá muito nova com o tempo a gente vai esquecendo.

Sobre a cultura eu me lembrei, outro dia, das festas juninas¹, que eu dançava muito quando era pequena e que aqui não tem. E isso era uma coisa que eu gostava muito, participava sempre

P. Você lê algum tipo de produção feita por associações brasileiras em Portugal, a exemplo da publicação feita pela Casa do Brasil em Lisboa? Quais? E os livros brasileiros ou sobre o Brasil, quais?

Não. Não leio nenhuma.

P. Quais as oportunidades que o ensino português oferece se comparado com o ensino brasileiro?

Eu acho que aqui o ensino é mais reforçado do que no Brasil, mas oportunidades eu não tive nenhuma. Eu terminei um curso, fiz o 12º ano, fiz um curso profissional e não consegui trabalho nessa área, que tem a ver com crianças, que era Técnica de Apoio Psicossocial, e não consegui nada nessa área.

Então, eu acho que oportunidades eu não consegui muitas.

P. Mas você não conseguiu trabalho por conta da crise portuguesa, segundo você me contou antes da gente começar a gravação, mas você conseguiu uma formação profissional que você pode utilizar em outros lugares.

Sim, sim. Isso eu consegui, uma formação de nível 3. Se eu pudesse eu tinha continuado para um nível mais elevado, mas como não tive condições para isso...

P. E você acha que no Brasil você teria esse tipo de formação que teve aqui?

Eu penso que não. Eu acho que aqui é mais rigoroso. É diferente, você passa o dia todo na escola, desde às oito e meia da manhã às seis e meia da tarde, sempre ali estudando, estudando, estudando, é um monte de trabalho. Eu acho que aqui eles puxam muito mais pelos estudos do que no Brasil.

P. Você fala outra língua além do português? Como aprendeu?

Não.

P. Não aprendeu na escola?

Tive inglês e tive francês, mas acho que por ter dificuldade nunca me interessei em aprender mesmo.

P. Você se informa sobre os fatos que acontecem em Portugal? Como e quanto eles lhe interessam?

Não. Me informo mais assistindo a Record para ver notícias que estão acontecendo no Brasil. Por exemplo, esta semana, sobre as manifestações, agora, Portugal, não. Vejo porque no meu trabalho fica a televisão ligada no telejornal e sempre acabo por ver as notícias que passam sobre a crise é sempre a mesma coisa.

P. Mas estas notícias te interessam?

Não.

P. E em relação aos fatos brasileiros, eles lhe despertam interesse?

Despertam. Acho que lá têm coisas interessantes que passam e também têm relações aos crimes. É uma coisa que eu não queria ver, mas é uma coisa que acontece e acho interessante ver isso.

P. O que te desperta mais interesse, então, é a violência brasileira?

Também aquelas coisas inusitadas que aparece, como na Record tem “Achamos no Brasil” que aparece com cada cultura inusitada de cada cidade, eu gosto disso também.

P. Você disse que não vai ao Brasil há sete anos. Você sente saudades de lá? O que mais te faz falta?

Sinto saudades, sinto muitas saudades da minha família, sinto saudades de ter amigos, porque aqui eu acho que é muita solidão que uma pessoa sente. Acho que se não tivesse família, igual eu tenho aqui, acho que muitos entram em depressão, muitos entram em solidão mesmo, porque relacionamentos aqui, com português, é complicado.

P. Você pensa em voltar definitivamente para o Brasil? Porquê?

Não penso, não penso porque eu acho que lá eu não vou ter as condições de vida que eu tenho aqui. Acho que aqui, por mais que seja a crise, a gente ainda

consegue comprar uma roupa, consegue comprar um tênis. E isso no Brasil eu acho que não vou conseguir sem ser parcelado, sem ser passando por dificuldades.

P. Então você acha que a qualidade de vida que Portugal te oferece, mesmo com a crise, é muito melhor do que a do Brasil?

É, é muito melhor do que no Brasil.

P. Você vê Portugal como sua Pátria?

Não vejo. Não, não vejo, acho que minha pátria vai ser sempre o Brasil, mesmo.

P. Você já me disse que assiste novelas brasileiras. Elas contribuem de alguma forma para um maior conhecimento do Brasil?

Contribuem. Muitas novelas passam sobre a cultura, igual a que eu estou vendo agora, as “Cheias de Charme”, na SIC. Fala muito sobre a cultura do Piauí. Eu acho interessante.

P. E as novelas portuguesas? Elas lhe ajudam a entender a cultura do país?

Não, nunca vi nada que me fizesse entender.

P. Qual a análise que você faz sobre os *media* portugueses em relação às notícias sobre a comunidade brasileira em Portugal?

Eu acho que eu vejo muito preconceito. Teve uma notícia recente agora que acho teve um assalto qualquer em Cascais... Em Sintra. Eles parecem que fazem questão de frisar que são brasileiros, eles falam toda hora no jornal: “ah, uma gangue de brasileiros”². Acho que eles frisam muito a palavra “brasileiro”, eu acho preconceito.

P. Você acha, então, que são imagens negativas?

Sim, tanto que no jornal não se vê falar agora tanto sobre os jogos futebol que estão acontecendo no Brasil. Vai sempre para o lado negativo, as manifestação que estão ocorrendo, os estragos que estão havendo lá por causa disso.

P. Quais são seus ídolos?

Não, não tem ninguém que eu possa falar: nossa como sou fã!

P. Você acha que seus pais exerceram algum controle ou fiscalização sobre o que você via na TV ou na internet?

Não, nunca exerceram. Eu acho que foi pelo fato da gente ter crescido aqui, também, e fomos ter computador eu já estava mais velha, então nunca teve controle.

P. Você falou que tem cinco aparelhos de televisão em casa. Computador, telemóvel, máquina fotográfica, filmadora e aparelho de som, você têm os seus próprios equipamentos?

Sim.

P. E no Brasil, você tinha?

Ah, no Brasil eu nem tinha computador. Televisão era uma só na sala.

P. O seu computador, foi seu pai que te deu ou você comprou?

O meu computador eu recebi de um projeto do governo, não é um Magalhães, é um portátil mesmo, desses maiores. Foi no Projeto Escolas. Eu ganhei meu computador através disso.

P. Quando emigrou para Portugal você veio de própria vontade ou não? Preferia ter ficado no Brasil?

Não, não vim de vontade própria, chorava muito no início. Nos primeiros meses que eu tive aqui até me habituar ao clima, à escola, a não ter amigos a passar na rua e não ver ninguém. No Brasil a gente sai, vê aquele monte de gente jogando, brincando, e aqui mal se via criança.

Eu preferia ter ficado no Brasil. Talvez não fosse o melhor, mas preferia.

P. E agora, acha que ter vindo foi uma boa opção?

Acho que sim. Minha mãe e meu pai têm a casa própria. Eu tenho meu próprio carro, meu pai tem o próprio carro dele, o meu irmão já está tirando a carta, está terminando.

P. Então você acha que apesar da falta de relações sociais vale à pena ficar em Portugal por uma questão econômica

É uma questão difícil, né? Ficar em Portugal por causa do dinheiro. Mas eu acho que vale à pena quando se junta dá para passear, matar um pouco das saudades. Mas não vale à pena voltar e não ter essas condições de vida que a gente tem aqui.

Notas da autora:

¹ As festas juninas são comemoradas em todo o Brasil em homenagem aos santos do mês de junho, Santo Antônio, São Pedro e o São João. A festa de São João é a mais tradicional e envolve a dança da quadrilha, aprendida ainda cedo nas escolas. A dança imita a tradição no país com meninos e meninas vestidos à caráter como “caipiras”, nomenclatura nem sempre elogiosa dada à população rural brasileira.

² Ela se referia ao grupo, preso em junho de 2013, que roubava cabos de cobre da PT na região de Sintra. O bando era formado e chefiado por brasileiros.

Gustavo - 17 anos

P. Você tem alguma lembrança do lugar onde nasceu?

Tenho, eu vim para cá com 10 anos. Minha lembrança é dos meus amigos, de jogar bola na rua, soltar pipa, ir para a escola.

P. Como você definiria sua família lá em Governador Valadares?

Uma família humilde, boas pessoas, querida por todos lá.

P. Seus pais trabalhavam em quê no Brasil?

Meu pai já faleceu, minha mãe era empregada doméstica.

P. Ela veio primeiro ou junto com você?

Veio primeiro.

P. Você veio quantos anos depois dela?

Quatro.

P. Quanto tempo você gasta por dia utilizando a mídia? Qual a sua preferido?

Três, quatro horas por dia. O meu preferido é a televisão.

P. E quais são, na televisão, os programas que você mais gosta de assistir?

Nos fins-de-semana os programas da Record, como “O melhor do Brasil”, o “Programa do Gugu”, filmes. E durante a semana eu vejo a SIC e também a Record, o “Fala Brasil”, para saber das notícias.

P. O seu interesse, então, é mais jornalístico?

Sim, e entretenimento.

P. E séries?

Sim, CSI Miami.

P. Você assiste TV com sua mãe? Quais são os programas preferidos e quem os escolhe?

Todos ficamos juntos na sala a ver televisão, mas quando é mais à noite e minha mãe está a dormir eu fico a ver filmes.

P. A televisão, então, agrega a família?

Sim, une a família na sala.

P. Quantos irmãos você tem?

Um, por parte de mãe.

P. Ela se casou de novo aqui?

Sim.

P. E quando assistem a televisão é você, sua mãe, seu padrasto e meu irmão?

Sim, e eu vou ter aqui mais dois irmãos, ela está grávida de quatro meses.

P. Quem escolhe esses programas na televisão. Você ou sua mãe?

Minha mãe, né.

P. E internet, você utiliza?

Sim, utilizo, para falar com os amigos e a família, no Brasil, e aqui, também.

Para falarmos sobre festas, combinarmos para ir em festas, falar sobre filmes.

P. Então, você utiliza mais o Facebook? Este é o seu site preferido?

Sim. Mas têm vários, tem o You Tube...

P. Esporte?

Não, esporte eu vejo na televisão, mas, também, tem, tipo, os jornais *on line* para ficar informado sobre futebol.

P. E há algum site brasileiro?

Sim, o r7.com¹.

P. É um site de?

É sobre entretenimento, notícias, mundo da moda, essas coisas assim.

P. E a internet, vocês utilizam sozinhos ou com sua mãe?

Geralmente eu uso sozinho, a maior parte das vezes. Minha mãe só participa quando estamos falando com a nossa família no Brasil pela câmara.

P. E com seus amigos, vocês assistem TV ou utilizam a internet juntos? Com que objetivo?

Sim, às vezes ficamos a ver filmes juntos. Na internet também ficamos a ver filmes ou a falar com outras pessoas em conjunto.

P. Então, o objetivo desses encontros na TV e na internet se resume a ver filmes e conversar com outras pessoas?

Sim.

P. Você utiliza jogos de computador?

Agora, raramente.

P. Já utilizou?

Já.

P. Você consome mais sites portugueses ou brasileiros?

Brasileiros.

P. Você falou que faz contatos com seus amigos e parentes no Brasil pela internet. É só pela internet?

Não, também por telefone, várias vezes ao dia fazemos chamadas para o Brasil para ficar sempre informados, para ver como está nossa família, para ver se está tudo bem.

P. Isso é rotineiro?

Sim. Com os amigos é mais internet, com a família é internet e telefone.

P. Qual o principal uso que você dá ao celular? Mensagens, ligações ou jogos?

Mensagens e chamadas, e também música.

P. Você ouve música pelo celular, tem alguma rádio de preferência?

Tenho a Record FM ou a Tropical FM.

P. Todas de música brasileira?

Sim, todas.

P. Você lê livros? Com que frequência?

Não, só quando eu era pequeno, livros em quadrinhos².

P. Vai a shows, teatros e cinema? Com que frequência?

Show, às vezes, umas cinco vezes por ano. Cinema eu vou umas 10 vezes por ano, teatro uma ou duas.

P. Você me citaria as peças que já assistiu?

Comédia à La Carte. Sempre que eu fui foi para assistir essa peça, uma pela de comédia.

P. Esse consumo cultural aumentou ou diminuiu se comparado ao Brasil?

Aumentou, porque lá no Brasil raramente eu via um estrangeiro na minha cidade, mas quando eu vim para cá eu entrei em contato com várias culturas: africanas, asiáticas, do mundo todo.

P. Mas a pergunta é: o consumo cultural de shows, teatro, cinema é maior aqui ou era maior lá?

Ah, eu vou mais aqui, claro.

P. Você lê jornais? Quais e com que frequência?

Sim, às vezes, jornais desportivos.

P. Qual a música que prefere? Portuguesa, brasileira ou de outras nacionalidades? Quais?

Brasileira. Sertanejo, Rap, Funk.

P. Você possui amigos íntimos em Portugal? Qual a nacionalidade deles?

Amigos? Sim. Brasileiros, africanos e portugueses.

P. Você tem amigos de várias nacionalidades, amigos íntimos mesmo?

Sim.

P. Como são as relações que você tem com os colegas portugueses da sua idade?

É uma ótima relação. Sempre estamos interagindo juntos, sempre... Por exemplo, eu vou jogar bola num campo, pessoas da mesma idade, interagimos, tudo.

P. Então você não teve nenhum problema de adaptação à sociedade portuguesa?

Não.

P. E com os portugueses adultos?

Também é muito boa, porque eles percebem as pessoas mais novas... Alguns, que são mais velhos, não percebem assim muito bem, mas há outros... Sim, gosto.

P. Você acredita que conhece a história e a cultura portuguesa?

Mais ou menos, acredito que sim.

P. Me cite, por favor um fato.

Os portugueses eram os maiores navegantes do mundo, os portugueses têm uma grande história cultural, porque através dos portugueses começamos a descobrir o mar e o mundo, outros continentes.

P. E a história e cultura brasileira, você conhece?

A história e a cultura brasileira eu não conheço. Eu só conheço o que eu aprendi quando pequeno na escola: sobre Tiradentes que proclamou a Independência do Brasil³, mais ou menos isso.

P. Mas sua mãe não conversa com você sobre o Brasil, sobre as histórias do Brasil?

Não.

P. Você lê algum tipo de produção feita por associações brasileiras em Portugal, a exemplo da publicação feita pela Casa do Brasil em Lisboa? Quais? E os livros brasileiros ou sobre o Brasil, quais?

Já ouvi falar...

P. Mas nunca leu nada deles?

Não.

P. Quais as oportunidades que o ensino português oferece se comparado com o ensino brasileiro?

Isso não se compara, porque aqui temos muitas oportunidades. Lá no Brasil as pessoas começam a trabalhar e a estudar ao mesmo tempo. Por exemplo, começam a trabalhar aos 15 anos. Aqui podemos estudar o dia inteiro, temos mais disciplinas, aprendemos mais. Temos vários cursos, várias variedades...

P. Essa realidade de trabalhar e estudar lá no Brasil era uma realidade da sua cidade? Os adolescentes tinham que largar os estudos para trabalhar?

Sim, muitas das vezes.

P. Você fala outra língua além do português? Como aprendeu?

Arranho no inglês pessimamente.

P. Você se informa sobre os fatos que acontecem em Portugal? Como e quanto eles lhe interessam?

Sim. Me interessam mais os fatos da minha faixa etária. Por exemplo, vai haver um concerto aqui, se for da minha faixa etária, eu estou informado sobre isso.

Vai haver um jogo de futebol, eu também me informo sobre isso.

P. Então, é futebol e cultura?

Sim.

P. Há quanto tempo você não vai ao Brasil? Sente saudades de lá? O que mais lhe faz falta?

Há dois anos. Sim, sinto saudades de lá. O que eu mais sinto falta é da cultura de lá.

P. O quê, por exemplo?

Por exemplo, as pessoas lá sempre estão na casa uma das outras. A porta está sempre aberta, tem sempre churrasco. As pessoas lá não se preocupam com

dinheiro. As pessoas aqui são mais reservadas. As pessoas lá se tem um dinheiro fazem um churrasco, se divertem.

P. E em relação aos fatos brasileiros, eles lhe despertam interesse?

O esporte, o humor, as manifestações como estão tendo agora, coisas assim.

P. Você pensa em voltar definitivamente para o Brasil? Porquê?

Sim, depois que me formar.

P. Você quer se formar em quê?

Quero me formar em turismo.

P. E porquê você quer voltar para o Brasil?

Porque o Brasil somos nós que fazemos. Eu quero ajudar a evoluir o Brasil. Como, por exemplo, no turismo, eu quero levar novas pessoas a conhecer o Brasil e mostrar que o Brasil já não é mais um país que era antes, e também para mostrar que lá no Brasil a cultura é muito boa, que é um país que acolhe bem as pessoas e que lá elas vão se sentir em casa.

P. Então, você quer voltar ao Brasil para poder ajudar a valorizar o Brasil junto aos estrangeiros já que você pretende trabalhar com turismo?

Sim, é isso

P. Você vê Portugal como sua Pátria?

Sim, também vejo. Porque aqui nos tratam muito bem, sendo estrangeiros ou não. E aqui eles nos entendem. Na escola somos muito bem tratados como se fossemos portugueses. Os professores dão mais atenção a nós porque somos estrangeiros, podemos ter mais alguma dificuldade, coisas assim.

P. Você assiste novelas brasileiras?

Assisto.

P. Elas contribuem de alguma forma para um maior conhecimento do Brasil?

Sim, porque os meus amigos estão sempre a falar das novelas brasileiras, estão sempre a descobrir novas palavras com a novela, e também descobrem cada vez mais sobre o nosso país.

P. E você, aprende o quê com as novelas já que saiu tão novo de lá?

Eu descubro novos lugares, novas praias novos climas... Descubro coisas assim.

P. E as novelas portuguesas, você assiste?

Não.

P. Qual a análise que você faz sobre os média portugueses em relação às notícias sobre a comunidade brasileira em Portugal?

Ah, eu vejo que ainda são escassas. Quase nunca passa, porque aqui estão sempre a informar sobre a realidade portuguesa, a crise econômica. A comunidade brasileira raramente eu vejo na TV.

P. E quando você viu, falava sobre o quê?

Falava sobre os imigrantes. Que os brasileiros estão cada vez mais a voltar para o Brasil por causa da crise econômica e que os portugueses também estão indo para o Brasil em busca de um futuro melhor.

P. Você tem ídolos, quais são eles?

Meu ídolo? É minha mãe e Deus.

P. Você acha que sua mãe exerce algum controle ou fiscalização sobre o que vocês veem na TV ou na internet?

Não, minha mãe confia muito em mim, ela sabe o que eu faço na televisão e na internet.

P. Quando emigrou para Portugal você veio de própria vontade ou não? Preferia ter ficado no Brasil?

Sim, vim de vontade própria, porque eu queria conhecer outra cultura, queria ficar perto da minha mãe.

P. Então você não preferia ficar no Brasil?

Não

P. E agora, acha que ter vindo foi uma boa opção?

Sim, foi muito boa, porque quando eu cheguei aqui... Lá no Brasil eu não conhecia nada, entre aspas, quando eu cheguei aqui eu conheci várias culturas, eu conheci vários países que eu nunca tinha ouvido falar, eu conheci outras línguas.

P. Você já viajou para outros países?

Não, mas conheci pela cultura das pessoas que vivem aqui.

Notas da autora:

¹ Site do Grupo Record de Comunicação, ligado à TV Record.

² Revista em quadrinhos, no Brasil, Banda Desenhada, em Portugal.

³ Nesse caso o entrevistado comete um erro histórico: Joaquim José da Silva Xavier, ou Tiradentes, era um ativista político e fez parte da Inconfidência Mineira, movimento que visava por fim à colonização portuguesa. Morto em 21 de abril de 1792 – 50 anos antes, portanto, da Independência Brasileira - foi Mártir da Inconfidência e é considerado como herói nacional. A data de sua morte é feriado nacional no Brasil. A independência foi proclamada em 07 de setembro de 1888, por Dom Pedro I, Imperador do Brasil, que em Portugal é conhecido como o Rei Dom Pedro IV.